

EL DESENLACE DEL FENÓMENO VANIR. UN BESTSELLER ÚNICO EN ESPAÑA

LENA VALENTI



EL LIBRO DEL RAGNIARÖK

SAGA VANIR X. PARTE I

Ni el demonio disfrazado de olvido puede vencer
al amor eterno



Lena Valenti
Saga Vanir X
O Livro do Ragnarök
- Parte I -

INTRODUÇÃO

Diz a profecia da vidente:

“Haverá uma batalha final entre as forças celestes e as forças do Submundo. Será uma luta feroz que dará origem ao final dos tempos conhecidos. Essa será a última guerra, quando os deuses chegarão à sua decadência e quando demônios e humanos perecerão no dia chamado “O final dos tempos”, o Ragnarök”.

Na visão da völva, Odin, conhecido como “o Pai de todos”, morria pelas mãos do lobo Fenrir, liderado por Loki. O caos desataria e a humanidade desapareceria. Dos deuses escandinavos, só Njörd retornaria ao Vanenheim. O resto morreria na guerra contra as forças do Mal.

Depois de tão escuro presságio, a völva falava do ressurgir de um novo amanhecer. Um futuro mais brilhante em um novo mundo.

O Ragnarök teria se originado quando Loki, filho dos gigantes Farbauti e Laufey, que uma vez fora proclamado irmão de sangue por Odin, mais tarde declarado inimigo acérrimo do mesmo e renomado “O Traidor” por todos os deuses, negou-se a se ajoelhar perante a raça inferior humana. Odin quer que os humanos evoluam e cheguem a se converter em mestres de seus próprios mestres, mas Loki negou-se a dar uma oportunidade à humanidade, pois, segundo ele, não mereciam tal misericórdia.

Quando o deus Aesir escutou da boca da vidente o poema profético sobre seu destino, decidiu tomar uma atitude no assunto para que aquilo não acontecesse. Não podia permitir que a profecia se cumprisse, ele não podia desaparecer, a humanidade não podia ser aniquilada. Assim sequestrou Loki, “a Origem de todo o mal”, do Jotunheim e o encarcerou em Asgard em um cárcere invisível de rochas de cristal. Odin já sabia que ninguém podia confiar em Loki, pois ele era um vigarista, um deus transformista, que adotava mil faces diferentes quando melhor lhe convinha. O próprio Odin tinha sofrido da pior maneira possível com as artimanhas de tamanho enganador, e seu querido filho Balder tinha perdido a vida devido às suas maquinações.

Entretanto, Loki, através de uma de suas famosas trapaças, escapou do cárcere e desceu ao Midgard, a Terra, para rir da humanidade e parar o projeto de Odin.

Foi então, quando as duas famílias do panteão escandinavo que tinham vivido inimigas em outros tempos, os Aesir, liderados por Odin e os Vanir, liderados por Freyja, uniram suas forças de novo e criaram os berserkers e os vanírios para proteger a humanidade das maldades de Loki, o filho dos Jotuns.

Odin foi o primeiro, ao escolher dentre seus guerreiros einherjars, vikings imortais, e os tocar com sua lança lhes outorgando o Od, a fúria animal, convertendo-os assim em guerreiros berserkers com semelhanças genéticas e instintivas a dos lobos, seu animal favorito. Ele os enviou à Terra com o objetivo

de manter Loki na linha, e durante um tempo foi possível. Porém, as mulheres humanas eram muito atraentes para eles, e assim mantiveram relações sexuais e tornaram híbrida a raça berserker, que era pura.

O deus gigante Loki conseguiu levar para o seu lado alguns dos híbridos, já que, por ser de natureza semi-humana, eram muito mais fracos e suscetíveis às promessas e aos desejos que ele lhes oferecia em troca de unirem-se ao seu exército. Transformou a todos os que foram com ele em lobachos, seres abomináveis e sedentos por sangue, que podiam parecer humanos, mas que, ao se transformarem, convertiam-se em autênticos monstros assassinos, os chamados homens lobo. Loki conseguia dessa maneira zombar de Odin e de sua criação.

O Midgard então se descontrolou. Cada vez eram menos os berserkers híbridos capazes de ignorar e negar o chamado de Loki. A Terra entrava em uma época convulsiva de escuridão e guerra onde não havia capacidade para a luz nem para a esperança.

Foi naquele momento que os deuses Vanir, ao ver o escasso êxito que Odin teve ao manter Loki na linha, apoiaram o deus Aesir e criaram uma raça própria de guerreiros, para representá-los na Terra. Entretanto, os Vanir não tinham conhecimento sobre manipulação de armas nem tampouco sobre guerra. Eram os deuses da beleza, do amor, da arte, da fecundidade, da sensualidade e da magia; não sabiam nada de destruição. Assim, fizeram uma seleção com os guerreiros humanos mais poderosos da Terra e os mudaram, outorgando a eles dons sobrenaturais.

Os deuses Vanir Njörd, Frey e Freyja escolheram membros de alguns clãs humanos que então povoavam a terra, e a cada um outorgou dons fascinantes. Porém, os deuses estavam temerosos que algum dia estes humanos pudessem ultrapassá-los em poderes, e por isso deram-lhes uma ou outra fraqueza.

Assim nasceram os vanírios, seres que uma vez foram humanos e a quem os deuses acrescentaram uma força sobrenatural, convertendo-os em homens e mulheres imortais. Eram telepatas, telecinéticos, podiam falar com os animais, podiam voar e tinham presas como os seus criadores, os deuses Vanir; mas não podiam caminhar sob o sol e, além disso, suportariam a tortura da fome eterna até que encontrassem seus companheiros de vida, homens e mulheres especiais capazes de lhes entregar tudo aquilo que seus corações desejassem. Contudo, Loki, conhecedor da insaciável sede vaníria, também chegou a eles, oferecendo uma vida em que a fome poderia resolver-se sem remorsos. Em troca, eles só teriam que entregar a ele sua alma e unir-se a seu exército de jotuns. Os mais fracos, aqueles que se renderam à sua oferta, aceitaram o trato e se converteram em vampiros, seres egoístas que absorviam a vida e o sangue humano. Assassinos.

Agora, diante do reforço e da ofensiva de Loki e seus seguidores, os vanírios e os berserkers que não se venderam a ele se verão obrigados a colocar de lado todas as suas diferenças e a permanecer unidos para lutar contra todos aqueles

que confabularam para conseguir que o Ragnarök chegue à Terra e se possa destruir assim a humanidade.

Não obstante, na luta desesperada contra o Mal, nem sequer a ajuda destas duas raças de seres imortais é suficiente para a causa. Os vanírios e os berserkers são fortes, mas precisam de aliados agora que se aproxima o escurecer da Terra.

Muitos humanos de almas obscuras que estão sob a ordem de Loki uniram suas forças, sabendo que o Ragnarök se aproxima. Segundo eles, a Terra é regida por ciclos, e o ciclo final deve chegar o quanto antes para que seu deus, Loki, faça chegar um novo dia. Durante séculos criaram seitas e organizações que estudam, sequestram e maltratam a seres como os vanírios e os berserkers. E, não satisfeitos com isso, tentam provocar uma abertura dimensional, porta através da qual Loki poderia entrar em nosso mundo e mergulhá-lo para sempre na escuridão. Organizações como Newscientists, a Seita Lokasenna, bruxos e feiticeiros, lobachos, vampiros e a escória humana decidiram provocar essa abertura planetária antes do tempo, através da manipulação de mentes privilegiadas de geólogos e físicos quânticos. Isso é algo que Odin e Freyja decidiram evitar a todo custo.

Até agora os deuses não puderam interceder diretamente no plano evolutivo da humanidade e esperavam um sinal, um acontecimento, a chegada de um novo guerreiro que desencadeasse a jogada mestra e começasse a mover as fichas.

Esse momento chegou.

A deusa Vanir e o deus Aesir enviarão a todos os exércitos do Asgard e do Vanenheim à Terra, em uma tentativa desesperada de igualar as forças e ajudar aos vanírios e aos berserkers.

Freyja dará carta branca às suas valkyrias para que, por fim, desçam à Terra e implantem sua lei. Estas mulheres guerreiras são desumanas, caprichosas e letais, e permaneceram em Vingolf junto à Freyja desde o momento em que foram concebidas e dotadas de seus dons. A deusa vai dar a oportunidade de liberar sua frustração e abraçar de uma vez por toda sua ansiada liberdade, embora para isso tenham que arriscar-se e deixar para trás a proteção que os muros de Valhalla lhes dava.

Odin, por sua vez, enviará os seus einherjars, aqueles guerreiros imortais que não transformou em berserkers. Estes guerreiros uma vez foram humanos e entregaram sua vida honradamente em defesa dos seus e dos deuses. Agora, são homens poderosos, com grandes dons, e estão dispostos a tudo para lutar em nome de Odin.

O destino da humanidade está nas mãos destes seres e nem sequer a tapeçaria das nornas, na qual se lê o destino, é clara quanto ao final que terá a raça humana. Entretanto, os deuses sabem que, se o ser humano perder esta batalha, desaparecerão com eles, e não vão permitir isso. Há muito em jogo.

Mas, nem sequer estes guerreiros que vão lutar pela humanidade estão a salvo da energia da Terra. Uma energia que se move através do amor, do ódio, da

raiva, da compaixão e do sexo. O ser humano é visceral, do mesmo jeito que a realidade em que vivem. Valkyrias e einherjars descerão dos céus para nos defender, porém, como eles se defenderão de um planeta tão carregado de emoções? Protegerão a seus corações?

A tapeçaria do destino não está acabada e cada movimento que se faça na Terra a transforma e lhe dá novas cores e novas formas. Cada ação terá uma reação. Não há maiores estrategistas que os deuses, contudo, inclusive eles não estão seguros de ganhar a partida contra Loki, porque, o que importam os planos quando se está em uma realidade tão imprevisível e volúvel como a nossa?

Uns nos defendem, outros nos atacam.

Uns esperam nossa aniquilação e outros se sentem obrigados a nos defender e lutam por nossa salvação, sem ser conscientes de que enquanto nos salvam, algum de nós também podem salvá-los.

Os humanos são a raça fraca, estamos bem no meio, vivendo nossas próprias vidas, ignorantes daquilo que nos rodeia. Mas, inclusive a raça inferior pode dar lições às raças superiores, como por exemplo, que na guerra e na vingança o mais fraco é sempre o mais feroz.

A batalha final entre o Bem e o Mal está se formando faz tempo, mas, desta vez, as paixões, os desejos, a amizade, o coração, o amor e a coragem serão fatores decisivos em seu desenlace.

O Ragnarök se aproxima.

E você, de qual lado está?

Começa o princípio do fim.

Escolha seu lado.

Não existe luz sem escuridão.

Não se concebe o bem sem o mal.

Não há perdão sem ofensa.

Não há redenção sem rendição.

Em um mundo de opostos no qual vivemos, uns seres imortais vêm para nos proteger não só de Loki, mas também de nós mesmos.

A linha entre o que é bom e o que não é é muito subjetiva, muito fina para nós, mas invisível para seres que há milênios estão lutando por uma raça humana que demonstra muito pouco escrúpulo em todas as suas ações e decisões. Merecemos ser salvos?

Tudo é possível.

Tudo é permitido.

E tudo é mais real do que acreditam.

Esta é a Saga Vanir.

Bem-vindos ao mundo de Lena Valenti.

I

Não sabia que o desespero e a decadência tivessem uma cor. Era negro como a fumaça e os gases que emanavam até o céu, cinza como as nuvens espessas e sujas que cobriam a noite, vermelho e amarelo brilhante como o fogo e a lava que subiam através das gretas que avançavam pela superfície da terra e engoliam carros fazendo-os explodir, e afundavam casas com vidas humanas em seu interior.

Thor MacAllister sobrevoava os Jardins do Kensington Palace, olhando de esguelha o caos no qual a Terra se envolvia, e não voluntariamente.

Loki, o Deus dos Jotuns, tinha preparado de sua tumba uma receita para servir sua vingança em prato frio. Tão frio que, se não morressem todos intoxicados pelos gases que emanavam do interior do planeta, pelos efeitos colaterais que provocariam os movimentos tectônicos nos mares ou pelas mudanças que haveriam a níveis climatológicos, acabariam mortos pelo jugo dos exércitos malignos que o Vigarista liderava com soberania e que o obedeciam sem contestar nem julgar a sua voz ditatorial.

Era o fim do mundo. Os nosferatus entravam nos lares, quebravam as janelas e as portas e matavam famílias inteiras, que estavam horrorizadas ao ir de encontro a monstros como aqueles, que só acreditaram existir nos filmes e nos livros de ficção. As crianças desapareciam, tomadas por uns seres chamados purs, que vinham de baixo da terra e que se moviam como vermes e os arrastavam para as suas tocas localizadas sob túneis ocultos. Thor tinha escutado nas mentes de Carrick e Aiko.

E o que ele não escutava? Escutava tudo. Absolutamente tudo. Aquele era seu dom outorgado, que o sangue de Jade lhe deu. Era um leitor de almas, um escutador de pensamentos. O sangue de sua companheira lhe dava a calma e o deixava só em sintonia com a mente dela, a qual era seu recanto de paz, seu descanso.

Mas, quando a levaram de seu lado e ficou sem o seu sangue, as vozes o aniquilaram até o último fio de sua sensatez. Tornou-se louco, egoísta, sádico e com uma determinação brutal para encontrar sua companheira de vida, e não para que o salvasse, mas sim para que acabasse de uma vez com a vida dele, porque não gostava do que tinha se convertido. Ou para que morressem juntos porque, se ela tivesse sofrido a metade do que ele sofreu, estaria ainda mais louca e desequilibrada.

Thor olhava com desinteresse para esses seres que matavam os humanos sob seus pés e não sentia absolutamente nada.

A indiferença era um martelo cruel que golpeava com força. Nada tinha mais a mínima importância, exceto encontrar Jade viva em algum lugar.

Teve que aguentar muito naquele confinamento, sob as torturas dos guardas. Todos os guerreiros que estiveram confinados junto a ele experimentaram em primeira mão a violência, a raiva e a desordem mental dos guardas do Paso de Shipka.

Os humanos são seres confusos, pensava com aversão.

Talvez o fato de ele ter visto a pior face daquela raça inferior fosse o motivo pelo qual não podia sentir empatia pelos que morriam em sua frente. Não tinham a mínima importância. Não eram ninguém para ele. Nada.

Assim como a Terra, que se tingia de cores amarelas e laranjas, que sangrava lava, e cuja dor agitava os mares e as montanhas, não era nada.

Todos, sem exceção, seriam vítimas dos jotuns. Ou o próprio planeta os matariam.

Os Jardins do Kensington Palace não eram nem a sombra do que uma vez foram. O mal, o caos e os estragos que as gretas subterrâneas que os purs provocavam na Terra, tornaram-os uma paisagem desoladora.

Aquela bela e aristocrata rua ascendente parecia agora sob o jugo da violência e da destruição. As árvores, uma vez exuberantes e bem cuidadas, agora se afundavam entre as gretas, igual às magnânimas casas que cediam e eram sepultadas pela lava e pela terra. Seus donos tinham a mesma sorte apesar de serem sultões, reis, ou empresários ricos... A morte não diferenciava. Era o destino ao qual se encaminhava o ser humano desde que nasceu.

Thor sorriu tristemente ao escutar os pensamentos de todos os que clamavam por sua má sorte. Por viver aquele fim do mundo tão inesperado.

Podia ouvir suas súplicas, suas rezas, suas últimas palavras de amor e, inclusive, os pensamentos mais egoístas e tristes. De um marido tentando salvar-se de um precipício empurrando com o pé a sua mulher, que se agarrava a ele como sua última esperança; de um pai fugindo de um purs que levava impunemente os seus filhos. Mas também havia amor e sacrifício: um ancião cobrindo com seu corpo a sua esposa, abraçados para morrer juntos. Pais enfrentando a um lobacho para defender seus filhos, embora soubessem que não tinham nenhuma possibilidade.

Ele uma vez foi humano, miserável e fraco. Mas também valente e honorável. Foi dual, como um ser mortal. Lembrava de quando era um keltoi, um celta casivelano decidido a enfrentar aos romanos.

Lutavam para salvar a vida de outros, brigavam em nome dos que amavam. Era outro modo de viver e de amar, mais ao limite, inclusive, porque não sabiam se haveria um amanhã.

Não obstante, passado ou presente, era essa a sina da raça inferior com a qual os deuses jogavam, as duas faces de uma mesma moeda. Uma moeda sem futuro e com as horas contadas. Capazes do melhor e do pior. Apesar de que, nesse momento, bons e maus morriam pisoteados pelo poder de Loki.

Deixou de prestar atenção ao que acontecia abaixo e se concentrou em procurar o que uma vez foi seu lar. Quando divisou seu palácio, que lutava por

não se afundar, lembrou de si mesmo.. Ambos se rebelavam contra suas próprias ruínas, essência do que uma vez foram. A memória açoitou sua melancolia e afloraram lembranças dele e de Jade... E alguém mais. Quem era a mulher que se encarregava de tudo? Mery? Marcela? Maria? Sim! Maria!

Uma humana com sangue italiano e inglês que resultou ser uma excelente governanta, e também um apoio. Lembrava dela. Apesar da dor de cabeça que persistia, que as pílulas do Menw não faziam desaparecer, as lembranças golpeavam os muros de sua mente destroçada e o faziam ver quem uma vez tinha sido, assim como as pessoas que o rodearam. Maria sempre suspeitou o que ele era, embora nunca dissesse na sua cara. Thor sabia, não precisava que essa mulher sábia e bonita fingisse. Tampouco precisaram falar disso. Ela confiou nele e ele nela, porque haviam segredos que era melhor que nunca fossem pronunciados.

Depois, como em uma reação em cadeia, quando suas botas tocaram o chão do terraço rachado do piso superior, vieram-lhe à memória aqueles que ajudavam Maria em seus afazeres.

Como se chamavam? Quem eram...?

Não importava, porque, no instante que seu olfato identificou o aroma persistente de Jade, sua mente e sua determinação se encheram dela.

Por incrível que parecesse, sua essência ainda estava nessa casa, apesar dos anos que já tinham se passado. Era seu aroma de romã... Uma fruta exótica, fresca, doce e saciante, e de múltiplas propriedades antioxidantes. Thor reconhecia que a falta dela o tinha oxidado, não tinha dúvida.

— Jade? — perguntou em voz alta, como um louco que esperava resposta de um fantasma. Esperou uns segundos, e só escutou o ranger dos alicerces de sua casa, agora envolta em fumaça e chamas — Jade... — sua expressão de esperança lunática desapareceu, de repente. Franziu o cenho. Para ele, já não havia nada mais importante.

Seu instinto animal despertou e olhou ao redor, esperando que lhe viesse à cabeça a razão pela qual estava ali enquanto o mundo desmoronava. Era por ela. Vivia para reencontrar-se com ela.

— Pensa, pensa... que diabos deve fazer aqui, estúpido? — deu um tapa na testa. Estava louco, e era uma realidade que não pretendia ocultar de ninguém, muito menos de si mesmo. Com muita dificuldade conseguia reconhecer-se e entender quem era e o que lhe tinham feito, mas nem as torturas nem os anos de sede e fome apagaram o amor e a necessidade que sentia por sua *cáraid*, a mulher a qual cruelmente lhe tinham arrebatado. Nada eliminava uma vinculação eterna.

— Um livro... O livro de Jade — recordou abruptamente, entrando com um passo decidido no interior do quarto ao qual se acessava através do terraço.

Lá fora, os fracos gritos dos humanos contrastavam com o silêncio esmagador que reinava no interior de seu palácio. Daanna lhe disse que essa

jovem, que diziam que era sua filha, tinha vivido ali junto a Caleb McKenna, seu melhor amigo.

Ele não sentia nada a respeito. É óbvio que recordava de Caleb, mas seu cérebro não ativava os laços empáticos que deveria ativar ante o pensamento sobre o seu melhor amigo. Também tinha lido sobre Aileen nas cabeças dos que restavam de seu clã. Eles a conheciam e a amavam, mas ele... Porra, estava oco por completo. Tampouco havia sentido nada ao ser abraçado por Daanna McKenna e Menw McCloud. Nada absolutamente. Seu interior era um vazio tão existencial como sua falta de identidade. E a única pessoa que podia lhe devolver parte de sua lucidez era a mulher que todos davam por morta.

As espetadas que sentiu nas têmporas o deixaram quase ajoelhado sobre o chão. Apertou os olhos. Sem o sangue de Jade, estava perdido. Levou a mão ao bolso traseiro da calça e tomou o frasco de pílulas Aodhan. Era cedo para saber se faziam efeito ou não, mas, mesmo assim, tornou a engolir duas. Mastigou-as, não as saboreou como tinha indicado o curador. Ainda não tinha controle sobre sua ansiedade.

A realidade era que, apesar da dor física e das feridas que lhe causaram serem debilitantes, o recinto onde tinha sido confinado em Shipka tinha sido um refúgio para que seus dons telepáticos não o matassem, já que era coberto e oculto por um alto escudo de vibrações eletromagnéticas que impedia a comunicação mental tanto do interior como do exterior. Mas, desde que tinha saído, o escudo já não o cercava, portanto, em todo esse tempo não havia modo algum de proteger-se, a não ser que bebesse do sangue de sua amada *berserker*.

— Porra, a puta da minha cabeça vai explodir... — murmurou levantando-se pouco a pouco. Devia continuar e tentar refletir à margem da dor. Se Aileen era sangue de seu sangue, podia pensar como Jade ou ele mesmo, não? Onde guardaria o livro?

Suas pupilas dilataram-se.

Moveu-se rápido e veloz como a luz. Uma ideia tinha cruzado sua mente e seu corpo, e simplesmente tinha-a executado.

Haviam dois lugares naquela casa onde podia guardar um livro. Ou na imensa biblioteca que o fogo fazia arder sem ordem nem respeito pelas letras, ou no quarto de onde vinha o estranho e doce aroma de bolo de queijo e framboesa, misturado com romã. Se Aileen tinha algo dele e de Jade, teria utilizado aquele diário como livro de cabeceira, como um modo de sentir-se unida a seus pais. Talvez leria um fragmento cada noite.

Quando Thor entrou como um raio no quarto, também reconheceu o aroma de Caleb, seu melhor amigo. Aquele era o lugar do casal, onde eles dormiam.

As chamas queimavam tudo a seu caminho, cortinas, tapetes, móveis... Os vidros arrebentavam pela pressão do fogo. Devia apressar-se para encontrar o livro de Jade que, pela sua intuição, devia estar ali. As cortinas flamejavam e, antes que aquele lugar fosse vítima do inferno, o vanirio se moveu com sua

hipervelocidade, abriu a segunda gaveta do criado mudo, e pegou o diário de sua mulher entre as mãos.

Ficou cativado com a sensação de segurar algo que lhe produzia um vazio no estômago e que sua mente lutava de um modo titânico para poder recordar. Suas mãos o reconheciam. Suas lembranças, não.

A capas dura e rústica estava coberta de pedras preciosas verdes, que se ressaltavam ainda mais pelo contraste que desenhavam os topázios escuros que formavam seu nome no centro. Tinha escrito JADE.

Passou a mão aberta por cima da capa, enquanto passava a língua pelas presas, para saborear parte da pírola Aodhan. Era como se tivesse o sabor de sua mulher na língua. E aquele livro cheirava a ela.

Thor fechou os olhos e inalou com desespero. Sim, sem dúvida, cheirava à sua berserker valente.

A casa rangeu sob seus pés. Distraído, olhou para cima e esquivou sem problemas uma viga de madeira e parte do teto que desmoronava sobre sua cabeça.

Impulsionou-se sobre os calcanhares e empreendeu o voo, saindo sem dificuldades de sua casa, que desaparecia para sempre entre as gretas que se criavam pela interação da rachadura maior que cruzava e partia em dois toda Londres e a Inglaterra.

Mas não se importava com o que acontecia abaixo.

Thor MacAllister tinha um objetivo em sua mente e até que não a encontrasse, não ia deter-se. Enquanto isso, voando através da apocalíptica noite tão rápido como seu cansado corpo lhe permitia, abriu o livro de Jade e começou a ler o que tinha escrito.

Ao menos, mediante as palavras, Thor recordaria essa suposta filha que tinha, embora sua motivação não era outra que fazer mais viva a lembrança de sua mulher para que sua mente se enlaçasse mentalmente com ela.

Devia encontrar o caminho de volta para casa, e o faria rastreando as ondas telepáticas que ativavam as lembranças.

A primeira folha estava escrita em letras rúnicas, o alfabeto dos *berserkers*. Foram gravadas a fogo na folha, e rezava o seguinte:

“Este livro é propriedade da princesa Jade Landin, filha e sucessora de Ás Landin, líder do clã berserker, cujo nascimento foi abençoado por Odin e seus deuses”.

Em seguida, passou a página e leu:

Minha querida Aileen, este é meu presente mais prezado para você. Eu gostaria de poder dá-lo em mãos, mas, entretanto, acredito que quando o tiver, isso quer dizer que eu já não estarei contigo para poder te explicar todas as coisas que você deseja saber.

Com ele lembrará sempre de mim, e aprenderá todo o necessário com respeito a você e em relação ao que é e quem é.

É um diário, como já deve ter imaginado. Nunca tive nada especial para explicar até que conheci seu pai. Logo chegou você.

Terá muitas perguntas em relação ao que acontece com você ou porque se sente diferente do resto. Confio que este livro te sirva de guia, minha estrela.

Eu a amo com todo meu coração.

Mamãe.

As ternas palavras de Jade cravaram em seu coração. Ali estava a prova real de que sim, tinha uma filha. E Jade a tinha amado.

Juntos tinham criado uma vida com a qual ele não tinha empatia. Não tinha nenhum sentimento por ela. Não podia sentir saudades, nem a amar, nem tampouco compadecê-la, porque nem em sua mente nem em seu coração havia vinculação emocional, então... Como ia sentir saudades de uma filha que não recordava?

Sua determinação era encontrar Jade e recuperá-la e, se depois o ajudasse a reviver as lembranças com sua filha, perfeito.

Com essa ideia em mente, Thor cruzou os céus e o sul de Londres, decidido a deixar-se levar pelo livro que tinha em suas mãos. As palavras escritas por sua *cáraid* o levariam até ela, não tinha nenhuma dúvida. Só tinha que ter paciência.

E, enquanto se dirigia a Urbasa, continuou lendo o diário, fazendo dos pensamentos de Jade também os seus.

II

De onde eu venho, quando nascem meninas celebram-se festas por tão abençoado acontecimento. As mulheres são veneradas e respeitadas, porque são o berço e o coração do futuro de nosso clã.

Quando completei dezoito anos me deram de presente este livro. Nele devia escrever, se assim desejasse, tudo aquilo que acontecesse em minha vida.

Suponho que o que me aconteceu hoje, na idade de 22 anos, é a primeira coisa que escreverei.

Chegou a hora da minha conversão. Deixei de ser uma humana para ser uma berserker. Foi estranho e doloroso, mas parece que já passei pela mutação. Aos 22 anos, tal e como nos manda a tradição.

Acho tudo uma loucura, porque agora tenho uma fila de berserkers machos esperando que escolha algum como companheiro. O clã acredita que sou a mulher mais bonita que existiu entre eles. Dizem que sou especial e me apelidaram de princesa Jade.

Estou constrangida e ébria com tanta adoração...

Como Jade não ia ser considerada como uma princesa? Era tão bela que doía vê-la. Sempre o emocionou contemplá-la.

...Hoje conheci o homem mais incrivelmente bonito e atraente que vi em toda minha vida. Não sei como aconteceu, mas o encontrei me olhando entre as sebes do West Park. Me vigiando e me espreitando.

Me observando e, ao mesmo tempo, me ameaçando.

Assim é como me sinto. Ele é uma ameaça...

Sem dar-se conta, alheio ao mundo que morria e que ele tinha sido destinado a proteger, Thor se embebeu das palavras da berserker, e isso o ajudou a refrescar suas lembranças, momentos, instantes junto a ela, embora fossem fugazes e não permanentes. Ao menos, através do que ela descrevia, ele podia montar em sua cabeça uma imagem de como tudo tinha acontecido.

...Hoje o vi novamente, mas desta vez, procurei estar acompanhada dos machos do clã. Eles me seguem aonde vou, como cães no cio. São tão adoráveis.

Senti seus olhos sobre minha nuca, sobre meu pescoço, e juraria que ele falou comigo mentalmente. Exigiu que me separasse deles e que fosse para ele, que voltasse para ele.

Se o tiver feito, não posso me aproximar. Se sua voz era real, devo me afastar.

Ele é nosso inimigo...

Sim. Sabiam. Sabiam como era complicado e insensato que um vanirio e uma berserker tivessem um relacionamento e se apaixonassem. Mas, uma vez que pôs seus olhos nela, não pôde deter nem seu instinto nem sua necessidade.

... Hoje fui a Dudley com o clã. Queriam ação e sabiam que ali a encontrariam. Nada melhor que abrir antigas rixas entre eles e os chupadores de sangue. Eu não gosto das brigas, odeio, não sei por que me levaram, mas o ego masculino é assim.

Ele estava ali. Ria de nós, chateava aos rapazes com o olhar e me devorava com os olhos. Olhava para mim. Estudava-me. Assustava-me e me queimava por dentro.

Ao final, não houve briga. Muitos humanos no meio...

Às vezes, os berserkers e os vanirios se provocavam. A animosidade era tal que precisavam confrontar-se de vez em quando para esvaziar o combustível de ódio que percorriam suas veias. Ódio que Thor, agora, sabia que era totalmente infundado.

Se não fosse, como um vanirio poderia apaixonar-se tão loucamente por uma berserker? E o que é mais incrível, como tinham podido conceber apesar das ameaças e das recomendações dos deuses? Isso queria dizer que não eram tão diferentes. Os próprios deuses temiam que eles se rebelassem e se erigissem um dia como seres que pudessem chegar a ser mais fortes e mais poderosos que eles. Por isso sempre os mantiveram em confronto.

Mas Jade e ele não puderam odiar-se. Ele tinha nascido para protegê-la e estar com ela, embora tivesse maneiras um tanto violentas de demonstrar.

Não sei como aconteceu, mas três homens vestidos de negro tentaram abusar de mim nas montanhas do Wolverhampton. Eram humanos. Por sorte, ele me salvou. Acredito que os deixou inconscientes, se não os tiver matado, porque nunca tinha visto ninguém lutar com tanta fúria.

Abraçou-me e me agarrou nos braços como se fosse uma coisa frágil. E me disse que eu era dele, que proibia que me separasse dele. Zanguei-me. Zanguei-me tanto... Ninguém me dá ordens, e esse homem parece que é um dominante e um abusado. Os vanirios são uns prepotentes. Sempre foram assim.

Tocou-me e me acariciou como se fosse realmente algo de sua propriedade, sem perguntar se eu desejava ou não. Ele me dá medo.

Ele me dá medo, mas... eu gosto. Despertava em mim algo primitivo que estava adormecido em meu interior. Não quer me dizer seu nome ainda.

Aquela era a prova irrefutável da potente atração que sentiam um pelo outro. Jade era sua alma gêmea, sua companheira de vida. E ele era dela, embora pecasse em arrogância ao expressar isso.

Não pode fazer isso. Não pode fazer isso... Mas, o que ele pensava? Esta noite me sequestrou e me levou à sua casa. Uma casa linda, rodeada de jardins e flores silvestres. Disse-me que me desejava e eu quis lutar com ele, quis me liberar de seus fortes braços, de seu calor, de sua atração e de sua boca que lambia o meu pescoço e saqueava meus lábios, e minha língua. Deveria estar proibido beijar desse modo.

Mesmo assim continua me assustando. Assusta-me sua intensidade, seu modo de querer me dominar e me submeter a ele como se fôssemos feras selvagens. Sou uma berserker, sou uma fera por natureza, mas ele é muito mais selvagem que eu. E não sei se estou preparada, porque ele, definitivamente, não é como eu. Depois de discutirmos, deixou-me de novo em Wolverhampton e se foi sem se despedir...

...Hoje me venceu e derrubou todo meu autocontrole. Não sei como aconteceu. Deve ser a lua cheia e ele, esse insuportável e loucamente sexy vanirio, colocou-se em minha mente e não quer me libertar de suas amarras.

Encontrei-o no Segdley falando com uma garota loira e de tetas enormes (meu pai cortaria minha língua por falar assim). Senti vontade de lhe arrancar os olhos e de cortar esse bonito cabelo ondulado que tem e que se move de um modo convencido e sedutor. Acredito que ele, quando me viu, sorriu e, me desafiando com o olhar, se aproximou mais da loira e... acariciou-a...

Um nó se formou em meu estômago e senti que queria rir de mim, que isso é o que tinha estado fazendo desde que me viu. Saí dali correndo como uma alma enlouquecida pelo diabo, mas ele me deteve no meio do caminho, e apareceu no bosque como se também fosse dele. Exigi-lhe uma explicação e me converti no que dizem que são as mulheres berserkers: umas guerreiras ciumentas e possessivas com seus homens. Grande espetáculo.

Ele me agarrou pelo cabelo e me calou com seus lábios. E eu perdi o norte. Não é justo. Não podia nublar os meus sentidos desse modo. Disse-me que queria saber até que ponto eu sentia algo por ele, e que por isso se comportou assim. Culpou-me por ser fria, por não me deixar levar, e por não ir a ele quando pedia. Dei-lhe uma bofetada e lhe disse que não podia obrigar os outros a se comportar do modo que ele queria, mas depois de toda a manha de criança, arrependi-me de o ter esbofetado. Estava furioso e seu rosto parecia estar coberto pelos mesmos padrões das esculturas gregas. Agarrou-me como um saco inanimado, pendurou-me em seu ombro e senti que nos elevávamos pelas árvores e

o bosque e que aterrissávamos no jardim de sua casa. Eu estava assustada, tinha medo...

Por todos os deuses. Thor sabia o que vinha a seguir e não estava nada orgulhoso disso. Nada, absolutamente. Mas aquele era o único modo de fazê-la entender que ou se unia a ele ou ele se converteria em um monstro.

E, mesmo assim, foi um monstro com ela.

Não tinha medo dele, mas sim desse fogo abrasador que refletia em seus olhos. Rasgou a minha roupa e me deitou na cama de seu quarto. Não consegui entender como chegamos até ali, mas chegamos seguros. Ancorou-me à cama e separou minhas pernas. Gritei com ele, bati nele com tudo que pude, mas ele não me escutou. Tirou a roupa e ficou nu, de joelhos entre minhas pernas. Eu tremia. Ele me disse para não resistir a ele, para não tentar afastá-lo, para deixá-lo entrar e tomar livremente o que queria. Nunca o tinha visto assim, com os olhos vermelhos e as pupilas negras, os dentes largos e lacerantes. Disse-me que me machucaria, que não queria fazer assim, mas que ia fazer porque não podia controlar a fera que havia nele. Que essa fera despertava só comigo, mas que ia tentar reintegrar-se. A primeira vez ia doer, ou melhor, me assustar. Depois de superar esse transe, as demais vezes iam ser frenéticas e alcançariam o êxtase. Isso ele havia me dito. Como poderia acreditar nele?

Eu não podia estar mais assustada do que já estava.

Ergueu-se sobre mim, encaixou os quadris entre as minhas pernas e, sofrendo a dor mais intensa e irritante que tinha sentido até então, penetrou-me de uma só investida. Depois entrou ainda mais, até que meu útero o deixou entrar por completo.

Era um animal. Tinha arranhado minha pele, sentia que eu estava sangrando entre as pernas, ouvia meus soluços, minhas súplicas de que parasse, mas não o fez. Nada podia detê-lo. Cravou-me as presas e bebeu até que perdi os sentidos. Mesmo assim, acredito que nem então se deteve.

Quando voltei a despertar, tinha um gosto de ferro na boca. Saltei de um salto da cama e procurei a porta mais próxima para sair dali. Ele me dava medo. Estava aterrorizada, enfurecida e magoada por seu comportamento.

Deteve-me abatendo-se sobre mim e me esmagando contra a parede, de costas a ele. Continuava sendo muito agressivo. Através da janela podia ver a lua pálida e brilhante no céu, maior que nunca. Eu não queria voltar a me unir a ele, não queria esse tipo de relação. Além disso, ele era um vanírio e eu uma berserker. Não nos dávamos bem, nos repeliávamos.

Abraçou-me, desta vez sem violência, só com ternura e um pouco de possessividade, e afundou o rosto em meu pescoço. Com um fio de voz, rogou-me que não o abandonasse, que esse tipo de união acontecia somente na primeira vez com o verdadeiro companheiro. Eu era sua cáraid, disse-me, seu casal eterno...

Disse-me que eu era dele e que ele era meu, e me suplicou que o deixasse me amar outra vez como ele sabia fazê-lo. Não sei por que me angustiei depois daquelas palavras, sobretudo depois de como me tratou, mas quis confiar nele. Tomou-me novamente nos braços e me deixou sobre a cama. Com suas mãos e seus beijos, acalmou meus tremores e meus medos. Com sua língua, lambeu e chupou minhas feridas e também as que não se viam. Colocou-se entre minhas pernas e eu me cobri, doía-me e não queria que voltasse a me tocar ali.

Quando me pediu que o deixasse me curar, vi em seus olhos umedecidos o arrependimento pelo que tinha passado. Enterneci-me, não pude evitar. Afastei as mãos, ele me tomou e beijou um a um os dedos das duas. Logo se acomodou entre minhas pernas e as separou com os ombros.

Pousou sua boca e sua língua ali embaixo e eu me enrijei. Aquilo era incrível. Chupou-me até que quase me saltaram as lágrimas, mas desta vez de prazer e, depois de me levar ao êxtase três vezes seguidas, acomodou-se entre minhas pernas e se afundou em mim. Eu acreditava que ia enlouquecer de tanto gozar. Não tinha imaginado nada parecido entre homens e mulheres. Mas ele tinha me ensinado isso. Valeu a pena o sofrimento inicial para logo receber o prazer mais sublime...

Bom, pois já não sou virgem. Agora sou uma mulher apaixonada por um homem chamado Thor. Jade, a princesa berserker, e Thor, o guerreiro vanirio. Grande casal...

Thor sorriu pela primeira vez em muitíssimo tempo. O último parágrafo era muito do estilo de Jade. Podiam lhe acontecer coisas horríveis, mas depois as aceitava e continuava adiante com otimismo. Era como se colocasse um band-aid nas hemorragias, de modo que, na verdade, não desse verdadeira importância a nada se continuava viva e havia tempo para endireitar o que estava errado. Era muito otimista.

Convertemo-nos em amantes fugitivos. Somos conscientes de que as diferenças entre berserkers e vanirios são completamente insuperáveis. Se dissermos que estamos juntos, haverá uma guerra de novo. Ou pior, nos matarão por ter cometido desacato. Mas estamos apaixonados e queremos desfrutar de nosso amor todo o tempo que nos dê de presente a vida.

Assim, decidimos partir da Inglaterra. Não podemos nos ocultar por mais tempo. Devemos encontrar um lugar ideal para nossas características. Acreditamos que a Romênia é uma boa opção.

Sim, recordava desses momentos. A angústia por saber que os clãs não aceitariam um casal como o deles, o medo e a insegurança por serem julgados publicamente.

Sentiam ser insuportável a possibilidade de que um ou outro morresse ao ser castigado por desacato, por isso decidiram fugir.

Não queriam incomodar a ninguém, e muito menos provocar de novo desavenças intoleráveis nas quais uns ou outros perdiam a vida.

O amor como o deles não deveria ter resultar em mortes dessa dimensão.

...Thor está um pouco triste por deixar seu clã e seu melhor amigo, Caleb, mas está ainda mais aflito pelas diferenças que distanciaram as duas raças até o ponto de matar por matar, de perseguir por perseguir, e de proibir por proibir. Eu estou triste por não poder me despedir de meu pai, Ás. Mas é o que nos cabe viver agora, Thor e eu. É o que nos obriga a história dos vanirios e dos berserkers. Ambos somos seres mágicos de linhagens ancestrais e, entretanto, isso é a única coisa que temos em comum, pelo visto.

Os Bálcãs têm seu encanto. O povo aqui é cálido e, embora haja berserkers e vanirios, incrivelmente parece que se suportam melhor que na Inglaterra ou ao menos... essa é a impressão. Alguns humanos conhecem nossa existência, mas seguimos entre os mitos e as lendas. Na realidade, não querem acreditar. Não quisemos nos relacionar com nenhum clã. Não sabemos até que ponto poderiam voar as notícias até as ilhas e, embora saibamos que aparentemente não há muita relação entre os clãs ao redor do mundo, tampouco queremos nos arriscar...

Não era que os humanos soubessem de sua existência. Era que os romenos e os ciganos eram pessoas muito crentes e supersticiosas e acreditavam no mundo escuro e mágico da noite. Por isso gostavam de acreditar que eram vampiros. Thor tinha lido centenas de vezes em suas mentes. Sabia muito bem o que pensavam deles. Achavam-nos estranhos e misteriosos e queriam acreditar em lendas urbanas e populares. Nunca teriam imaginado que, na realidade, eram seres mudados pelos deuses.

...Estou grávida. Thor e eu fizemos nosso pequeno milagre. As berserkers têm ninhadas, mas eu não estou segura de que vai ser mais de um, sobretudo com um vanirio como pai, mas Thor deseja que assim seja. Diz que quer nossas réplicas em miniatura. Eu me pus a rir. É tão tolo...

Nossa. Thor releu três vezes esse fragmento. Com o livro entre as mãos e seu olhar lilás fixo naquelas páginas, esperou que o impacto aparecesse, que ficasse sem respiração, que a dor por não lembrar o torturasse, mas continuava sem sentir nada absolutamente. E duvidava de que voltasse a fazê-lo se não encontrasse Jade rápido.

Réplicas deles em miniatura. Se alguma vez havia dito isso, desconhecia por completo.

...Surpresa inesperada a de hoje. Samael nos encontrou. Não sabemos muito bem como, mas assegurou que o vínculo entre irmãos é tão forte que ao final pôde

encontrá-lo. Ninguém sabia que Thor e eu tínhamos fugido juntos. Agora Samael sabe, mas não sabe que estou grávida. Decidimos não lhe dizer nada. Pelo visto, não vai ficar, mas sim que exigiu a Thor que ficasse em contato com ele, pelo menos. Para não preocupar-se desnecessariamente. Thor aceitou...

Samael. Seu irmão Samael o tinha traído. Talvez não reconhecesse o amor para com sua filha, mas sim identificava com todo detalhe o ódio para seu irmão. Como teria gostado de ser ele quem o matou.

Na mente de Daanna, descobriu que foi Caleb quem acabou com ele. Caleb, que tinha sido seu melhor amigo, o líder atual dos vanirios, seu irmão, e agora o companheiro de sua filha...

Quanto tudo tinha mudado... como esteve desconecta do mundo, de seu clã, de sua família... e de seu amor.

...Hoje nasceu nosso bebê. É uma menina incrivelmente linda e rodeada de uma aura de luz mais pura e bonita que já vimos. Thor se pôs a chorar de emoção e eu também. Teria gostado que meu pai conhecesse minha filha, mas não sei como reagiriam ao saber que é filha de um vanirio. E Thor desejava que em um dia tão especial seus amigos, Caleb e Daanna, assim como Menw e Cahal, estivessem presentes, sobretudo Caleb que, embora não sejam irmãos de sangue, são de alma e coração.

Thor está afetado por isso. Acredita que está traindo o seu amigo, mas, igual a mim, prefere não dizer que se apaixonou, casou e criou uma família com uma berserker. Não porque nos envergonhe, mas sim porque poderia haver represálias indesejadas em ambos os lados. Pelo resto, hoje é nosso dia mais feliz.

Não tivemos nenhum problema para escolher o nome. Se chamará Aileen. Thor diz que em sua língua significa “luz”, e me sobressaltaram suas palavras. Então, que o mundo a conheça como Aileen, a luz que iluminará suas noites e nossos dias...

Sentiu um beliscão na altura do coração. Pequeno, mas como uma leve pontada, que lhe dava a entender que nem tudo estava tão às escuras como acreditava. Em algum lugar, ainda sentia. Ler aquele parágrafo o estimulou. Não recordava esse instante, mas se Jade o tinha escrito era porque foi verdade. A berserker não imaginava o que estava lhe dando de presente com aquele livro.

Podia construir parte de seu passado, agora envolto em brumas de ódio e rancor e amassado sob a base de torturas sistemáticas. Era como um maldito quebra-cabeças, tinha que encaixar as peças, e não ia ser nada fácil.

Há uns homens muito estranhos rondando pelas montanhas. Na cidade, estão acontecendo várias mortes em circunstâncias um tanto peculiares. As

peessoas apontam os bosques como a procedência dos que se fazem chamar nosferátus, vampiros que matam os humanos e bebem suas almas.

Estes homens estranhos dizem procurar os nosferátus. Não sei o que pensar.

Aileen já tem um ano. É um bebê sadio e lindo. Pode sair ao sol sem queimar-se, bebe leite de meu peito e tem uns olhos enormes e amendoados de cor azulada. A cor dos olhos de seu pai antes que os Deuses o convertessem em vanirio. Agora são de uma cor lilás que tira o sentido.

— Que tira o sentido... — murmurou Thor, orgulhoso, cruzando o céu a uma velocidade indetectável aos olhos de mortais e imortais.

Sim. Aparentemente, sua filha era uma híbrida. Possuía genes de berserker e vanirio, e por isso podia sair sob a luz do sol. No corpo da jovem jazia o graal de seus inimigos, sem lugar sombra de dúvidas. Uma guerreira como ela, imune e sem algumas debilidades, seria a pedra filosofal de qualquer cientista louco, como Mikhail e o maligno Samael.

Precisava ler mais. Tinha que ver através da escrita de Jade. Recordar todos os detalhes que pudesse para ativar essa parte do cérebro que fritaram em Shipka.

Não entendo, quanto mais o tempo passa, mais necessitamos um ao outro. Mais necessito de seu contato e de seu corpo. É como uma enfermidade. Bendita enfermidade...

Comecei a compreender o que significa ser sua cáraid. Ele também é o meu. Não posso viver sem ele e ele tampouco sem mim.

— Kone — sussurrou Thor, como se aprendesse a falar com ela— Você me chamava kone. Isso sim eu lembro.

...Thor está inquieto, e eu também. As mortes se sucedem, aproveitando as guerras dos Bálcãs. Uns morrem pelas balas ou as bombas, outros pela fome e outros estão morrendo porque os vampiros os estão assassinando. E não só eles. Ultimamente parece que estão sendo atacados por lobos. Não quero imaginar que os lobachos estejam por aqui. Tenho certeza de algo: nem os berserkers nem os vanirios são responsáveis por essas mortes...

...Aileen já completou dois anos...

Dois anos de sua vida junto a sua filha. Dois. Apagados bruscamente. Como se fosse fruto de uma vida paralela que ele desconhecia. Por quê? Por que Samael fez isso com ele? Sempre o amou. Sempre. Em troca, seu irmão mais velho o odiava.

...Nossas dúvidas se confirmaram. Estão sequestrando tanto vanirios como berserkers. Vigiam-nos e nos perseguem. Não procuram nosferátus. Nos procuram. Há uma organização de humanos que pegam as pessoas das montanhas e não os devolvem. Esses desaparecimentos são a desculpa perfeita para nos culpar e ir em nossa busca. Querem nos responsabilizar, mas não é verdade.

Nossa pequena Aileen... Talvez não esteja segura aqui.

Thor e um grupo de vanirios, junto com alguns berserkers, formaram um grupo de proteção de clãs. Teriam que varrer a área e investigar a fundo estes caçadores.

...Hoje mataram a outro vanirio. Kerzhakov. Sua cáraid está em choque. As mulheres tentam lhe prestar ajuda, mas acreditam que caiu em uma grande depressão.

Hoje Anna, a cáraid de Kerzhakov, entregou-se voluntariamente ao sol... morreu.

...Thor e outros descobriram a organização e seus líderes. O principal se chama Mikhail Ernepo. Há outro homem chamado Patrick Cerril e outro que se chama Sebastián Smith. Eles são a ponta da organização.

...Hoje Thor disse a Aileen que tinha um amigo muito bonito para ela para quando fosse uma mulher completa. Trata-se de seu melhor amigo, Caleb. Eu não o cheguei a ver, mas tenho certeza que se é parecido com ele, tem que ser arrebatador...

Realmente tinha dito isso? Não sabia por que, mas imaginar que Caleb tinha abusado de sua filha, conhecendo-a ou não, retorcia-lhe as vísceras. Só tinha vontade de lhe arrancar os olhos. Mas não podia. Porque seu melhor amigo estava extraviado em outra dimensão, ou algo parecido... Assim não podia encontrá-lo.

Decidimos retornar às ilhas e alertar aos clãs sobre estas organizações. Não sabemos como alcançam aos vanirios nem aos berserkers, mas acreditam que trabalham em conjunto com os vampiros e com os lobachos. É a única resposta que nos ocorre. Eles têm o poder mental para nos captar. Por que estes humanos nos perseguem? Eu, uma vez, acreditei que se aliariam conosco, não que ficariam contra. Não os fizemos nada. Somos bons, defendemos aos humanos. E, entretanto, estes caçadores trabalham com os vampiros para nos caçar.

Acreditam que estão tentando extrair algo de nossos corpos, algo que os vampiros desejam ou que inclusive os humanos desejam e, embora não sabemos

com exatidão o que é, tem que estar relacionado com mutações genéticas de algum tipo.

Aileen tem quatro incríveis e ternos anos. Nos tem cativados...

— Quatro. Quatro anos —murmurou incrédulo. O que tinha restado a ele? Nada. Nem uma só lembrança daqueles anos. Quanto mais contrariado se sentia, mais urgia encontrar Jade e recuperar o tempo perdido, embora não fossem aproveitar muito um do outro. Tinha que encontrá-la e fazer cumprir sua palavra de lutar e morrerem juntos, porque era a única realidade que restava na vida. A única coisa pela qual valia a pena lutar.

...Desde ontem, estes assassinos nos perseguem. Retornamos a Dudley para alertar aos vanirios, mas acreditamos que os caçadores já têm gente que trabalha para eles bem aqui, em Black Country. Não podemos nos mover sem levantar suspeitas, e acreditamos que nos seguem. Não podemos levá-los até os vanirios nem até os berserkers. Queria poder avisar a papai. Assim, esperamos que Samael se encarregue de alertar a todos.

Perseguem-nos quase em manadas. Dá-me medo pensar, mas acredito que sabem que somos um casal de raças distintas e que dessa união nasceu alguém como Aileen. Temo por ela... Acredito que os interessa muito. Estas pessoas se organizaram e se distribuíram por aqueles lugares da Terra onde existem nossas raças e estão se aproveitando de nossa pouca comunicação...

Sem dúvida tinham se aproveitado de sua nula comunicação. Berserkers e vanirios não se falavam, viviam inimizados acreditando o pior um do outro e culpando-se pelas mortes das quais ambos eram inocentes.

Por outro lado, Jade desconhecia que seu pai Ás tinha morrido. O velho era uma pedra angular para sua companheira e, quando descobrisse que já não existia, ia ficar destrocada. Odiava ser o portador das más notícias.

Estava decidido a continuar lendo, quando se deu conta de que não havia nada mais escrito. Aquela tinha sido a última página que Jade preencheu, certamente, porque depois os caçaram.

Thor fechou o livro e o guardou dentro do pulôver térmico que vestia. O manuscrito lhe dava segurança, abraçava-o como a um lar, como a prova irrefutável de que não estava louco e de que uma vez tinha amado com tanta força que se esqueceu de si mesmo.

Então, uma estranha sensação percorreu seu peito, e depois experimentou um vazio lânguido no interior de sua cabeça.

E foi assim que o sentiu. Um sinal muito leve que reconhecia perfeitamente, mesmo minúsculo, quase inexistente, mas para um homem como ele, a quem tinham tirado tudo, era suficiente para ir em sua busca e matar por aquele ínfimo brilho de luz.

Acabava de detectar uma carícia mental de Jade. Reconhecia-a perfeitamente, sabia que era ela.

E por ela cruzaria o próprio inferno, que era aquele planeta.

Por que, se havia um final, esse final eles viveriam um ao lado do outro.

Com a expressão resoluta e uma convicção sem igual, acelerou o voo e imaginou tudo o que se diriam quando voltassem a se reencontrar.

III

Jubileé Park *RAGNARÖK*

Supunha-se que aquele búnker devia ser inquebrável e inescrutável. O refúgio ideal para sobreviver a qualquer ataque.

Mas esse que viviam não era um ataque qualquer. Tratava-se do Ragnarök, o final dos Tempos, a decadência da vida tal e como a conheciam, e disso estavam seguras Tea, Dyra e Amaia, as três sacerdotisas da deusa que tinham tomado a decisão de ficar com os vanirios para rezar pela alma de todos e esperar pelo nascimento de um novo caldeirão, de onde emergiriam espíritos puros, livres e cheios de luz, capazes de salvar o Midgard da escuridão em que Loki e as forças escuras o fizeram mergulhar.

As três anciãs não eram imortais nem guerreiras, tampouco possuíam grandes dons além de entrar em contato com a deusa, ler as runas, intuir o futuro e utilizar seus próprios meios para enviar mensagens.

As runas nunca mentiram. Na última tiragem que realizaram, depois do ataque no Jubileé Park, falaram-lhes alto e claro. Elas falavam de um ciclo que se acabava, e de um ser libertado que iria em busca de alguém protegido pelas matronas. Esse homem e as ações que empreendesse marcariam as duas luas negras. As sacerdotisas sabiam que o Midgard sucumbiria em dois dias, Loki não necessitava nada mais para destruir um mundo. E intuía quem podia ser o homem misterioso que apareceu de repente em suas leituras, pois, Ruth, antes de partir e de despedir-se delas, colocou-as a par. Assim, provavelmente, esse

homem era o pai de Aileen. Mas, tinha uma viagem a empreender e encontrar aquilo que tanto desejava sua alma. E esse algo estava protegido por duas protetoras.

Esse ciclo sombrio, no qual agora nadaria o Midgard, poderia deter-se com o movimento das fichas corretas, que deviam acontecer uma atrás da outra, como em uma cadeia de peças de dominó, que caíam impulsionadas pelo contato da peça de trás.

E todas essas peças tinham seguido seu curso até agora. Todas agiram como acreditaram conveniente e, previamente, todas foram anunciadas pelas runas. Como acontecia nesse momento com o homem libertado.

A *matronae* Maria tinha entregado a vida para dá-la a Nanna, a companheira do Balder. O mesmo tinha feito Ás, para salvar Noah. Eram sacrifícios necessários para a esperança continuar existindo, embora suas perdas fossem irrecuperáveis e muito caras. Aquela, e não outra, era sua missão ante a chegada dos dias escuros. E a tinham completado sem pigarrear, em um gesto valente e admirável, próprio de dois líderes como eles.

Agora, nesse bûnker, as três sacerdotisas tinham em suas mãos a possibilidade de realizar um último gesto. Todas as sacerdotisas do mundo estavam conectadas. E, dentre as *matronaes*, Maria tinha sido muito conhecida e importante, porque a ela se deu os cuidados da Guerreira e de uma híbrida que ia mudar as coisas, Aileen. Mas, como líder das sacerdotisas, não era a única com altos cargos e responsabilidades.

Haviam mais sacerdotisas dispersadas por todo mundo com as que tinham contato de um modo especial e mágico. Entre elas, existiam duas, que se chamavam Cedro e Daphne e que, se ainda estivessem vivas, deviam receber sua mensagem de falecimento para que realizassem e ativassem sua missão, seja qual fosse. Ambas também eram matronas e cuidavam de algo que a deusa Nerthus lhes tinha entregado, seja o que fosse. No caso delas e de Maria, foram a chegada e o cuidado de Aileen e depois a iniciação e guia de Ruth.

Cedro e Daphne teriam sua própria tarefa também. E, visto que Nerthus e as nornas não davam ponto sem nó, estavam convencidas de que sua causa se relacionava diretamente com a aparição desse homem nas runas e do que elas protegiam como matronas.

Tinha chegado a hora de dar a mensagem de aviso e despedida a toda a rede de mulheres mágicas do mundo, todas as que seguissem em pé. Ao recebê-la, Cedro e Daphne agiriam de acordo.

Tea, a mais alta de todas, abraçava pelos ombros as suas duas irmãs, Dyra e Amaya. O bûnker estava completamente fechado, e só duas luzes de emergência iluminavam os belos rostos dos vanirios que tinham decidido esconder-se ali com seus filhos pequenos. Dava pena ver que uma raça imortal tão bonita, que tinha sido criada para a proteção e para o bem, tanto adultos quanto crianças, iam desaparecer sob as garras dos jotuns, aos quais já escutavam tentando abrir a porta do chão do Ragnarök, pinçando, respirando como animais famintos e

sedentos de sangue, esperando um deles descer clandestinamente para achá-los: humanas, sacerdotisas e guerreiros vanirios e berserkers recolhidos com seus filhos, em uma última tentativa pela sobrevivência ou para lhes dar uma mísera e improvável oportunidade de permanecer com vida.

Iain e Sheenna, Inis e Ione, abraçavam a seus pequenos que afundavam suas cabecinhas em seus ventres ou entre suas pernas, e que só abriam a boca para dizer que tinham medo. Aquelas máquinas de matar tão belas baixavam os braços e as armas para estar junto dos seus entes queridos e para lhes dizer por cima da dor e do adeus que os amavam. E era um gesto tão nobre como os daqueles que decidiam lutar.

Por que, quem não temia a morte? E, como se podia julgar aos que, depois de milênios de luta, tomavam a decisão de viver seus últimos minutos de vida como quisessem, em calma, e em paz, unidos aos seres que amava?

Ninguém. Ninguém devia.

As sacerdotisas se compadeciam de como as vanirias deviam se sentir, depois de tão difícil que era para elas conceber um filho, saber que iam acabar com a vida de seus meninos e que não iam desfrutar deles. Certamente que doeria mais que suas próprias mortes.

Tomou ar para tentar acalmar a dor de seu coração e engoliu a angústia de ver-se nos últimos momentos de vida. Deviam reagir e apressar-se para deixar sua mensagem no ar e que esta chegasse alta e clara a Cedro e Daphne, porque, apesar de estarem a um suspiro do sono eterno, não deviam descuidar do seu dever com seus códigos e com sua deusa, a que sempre serviram e pela qual sempre viveram e brigaram.

Sua promessa e juramento estava acima de todo o resto.

— Irmãs — pronunciou Tea com solenidade — Não resta tempo. Daqui a pouco teremos os carrascos de Loki aqui conosco, e pouco ou nada poderemos fazer. Mas não vamos evitar nossa missão de vida, que é honrar à deusa e à mãe Terra até a última expiração. É agora — disse contundente —, quando cai sobre nós a lâmina da verdade e quando chega o nosso momento. Vamos morrer. — sentenciou, elevando o queixo sem medo.

Nesse instante, ninguém a contrariaria. Era a única realidade que restava. Não sobreviveriam ao ataque dos jotuns. Ninguém dali o faria. Portanto, o final aparecia com descaramento. Amaia e Dyra cravaram o olhar triste no chão escuro. O silêncio era horrível, todos estavam atentos aos ruídos que cada vez soavam mais perto, sinal de que seus verdugos avançavam.

— Devemos fazer já — continuou Tea — Temos nossos canalizadores?

Elas responderam levando a mão livre ao frasco que pendia de seus pescoços, presos por uma corda de couro marrom. Em seu interior, coberto por um vidro transparente, descansava uma areia fina dourada, de textura similar ao pó de estrelas.

Levavam-os com elas há uma semana, sabendo que o Armagedom estava vindo, e que teriam pouco tempo para agir.

— Vamos fazer agora. — pediu Amaia fechando os olhos.

As três mulheres, sob a plausível e solene penumbra do bûnker, tomaram seus frascos com a mão direita e uniram suas mãos esquerdas no centro do tridente.

Em seu interior havia pó de grafeno, um mineral altamente condutor que iriam usar para transmitir uma notícia através do ar.

— Ora você, Tea — disse Dyra, sem poder dissimular a ansiedade em sua voz.

Tea, com seu cabelo comprido agora preso em um coque, vestida com a túnica branca e larga que caracterizava a sua irmandade, segurou as mãos esquerdas de suas irmãs e as animou a que ambas unissem suas testas.

— Com as palavras, daremos intenção — disse, com uma voz sussurrante, para que apenas elas ouvissem — Com a intenção, criaremos a oração. E da oração nascerá o feitiço. Que as irmãs do mundo leiam e escutem a nossa mensagem. As três das Highlands se despedem e pedimos as que tomem nosso legado que, atendendo aos intuitos de Nerthus, ajam como devido. As runas falam de um homem que vai em busca de algo que perdeu e que nossas irmãs têm protegido. Já não outra esperança além dessa. Atendam a esta mensagem e ajudem as peças a se encaixar — as três abriram o frasquinho, deixaram cair o pó de seu interior e sopraram, para que este se elevasse por cima de suas cabeças. Ao mesmo tempo, desenharam com seus dedos, no ar, uma letra parecida com *f*, símbolo da runa Ansuz, signo das mensagens, dos presentes e dos símbolos. O pó de grafeno voou até que encontrou uma pequena fresta pela qual viajaria, e desapareceu do bûnker. Depois, as três voltaram a dar as mãos. — Nós, as irmãs Dyra, Amaia e Tea dizemos adeus, com a esperança de que nossas almas, em outro momento, em outra era, em outro despertar — pronunciou, em meio a um lamento s— voltem a se unir. Porque não quero outra família que não esta — sentenciou, abrindo os olhos e olhando com amor e infinito agradecimento às suas duas companheiras.

Deram um abraço conjunto..

Tea ergueu a cabeça e viu, encolhidas, as quatro humanas que cuidaram daquele lugar, cúmplices de seus segredos e de todas as ações que empreendiam. Heroínas anônimas da guerra silenciosa de mundos de luz e escuridão que se dava naquele reino. Lorena, Lourdes, Ana e Emejota choravam em silêncio, encostadas umas às outras, aterrorizadas por essa ocasião e esse silêncio que precediam à morte.

— Irmãs —Tea as chamou, abrindo os braços — Venham aqui. Faremos a viagem juntas.

As garotas fungaram e de um salto correram aos braços protetores de Tea, que os abria como uma galinha abria suas asas para proteger a seus pintinhos.

A porta metálica do bûnker, de metros de grossura, era esmurrada com força. O chão sob os pés dos que ali se escondiam tremeu e sacudiu pela força dos pûrs, que abriam buracos em suas camadas. As crianças começaram a gritar

e a chorar, e seus pais os cobriram com seus corpos, acreditando que essa carapaça os protegeriam da dor.

Mas já não havia salvação.

— Não há medo nem vergonha na morte — sussurrou Tea, inclinando a cabeça para trás e falando do profundo de sua alma — Chega para todos.. É nosso direito viver e escolher do lado estamos, e é nosso direito decidir como partimos. Obrigada por tudo, irmãs. Eu amo vocês. — A porta do búnker voou pelos ares, e antes que os lobachos, etones e purs cometessem outro genocídio, a anciã exclamou: — Por um novo amanhecer!

Despertou de repente, em guarda, como sempre fazia, como se não fosse capaz de descansar em paz e a quietude nunca se aliasse a ela. Afastou o cabelo negro do rosto e apalpou com a ponta de seus dedos sua pele suada.

Aquele sonho, como os das noites anteriores, tinha sido diferente. Desta vez, o desconhecido envolto em névoa, difícil de elucidar, o mesmo que sempre a aturdiu e a perseguiu no mundo astral, chamando-a e lhe pedindo que fosse procurá-lo, aproximou-se mais do que deveria e tinha pronunciado seu nome. “Jade”, lhe havia dito.

Ela se sentiu presa com ele em seu próprio sonho, imóvel pela intensidade de seus olhos lilás que a atravessavam até o ponto em que pareciam saber mais dela do que ela sabia de si mesma. Seu cabelo negro e comprido balançava com vento, como se voasse para sua cama, e entre seus lábios pôde apreciar a parte afiada de duas presas brancas e bicudas.

Por isso despertou de repente, açoitada pela sensação de ser assediada por um deles. Desses inomináveis. Ela, uma princesa de sua raça, uma loba imortal, jamais podia ter contato com seres de sua índole. Com esses que se faziam chamar vanirios e que eram tão malvados ou mais que os vampiros. Os de seu clã a mantinham afastada das brigas e das lutas que sabia que prodigalizavam ao redor contra monstros dessa espécie que matavam frequentemente humanos, e mais agora quando o mundo tinha entrado em uma guerra com esses seres e seus seguidores. A superprotegiam, não cabia dúvida, porque ela era uma mulher muito apreciada para os seus. A única de uma linhagem pura aniquilada; a única a que tinham deixado com vida depois de um terrível ataque dos vanirios na Inglaterra. Um ataque onde toda sua família morreu. Mas, graças à misericórdia de humanos como o senhor Francesc e sobretudo graças aos cuidados do Daniel, tinha podido seguir adiante, e ser aceita por outro clã no Norte da Espanha.

E ali, em Urbasa, era onde vivia. Rodeada de berserkers como ela, que a amavam e a respeitavam e, acima de tudo, lutavam por mantê-la viva.

Levantou-se da cama e arrastou os pés descalços pelo carpete. Queria ver através da janela como seguia a noite, se o céu continuava com essa cor granada e ameaçadora. “Céu de sangue” diziam suas amigas.

E, sim. Continuava assim.

Bom, era o presságio de uma batalha anunciada entre as forças do bem e do mal. E os berserkers e os humanos eram o bem, e todos outros, incluídos os vanirios, eram o mal. Mas não iam permitir que os maus vencessem. Aquele era seu lar e, se em algum momento tivesse que lutar, faria-o.

No céu, os abutres, corvos e falcões, que migravam devido à ameaça dessa mudança climática em todo o círculo, já avisavam de uma batalha próxima.

Jade, ligeiramente ausente, recordando os olhos lilás de seu pesadelo, coçou o interior do pulso.. Olhou-o com atenção, apalpou sua pele suave e jovem, assombrada de não ter nenhuma vermelhidão. Não entendia por que sempre ardia, se ali não tinha nada, nem sequer um eczema.

Em sua casa, no alto daquela serra, podia vislumbrar uma paisagem de terrenos planos, rochedos e bosques, cobertos pela espessa camada de bruma que ocultava o que acontecesse sob ela. Terra de mistério, o lar das faias, dos teixos, dos freixos e muitos tipos de árvores mais.

Através das faias, de seus chãos, emergiam roseiras silvestres, orquídeas e anêmonas que ela adorava contemplar, e também, em contraposição, espinheiros. Pois naquele lugar vivia o belo e o perigoso em harmonia, do mesmo modo que não podia tocar uma rosa sem se furar com seus espinhos.

Daniel não demoraria muito em chegar de sua viagem aos Balcãs e lhe traria notícias de como continuava o mundo, enquanto ela permanecia a salvo sob os muros de pedra natural da fortaleza em que vivia.

Mas Jade também era rebelde, não obedecia às ordens às cegas. Era uma mulher ousada e intrépida, para desgraça de seus protetores, e talvez essa noite não gostasse de ficar presa em seu castelo, pois a ansiedade pelo sonho que tinha tido a perseguiu mais que a proibição de Daniel e seu clã de sair em altas horas da madrugada.

Tirou a camisola pela cabeça e vestiu uma calça preta justa, suas botas de montanha e um pulôver vermelho e grosso com capuz. Outras mulheres passariam frio, mas não ela, já que, na noite antes da lua cheia, sua temperatura corporal subia vários graus, como se seu corpo entrasse em erupção como um vulcão. Uma das muitas vicissitudes de ser diferente e de uma espécie em extinção.

Graças a Daniel pôde aprender a compreender sua natureza, mas não foi fácil, pois no princípio não confiava em ninguém, já que não recordava nada do que lhe tinha acontecido nem tampouco sabia quem era. Perdeu por completo a identidade, mas Daniel a ajudou a construir seu passado e seu presente. Dava graças por tê-lo conhecido e porque havia seres com tanta bondade e tanto desinteresse para ajudar os outros e dedicar-se a recuperá-los.

Por isso, procuraria chegar a sua casa antes que Daniel retornasse. Não queria fazê-lo se zangar de novo por suas escapadas, porque, embora fosse humano, tinha um temperamento de mil demônios. Assim, prendeu o cabelo liso em um rabo de cavalo alto, abriu a janela com cautela, sem fazer muito ruído, e subiu no parapeito para dar um salto de quinze metros até o chão, e cair de pé, como só as lobas, como ela, sabiam fazer.

Quando começou a correr não lhe pareceu tão ruim o que estava fazendo. Precisava falar com as únicas mulheres com as quais podia conversar sobre tudo. Desceria colina abaixo, como uma alma descarrilada, deixando para trás atalhos e riachos e árvores tão altas que poderiam tocar o céu, para chegar à encantadora casa que regia seus pilares naquela terra; suas amigas, confidentes e protetoras.

Talvez elas soubessem lhe dizer por fim por que razão sonhava com um vanirio desconhecido, um inimigo que ia em sua busca no mundo dos sonhos.

Porque Jade sabia muito bem quais eram seus inimigos, mas era honesta e sensata e não podia negar que aquele homem, cujos olhos a deixavam nervosa, também possuía uma voz que a fazia pensar em uma vida que não lhe pertencia.

E isso era impossível, fruto, certamente, de algum jogo mental de vanirios e nosferatus. Por isso devia impedi-lo.

As duas mulheres se agasalharam com seus mantos enquanto perdiam o olhar no horizonte que trazia notícias infelizes. Já eram velhas, um par de anciãs do povoado. Viviam no nascedouro da Urederra desde bem pequeninas, e ali tinham crescido envoltas em tradições, ensinamentos ancestrais e dedicação à Deusa.

Naquele lugar, naquela formosa vila ao pé da montanha, já não havia sinal telefônico nem televisão. As casas estavam iluminadas somente pelos antigos lampiões de óleo. As pessoas se recolhiam ao redor das chaminés, com toda a família, para encontrar o calor e atenuar o medo que o caos reinante no mundo exterior os estava provocando.

E, certamente, supunham elas, haveria a mesma imagem em todos os lares do resto do planeta, angustiados pela crescente incerteza e pelo terror que sentiam pela morte; com medo de que se apagasse a luz para sempre.

Desconheciam o que estava acontecendo, nem qual o estado da Europa, nem se a greta tinha partido em dois mais países além da Inglaterra, porque, depois de observar, as notícias enquanto tinham sinal, todo tipo de comunicação nacional ou internacional tinha ficado fora do ar. E já passaram muitos dias assim. Sem saberem de nada.

Portanto, estavam isolados completamente, à mercê de um destino incerto e desolador.

Daphne, de cabelo curto, branco e encaracolado, entrecerrou os olhos verdes para escutar a mensagem que o vento transportava e fazia chegar a seus ouvidos. A seu lado, Cedro, mais miúda que ela e com o cabelo mediano tingido

de cor laranja, (embora fosse da mesma idade) enlaçava o braço ao de sua irmã, e rezava pelas almas das sacerdotisas que acabavam de sucumbir.

Elas sabiam quando uma irmã perecia e quando deixavam um “recado” no ar. Tea, Dyra e Amaia acabavam de lhes enviar um.

Conheceram-nas uma vez, quando pequenas, em uma reunião sobre a Deusa que tiveram no Sul da França. Ali se vincularam e se uniram a Nerthus, mediante ritos ancestrais. Comunicavam-se com ela através das runas, embora nunca a tinham visto. Sentido, sim, mas jamais a deusa Vanir as honrou com sua presença.

Seu laço com Nerthus as vinculava espiritualmente, por isso sentiam umas às outras, estivessem onde estivessem. Por aquele motivo, podiam escutar no vento as palavras de suas três irmãs, que acabavam de morrer pelas mãos dos jotuns e que as avisavam da urgência do momento e da necessidade de que ativassem sua missão pessoal.

— As três se foram — lamentou Cedro, triste pela notícia.

— Sim — Daphne se agasalhou com o poncho negro, cobrindo melhor os ombros, e deu meia volta para se afastar do precipício e dirigir-se à sua casa — Vamos, *piuthar*. Não temos tempo a perder. A menina vem nos ver — anunciou, apressando o passo.

— Já sei que a menina vem nos ver — replicou Cedro. Tinha a mesma intuição e os mesmos dons que sua irmã — Mas, o que vamos fazer? As matronas nos advertem da importância de nosso papel, mas...

Daphne tomou a sua irmã pelo braço e a puxou, como duas velhas fofoqueiras do povoado.

— Sei o mesmo que você. Até agora estivemos com ela, protegendo-a. Mas se tiver chegado o momento... deveremos pôr mãos à obra. Consultemos as runas antes que a moça chegue.

— De acordo — assenti, embora os nervos a corroíssem.

Entretanto, quando chegaram à solene porta de sua casa antiga, encontraram-se com a jovem de quem deveriam cuidar depois de um pedido da deusa, feito há mais de vinte anos.

Cedro sorriu de orelha a orelha, como sempre fazia, dissimulando seu sobressalto.

— Jade — a saudou.

A beldade morena de olhos verdes lhes devolveu a saudação com um gesto de seu queixo.

— Lamento a hora da visita — se desculpou, observando a noite fechada.

— Oh, não se preocupe por isso, querida — disse Daphne, entrelaçando o braço com o dela — Nós sempre respondemos ao seu chamado. O que aconteceu?

— Voltei a sonhar com ele. Mas, desta vez, ele falou comigo e me olhou diretamente nos olhos.

As duas sacerdotisas se olharam com cautela, mas não acrescentaram nada mais. A consulta às suas runas, acompanhada de um de seus chás

curadores as sossehariam, se é que havia algum tipo de quietude nesses dias de escuridão e maus prenúncios.

Como sempre fazia quando as visitava, passou pelo corredor de pedra, cujas paredes eram decoradas com quadros antigos, de mulheres que pareciam feiticeiras. Depois da entradinha havia uma enorme sala rústica, cuja chaminé estava sempre acesa. E ali sentava-se frente a elas, na poltrona de braços de cor borgonha, e explicava tudo o que sonhava e acontecia.

Todas suas inquietações, pois as tinha, apesar de ser um ser sobrenatural.

Às vezes, Jade se surpreendia com o quanto tinha estreitado laços com aquelas mulheres mais velhas, e por se sentir tão vinculada a elas.

Desde aquela vez que desceu ao povoado, quase cinco anos atrás, procurando um remédio para as horríveis enxaquecas que sofria, que ninguém conseguia dar fim, e encontrou Daphne e Cedro vendendo produtos naturais e geleias caseiras em uma parada de Urederra, e ambas adivinharam o que lhe acontecia assim que a viu, nasceu uma amizade apoiada na confiança e nas confidências.

As mulheres eram muito sábias e versadas em medicina tradicional e também em magia e em runas. Foram elas que a advertiram da guerra que chegaria entre os seres do bem e do mal. E a guerra acabava de chegar.

Aquela não era uma relação que Daniel gostava muito, dado que ninguém devia saber o que ela e o resto de seu clã eram, ou os colocariam em perigo. Entretanto, Jade fez ouvidos surdos de sua advertência e decidiu continuar visitando as duas anciãs, porque sua companhia a tranquilizava e a enchia de paz.

Elas intuía parte de sua natureza, mas de jeito nenhum sabiam a verdade. Diziam que era uma *nahual*, uma pessoa que compartilhava duas naturezas em um só corpo. A de humana e a de animal. Mas Jade sabia que falavam em sentido figurado, fazendo referência a aspectos psicológicos e emocionais, não aos físicos.

Era uma maneira de falar. Se Daphne e Cedro soubessem na verdade o quanto ela tinha do físico de um lobo, contariam a todo mundo. Não porque não acreditassem nisso, mas sim por ter mantido em segredo durante tanto tempo. Sentiriam-se decepcionadas e enganadas por ela.

— Prepararei uma infusão para você — disse-lhe Daphne, enquanto Cedro se sentava diante dela.

Suas infusões eram maravilhosas. Faziam-na sentir em paz e em calma assim que as provava. Estava desejando que um de seus goles esquentasse seu corpo que estava um pouco rígido e intumescido por aquele pesadelo que tão a tinha deixado tão inquieta.

— Seu carcereiro já chegou? — perguntou Cedro, enquanto preparava a mesa para tomar o chá.

Jade sorriu diante da provocação.

Nenhuma das duas gostava de Daniel. Diziam que esse homem a controlava muito e que não era flor que se cheire. Não entendiam por que ela tinha que viver em seu castelo, no meio de tantos homens. Mas ela não ia explicar. Não esquecia que as duas mulheres eram humanas e que os humanos tinham limites de compreensão. Como iam acreditar e entender que haviam seres sobrenaturais no meio deles que não eram abusadores, mas sim, protetores? Nem sequer duas curadoras que faziam seus progressos com as runas e cortejavam com a magia, acreditariam em berserkers.

— Não. Chega hoje mesmo, de madrugada — respondeu Jade.

— Espero que tenha conseguido retornar sem problemas de onde quer que esteve. O mundo não é mais um lugar bonito para se viver. As imagens que chegaram da Inglaterra antes de cair o sinal eram terríveis. Esses seres que saíam de debaixo da terra... — sussurrou Cedro, enojada. Sacudiu a cabeça para apagar a imagem de sua mente, e seu cabelo vermelho se alvoroçou — Parece mentira que algo assim possa existir. O véu dos mundos caiu — acrescentou. Elevou seu pequeno dedo indicador — *“O oculto se fará visível”*, disseram as runas.

Daphne suspirou, perto do fogão antigo a gás em sua cozinha. Por isso ainda podia cozinhar, já que nada elétrico funcionava, devido aos tremores e aos danos que essa queda energética causou nas centrais de distribuição de energia.

— Estamos à mercê de nosso destino. Não temos nada a fazer contra esses monstros.. Não importa que aqui no povoado afiem lanças e carreguem escopetas como se fôssemos capazes de sair com vida. Se houver magia nos serem que nos atacam, nada que não seja mágico poderá matá-los. E nós, como humanos, temos pouco de mágicos.

— Vocês sim têm magia — protestou Jade.

— Mas nossa magia não é bélica, não temos dons para lutar. Carregamos dons para proteger, ler os destinos e curar. Mas, em uma luta corpo a corpo contra esses seres... Nem com uma varinha mágica, querida. Não temos uma só oportunidade.

— Não permitirei que lhes aconteça nada — esclareceu Jade do sofá — Se chegarem aqui, as esconderei no castelo. Esconderemos todo o povo e os protegeremos. Há muitíssimo espaço para todos.

— Se esse fosse o caso, menina... — Cedro estendeu sua mão e tomou a dela — Oh, nossa, está queimando — interrompeu o que ia dizer.

— Bem, sim — Jade não ia ocultar.

— Está bem?

— São... meus ciclos menstruais. Amanhã começam, e quando chegam, sempre fico com febre.

A anciã aceitou essa explicação e não insistiu mais.

— O que ia dizer é que, se esse fosse o caso, não duvido que você nos ofereceria sua ajuda. Mas não acredito que o senhor Daniel e esses irmãos robustos e estúpidos que ele tem se darão ao trabalho. São como cães de mau

humor. Tornaram-se mais antissociais com o passar do tempo. Como se descer ao povoado signifique misturar-se com personas *non grata*. Inclusive aqueles do povoado que foram trabalhar em seus terrenos mudaram a jeito de ser. Todos parecem estar de mau humor. Não notou? A única agradável é você — reconheceu.

— E não acho que, no caso de Urederra ser afetada pelos acontecimentos, não ofereceriam sua ajuda e seus meios para salvar às pessoas — replicou Jade, ofendida.

Daphne sorriu condescendente.

— Eles, minha menina, protegem a você, mas não aos outros.

— Não diga isso, Daphne. Eles ajudarão.

Ajudariam como faziam: matando os lobachos que causavam baixas e desaparecimentos no povoado. Esses malditos estavam dispersados por toda parte, e se não fosse pelos guardas e as noites de caça de seus companheiros berserkers, muitíssimas mais baixas teriam acontecido nos vizinhos das montanhas de Urbasa. Muito tinha que agradecer a seus heróis anônimos.

— Bom, no momento só resta rezar e esperar que alguém, seja como for, encontre um modo de vencer e de deter o que parece incontrollável — explicou Daphne, carregando uma bandeja com três xícaras. Uma para cada uma — Nossa Mãe Terra nos sustentará enquanto houver vida — assegurou, esperando que cada uma tomasse o seu. Quando o fizeram, deixou a bandeja vazia sobre a mesa e tomou um gole de sua xícara, olhando para Jade por cima da porcelana — Só esperamos que haja esperança. Por mais ínfima que seja, nos agarraremos a ela.

Jade fez o mesmo. Sabia que seu clã lutaria e ajudaria protege-los no caso de que o fim também respingasse nessa parte de seu mundo.

Daniel a tinha assegurado que eles sempre estariam protegidos, pois tinham búnkeres sob a terra, blindados e inquebráveis aos quais ninguém poderia acessar. Ele queria a proteção dos berserkers. E a dela.

A humanidade de Daniel era extremamente compassiva. E aquele era seu traço mais admirável.

Primeiro foi seu pai, Francesc, que lhe deu proteção, depois foi ele. E nunca deixou de ajudá-la e mantê-la a salvo. Para ele, cuidar deles era um ato necessário, pois saber de sua existência fazia a vida e o mundo mortal mais suportável, menos cinza, e com muito mais possibilidades. Por isso estava dedicando sua vida a entender suas origens e estudar seu DNA. Porque, com isso, poderia ajudar a muito mais gente em um futuro. Quem sabia que tipo de vacinas poderiam obter de seu sangue? Seu trabalho era, simplesmente, elogiável.

Mas Jade compreendia que houvessem pessoas que não acreditavam na bondade desinteressada de outros. Daí que Cedro e Daphne tivessem seus receios. E não as culpava.

— Bom. Conte-nos o que sonhou — urgiu Cedro, esquentando as mãos com o chá.

— Ele pronunciou meu nome — disse, simplesmente — E olhou nos meus olhos diretamente. Parecia que estava voando e que vinha para mim.

— Nossa. Isto é diferente — murmurou a de cabelo laranja, puxando uma bolsinha de tecido negro. Esvaziou-a e deixou que as runas de marfim caíssem sobre um manto granada — Até agora sempre o viu em um lugar escuro, e ele nunca fez contato visual com você.

— Sim.

— E agora o vê livre, e te chamou por seu nome.

— Assim é — assumiu, observando as runas.

— As mexa — pediu a anciã.

Jade as remexeu. Em seguida, Cedro voltou a colocá-las na bolsa e a sacudiu como se quisesse fazer uma vitamina.

— E como ele é? — quis saber Daphne, olhando para Jade penetrantemente.

Jade podia lhe dar uma resposta. Poderia dizer que era incrivelmente lindo e selvagem. Que havia algo nele que a inquietava, a alertava e a alterava. E, por último, diria que esse desconhecido tinha presas e que era um vanirio, um irmão de sangue dos nosferatus. Mas aquilo era dar muita informação.

— Eu não gosto dele — concluiu — Me sinto assediada por ele.

— Certamente que é o mesmo homem com quem vem sonhando há tanto tempo?

— Sim.

— E como tem tanta certeza se sempre o via rodeado de penumbra e névoa?

“Porque era inquestionável e, além disso, inequívoco. Era ele”.

— Porque sinto o mesmo que sentia todas as demais noites. Pediu que retorne para ele.

— Oh — as duas sacerdotisas arquearam suas sobrancelhas brancas — Pediu que retorne a ele. Por acaso alguma vez foi para seu lado?

— Não, é óbvio que não — resolveu Jade, nervosa — Não gosto desse homem, deixa-me muito nervosa. Não sei quem é nem o que quer de mim.

— Sente-o como uma ameaça?

— Sim — afirmou Jade.

— Se for uma energia astral —assumiu Cedro, atenta ao que iam dizer as runas —, a única coisa que poderemos fazer por você é te desenhar um filtro dos sonhos. Mas, se for uma lembrança de outra vida...

— Outra vida?

— Sim. Uma vida passada. Não acredita na reencarnação?

— Sim — sim, acreditava. Mas como imortal, sabia que não estava entre suas opções. Não podia morrer.

— Se for uma lembrança de outra vida, tem que deixar vivê-la em seus sonhos. Porque talvez sofra um bloqueio e seu subconsciente não te permita

experimental mais —apontou sua própria tēmpora — E há tanto que aprender das vidas passadas... Agora, bem, se a ameaça for real, terá que ver o que ditam as runas, porque, se for assim, se esse homem existir, aparecerá aqui — sacudiu a bolsinha. — Está preparada?

Jade assentiu.

— Bem. Se concentre nele e vejamos o que dizem os símbolos do destino, da vida e da morte.

IV

Urederra

As runas tinham falado, e pouco ou nada puderam dizer Cedro e Daphne do que de verdade escondiam seus sinais, pois estavam muito claros. Um reencontro. Uma escolha. Uma invocação. E a última esperança.

E não uma esperança qualquer. A “última”.

As duas irmãs permaneciam coladas à janela aceitando o que as pedras mágicas disseram, compreendendo qual era seu papel e o que lhes cabia fazer.

Sempre souberam, como sacerdotisas, que a alma que deviam proteger e guiar era a de Jade. E sabiam porque assim indicou Nerthus, através de suas runas. Nelas, a Deusa lhes dizia que não a perdessem de vista e que estivessem sempre ali para ela.

Nada era por acaso. Nem o lugar onde viviam, nem terem estado no povoado adequado e no momento adequado quando conheceram Jade...

As sacerdotisas *matronae* deviam aceitar seu destino e, para levá-lo a cabo e entregar sua vida à Deusa, tinham que tomar os passos adequados.

Cinco anos atrás encontraram Jade, seu “recado”. Durante esse tempo ganharam sua confiança, construíram os alicerces de seu carinho e sua amizade, protegeram-na com feitiços e sortilégios que ela nunca conheceria e nem descobriria, e deixaram que o tempo passasse até que por fim recebessem o sinal.

O sinal tinha chegado pela mensagem no vento de suas irmãs mortas em batalha, que as apressavam para que fizessem o que tivessem que fazer com seu recado; a leitura de runas que Jade tinha pedido, juntamente com o seu sonho com o homem misterioso, acabavam de lhes dar o impulso final.

Agora invocariam Nerthus, porque era a ela a quem deviam confiar a jovem.

Entretanto, não puderam dizer nada disto à moça de beleza selvagem, já que a última runa lançada as proibia de revelar o que foi lido até uma nova ordem. Ordem que, com toda probabilidade, seria executada por sua Deusa em algum momento.

Assim, com toda aquela informação obtida, tiveram de dizer a Jade o que leram, mas pela metade.

— Tem um reencontro e deverá tomar uma decisão importante.

Elas sabiam que esse reencontro tinha a ver diretamente com o misterioso homem de seus sonhos, e que a decisão que devia tomar, dada por duas figuras masculinas, era a de posicionar-se de um lado ou outro. Do lado de quem estava? Aquela era a pergunta.

Como as runas eram correlativas e se eram lidas em ordem, pelo menos do modo em que Cedro as atirava, sabiam que primeiro deviam cumprir-se, ao menos, as duas primeiras partes para realizar a invocação.

Jade e seu homem misterioso tinham em suas mãos a última esperança da humanidade. Essa jovem, a que tanto amavam e que estava marcada pela Deusa, tinha uma missão, e as sacerdotisas não podiam acreditar no fato de que tinham guardado e protegido algo tão valioso para o desenvolvimento do destino. O que os dois deviam fazer e como deviam fazê-lo era algo que as *matronae* desconheciam.

Enquanto isso, esperariam. Não havia tempo. Só duas luas. Duas luas era o tempo de que dispunham antes que o mundo e a humanidade desaparecessem.

E tudo estava nas mãos da moça morena e de olhos enfeitiçados que, com a informação e os conselhos pela metade, retornava correndo, através da montanha, até seu castelo, antes que seu carcereiro percebesse que tinha escapado.

Daniel seria bom para ela, o melhor. Mas Cedro e Daphne tinham sua opinião, e mais sabia o Diabo por velho que por ser Diabo.

Esperariam os acontecimentos como espectadoras, e a seguiriam com seu feitiço de localização para não perdê-la de vista.

Jade carregava um brilhante verde pendurado no pescoço. Elas o deram de presente. Mas o que a garota não sabia era que esse amuleto tinha o poder de lhes dizer onde estava a todo o momento.

Como iriam protegê-la?

—Não há tempo —murmurou Daphne acariciando o pingente guia com as pontas dos dedos — São somente duas noites. Passadas essas duas noites, se não houver sinal de um novo amanhecer, tudo desaparecerá.

Cedro passou a mão por seu cabelo laranja e deu de ombros.

— Devemos preparar a caverna para invocar a Deusa. Não podemos fazer outra coisa e me nego a ficar de braços cruzados esperando ter notícias de Jade de novo. Temos que arrancar horas do tempo, irmã.

— Tem razão — respondeu Daphne, fechando as cortinas. Deu meia volta e cravou os olhos no fogo da chaminé — Preparemos as tochas. Teremos que caminhar pelo bosque e achar o lugar apropriado para a chegada de Nerthus.

Jade corria intranquila pelo bosque. Rápida e veloz, esperava chegar ao castelo antes de Daniel. Tinha-o cheirado, estava muito perto, e se não fizesse um último esforço, seu protetor descobriria e ficaria decepcionado por tê-lo desobedecido.

E não queria entristecê-lo.

Mas precisava falar com suas amigas, as únicas que tinha ali. Elas e seus conselhos a ajudavam a suportar o confinamento, a superproteção e também as dúvidas e inseguranças. Porque Jade também tinha dúvidas, provocadas por seus próprios sonhos, e não só pelos que tinha diariamente sobre o homem misterioso.

Também tinha outros, onde apareciam pessoas que lhe eram estranhamente familiares, apesar de ter os rostos imprecisos, que faziam parte de um passado que ela não recordava. Talvez também fossem retalhos de vidas passadas, tal e como diziam suas duas amigas. Mas, não. Por suas roupas, pelos lugares, pelo contexto... Sejam quem fossem, não eram de um passado remoto. Certamente seriam indivíduos que ela conhecia e que morreram no ataque que sofreu há anos. Talvez fossem membros de seu clã, ou talvez somente fossem conhecidos. Sua mente não sabia associá-los nem identificá-los.

Que importância tinha? Fossem quem fossem, não estavam ali com ela. Já não faziam parte de sua realidade, e nunca fariam.

Sua realidade era Urbasa, seu clã, suas duas anciãs e Daniel, seu protetor. Nem podia nem se permitia ter tempo para nada mais.

Por isso ainda estava impressionada pelo que as runas haviam dito. Em um reencontro supunha-se que voltaria a se encontrar com alguém que já encontrou. E Jade não lembrava de ninguém de sua família nem de seu clã. Todos tinham

morrido. Francesc e Daniel disseram. Quem iria aparecer agora diante da morte para encontrar-se com ela?

E depois havia a escolha.

O que tinha que escolher? E por que essa decisão vinha marcada por dois homens?

Saltava as rochas com só um impulso, como gostava de fazer quando nenhum humano a observava. O chão estava salpicado de folhas amarelas, marrons, laranjas e avermelhadas, úmidas e dispostas como um manto cheio de contrastes.

Ali, sob a sombra das majestosas árvores, desfrutando da intimidade que lhe ofereciam, Jade exibia seus dons físicos, herança de uma genética única.

Dava cambalhotas pelos ares, impulsionava-se em ramos de árvores para virar de um lado a outro... Em suas escapadas, era livre. Tão livre como não se sentia em seu castelo.

Embora no exterior tampouco estivesse tão protegida como atrás dos muros de pedra, metal e concreto de sua fortaleza.

Então, sentiu uma faísca elétrica na mente, algo que já recordava ter sentido em seus sonhos.

E soube. Percebeu naquele instante, o exato momento em que deixou de sentir-se livre, para converter-se, de repente, em uma presa.

Olhou para cima, mas com o céu ainda escuro, não dava para ver completamente, pois as espessas árvores não permitiam.

Não precisava ser uma guerreira para dar-se conta de quando algo cheirava mal.

Quando sentiu o segundo impulso elétrico em sua cabeça, Jade acelerou o ritmo e correu, fugindo disso que desconhecia e ao mesmo tempo lhe era tão familiar.

Thor a encontrou.

Sua presença o atraiu como a um ímã. Seu corpo e seu aroma eram como o ponto quente localizado de um radar, que não parava de piscar e dizer “estou aqui”.

Da Inglaterra à Espanha.

Do sul do país inglês ao norte do país espanhol.

Tinha voado em um segundo e se deixou invadir pelas lembranças enquanto lia o livro de Jade. Guiado por elas, pelas palavras escritas no livro que o acalmaram como fazia seu sangue, e que o ajudaram a concentrar-se somente nela, até o ponto de sentir uma faísca de conexão mental com a qual conseguiu descobrir seu paradeiro.

A partir de então, só teve que seguir a esteira desse contato, suave e reconfortante como uma carícia.

Ao sobrevoar o topo rochoso daquela serra repleta de árvores e vegetação, Thor se deixou invadir e se deixou levar, como faziam os ratos com a música do flautista de Hammelin, pelo perfume que golpeava suas fossas nasais e também suas lembranças.

Era ela. Sua mulher. Sua *cáraid*.

Jade.

E estava ali embaixo, bem onde ele a ia interceptar.

A jovem corria com elegância e agilidade, tal e como a recordava. Jade era muito veloz, mas não tanto como ele. Era elegante na luta. E disciplinada. Porque a tinha ensinado a lutar, e a berserker acabou sendo uma excelente aluna. Agora, ela sabia que estava sendo perseguida por ele.

Thor desceu e penetrou entre os pinheiros.

E então, por fim, a viu. Depois de anos imaginando-a como um perfil etéreo, agora havia se tornado uma realidade evidente, com formas sólidas incrivelmente atrativas.

Jovem, bela e...viva. Ali estava ela. Com suas sobrancelhas negras, de formas elegantes e arqueadas, seu nariz pequeno, do qual ele sempre riu. Sua boca sedutora e frondosa. Seu queixo com aquela covinha que sempre o tinha enlouquecido. E os malditos olhos verdes e tão grandes que pareciam lhe ocupar toda o rosto. Verdes como a cor dos mares que tinha visto uma vez nas Ilhas daquele país.

Seu coração se deteve, impressionado por encontrar finalmente a sua companheira.

Sabia, sabia que não estava morta, porque iriam morrer juntos, tal e como se prometeram. E nem ela nem ele eram pessoas de quebrar promessas.

Quando caiu agachado bem atrás dela, oculto como um animal em guarda, cravou os dedos na terra negra e úmida e olhou à frente.

Às costas de sua mulher.

Jade se deteve abruptamente, de repente. Não queria dar um passo mais.

— Não vale a pena correr, princesa — disse com uma segurança espantosa — Aqui, ou em outro mundo, Jade, sempre a encontrarei.

A pele dela arrepiou. Aquela voz era subjugante, profunda e enlouquecedora, e tocava magistralmente cada um de seus nervos.

Tinha tentado escapar, mas esse homem era muito mais rápido que ela.

Notou em cada célula de seu corpo como despertava seu instinto e a faísca da perseguição. Daniel dizia que as mulheres berserkers não lutavam, que seus homens se encarregavam de brigar em seu nome.

Ela não sabia se estava de acordo ou não, já que suas sensações muitas vezes diziam o contrário. Precisava descarregar a adrenalina, correr, saltar, inclusive enfrentar aos de seu clã, que eram tão proibitivos e estavam tão cheios de testosterona. Às vezes, teria gostado de lhes dar uma boa surra. Mas não, em vez disso, cuidavam dela e a tinham sempre entre algodões.

E do que lhe servia isso se agora estava frente a um nosferatu ou vanirio? Como iria lutar contra ele? Para ela, eram o mesmo lixo. Inimigos mortais de seu clã. Infelizmente, não era uma boa guerreira. De fato, duvidava de que em sua outra vida, com sua família, alguém a tivesse ensinado a lutar.

Assim, só podia correr. E isso faria. Mas antes precisava entender o que e quem era esse homem.

— Quem é? E por que me conhece? — perguntou sem virar-se.

O rosto de Thor não denotou nenhuma surpresa. Nem tampouco impacto. Ao menos não física, embora internamente a revelação o tinha deixado perturbado.

— Pergunta quem sou? Por acaso não sabe?

— Acha que sou adivinha?

— Não lembra de mim?

— Deveria? — espetou, condescendente — Por que me persegue? Os vanirios e os nosferatus não deveriam entrar no território da colina do meu clã. Está proibido.

— Está de sacanagem! — murmurou, com voz letal.

De verdade? Ia ter tanta má sorte de reviver aquela época em que os dois desconfiavam um do outro só porque eram de clãs distintos? Não. Nem pensar. Não tinha suportado quinquênios de agonia para que ela dificultasse para ele.

— Não deveria estar aqui. E muito menos sozinho — Jade queria assustá-lo e fazê-lo ver que a seu redor haveriam vigias e guerreiros controlando-a a todo momento — Eles os vigiam. Vão matá-lo se me fizer algo.

Thor ainda processava parte da informação que lhe dava. Jade comparava a raça vaniria com a nosferatu, colocava-os mesma categoria.

Droga. Não lembrava dele de verdade. Era Jade, mas qualquer vínculo mental com ela estava destruído, desaparecido por completo, como se fosse uma mulher diferente.

Entretanto, se não acabaram com ele, puderam fazê-lo com ela. Sua loba estava ali, nas profundidades de sua mente, e nem morto ia deixá-la perdida e sem identidade. Amava-a. Ela era sua vida. Tinha que recuperá-la e ver que demônios fizeram com ela.

— Não se lembra de nada?

— Está se repetindo. O que você não entende é que se não partir daqui vão arrancar seu coração em um...?

Thor se moveu com tanta velocidade que a deixou impactada. Fazia um segundo estava tinha a três metros de distância e, em um piscar de olhos, estava à sua frente, segurando-a pelo queixo, mostrando as presas como um selvagem e estudando-a com aqueles olhos maravilhosos.

A sensação de sua mão roçando a pele de seu rosto a abrasou. Tentou retirar o rosto, mas ele a agarrou com mais força.

Vê-lo a machucava, porque eram os mesmos olhos de seu mundo astral, lilás e assustadores. Que bonitos eram... e que viscerais também. Era tão alto e

tão corpulento e largo... Suas sobrancelhas baixas tornavam seu olhar penetrante, com uma cor tão clara e incomum; seu nariz reto se alinhava em harmonia com o corte de seu queixo e o desenho dos seus lábios.

Engoliu em seco, impactada pelo que via.

— Jade, maldição. Sou eu. Nunca vire a cara para mim.

Ela empalideceu e comprovou que o homem de seus sonhos era autêntico e real. E estava ali, diante dela, falando como se a conhecesse.

Vestia um sobretudo cinza escuro e jeans. Debaixo do sobretudo, um pulôver negro de um tecido impermeável com gola alta, e depois, em seus pés, o mais ameaçador: umas botas militares com taxas metálicas nas pontas. E, mesmo assim, não ia ficar louca. Tinha que admitir que os homens com um rosto tão divino como o dele eram sempre os maus.

— Você não pode me tocar assim. — De repente, o empurrou pelo peito.

Era uma mulher berserker e tinha sua força. Surpreendeu-o ao fazê-lo perder o equilíbrio, e ela aproveitou esse momento para fugir e correr como a loba que era.

Entretanto, não chegou muito longe. Thor voltou a aparecer diante dela, barrando seu caminho, fazendo-a ver que não podia escapar dele. Era o homem mais rápido que tinha visto. Mais que qualquer membro de seu clã.

— Não pode fugir de mim, já disse isso.

— Está cavando sua própria sepultura — ela assegurou, acreditando em sua própria mentira. Onde estavam seus protetores quando os necessitava? — Virão atrás de você e o matarão.

— Não podem me matar se já estiver morto — se aproximou dela e inalou sua pele profundamente, com um desejo selvagem e obsceno — Estou morto há muitos anos. Pensando em que a única coisa que poderia obter minha ressurreição era te encontrar e conectar-me com você.

— Você está louco. Você e eu não nos conhecemos. — Mas ela sim o havia visto muitas vezes em sonhos.

Ele permaneceu calado, e a olhou como se fosse um brinquedo quebrado.

— O que fizeram com você? — fixou seus olhos em sua testa, como se assim pudesse compreender o funcionamento de seu cérebro atrofiado. E começou a receber informação bombardeada, pelo que ela acreditava que era sua vida, o que tinham plantado em sua mente desde que a tiraram dos laboratórios da Newscientists. Tiveram que trabalhar trocando suas lembranças e ancorando ideias, imagens e histórias fictícias em seu córtex, para que pudesse ser outra pessoa e esquecê-lo. Não entendia de outra maneira.

— Jade, afaste-se dele.

Uma voz atrás das árvores os alertou de que não estavam sozinhos e de que Jade não mentia. Estavam-na vigiando.

Thor inclinou a cabeça a um lado e olhou a seu alvo por cima do ombro da berserker. Estava frente a ele, a exatos vinte metros.

Usou seu dom para tentar descobrir quem era ele e, embora tenha demorado a lê-lo, pois sua mente não era como a do resto dos humanos, reconheceu sua identidade. Soube. O moreno de cabelo engomadinho, de compleição grande e com óculos, era Daniel Estuart. Tinha uma arma que parecia uma balestra. O laser se apoiava sobre o visor, e estava focado nele. Mas, para que o acertasse direto no coração, Jade tinha que afastar-se.

— Daniel... —murmurou a jovem.

O tom de salvação com o que falou incomodou tanto a Thor que só por isso proporcionaria uma morte lenta e dolorosa ao quatro-olhos.

— Daniel Estuart — anunciou Thor — Filho do Francesc Estuart. Segui seu rastro — ele explicou, passando a língua pela presa esquerda — Desde seu apartamento no Kazanlak, até aqui.

— Afaste-se dela — ordenou-lhe inflexível, seguindo-o com a ponta daquela espécie de balestra — Jade, disse que se afaste.

— Ela sabe o que tem feito? —inquiriu, escutando seus pensamentos. Esse cara tinha treinado e sabia proteger-se. E Thor, lastimosamente, estava muito esgotado e faminto para explorar seu dom além da conta. E então escutou mais vozes, como grunhidos ininteligíveis.

— Jade, venha aqui, querida —continuou Daniel, estirando seu braço para lhe oferecer sua mão —Venha comigo.

Thor a puxou pelo antebraço com força e espetou furioso:

— Ela não se move daqui. Agora que a encontrei não vai arrancá-la de mim. Nem você, nem os lobos que o seguem e que tem ao redor.

De entre as árvores apareceram lobachos enormes, como se os tivessem chamado. Thor não tinha visto nunca antes a nenhum daquele tamanho.

— Disse que meus berserkers viriam por mim — o recordou Jade.

Berserkers? Aquilo o desconcertou de novo. Que histórias tinha na cabeça, por Morrighan?

— *Moghraidh* — sussurrou ele em gaélico para que ela pudesse escutá-lo — Esses não são berserkers como você.

— Claro que são. É meu clã. Os que me protegem.

Thor balançou negativamente a cabeça enquanto tentava entrar na cabeça desses seres, mas tinham os circuitos muito parecidos, estranhos e difíceis de ler, ao menos, estando ele tão fraco.

— Que diabos são? —perguntou Thor mordaz.

— Disse que é meu clã de berserkers. São os que...

— Jade, estes não são berserkers! Abre os olhos! — ordenou-lhe.

— Mas quem é você para falar assim comigo? — protestou ela de repente.

— Sou seu marido, porra!

— Meu o quê? — empalideceu.

— Acredite em mim, já vi muitos berserkers e estes não são! São lobachos!

— Afaste-se, Jade! — gritou Daniel.

— Estão enganando-a! — insistiu o vanirio.

Tinha certeza que não ia acreditar. Aqueles personagens tinham trocado a maneira de pensar de sua companheira de vida, tinham transformado seus conceitos por completo. Por quê? Que trama tinha no meio disso?

— Jade, se afaste! — repetiu Daniel.

Mas não precisou que ela se afastasse. Thor a jogou para um lado, e não o fez suficientemente rápido para evitar receber o impacto de uma flecha em seu ombro, quando em realidade ia direto ao coração.

Os lobachos se atiraram em cima de Thor, rugindo como os monstros que eram, mas o vanirio, apesar de receber o impacto de outra flecha no estômago, conseguiu escapar mediante sua hipervelocidade e agarrou Jade nos braços para sair daquele bosque voando.

— Desça-me, monstro! — gritou Jade olhando para baixo, impactada pela altura que tomavam. Nunca tinha voado daquela maneira.

— Eu não sou mais monstro que os lobachos que estão lá embaixo. — respondeu, calmo.

— Não são lobachos!

— Nem eu sou o que você pensa. Os nosferatus são uma coisa e os vanirios são outra. Totalmente incomparáveis.

— É uma merda!

— Uma princesa como você soltando impropérios?

Jade o agarrou pelo cabelo e o puxou com força.

— Desça-me ou arranco sua cabeça.

— Se a deixo cair, quebrará o pescoço. Quer isso? É muito doloroso reencaixar as vértebras cervicais — advertiu.

— Prefiro morrer a estar com você.

— Pois lamento, mas não vai poder ser.

— Aonde me leva?!

— A um lugar onde possa beber de você.

Jade negou, sobressaltada e aterrada em partes iguais.

— Você não vai me morder.

Thor a olhou fixamente, lhe prometendo que o faria custasse o que custasse, porque seu sangue era a única coisa que poderia salvar os dois.

Abaixo, Daniel, impressionado pelo movimento que seus olhos mal puderam perceber, apontava com balestra a um ponto cego sobre sua cabeça, mas não ia ter a sorte de acertá-lo. Não ia encontrá-los.

— Merda! — gritou Daniel. Os lobachos o rodearam, esperando novas diretrizes. Dirigiu um último olhar ao céu que mal se via pelas frondosas e altas árvores, passou a mão com frustração pela cara, e depois acrescentou enquanto partia dali: — Vamos, tenho que ativar seu localizador. Temos que encontrá-la.

V

Sua cabeça ia explodir.

As vozes eram tantas que o som se converteu em linear e repetitivo, incômodo e muito desequilibrante para alguém cuja sanidade pendia por um fio.

As feridas das flechas, que continuavam cravadas dolorosamente em sua carne até alcançar os músculos, sangravam profusamente e o faziam perder a energia.

Estava fraco e esgotado, mas tinha que encontrar um lugar seguro para falar com Jade e descobrir como podia ajudá-la para que o reconhecesse. Porque

ele era seu homem, seu *cáraid*, e depois de tudo não ia permitir que ela o esquecesse com tanta facilidade.

Seu coração se rompia ao vê-la tão indiferente.

— Me solte!

Thor não ia soltá-la.

Sob eles se estendia um tapete verde e mostarda composto por freixos folhosos e exuberantes. Ele, que podia ler a toda mente vivente, acabava de escutar as vibrações cerebrais dos morcegos e seus especiais sons de comunicação e orientação. Graças a isso, dirigiu-se a uma das cavernas ocultas na serra. Os humanos a chamavam a *serra dos cristãos*, ele sabia, pela quantidade de pensamentos que o crivavam, procedentes de todas essas pessoas que pensavam que ocultar-se em uma gruta subterrânea poderia os salvar do final que se aproximava.

Quão perdidos estavam...

Se eles tivessem visto o que ele viu, não sonhariam com nenhum tipo de salvação. A morte se aproximava a passos largos e devastadores, e ninguém se livraria dela.

O planeta tinha estava com as horas contadas.

— Perguntei aonde me leva! — gritava Jade, esperneando.

Thor endureceu a mandíbula e caiu velozmente, como um míssil, lançando-se contra as árvores e as rochas, esquivando-os magistralmente, até adentrar por uma cavidade do penhasco que se escondia nas vísceras do bosque.

Estava a ponto de amanhecer, e ele era um vanirio. Não podia expor-se à luz do sol.

Depois das torturas sofridas em Shipka, podia assumir somente uma leve radiação, mas não continuada. E como estava tão fraco, o melhor era não arriscar-se e devia encontrar, por fim, um refúgio onde pudesse estar com Jade.

Necessitava-a de volta ou ele morreria e acabaria perdendo o juízo, porque eram milhões de vozes desconexas pedindo auxílio, aterradas.

Necessitava seu sangue. E não podia perder mais tempo.

Ao tocar a superfície rochosa e coberta de musgo do interior da gruta, Jade se soltou dele como se o contato com sua pessoa o enojasse.

Manteve distância, e ele permitiu. Na realidade, era o gesto de um predador que fazia o último favor à sua vítima. Embora ela não se tenha acovardado e continuou olhando-o de frente e desafiante.

— Por que não luta? — quis saber Thor — Te ensinei a fazê-lo. Era uma guerreira incrível.

Dedicou-lhe um olhar depreciativo, como se considerasse que estava louco varrido.

— Está se confundindo de pessoa, nosferatu.

— Sou um vanirio. Para mim é um insulto que me compare com eles.

— É a mesma coisa. Os movem os mesmos instintos e objetivos: o poder e a sede de sangue.

Ele sacudiu a cabeça, compadecendo-se dela.

— Sua mente... é uma autêntica incoerência. Não sei o que lhe fizeram — admitiu, tentando entrar nela para ver algo coerente. Mas as imagens que guardava de seu passado dançavam ante ele como ilusões. Etéreas e intangíveis. Não pareciam ser reais para ela. Sinal de que as tinham plantado ali, e que alguma vez as viveu — De verdade não lembra de mim?

— Não.

— E seu selo? — indagou olhando o interior nu de seu pulso.

— De que selo fala? — olhou os dedos, desprovidos de anéis.

— Seu *comharradh*.

— Meu o quê?

— Porra — grunhiu Thor, contrariado. Os deuses os tinham selado ao converterem-se em companheiros de vida. Thor arregaçou a manga do sobretudo e do pulôver de baixo e mostrou sua marca divina. Era um nó perene com uma gema em seu centro de cor verde, como os olhos de Jade, de um verde espetacular — Isto! — gritou, frustrado — Nossa vinculação! Você e eu somos companheiros de vida, *mo ál*. Minha bela.

— Não fale comigo em gaélico. É asqueroso — espetou procurando pelo canto do olho, nas paredes, alguma greta por onde pudesse escapar. Era menor que ele. Se entrasse em uma delas, ele não poderia entrar...

— Sei que está pensando em fugir — assegurou Thor — Não posso entrar completamente em sua cabeça porque parece estar destruída. Mas sei ler seus olhos e adianto a seus movimentos. E agora está tentando encontrar uma saída.

Jade não demonstrou surpresa diante daquelas palavras. Maldito vanirio manipulador.

— Não sei por que conhece meu nome, nem por que acha que vou acreditar em você. Mas suas mentiras não vão ter êxito comigo. Se tivesse uma estaca ou uma arma, mataria-o com minhas próprias mãos e o levaria ao inferno, junto a seus irmãos nosferatus. Tomara que... o sangue —apontou ao ver as duas flechas que tinha cravadas no corpo.

Thor arqueou uma sobrancelha negra, e quase desprovido de sentimentos e emoções como estava, sorriu maleficamente.

— Não sabe o que sou. Não conhece nossa relação. E não imagina o que necessito agora mesmo — sem contemplações, extraiu as flechas de seu próprio corpo e as deixou cair ao chão.

— Oh, sim sei — arguiu sem prestar atenção às suas feridas — Quer me matar até acabar com a única gota de meu sangue. Você gosta de exterminar — jogou na cara dele com dureza e desprezo. Seu rabo de cavalo alto se moveu de um lado ao outro de um modo sensual, o que ao vanirio não passou despercebido. Seus olhos lilás clarearam, sinal de que estava desejoso de prová-la.

— Deuses... — sussurrou Thor, dando um passo à frente, movido pelo egoísmo, a fome e o jubiloso desejo de estar frente à sua *cáraid* depois de tantos anos — Não tenho paciência para isto.

Atirou-se em cima de Jade até aprisioná-la contra a parede da caverna. Ela gritou surpreendida, arranhando seu rosto com força e puxando seu cabelo para afastá-lo.

— Não me toque!

— Você e eu somos companheiros de vida. E quando te provar e você me provar, não terá dúvida disso. O *comharradh* aparecerá.

— Pare!

Mas Thor era um trem descarrilado e incontrolável. Sua mente sofria uma pressão crescente que ameaçava fazer seus olhos e sua cabeça explodirem. E o antídoto para tanta dor e desespero estava ali, frente a seu nariz.

Em outra época, Jade teria se oferecido a ele sem obstáculos nem recriminações. Adorava entregar-se a ele.

Mas essa não era sua Jade. Sua essência estava perdida em algum lugar de sua cabeça, e se o sangue dos companheiros era tão milagroso como se assegurava, quando ela bebesse dele suas lembranças apareceriam feito ondas. E então, tudo se esclareceria nas mentes de ambos. Pois ele também tinha lacunas muito importantes e transcendentais.

Thor a agarrou pelo rabo de cavalo com uma mão e com a outra baixou a gola dobrada do pulôver de lã vermelha que ela vestia para expor assim sua garganta.

Grunhiu como um animal ante a histeria e a angústia da berserker, que não podia acreditar que um vanirio iria matá-la daquela maneira.

Ela, que era uma princesa para os de seu clã, única sobrevivente de uma massacre, ia perecer agora pelas mãos de um único vanirio assassino que lhe aparecia em sonhos. Como podia entender? Que final mais absurdo!

— Não! — gritou com todas suas forças.

Mas, nesse momento, as presas dessa besta lhe atravessaram a pele do pescoço. A dor aguda a esporeou e ao mesmo tempo a bloqueou da sensação. Mas, logo uma sensação estranha a deixou lânguida entre seus braços. O vanirio a tinha rodeado com força para que ela não escapasse.

Notava como lhe roubava o sangue sorvo a sorvo e como o medo e a raiva iam desaparecendo pouco a pouco de seu sistema, igual a sua hemoglobina.

Estava-a bebendo não com sede, mas sim com fome. Jade nunca imaginou que a dentada desses seres fosse tão estranha e prazerosa. Mas não devia se surpreender, pois eram indivíduos que jogavam muito bem suas cartas mediante seus poderes mentais e sabiam como relaxar a suas vítimas. Eram demônios disfarçados com as peles dos anjos.

Tentou lutar de novo, mas os braços pesavam e os joelhos cediam pouco a pouco.

Nervosa, não pôde fazer nada quando ele, sustentando-a com seu próprio corpo, levou suas mãos ao cóis da calça para descê-la pelas pernas.

Thor sempre necessitou tudo dela. Sempre.

Sabia os erros que cometeu quando estiveram juntos a primeira vez. Mas, no descontrole que se achava, era impossível que pudesse deter-se.

Não só tinha fome. Não só tinha sede. O desejo que despertava seu aroma de romã deixava-o completamente louco. Depois de décadas sem isso, poder desfrutá-lo em todo seu esplendor, sabendo o benéfico que seria para sua saúde mental, emocional e física, não achou razões morais para deter-se e não continuar.

Tinha que fazê-lo, embora teria gostado que seu encontro fosse tal e como ele sonhou. Um se atiraria em braços do outro, chorariam, amariam-se e se alimentariam. Como selvagens.

Entretanto, naquela gruta, só havia um selvagem. E era ele. O único que tinha sua cabeça meio completa.

Baixou-lhe os jeans de repente e arrastou calcinha branca com ele.

Em uma parte muito consciente de Jade, sabia o que estava acontecendo com ela. Conhecia os detalhes do que ia acontecer. Mas não imaginava que o vanirio também abusasse sexualmente de suas vítimas. Os nosferatus não podiam excitar-se, isso havia dito Daniel. E o vanirio sim?

Não entendia nada.

Thor se aproveitou de sua confusão e de ter bebido o suficiente dela para deixá-la tonta e entorpecida. Quase sem forças.

— Não... — gemeu Jade tentando cobrir sua vagina exposta — Deixe-me ir...

— Não. Você é minha. Como eu sou seu — respondeu ele com um fio de voz. Seus dedos trêmulos baixaram seu zíper e desabotoaram o botão de sua calça para liberar seu membro rígido e duro, que tinha recebido um colossal chute de adrenalina — E tem que recordar.

Thor levou seus dedos ao sexo da berserker e os deslizou em sua umidade. Afundando nela. Estava estreita como uma virgem. Fazia muito que não tinha relações.

— Não pode fazer isso... — mas ela não tinha forças para lutar.

Thor não ouvia nada. Jade não esteve com ninguém mais. Como ele. Pensar nisso acalmou parte de sua ansiedade, mas não deteve o carrossel de emoções que sentia, estando a ponto de fazer amor com ela como estava.

Ela o deixava totalmente sem palavras, fora de jogo. Agarrou-a pela cintura e se colocou entre suas pernas. Ereto como estava, não foi difícil guiar-se até sua entrada, que se abriu com dificuldade, estirando-a para que pudesse albergá-lo.

Mas, quando Jade ia emitir o primeiro grito, Thor pousou sua boca sobre a dela e a beijou.

A ansiedade por viver aquela experiência não a afastou de poder desfrutar incrivelmente do contato de seus lábios. O vanirio era invasivo com seu sexo, mas dava e pedia com seus beijos.

Deixou-a louca. Não ficou nela nem um fio de prudência quando ele introduziu sua língua em seu interior para roçá-la e movê-la com a sua. E, incrivelmente, isso a relaxou e apagou o medo atroz que até então a tinha imobilizado. A partir desse momento, ficou vazia, disposta só a receber e perceber aquelas sensações que acreditava serem desconhecidas.

O vanirio era um feiticeiro e podia criar uma ilusão naquele ato deplorável que estava cometendo. Mas Jade era incapaz de lutar contra isso.

Já não era nada nem ninguém em seus braços. Só um brinquedo sem vontade, à mercê de um belo monstro que acabaria matando-a.

Thor não a tocou nem a excitou, pois sabia o que fazia a dentada de um vanirio em sua companheira, e com isso ela se prepararia para ele.

Assim impulsionou seus quadris para frente para lhe abrir melhor as pernas, e então a penetrou de novo, desfrutando da lubrificação que tinha fornecido a erótica e afrodisíaca dentada. O gozo sublime ao sentir cada milímetro de seu sexo roçar suas paredes tão íntimas o deixou sem ar.

Sim. Voltava a estar ali. Em sua casa. No interior de sua mulher. Alma com alma.

Elevou-a até que seus pés deixaram de tocar o chão firme, e a tomou montada sobre ele, sem deixar de penetrá-la, investida a investida.

Puxou-a pelas nádegas, firmou suas musculosas pernas no chão, e moveu os quadris acima e abaixo para possuí-la até o mais profundo.

Não escutou nem o choro, nem o gemido, nem o lamento...

Nada.

Thor era feliz de estar ali com sua mulher. E sabia que quando ela bebesse dele voltaria a lembrar de tudo. Custaria-lhe, seria difícil. Mas para ele o importante era que pudessem estar juntos enquanto a Terra se mantivesse em pé e durante o pouco tempo que restasse.

Louco de luxúria, a mordeu de novo atravessando as mesmas incisões de antes, e continuou bebendo dela enquanto não deixava de bombear em seu interior. Estava a ponto de chegar ao orgasmo, e o sabor incrível de Jade o empurrou, de uma maneira fulminante.

E, foi nesse instante, quando ela ficou inconsciente e com o pescoço caído para trás, que sua mente se abriu e pôde ler em seu sangue todo o acontecido, como se se tratasse de um livro cuja história desejasse ser lida.

Enquanto gozava em seu interior e aquele manjar operava seu milagre e serenava sua mente, viu na cabeça de sua mulher todo o acontecido: como a tinham tratado, quem a tinha feito acreditar que era. Em definitivo, pôde ver como a tinham enganado de princípio ao fim.

Thor caiu de joelhos, com ela presa a todo momento, e desencravou as presas de sua pele.

Observou-a com o coração em migalhas. Em todo esse tempo no qual estiveram separados, ela nunca pensou nele. Via-o em sonhos, sim. Mas não sabia se localizar. Nunca recordou o quanto se amaram.

Não obstante, aquilo não foi o pior de tudo. O pior de tudo foi dar-se conta de que a vida de Jade parecia começar quando a levaram da Newscientists e Francesc e Daniel a ocultaram em Urbasa. Então, onde estavam os séculos de antes? E a época dourada em que ambos se apaixonaram? E sua suposta filha? E quanto a Aileen?

Thor abriu o próprio pulso com as presas e deixou que o líquido rubi alagasse a boca semiaberta de sua *cáraid* inconsciente. Obrigou-a a beber e não se deteve até que conseguiu que uma boa parte de seu sangue corresse pelos lânguidos músculos da berserker. Voltaria a tentar depois, quando a jovem absorvesse sua energia e seu cérebro se nutrisse de seu poder.

Então, a provaria de novo, e esperaria que, dessa vez sim, pudesse encontrar em Jade a quem uma vez tinha sido. E o mais importante: esperava que recordasse quem uma vez foram juntos e aquilo que tinham criado.

Tomou-a nos braços, ambos nus pela parte inferior, e a deitou em uma área em que a pedra se cobria com um musgo mais frondoso.

Estirou-a, e ele se colou às suas costas, cobrindo-a com seu corpo, para esquentá-la e para que ambos se recuperassem momentaneamente daquele violento e doloroso encontro.

Quando Jade abrisse seus olhos, seria outra berserker. A mulher pela qual ele se apaixonou. E a mulher que também o amava.

A imagem de um livro aparecia como em uma sequência de explosões em sua mente.

Piscou, um tanto desorientada. Sentiu perfeitamente como seus músculos se oxigenavam a cada respiração e seu corpo se fortalecia segundo a segundo. Afastou o cabelo negro do rosto. O rabo de cavalo tinha se desfeito.

Caramba. Ao abrir os olhos, se deu conta de que via melhor que nunca, e se sentia melhor que nunca. Forte, como se um incrível poder a assolasse por dentro, esperando o momento em que pudesse deixar sair e fazê-la explodir.

Encontrava-se em uma caverna, e só um frágil raio de sol penetrava entre uma greta no teto, iluminando a estadia. Elevou o olhar e soube com exatidão em que hora do dia estavam. Como sabia? Desde quando tinha esse dom?

— Teve-o sempre. Seu pai te ensinou a saber com exatidão a posição do sol.

Jade deu um salto tão incrível, que subiu ao teto da gruta. Surpreendida por ter sido tão rápida, localizada naquela nova posição, procurou a origem da voz. E ali o encontrou.

Estava a um metro do raio de sol, observava-o como um sonho inalcançável e mortal. Estava de pé, de costas para ela, já vestido por completo e com as mãos escondidas nos bolsos da frente de seu jeans. Tinha uma pose intimidadora e ao mesmo tempo desamparada.

Jade dirigiu seus próprios olhos para suas pernas e comprovou que ela também estava vestida.

Então, recordou o que ele fez com ela e o que tinha acontecido entre eles, e toda a raiva e a aversão a atingiu com força, acompanhada também de um estranho receio e recém-descoberto conhecimento.

— Não deve ter medo de mim. A partir de agora, sua mente recordará pouco a pouco, e se dará conta de que eu não sou seu inimigo.

— Violentou-me — disse, fria como o gelo — Deve morrer por isso.

Thor não estava orgulhoso. Sentia-se envergonhado por seu próprio autocontrole, que brilhava por sua ausência. Mas era Jade, sua *cáraid*, como imaginava que ia poder estar com ela sem tocá-la? Sem prová-la nem possuí-la quando seus encontros sempre se caracterizaram por ser intensos e desesperados?

— Só sua morte pode acabar comigo — respondeu Thor, inflexível — Morrerei quando você morrer. Porque não gostaria de existir em um universo onde você não exista. A tristeza me mataria — reconheceu, triste e sincero.

Ela ainda estava tentando compreender como tinha dado esse salto, quando de repente um montão de ideias e conceitos assaltaram sua mente. Não sabia o que faziam ali, em sua cabeça. Mas ali estavam.

— Tristeza? Seu cretino... É pela dependência vaniria, não é? — sussurrou do teto.

Thor se virou, esperançoso, acreditando que a jovem por fim começava a recordar, mas ao ver um nada em seu olhar verde, compreendeu que não era o caso.

— Recorda a dependência vaniria?

— Não. Não recordo nada. Nada do que tenho em minha cabeça é real, maldito filho da puta. Você, monstro que nunca devia ter nascido — disse mordazmente —, inculcou ideias e imagens falsas em minha mente. É um miserável ilusionista. Assim conseguem tudo a que se propõem, não é? Com artifícios mentais.

Thor que, graças a ter bebido do sangue de Jade, podia apreciar também de seu dom outorgado, que não era outro que escutar os pensamentos de quem ele quisesse, tivesse vínculo ou não, fosse da mesma raça ou não, dedicou-se a rastrear as mentes de Daniel e seus lobachos, e tinha conseguido lê-las e ver a verdade. Toda a verdade.

Jade tinha que escutá-lo ou do contrário nunca poderia recuperá-la por completo.

— Daniel te disse isso? — seus olhos lilás se escureceram — Que somos mentalistas? Quer saber a verdade?

— Não preciso saber nenhuma verdade. Só... — olhou ao redor, perdida — Somente quero saber por que não me matou. Não sei por que continuo viva ainda.

— Porque somos companheiros, Jade — Thor levantou seu pulso e mostrou seu nó perene — Estamos marcados pelos deuses. É impossível que possamos nos

separar, não entende? Por isso cruzei o mundo à sua procura. Por isso aguentei as mil torturas em Shipka... Por você —exalou cansado.

— O que é isso?

— É nossa marca. A que decreta ante os deuses e o universo que você e eu nos completamos. Sua marca devia estar no interior do seu pulso — observou sua pele limpa, decepcionado — Mas não está. Tiraram-lhe isso.

Suas palavras apaixonadas produziram nela uma estranha reação em seu ventre. Cobriu-o com sua mão e recordou que ele a tinha tomado sem seu consentimento.

Sua marca? No interior do seu pulso? A única coisa que sentia ali era uma coceira e uma queimação insuportável.

— Tiraram-lhe isso para que nunca lembrasse de mim.

— Isso não é verdade.

— Sim, é! — exclamou. Que cruel injustiça se acometeu contra eles? E tudo por quê? Pelo egoísmo de dois humanos que queriam brincar de evolução das espécies e de imortalidade. Francesc e Daniel, pai e filho, tinham-os separado. E agora que já podia ler a mente de quem quisesse, tinha lido a sua. Sabia tudo.

Jade deu um salto do teto e caiu na frente dele, disposta a lutar. Repentinamente, sentia-se capaz de lutar corpo a corpo, e um monte de noções e movimentos de luta ocuparam sua mente, nutrindo-a.

— Tudo o que vê em sua cabeça; chaves, golpes, pontos de pressão... Como arrancar um coração pelas costas, ou como extirpar uma laringe... — explicou Thor com paciência — Eu a ensinei isso. É verdade que era uma princesa para seu clã de Wolverhampton. Seu pai não quis treiná-la, e o fiz em seu lugar, quando desobedecemos a ordem direta de que vanirios e berserkers não podiam se apaixonar, já que eram incapazes de estar em um mesmo ambiente sem arrancar a cabeça um do outro. Você e eu demonstramos que isso não era verdade.

— Está louco — murmurou expondo as garras e elevando o braço para lhe rasgar o rosto.

Entretanto, Thor levantou a mão aberta em frente à sua cara e disse:

— Fica quieta.

Jade ficou imóvel.

— Sai da minha cabeça! — Thor a estava controlando. Era uma boneca em suas mãos.

— Em outro momento seria capaz de deter minha invasão mental e me pôr em meu lugar. Mas a fizeram acreditar que não sabe como fazer — olhou-a, incrédulo — É como uma pessoa que vai aprender, em umas horas, conceitos e lembranças de vidas centenárias. E de um amor... —Suas pupilas se dilataram — Imortal.

— Tomara que morra! Tomara que encontre Daniel e meu clã e me permitam arrancar seu coração eu mesma!

Thor se virou e voltou a observar o raio de sol que iluminava solitariamente a gruta. Sua cor e candura o ajudavam a concentrar-se e a escutar melhor a mente desse indivíduo que já não restava quase nada de humanidade. Daniel era um mentiroso. Tinha protegido a Jade, certo. Até que pensou no muito que podia conseguir dela. Então, mudou de lado.

— Preste atenção, Jade — lhe ordenou— A história vai ser longa.

— Por que acha que acreditarei no que sair de sua suja boca, monstro?

Gostaria de lhe arrancar aquele lindo cabelo negro ao estilo índio selvagem. Não precisaria mais que uma faca, um corte e um forte puxão de seu couro cabeludo. Ficou impactada ao ver a claridade da execução que elaborava sua mente.

—Isso — Thor a olhou por cima do ombro e sorriu com vaidade — também a ensinei. Meu sangue está ativando sua memória.

— Vá à mer...

— Silêncio — obrigou-a a permanecer calada pelo tempo que durasse sua narração.

Explicaria tudo o que tinha descoberto e explodiria o maldito disfarce que ocultava a verdade do acontecido. Aniquilaria os escuros segredos que impediam que sua mulher recuperasse sua vida.

— Jade, ninguém a resgatou de uma matança. Não foi a única sobrevivente de seu clã, porque não houve tal ação contra vocês. Isso é o que Daniel e Francesc a fizeram acreditar, para que assim pudessem te moldar a seu desejo e pudessem trabalhar contigo como aliada — estendeu a mão por volta do raio de sol e banhou seus dedos durante uns segundos. Até que a carne começou a chamuscar-se. Depois, tirou-a como se não cheirasse a frango queimado — A verdade é muito mais egoísta, e é esta: venho do clã vanirio keltoi da Black Country e você vem do clã berserker de Wolverhampton. Sou o líder de meus. E seu pai, Ás Landin, era o líder do seu. Você e eu nos apaixonamos contra todo prognóstico, desafiando as leis divinas e as normas dos deuses. Fomos duas raças criadas pelos deuses, destinadas a não gostar uma da outra para que nunca pudssemos nos aliar e assim, juntos, ser superiores aos que nos criaram. As “presas” e os “cães” se odiavam —recordou com amargura —, não podíamos nem nos ver. Mas, um dia, você nasceu. Tornou-se adulta e eu fiquei louco por você, por seu aroma e por quem era. Sei que pensará que o que digo é uma loucura, mas há algo chamado “companheira de vida”. Uma pessoa destinada a te amar, a te curar e a te fazer melhor. Você é a minha, minha *cáraid*. E eu sou seu *kone*, o homem destinado a compartilhar o *chi* contigo durante toda a eternidade.

Thor escutava todos os pensamentos confusos de Jade. Insultava-o, chamava-o de mentiroso, e ria da vinculação eterna.

— Entendo sua contradição. Agora não recorda nada do que te digo. Mas o fará. Fará como é — disse mais para si mesmo que para ela — Como te dizia, minha preciosa, você e eu nos apaixonamos. Mas tivemos que fugir por medo das represálias. Fomos viver nos Bálcãs. Ali — engoliu em seco. Devia dizer a Jade que tiveram uma filha que nenhum dos dois recordava? O que era o correto? Devia esperar que ela relembresse tudo? Ele, certamente, não lembrava de Aileen, e agora, depois de ter lido a mente de Daniel, sabia porquê. — Ali, fomos felizes e começamos uma nova vida. Criamos uma nova vida —incidiu — Juntos — se virou e a olhou nos olhos.

Ela nem sequer piscava. Custava-lhe compreender o que o vanirio acabava de dizer. Não acreditava nele. Em nada.

— Tivemos uma filha chamada Aileen. Coloquei esse nome porque significa luz, e ela era a luz que iluminava meus dias. Se te servir de consolo, e não se assuste, Jade, eu tampouco a lembro. Mas, me deixe avançar e entenderá por que nos aconteceu isto — levantou as mãos, pedindo que se acalmasse — Samael, meu malvado irmão, foi em minha procura, porque tinha inveja de mim e queria tudo o que eu tinha. Incluindo você. Sobretudo você —destacou, raivoso — Samael se fez um ser escuro e se deixou levar pelo Loki, porque a humanidade já não lhe importava. Estava se convertendo em um nosferatu de alma, a fome eterna acabava com ele, e começou a trabalhar com uma equipe de cientistas financiados por pessoas muito poderosas, que procuravam a pedra filosofal, o melhor da evolução da espécie e a imortalidade. Samael só queria ser o imortal

mais forte e completo da Terra. Queria submeter a todos. Queria sair sob a luz do sol, pois essa é nossa única debilidade. Bom, essa, e o amor cego que sentimos pela nossa companheira — sorriu fracamente — Ele, Mikhail e a Newscientists nos caçaram como animais.

“E se eu acreditasse em sua história... O que houve com a menina?”, perguntou Jade, pálida.

— Pegaram os três. Separaram nós dois e nos submeteram a todo tipo de torturas. A ideia de Samael era que pudesse ficar grávida de seu filho para estudar seu sangue e comprovar se era tão especial como o de Aileen, nossa filha. Ela — murmurou surpreso —, bom seu DNA... tem a capacidade de fazer invulnerável à luz do sol ao vanirio que o bebe. Mas, o dom de Aileen demorou para desenvolver-se, daí Mikhail a teve sob sua tutela, analisando-a diariamente e a fazendo acreditar que tinha uma enfermidade, para assim não levantar suspeitas e poder estudá-la a seu desejo. Ele a adotou para usá-la como a uma ratinha de laboratório. A levou assim que nos pegaram. Porém, a mudança no sangue de Aileen, e o que eles procuravam em sua genética, desenvolveu-se em sua transformação berserker, em seus vinte e dois aniversários. Era uma híbrida. Entretanto, quando ela completou essa idade, já estava nas mãos do meu clã, de Caleb, meu melhor amigo, que a buscou com ânsias de vingança e acabou encontrando o mais puro amor nela. E também estava com seu pai Ás, que então era seu avô — exalou, saboreando cada palavra como certa. E ele perdeu tudo aquilo — E a acolheu sob sua tutela. Caleb encontrou Aileen graças a Francesc, o pai do Daniel. Esse homem estava louco por você, terrivelmente apaixonado. Trabalhava na Newscientists para Mikhail e Samael. Foi o médico pessoal de Aileen, e inclusive o nosso, até que se rebelou contra o que lhe faziam e nos faziam. Entenda, seu amor era tão profundo que não podia tolerar que continuassem a machucando. Para nos tirar dos laboratórios, utilizaram os clones que estavam usando com nosso sangue e células mãe. Pegaram seu clone e deixaram que Samael acreditasse que tinha se matado. E usou um braço extirpado de um de meus clones para que os rastreadores de meu clã o cheirassem e o encontrassem até levá-los à Newscientists. Assim se descobriu tudo. Antes que tudo isso acontecesse, a levou a Urbasa. E me enviaram para longe, a um campo de concentração Newscientists que havia em Shipka, onde muitos como eu sofremos todo tipo de dores e humilhações. O complexo onde estávamos tinha um escudo protetor que impedia que qualquer onda, fosse telepática ou elétrica, transpassasse a edificação. Francesc o fez de propósito, pois sabia quão poderoso era eu. Se me dava um só centímetro de margem — destacou a ponta do dedo— teria movido céus e terras para contatar com meu clã e meu povo e encontrá-la —sentenciou — Mas não pude, porque não interessava a Francesc que nos reencontrássemos. Mantiveram-me cativo e me submeteram a muitos testes mentais. Dedicaram-se a me paralisar, a me destruir e a eliminar lembranças de maneira sistemática. Por isso não lembro de minha filha

—inclinou a cabeça em um gesto de arrependimento — Mas nunca puderam te apagar de minha mente, porque a companhia de vida é indelével.

“Por isso é impossível que você seja o meu. Eu não me lembro de você nem da menina”, disse Jade imóvel, com o corpo trêmulo.

— Mas sonhava comigo. O que acha que significa, hein? Graças a esse sonho que teve na noite passada eu pude te detectar, pois já estava fora do complexo de Shipka. Pensou em mim e se conectou comigo de uma maneira inconsciente. E eu não necessitei mais. Encontrei-a — deu de ombros.

“São truques”, negou ela com a cabeça. *“Tudo truques depreciáveis”.*

Thor a olhou, abatido. Estava louca se acreditava que ia se dar por vencido.

— Enquanto eu estava em Shipka — continuou Thor com pesar —, sentindo saudades suas, Francesc a levou à colina de Urederra para que ali seu filho continuasse seu trabalho com você. Ele sabia que iam matá-lo. E assim aconteceu. Quando mataram Francesc, Daniel se encarregou de tudo. Entre os dois tinham conseguido que se esquecesse de mim e da Aileen e que acreditasse em uma vida que nunca teve, para que sua cabeça não engrenasse e não se lembrasse de mim. A fez acreditar que os homens que estão contigo como seus guardiães são berserkers membros de seu clã, mas não são. Nenhum dos dois, nem o pai nem o filho — esclareceu — tinha a menor ideia do que somos e do que vai acontecer neste mundo nas próximas horas. E nenhum dos dois soube controlar o que tinha entre as mãos. Não pode tocar algo que um Deus fez, compreende?

“A que se refere?”.

— A que os dois também queriam algo de você, não eram diferentes dos homens dos quais a afastaram. Francesc e Daniel manipulavam também os DNA's de berserkers e vanirios, não para fazer clones, mas sim para fazer uma hibridação com os genes, com o DNA, e quiseram fazer contigo, pois de seu corpo tinha saído a primeira híbrida, e isso era algo novo. Mas, embora na ciência dois mais dois são quatro, na magia e na intervenção divina nunca é. Por isso seus experimentos saíram errado.

“Experimentos? O que diz? O que saiu errado para eles?”

— Nenhum dos dois compreendeu o que somos. Nenhum dos dois chegou a acreditar que tais deuses existiam. Pecaram pela vaidade e soberba. Atacam-se à ciência e acreditavam que daí podiam tirar tudo o que necessitassem. Mas se equivocaram. Acreditaram que usando suas células e as implantando em seu próprio DNA conseguiriam ser o que você era, que se converteriam em berserkers. E não só isso — assinalou decidido —, fantasiaram com a possibilidade de que seu DNA fosse diferente para criar um berserker superevoluído, muito mais forte que o original. Você tinha albergado Aileen, e o código do sangue de nossa filha corria também por seu código genético. Mas deu errado. Um berserker nasce naturalmente e se cria naturalmente através de um pai ou de uma mãe berserker. Odin cria um berserker, quando com sua lança outorga o Od, sua fúria. E nada disso está no código genético. A magia não está no sangue. E eles

não tinham nem ideia disso, porque não acreditavam nisso. Deixaram de lado as lições que havia nas lendas e na mitologia e se concentraram no racional, nas fórmulas e nos números da ciência. E por isso, sua fórmula está errada, e não só não se converteram em berserkers, mas sim que se converteram na antítese do que você é. Eles são lobachos. Inclusive Daniel. Ele mesmo é um deles, Jade.

“Mente”.

— Não o faço. Quando li suas mentes me dei conta do que acontecia e de por que me custava além do normal acessá-los. É porque são lobachos. Os vanirios não podem ler as mentes dos berserkers, a não ser que tenham algum tipo de vinculação. O mesmo nos acontece com os lobachos. Meu dom — colocou a mão no peito — em troca, permite que eu leia tudo, e seu sangue me ajuda a me concentrar e a escutar somente o que quero.

“Você quer que eu acredite em você. Mas não conseguirá me convencer”.

— Não recorda como é a transformação berserker — assinalou, obtuso —, por isso acreditava que essas aberrações eram o mesmo que você. Mas os berserkers não são assim. Nem sequer sabe que você mesma pode se transformar em uma linda loba branca.

“Em uma loba? Nunca me transformei em uma. Não seja ridículo”.

— A transformação nasce com um pensamento na cabeça — falou, tranquilo, com os olhos fixos de novo no raio de luz — Como vai evocar algo que não lembra?

Jade lutou para tentar atrair uma lembrança parecida em sua mente, mas fracassou. Não conseguia recordar nada. Não podia ser verdade o que esse vanirio contava.

— Daniel a quer porque espera descobrir o elo perdido em seu sangue. Converter-se no que você é, depois, ser seu companheiro. Porque ele, como seu pai, também está apaixonado por você. É seu maldito feitiço, preciosa — desenhou um meio sorriso — Faz que os homens enlouqueçam por você. Me olhe —deu de ombros.

“Está completamente louco”. Tinha que estar. “Quando Daniel me encontrar, o matará e matará a todos os que como você estão espreitando a tanta gente, acabando com suas vidas. Ganharemos esta batalha”.

Thor se virou e a encarou para tomá-la pelo queixo.

— As mortes que aconteceram ao redor destas montanhas são consequência dos experimentos de Daniel. Não sabem controlar a raiva e o veneno do lobacho. É impossível. Têm o mal em seu interior, correndo por suas veias, e saem cada noite para caçar e aniquilar. E a fazem acreditar que são vanirios e nosferatus os culpados. Mas não é assim. Está rodeada de assassinos, princesa.

“É um...”.

— E... — arqueou suas escuras sobrancelhas e colocou seu dedo indicador sobre seus lábios, para fazê-la calar, apesar de que falava mentalmente —... devo te corrigir em algo mais. O que está acontecendo no mundo não é uma guerra

entre vanirios e nosferatus contra berserkers. Essa é outra das mentiras que lhe contaram enquanto a tinham afastada em seu castelo de cristal. O que acontece é o Ragnarök. Sabe muito bem o que significa desse termo, Jade. O recordará ao final de minutos. Tem que saber que vanirios e berserkers se uniram ao redor do Midgard para lutar contra lobachos, nosferatus e demais assassinos de Loki, que abriu uma porta dimensional para acabar com todos. Infelizmente, esta é uma guerra que não podemos ganhar. Porque só há um Deus neste planeta, e é o Vigarista. Nossos criadores nos abandonaram e só resta brigar, sem esperança de vitória.

“Uma guerra que não vamos ganhar? Isso não é o que diz Daniel”.

— Sim. Sei. O bom Daniel acredita que os ocultando em um búnker que tem sob a terra, nesse palácio onde a mantinha presa — destacou —, poderão salvá-los e continuar com os experimentos. E, quando acabar o conflito — sorriu—... ele chama de conflito o fim do mundo, é um imbecil — queria rir desse indivíduo miserável — Enfim, que quando acabar tudo, emergirão como berserkers superiores e os mais fortes da Terra, para dominá-la e repovoá-la. E sabe quem se encarregará de trazer esses filhotinhos ao mundo?

Jade bateu os cílios, e fez uma cara de desgosto e decepção. Não. Nada disso podia ser verdade. Esse homem era um monstro desagradável e manipulador.

— Sim. Adivinhou. Você. Quer que seja sua égua particular.

“Vá à merda”.

— Oh —Thor arregalou os olhos lilás de par em par — Esse sim que é o caráter de minha Jade. Os búnkers não servem. Há uns seres chamados purs, etones e trolls que vêm da outra dimensão — apontou para o teto de pedra —, do Asgard. E não lhes importa quão profundo esteja enterrado. Vão encontrar. Pinçam a terra, furam-na e encontram o que querem. Em Black Country já morreram vanirios importantes, ocultos em um búnker. E não lhes serviu de nada. Iris e Ione, Iain e Sheenna, seus filhos... Todos morreram — sabia porque ele mesmo tinha escutado suas últimas palavras. Palavras de pessoas que tinham sido seus amigos, inclusive quando eram pictos. O sangue de Jade pouco a pouco lhe devolvia ossentimentos perdidos. Empatia.

“Dá-me nojo. É capaz de inventar tudo isto para quê? Para beber meu sangue? Para quê?! Se acha que não podemos nos salvar, por que faz isto?! Para não morrer com o estômago vazio?!”.

— Não invento nada. Estou aqui por você. Só me importa você. Nem a guerra, nem o fim do mundo. Só você.

“Se só a mim te importa, me deixe sair daqui e voltar para os meus”.

— Que só a você me importe não quer dizer que seja idiota. Eu sou dos seus. Você é das minhas. Não há mais a falar.

“Espero que apodreça, então”.

— Bom... — estalou, dissimulando o quanto o incomodava aquela situação — Até que se lembre de mim — deu um passo à frente — De nós —deu outro e ficou a um palmo de sua boca — Gostou de como a beijei antes?

“Não. É óbvio que não. Abusou de mim”, jogou-lhe na cara, querendo mover-se.

— Quando recordar os beijos que me dava e como era comigo, parecerá mentira ter me dito algo assim alguma vez.

“Não posso recordar nada que seja uma invenção”.

— Não é uma invenção — a cortou, desesperado — Não é uma invenção. Em meu sobretudo — a apontou — Ali está seu diário. Pegue-o e o leia. É sua letra. Suas lembranças. É você falando de sua vida.

Depois disso, permitiu que Jade se movesse e pudesse falar de novo.

— Está ali — se dirigiu até sua roupa para pegar o valioso livro — Tive que recuperá-lo na minha casa do Kensington Palace, onde você e eu... Onde Aileen e Caleb... — se corrigiu — Não importa! Estava ali, e o recuperei antes que a casa afundasse sob uma greta enorme.

— Veja e o leia — repetiu — É seu. Trouxe-o pensando que poderia te ajudar.

— Não vou fazer nada disso. Não tenho nada a comprovar. O que está me dizendo é uma autêntica barbaridade. Vê a si mesmo? Como vou acreditar em alguém que acaba de abusar de mim?

O fim não justificava os meios sob nenhum conceito. Esse homem e sua manipulação mental tinham conseguido que ela gostasse da experiência, e isso a fazia sentir-se suja e mal consigo mesma. Não tinha podido gritar nem pedir ajuda. Seu corpo estava em transe enquanto esteve em suas mãos.

— Não tem que se sentir suja pelo que fizemos. — assegurou confuso.

— Eu não fiz nada. Você me fez isso. E pára de se colocar em minha cabeça!

Thor se mostrou arrependido, mas não havia tempo para ajoelhar-se e pedir perdão.

— Seu corpo lembra de mim, Jade. Você, ainda não. Está confusa porque não sente que foi errado o que fiz. Sei que não foi o melhor modo de te mostrar o que somos. Mas... as células têm memória. E você, apesar dos medos e das dúvidas que sua mente eleva como muros, se sentiu bem. Está a salvo comigo.

— Mas está se ouvindo?! Não posso estar a salvo nas mãos de algo como você! Bebeu de mim! Usou-me! — gritou enfurecida e com os olhos chorosos — Como vou confiar em você?!

Para ele, tinha sido necessário beber seu sangue e fazer amor com ela. Graças a isso, agora podia isolar sua mente do ruído mundano e escutar somente as vozes que de verdade o interessavam. O dom outorgado de Jade era paz para ele. Assim podia escutar pensamentos como os de Daniel, que estava a poucos metros de onde eles se encontravam. Ia caçá-lo. Por isso Thor devia agir rápido.

— Porque não tem outra opção, Jade — respondeu pausadamente — Não temos muito tempo. São nossas últimas horas aqui antes que tudo voe pelos ares. Tem que acreditar em mim e vir comigo.

— Com você? Eu? — estava assustada e horrorizada em partes iguais — Não. Não penso em me mover daqui.

— Jade... Não posso suportar tê-la encontrado para que me rejeite. Pouco a pouco se lembrará — assegurou-a — Confie em mim.

— Não. Não... — sacudiu a cabeça, nervosa — Quero ir com o Daniel. Daniel! — gritou a pleno pulmão.

Os olhos de Thor se encheram de tristeza. Ela estava frustrando-o, porra! Puxou os cabelos.

— Não vou — Thor ressaltou — E, se ficar, não vou permitir que ele te leve. Quer ver como os mato? — ameaçou-a — Porque, acredite em mim, que se não for eu a tirá-la daqui, tampouco serão eles. Arrancarei o coração deles.

Jade empalideceu e depois franziu o cenho.

— Se me ama tanto e se acha tão bom, deveria se entregar a meu clã, para que o julguem. Deveria me dar essa oportunidade. Mereço isso.

— Quer que me ofereça para que me torturem? Um *peanás follaiseach*? É isso? Não foi suficiente com todos estes anos de tortura? — jogou-lhe na cara, esquecendo que ela não recordava nada — Jade, você é minha! — gritou indo para frente e sacudindo-a pelos braços — Não se dá conta?!

— Não quero um castigo público — respondeu ela. Assim que se deu conta do que havia dito, ficou bloqueada.

Thor, em troca, sorriu indulgente.

— Não se assuste. Entende o gaélico muito bem. Eu a ensinei. Sabe que o *peanás follaiseach* é um castigo público.

Jade empalideceu e deu dois passos para trás, tentando afastar-se dele.

— Deixe-me ir — suplicou. Não podia ser verdade.

— Nunca. Não posso — respondeu ele, impotente — Não fuja de mim, por favor...

Um suave tinido fez com que Thor e ela se virassem abruptamente. Quando o vanirio viu o objeto que tinha irrompido na caverna, fechou os olhos e grunhiu:

— Merda.

E então uma explosão de luz iluminou absolutamente tudo.

Daniel, seu amável amigo, seu protetor, estava ali com ela, caminhando através da luz cegante, sem problemas para chegar a seu lado e afastá-la de Thor como quem afasta o puro do impuro. Não havia uma só mecha de seu cabelo castanho sempre penteado em seu lugar. Seus olhos pardos desenhavam uma sombra de olheiras sob as pálpebras. Estava cansado. Diferente de outras vezes, não estava elegantemente arrumado. Não havia rastro de suas camisas impolutas, seus mocasins ou suas calças recém-engomadas. Em vez disso, estava de roupa funcional de caça, rasgada nos joelhos, e manchada por toda parte.

Olhou-a de cima a baixo para assegurar-se de que estava bem, e quando a verificou, pôs sua cara de irmão mais velho.

— Disse que não podia sair sem nossa permissão! Podia acontecer isso! — apontou para Thor, que estava imobilizado por dois berserkers, Adolf e Lean. O vanirio não podia abrir os olhos por causa do detonador de luz diurna que queimava suas retinas. Era luz solar artificial e aos de sua raça doía igual à original.

“Jade, não são berserkers. São lobachos. Nos berserkers cresce o cabelo da cabeça, e sai pêlo fino sobre a pele. Tem que se esforçar e se lembrar. Seu pai, os de seu clã, transformavam-se muitas vezes na sua frente. Os berserkers aumentam de tamanho, mas não se convertem em vira-latas enormes como Adolf e Lean”, disse-lhe Thor mentalmente. “Não deixe que continuem mentindo para você”.

“Cale-se”.

— Sinto muito, Daniel. Tem razão — tentou dissimular que o vanirio tentava conversar com ela — Mas necessitava das ervas de Cedro e Daphne, porque demorava dormir e...

— Tem que deixar de ir até essas senhoras bisbilhoteiras. E não pode voltar a me desobedecer — a repreendeu de novo. Tomou seu pulso e passou o polegar com suavidade por cima de suas veias — Tem sorte de que a tenhamos encontrado.

Thor ficou tenso.

“Filho da puta. Arrancarei-lhe a cabeça quando voltar a tomar essa liberdade. — Esse homem não podia tocar a sua mulher assim — Sabe por que nos encontrou? Porque tem um chip localizador na pele. Marcou-a como mercadoria para a ter controlada. Não sabia?”.

“O quê? Um localizador?”.

“Já te disse quão importante é para ele. Nunca a deixará partir. Precisa de você. Mas eu estou aqui. Para te libertar”.

Jade o olhou de esguelha. Seu rosto estava coberto por parte de seu cabelo negro que caía para frente. Os dois berserkers o tinham esmurrado com força, e a luz o debilitava.

“Está em seu pulso”.

“O quê?”.

“O localizador”, respondeu furioso. “Encontra-se sob a pele de seu pulso”, disse enojado, “bem onde deveria exibir o comharradh”.

Jade olhou seu pulso e imaginou um tribal circular de forma intrincada. Foi como uma visão. Acaso tudo aquilo era magia? Truques mentais do monstro? Estava confundindo-a. Engoliu em seco ao dar-se conta do muito que estava começando a perder a cabeça.

— Ele te fez algo mau? Mordeu-a? — perguntou Daniel, preocupado, analisando suas pupilas com uma lanterna minúscula que tirou do bolso da calça militar — Passou muito tempo a sós com ele... Não há rastro das feridas

das flechas em seu corpo, portanto, teve que beber de você... — supôs, contrariado — A dentada do vanirio é venenosa, e terá que se isolar para eliminar o veneno de sua pele. Vamos — apressou-a.

“Está mentindo. O vampiro tem veneno, nós não. Diz isso porque sabe quem sou. Conhece-me. Sabe que sou seu companheiro. Seu cáraid. Tinha minhas fichas em seu apartamento de Kazanlak e também as suas. Vi em seu escritório. Acaba de retornar dali, verdade? Dos Bálcãs”.

Jade respondeu afirmativamente com o olhar, embora não pronunciou uma só palavra em voz alta.

“Recorda que ele continuou com os estudos de seu pai, que sabe tudo a nosso respeito, do que somos. Não é tolo e nem tampouco ignorante, Jade — assegurou— imagina o que pôde ter acontecido aqui. E agora quer te isolar outra vez para que não possamos nos comunicar mentalmente nunca mais, porque, como casais, necessitamos dessa vinculação emocional e mental”.

— O quê? — sussurrou Jade. De repente, pensar em que perderia o contato e a presença desse vanirio em sua cabeça pareceu angustiante e alarmante. E se sentiu mal por isso.

— O que diz, querida? — perguntou Daniel, tomando-a pelo braço, como a uma inválida, para tirá-la da gruta.

— Espera, Daniel... O que vai fazer com ele? — perguntou Jade, parando em seco.

Daniel sorriu sem compreender a pergunta. E Thor pôde ler em sua expressão e escutar perfeitamente em sua cabeça tudo o que vinha à mente do cientista: *“Tiveram intimidade?”, “Certamente o vanirio MacAllister teria aproveitado o tempo para ganhar seu favor...”, “Deus, tinha que fazer algo para afastar Jade das dúvidas. Tenho que tirá-la rápido daqui”.*

— É um vanirio. Vamos arrancar a sua cabeça e assim acabar com sua miserável existência — explicou Daniel simplesmente.

Ela se horrorizou ante a ideia.

“Jade, criaram um fórum a nível internacional para que vanirios e berserkers de todo o mundo pudessem entrar em contato e aliar-se para combater a Newscientists e aos escravos de Loki. Berserkers e vanirios são amigos agora. Paramos com nossas diferenças para lutar juntos. Já não somos inimigos, compreende? Nossa luta não é entre nós, mas sim contra lobachos, nosferatus e todo o exército de cientistas do deus jotun. Daniel estava registrado ali, nesse fórum que os humanos que colaboravam conosco criaram, e que já morreram como outros guerreiros; ele se registou como usuário, e quando nos rebelamos em Shipka e pudemos escapar antes de que nos exterminassem, Daniel soube e pegou um jato particular até Urbasa. Sabia que eu estava nas instalações e que quando saísse livre, se continuasse lúcido, iria em sua busca. Diga-lhe tudo o que estou te dizendo. Se o negar, saberá que mente pela mudança na acidez de sua pele. O cheirárá. As berserkers são especialistas nisso”, animou-a suportando a luz dolorosa que banhava sua pele e que um lobacho segurava em sua mão enquanto

o tirava da gruta. Era mais doloroso o resplendor do aparelho do que a luz real do dia, já que os céus tinham escurecido e as árvores não deixavam que os frágeis raios do sol os alcançassem. Entretanto, a jovem não reagia e ele. Antes de cometer uma sangria, preferia que ela se desse conta de quem eram os maus ali. Porque Thor ia matar a todos, mas não queria fazê-lo com o dedo acusador de Jade sobre ele. Precisava que acreditasse nele.

“Jade, Daniel já não é humano”, disse simplesmente.

“Como diz?”, desta vez ela sim ficou estupefata.

“Me escute, utiliza seu olfato. Ele é poderoso. Sua pele já não cheira a humano, suas glândulas já não segregam o mesmo aroma. Comprove você mesma. Cheira, maldição!”.

— Reaja antes de que seja muito tarde! — gritou Thor em gaélico, provocando-a.

Jade ficou olhando o cangote de Daniel enquanto avançavam através do espesso bosque e a intensa folhagem. Adorava os bosques de Urbasa, sentia que aquele lugar era o seu lar, e lhe doía muito acreditar que sua vida então era uma grande mentira, um ardil e uma vil manipulação.

—O que disse o vanirio? —perguntou Daniel, entrecerrando os olhos de forma suspeita.

— Não sei — respondeu Jade — Não falo gaélico, já sabe — mentiu.

“Cheira-o, maldição”, amaldiçoou Thor. “Entendo que esteve muito tempo isolada, mas... é nossa última oportunidade de estar juntos. Passamos por muita coisa, não o estrague sem me dar ao menos uma possibilidade de te demonstrar que digo a verdade”.

Jade não quis nem olhá-lo. No fundo, pensou que estava louca por dar um voto de confiança a esse homem que a tinha sequestrado para levá-la a uma caverna e utilizá-la como alimento e consolo. E o pior era quão contrariada estava porque não recordava ter sofrido nem ter desgostado. Nem sequer tinha sido ligeiramente desagradável.

— Matem-no — ordenou Daniel, desprezando-o com o olhar.

Thor se mexeu, disposto a libertar-se. Não ia ser tão estúpido ao ponto de deixar esses desgraçados matá-lo.

Então, antes de escapar deles, foi Jade a que não quis dar um passo mais. Fechou os olhos e se concentrou em detectar as mudanças no aroma corporal de seu amigo. Se Thor tinha razão nisso, talvez tivesse razão em todo o resto.

A insegurança e o medo a matavam. Tudo isso não ia além de uma sutil decepção, que se transformaria em algo muito mais doloroso se Daniel resultasse ser o mentiroso que Thor assegurava que era.

Então, como na engrenagem de uma máquina avariada que só precisava da dose certa de óleo, as peças se moveram e se encaixaram por um décimo de segundo, o suficiente para que um flash sacudisse sua cabeça.

A pontadafoi em forma de palavras perdidas no tempo, da boca de um homem que não recordava, e que parecia ser um professor, um líder e alguém a

quem ela escutava veementemente. Não soube como era o rosto dele, mas seu discurso se ancorou em sua cabeça como uma esmagante verdade.

“Os berserkers segregam as mesmas glândulas odoríferas que os lobos e a maioria dos animais. Quando queremos marcar território, exalamos esse odor; quando ficamos nervosos ou nos sentimos ameaçados, liberamos esse cheiro para que nossos inimigos nos alertem. Só nossos irmãos lobos e os seres sobrenaturais como nós podem cheirá-la. Os humanos não nos detectam”.

“Nossa antítese são os lobachos. Diferente deles, nós não precisamos marcar as árvores ou a terra que pisamos. E nosso aroma não é tão desagradável e penetrante como o seu. Suas glândulas secretoras deixam sair uma essência avinagrada que não passa despercebida. Quando as cheirar, irritará o nariz. É o modo que seu corpo terá de te dizer que está diante de um possível inimigo”.

Jade não conseguia se mover, diante da lembrança e o significado daquelas palavras, que a proibiam que reagisse.

— Não deveria preocupar-se com o que vá fazer com ele — insistiu Daniel, cada vez mais nervoso e suarento — Os vanirios merecem morrer. Vamos. Nossos irmãos se encarregarão disso — olhou a seus dois seguidores, Adolf e Lean — Talvez tenha que te injetar agora a vacina para o veneno — a agarrou pelo braço, tentando imobilizá-la enquanto deixava deslizar pelo ombro a alça da mochila negra que carregava às costas.

Jade se soltou rapidamente e deu um passo atrás. Imediatamente, os outros dois ficaram em guarda, ofendidos por aquele gesto de desdém que tinha dedicado a Daniel.

“Em toda espécie animal, sobretudo na dos lobos e seus descendentes, há um alfa. Nós temos genes de lobo, porque é o animal do Alfather. Ele nos mudou para nos transformar em berserkers. Mas, quando descemos à terra para lutar em nome dos deuses para proteger a humanidade, muitos dos nossos se cansaram de ser honoráveis, e ficaram do lado da escuridão de Loki. Loki os transformou em lobachos e criou uma raça parecida conosco, embora com outros valores e outras características. São seres abomináveis, de aspecto selvagem e monstruoso, com corpo de lobo que caminham sobre as patas traseiras, e um focinho de cão pelo qual lhes sobressaem as fauces amarelas. Seus olhos são demoníacos e não há nem um pinga de consciência ou de humanidade neles. Só escutam a seu alfa. Detectará o alfa de cada espécie quando vir que todos o rodeiam, e que o que ofende ao líder também os ofende”.

Outra vez uma nova lembrança. Jade pressionou as têmporas e deu um passo atrás.

Daniel, preocupado, aproximou-se dela.

— Está bem, pequena? — perguntou enquanto pegava uma seringa de injeção do interior da bolsa. Estava a ponto de injetá-la.

— Não — deteve-o, elevando a mão — Não estou bem — assumiu um tanto perdida, olhando ao seu redor, insegura de sua realidade. O nariz picava, e o esfregou com força, caindo nas palavras daquele suposto mentor. O nariz picava porque estava em frente a um lobacho. Por todos os deuses, Daniel já não era humano. Desde quando? Por que não se deu conta antes?

“Não é sua culpa — Thor queria acalmá-la. Seu desconcerto o machucava. — Fizeram-na acreditar no que quiseram durante muito tempo. Daniel usava desodorizantes para que nem você nem ninguém o detectassem. Esteve fazendo testes com o sangue dos berserkers reféns que tinham em Shipka. Fazendo-se transfusões..., grande estúpido. Fez a última antes de nos libertarmos. O resultado é que se converteu em lobacho, não em berserker. Porque nem a ciência nem as fórmulas respondem pelos deuses. Utilizou o sangue de um guerreiro tocado por Odín, para mediá-la em fins escuros e egoístas. Isso é o mesmo que entregar-se a Loki. Nem Daniel nem Francesc deram atenção aos princípios e às leis universais do mágico equilíbrio divino”.

Jade desviou o olhar para Thor, que jazia de joelhos entre os dois lobachos, falando mentalmente com ela, ao mesmo tempo que parecia esperar uma ordem dela para levantar-se e atacar.

“Espero-a, princesa”, assegurou-lhe. “Só estou vendo chegar o momento em que se dê conta de que não é quem eles dizem. É Jade, filha de Ás Landin, uma princesa berserker, e minha mulher”, sentenciou, sério.

— Jade, para se afastar, droga — grunhiu Daniel com impaciência — Se aproxime e...

— Disse que não — negou, tapando os ouvidos, desconfiando abertamente de suas intenções.

O Daniel que tinha em frente estava descontrolado. Não havia rastro de sua calma característica. Seus ombros tensos, sua mandíbula pétrea e seus olhos avermelhados, como se estivesse sofrendo uma alta febre, falavam por si só. E seu estado mudava diante dela e se pronunciava mais quanto mais o olhava. Tinha diante dela o alfa da matilha.

— Desde quando? — perguntou Jade, de repente, com uma decisão desafiante.

— Desde quando o quê? — Daniel estreitou os olhos, querendo ler a mente dela como certamente estava fazendo o vanirio.

O aroma azedo a nocauteou e a pôs de sobreaviso. Esfrego o nariz de novo e sofreu uma pequena ânsia de vômito. Como não tinha estado consciente daquele repugnante aroma até esse momento?

— Desde quando deixou de ser humano, Daniel?

VII

— Como diz?

Ela elevou o queixo e a voz.

— Sou Jade Landin, filha de um líder do Wolverhampton? Não me arrancaram de minha família na Inglaterra, como me disse, verdade? Seu pai e você me libertaram da Newscientists e me prenderam em Urbasa, manipulando minha mente para me fazer acreditar que era outra pessoa. Uma que não tinha companheiro, nem filha, nem tampouco pai — murmurou acreditando cada vez mais nas palavras que saíam de sua boca — Uma que alguma vez sentiria falta do que supostamente tinha perdido, e que não escaparia para ir em sua busca, certo? Viveria enganada em meu castelo, para que você me analisasse e me estudasse, acompanhada por umas pessoas que diziam ser minha família, mas que não eram...

— O vanirio a manipulou, Jade...

— Não minta para mim! — gritou em meio a um uivo de dor — Cheira a animal! — tocou o nariz — Não é humano, mas nem sequer é o que eu sou. É um lobacho!

Daniel engoliu em seco, e quando compreendeu que já não era possível manipular Jade naquele lugar e naquele momento, pensou que o melhor seria dizer a verdade. Logo apagaria suas lembranças de novo no castelo, quando acabasse com a vida de Thor e se anulasse sua influência.

Mesmo assim, contemplava incrédulo a ira e a vida no olhar de Jade. Era incrível. Fascinante. Toda formosa fúria.

Entretanto, podia cheirar perfeitamente a marca do vanirio em sua pele, e isso o machucava.

— Fez sexo com ele? — perguntou insensível — Abriu suas pernas para ele? Cheiro seu toque em sua pele — acrescentou simplesmente, como um namorado ciumento.

Ela, ao dar-se conta de que Daniel não negava nada, decidiu não lhe dar mais explicações. Não tinha nada que lhe contar.

— Não se preocupe. Eu mesmo a lavarei quando voltarmos para casa — disse condescendente, aproximando-se de novo dela — Dá nojo cheirá-lo em você.

Daniel era filho de cientista. Seu pai o ensinou muitas coisas, mais do que sonhou aprender. Com o que eles sabiam sobre esses seres sobrenaturais e o amplo conhecimento em genética que ambos possuíam, o homem acreditava que a fórmula que tinha utilizado para sua transformação de humano a berserker e a de todo seu clã não desse os resultados esperados.

Haviam sido humanos uma vez. E agora eram seres infernais, mas muito poderosos.

Eram lobos sangrentos que sofriam transformações dolorosas. Quanto mais se transformavam naquelas abominações, mais os custava voltar para sua forma humana, e menos recordavam deles mesmos. Como acontecia com seus amigos, e a todos os que viviam em seu castelo; cada vez eram mais animais,urgia-lhes a caça e suas ânsias de degolar e comer se descontrolaram. Isso só indicava que a mutação não tinha sido a adequada. Algo incompreensivelmente saiu errado, e Daniel não sabia o quê.

Durante muito tempo, tentou procurar no sangue de Jade um equilíbrio, pensando que seu DNA teria mudado depois de ser mãe de uma híbrida. Mas não, estava totalmente equivocado. E ele tinha feito tudo isso não só com fins egoístas, nem para criar superguerreros; fez para poder estar com ela de igual para igual. Porque, para ele, deixá-la ir, não era uma opção. Porque a amava, amava-a de um modo selvagem, como tinha acontecido a seu pai.

Jade deixava os machos loucos, fossem da espécie que fossem.

Além disso, Daniel queria que seu corpo lhe desse a resposta e a solução que necessitava para modificar sua natureza. Mas não encontrava o elo.

Jade tinha razão. Já não era humano. Era muito forte, muito rápido, tinha seus sentidos extradesenvolvidos, e se convertia em um animal lobino de dois metros de altura. Mas, quando o fazia, não reconhecia suas emoções nem sua mente, e se deixava possuir pelas ânsias de matar e dominar. E a dor... era tão agônico... Seus ossos se rompiam, sua pele se estirava, seus dentes se desenvolviam... Era terrível. Não sabia que transformar-se fosse daquela maneira.

Ele via os berserkers fazê-lo com normalidade, sem sofrimento. Por isso precisava encontrar uma cura para aquilo, uma melhora da fórmula. Não obstante, já não poderia continuar enganando-a, e não poderia seguir com seus avanços e seu propósito se o vanirio retornasse à sua vida. Não. Antes o mataria.

Thor era o companheiro natural de Jade. A loba se uniu ao morcego para rir das leis e a natureza, rir da ciência e do que era compatível e do que não. E, para Daniel, dar-se conta de que MacAllister, depois de tantos meses de confinamento, loucura e tortura, estava ali, reclamando-a, despertava o monstro visceral, egoísta e ciumento que carregava dentro de si, alimentando sua vontade de lutar e fazer mal. Ainda mais agora que Jade acabava de desmascará-lo.

— A tocará por cima de meu cadáver — espetou Thor, fulminando-o através de suas espessas pestanas.

— A toquei centenas de vezes, enquanto lhe dava injeções e ficava profundamente adormecida — respondeu ele, soberbo e maliciosamente sorridente

— A observei enquanto descansava, e a apreciei enquanto você estava algemado ao teto de uma sala imunda cheia de sedimentos e ferrugem, engolindo raios de sol que lhe queimavam a garganta.

— Daniel... — sussurrou Jade, impressionada. Deuses, era tudo verdade...

— Por quê...?

— Ele lhe contou isso? — interrompeu-a de repente. Os últimos cabelos que ficavam em seu lugar se deslizaram por seu rosto — Já sabe a verdade porque ele contou isso? — repetiu — O vanirio? Foi pela troca de sangue? Aposto que inclusive está falando mentalmente com você. Estou errado? — com um gesto no queixo, ordenou aos lobachos que golpeassem Thor.

— Deixe-o! — gritou angustiada.

“Não me defenda”, pediu Thor, suportando os chutes nas costelas e os murros na cara. “Deixa que Daniel fale, e quando ouvir de sua boca toda a verdade, eu agirei e me encarregarei deles. Mas preciso que ele fale e que não caiba dúvida sobre nós”.

A jovem piscou, confusa. Estava se deixando vencer e golpear para que acreditassem que estava fraco e em inferioridade de condições? Aquela luz deveria queima-lo e devia doer muitíssimo... Não gostava de vê-lo naquela posição de submissão. E não entendia ainda por que, se nem sequer o reconhecia.

— Essa estranha vinculação que têm os vanirios com suas mulheres... — Daniel, alheio à sua comunicação mental, elevou a ponta da seringa de injeção e deu batidinhas suaves para deixar que saísse o ar — É fascinante, não acha, minha princesa? — sempre a tinha chamado assim, carinhosamente.

O estômago de Jade se revolveu.

— Thor MacAllister... — murmurou Daniel, olhando-o friamente — Nunca devia ter voltado. Meu pai me advertiu isso. “Ele nunca deve chegar até ela. Devem permanecer isolados um do outro”, dizia. Encarreguei-me de te deixar submetido e sem opções para que nunca viesse buscá-la — indicou, apreciando ao ver a surra que seus dois companheiros estavam dando — E aqui está. Tentando jogar por terra meu trabalho com ela durante todo este tempo.

Jade entreabriu a boca com surpresa, e depois a indignação a varreu por completo até o ponto de fazê-la tremer.

—Então... não vai negar?! Tenho razão! Mentiu para mim! — sua voz trêmula deixou Thor sensibilizado — Quem diabos é?! Quem sou eu?!

“Não chore por ele. Ele não merece”, disse Thor.

Mas Jade não chorava por ele. Chorava por ela mesma. Pela ardilosa artimanha em que a haviam envolvido durante tantos anos de sua vida. Vida que ela não suspeitava que não fosse verdade.

Pensou que sua realidade era o que era. Que tinham matado aos membros de sua família, que não se lembrava de nada, e que os bons Francesc e Daniel tiveram piedade dela e a integraram em seu mundo, em um novo grupo, em uma nova família. Bem, era verdade que havia pouco carinho entre seus membros; eram bem anti-sociais. Mas, ao menos, protegiam-na.

Agora a destroçava saber que realmente a protegiam para que não descobrisse sua verdadeira identidade e história. Porque tinha um passado que essa gente a tinha tirado. Um passado que incluía o vanirio que a havia possuído como se tivesse todo direito.

Era demais para ela, e não sabia se estava disposta a confrontar tudo o que estava vivendo. Mas, sim, estava convencida de que Daniel não era seu amigo.

— Não queria que acontecesse assim — assegurou Daniel, negando com a cabeça — Sabe como meu pai morreu, Jade?

— Seu pai? — disse, incrédula — Acha que isso me importa agora? Mentiu para mim!

— Não! — rugiu como um louco — Nós dois a protegemos! Ele se apaixonou por você. Tinha que analisá-la, e fazer todo tipo de testes para a Newscientists. Mas o cativou até o ponto de que se tornou louco por você. Tirou-a dessas instalações inglesas em Oxford Street e a levou a Urbasa, onde eu fiscalizava tudo o que fazia no castelo. Naquela época, eu só tinha dezoito anos e uma fascinação incrível pela ciência e pela genética. Ia seguir os passos de meu pai, era claro. Mas quando a vi — se deteve e fechou os olhos, desenhando um sorriso de melancolia em seus lábios ressecados — Esqueci por que estava ali. Esqueci qual era minha função. Não fique surpresa porque meu pai caiu sob seu feitiço. Eu também caí.

— Francisc era outro mentiroso como você.

— Ele te amava — defendeu-o — Por isso te salvou de Mikhail Ernepo e de outros cientistas loucos. Odiava o fato de que a machucassem.

— Sequestraram-me da mesma maneira.. Confinaram-me — ela jogou na cara dele.

Daniel deu de ombros.

— O que você não estaria disposta a fazer por amor?

— Por amor? — ela não tinha conhecido o amor. Ou isso acreditava. Mas, seja como fosse, não teria nada a ver com o que sentia Daniel por ela. O amor não devia ser assim — Têm um conceito do amor um tanto quanto distorcido — Jade continuava recuando cada vez que ele se aproximava.

— Você acha? Cuidar de você. Protegê-la. Dar-lhe abrigo e te afastar de todos os que a usavam... Isso não é amor? — deu um passo à frente, querendo intimidar a berserker.

Jade negou categoricamente. Não ia se acorvar nem ia permitir que Daniel injetasse a seringa nela.

— Não. Não é amor. É puro interesse, porque vocês também me usaram. Ambos me queriam para os converterem no que sou e continuar com seus experimentos de criar uma raça superior de humanos.

Daniel arqueou as sobrancelhas castanhas e a olhou com aprovação.

— Então, é verdade que Thor lhe contou tudo isso.

— Afastaram-me das minhas raízes, e apagaram minha vida de maneira rápida — apontou com o dedo indicador — Uma vida que... — observou a seu

redor, perdida em suas emoções. E enquanto isso, Thor continuava recebendo golpes e feridas — Uma vida que me pertencia. Era minha.

— Fizemos pelo seu bem. Para que sua saudade não a matasse.

— Isso é minha decisão! — exclamou, subindo ao ramo de uma árvore com um potente salto.

— Ah, não me irrite, princesa... Não me faça persegui-la — bufou, olhando para cima — Meus instintos estão fora de controle, ainda não me adaptei a eles... Pode ser perigoso. Eu não gostaria de te machucar.

“Não é a primeira vez que mataria alguém em uma perseguição”, informou-lhe Thor. *“Já te disse que os desaparecimentos que houveram no povoado foram por culpa deles”.*

— Ao menos meu pai se encarregou de cuidar de sua filha Aileen — disse simplesmente — E também se encarregou de manter Thor vivo — apontou o vanirio — Porque sabia que se ele morresse você também o faria.

Os olhos de Jade se abriram de par em par. Que alguém como Daniel pronunciasse o nome de uma filha que não conhecia a devastou.

E não só isso, tocou uma série de teclas em seu interior que ativaram algo irascível e selvagem. Algo que não recordava jamais ter experimentado.

Jade sibilou como uma serpente e se agachou como um animal felino em defensiva, instantes antes de atacar.

“Jade. Jade — repetiu Thor em sua cabeça — Calma... Não deixe seu animal solto. Lembre que as mulheres berserkers se transformam em lobas brancas. Se te deixar levar por suas emoções...”.

— Se cale! — rugiu, tomada pelo fogo furioso de seu interior. Em seguida, concentrou toda sua atenção em Daniel. E o olhou do modo em que o faria um predador.

Seus olhos, verde esmeralda, mudaram sua cor dois tons mais claros. Depois, tornaram-se amarelados. Algo a varria, algo a fazia tremer, e não podia fazer outra coisa do que deixar-se levar pela esmagante onda transformadora.

Daniel franziu o cenho, admirado diante de tanta agressividade, e surpreso, porque os acontecimentos se alteraram daquele modo. Estava acontecendo com Jade o que suspeitava?

— Não pode ser... — sussurrou — Você não lembra como fazer isto... Ajudamos suas células a esquecer...

— Você! — gritou Jade — Traidor! Mentiu para mim todos estes anos e brincou com minhas lembranças! Minhas! — em meio a sua explosão, soltou um lastimoso uivo como o de um cão ferido.

— Não esperava que esse momento jamais chegasse — confessou Daniel — Não devia ser deste modo, acredite em mim, princesa.

— Não me chame assim! — Jade tinha dificuldade de falar, porque sentia as presas superiores e inferiores alongarem-se em sua boca.

— Você nunca devia saber! Eu cuidei de você todos estes anos...!

— Mentira! — com as unhas, de repente mais afiadas, marcou o tronco da árvore onde estava escondida. Não estava consciente do que estava fazendo, embora soubesse que algo tentava emergir de dentro dela, algo que a fazia sentir bem, livre, justamente o contrário daquele lastimoso desespero que a revelação de Daniel provocava nela. Uma sensação de lamentável impotência. O que tinham feito com ela? Quem ela era na verdade? — Isso não é cuidar nem proteger! Manipulou-me e foi egoísta! E...! Não posso mais! — jogou a cabeça para trás, abandonada à raiva de seu interior e uivou no meio de um dilacerador lamento. E então... Saltou para frente, com os braços estirados e as pernas estendidas.

A imagem era incrível. Thor a observou do chão, sobressaltado pela beleza que presenciava.

Ninguém ia poder detê-la em sua mutação. Era o animal simbólico das berserkers, que se ativava diante de uma ameaça. Elas eram as damas da noite.

E então, seu corpo ficou rodeado de luz. Era uma faísca parecida ao de uma explosão supernova, e quando essa luz desapareceu, ainda no ar, Jade já tinha deixado de ser humana.

Era uma linda loba de pelo branco e olhos de dois tons, amarelos e verdes, que estava disposta a atacar seu inimigo.

Thor sorriu e soube que aquele era o momento de intervir e reagir aos golpes. Daniel era um lobacho e ia se transformar para enfrentar Jade.

Na teoria, as berserkers não estavam preparadas para lutar contra os homens, e muito menos em sua forma animal, menos agressiva. Mas Jade nunca foi uma loba qualquer. Ela era uma guerreira.

Às e ele encarregaram-se de que fosse a melhor. Mesmo assim, não ia ser rival para Daniel. Mas, para isso ele estava ali. Para proteger a sua *cáraid*. E quanta vontade tinha desse confronto! Podia ser rápido como o trovão na hora de matá-lo, mas jurava pelos deuses celtas que ia prolongar o seu prazer.

Pelo menos Jade se lembrava pouco a pouco, ele podia sentir em sua mudança de atitude.

Com o peito inchado de orgulho, decidiu responder a seus dois agressores Adolf e Lean. Lobachos quase novatos, integrantes desse exército de abominações que pai e filho cientistas tinham tentado manipular geneticamente, e que não iam durar nem um suspiro.

Tinha chegado o momento de acabar com esse clã que confinou a sua mulher por tempo suficiente para deixá-la louca.

Ele a ajudaria a recuperar-se, mas, primeiro, tinham que lutar.

Costas estreitas. Peito potente. Patas elegantes. E uma pelagem branca, diferente e arrepiada.

Era uma loba linda. E se jogou em cima de Daniel, com as patas dianteiras sobre seu peito. Grunhia e lhe mostrava as presas. Mas Thor não podia perder tempo admirando-a. Tão rápido como voava, também executava movimentos e lutava.

Aproveitou a seguinte patada do lobacho negro gigante para bloquear seu pulso e quebrá-lo com uma velocidade vertiginosa. O cúbito e o rádio quebrados transpassaram sua pele, refletindo uma imagem desagradável e grotesca. Mas aquilo para Thor não era nada comparado a tudo o que fizeram com ele em Shipka.

Antes que Lean reagisse, deu-lhe uma cotovelada direto no focinho. Assim, pôde ganhar tempo para continuar castigando sua primeira presa. Com um salto, subiu sobre seus ombros e tomou o focinho comprido e lobuno de Adolf; com uma mão o maxilar superior, e com a outra o inferior. Puxou-os em direções opostas, gritando como um bárbaro, até lhe abrir a mandíbula e arrancá-la, ficando com ambas as partes entre os ensanguentados dedos.

O lobacho caiu de joelhos com ele ainda em cima, e antes que desabasse, Thor se impulsionou sobre seus calcanhares para atacar o segundo lobacho de pelagem marrom e pontiaguda, que ainda meneava a cabeça para afastar a letargia da cotovelada no nariz.

Thor não lhe deu tempo nem de abrir os olhos. Aproveitando o impulso do salto, golpeou o peito com força até atravessar o esterno com sua própria mão.

O monstro abriu os olhos amarelos e doentes. O vanirio moveu a mão para a direita e agarrou o coração. O arrancou sem contemplações, e mostrou sem misericórdia, desfrutando do palpitar invonlutário daquele órgão entre seus dedos. Em seguida, espremeu-o e o fez explodir, como uma granada que soltasse todo seu suco avermelhado. Parte do sangue salpicou seu rosto.

Tinha sido tão fácil acabar com esses lobachos inexperientes... Do que serviam as mutações se não sabiam lutar contra seres de magníficas habilidades de igual para igual? Esses lobachos foram humanos uma vez, mas já não restava nem um só pensamento positivo ou misericordioso neles; eram monstros, predadores, animais carniceiros interessados somente em sua sobrevivência. Daniel era seu alfa, o único cérebro real ao que ainda restava parte de prudência e raciocínio. Porém, por pouco tempo. Cedo ou tarde, o animal nele o extinguiria e se deixaria levar por seus instintos mais sádicos. Como tinha acontecido aos membros do clã assassino que sua ciência tinha criado.

Por sorte, Thor não ia permitir que chegasse esse momento.

Daniel estava se transformando sob as patas de Jade. A loba não podia receber uma só dentada do lobacho, já que era altamente nociva para os berserkers. Thor não podia arriscar que ela se lembrasse disso, porque nesse momento pensava como um animal, não atendia a conjeturas ou a ameaças de perigo.

Assim, se apressou a afastar a loba branca de cima de Daniel e a lhe falar mentalmente, mesmo ela não pudesse compreendê-lo completamente. E se o faziam era pela vinculação que a troca de sangue os tinha fornecido. Um caminho comunicativo íntimo e pessoal.

A loba se sentiu perdida ao ver-se movimentada e deslocada com tanta velocidade. Estava disposta a morder Thor, mas ele elevou a mão e disse:

“Shh, minha loba. Se acalme. Não se aproxime agora. Daniel pode machucar”.

Jade se agachou, jogando as orelhas para trás, disposta a atacá-lo, pois, em sua mente selvagem, não o reconhecia.

Mas então o vanirio voltou a elevar a mão e sussurrou em gaélico umas palavras que sempre tinha sussurrado quando ela se deixava ir a seu totem e ambos caçavam juntos e livres, em um passado que parecia extremamente longínquo.

“Minha pequena loba selvagem, minha pequena metade. Acompanhe-me nesta noite, venha caminhar comigo”.

A imponente loba inclinou a cabeça para um lado e ocultou os esplêndidos dentes por trás de seus lábios negros.

Thor sabia que essas palavras causariam efeito em seu subconsciente, porque embora sua mente humana e sobrenatural não o fizesse, o animal se movia por instinto e também pelo aroma. Tinha que reconhecê-lo. Thor estendeu a mão para frente, aproximando os dedos para que ela cheirasse sua pele.

Era um toque mental, uma carícia plena de confiança, por direito próprio. Uma aproximação com respeito para aquela predadora em que se converteu sua mulher. Sentia como estava assustada e estupefata. Ela não se reconhecia naquela pele, mas ele sim o fazia.

Jade grunhiu com desconfiança, como se estivesse disposta a mordê-lo.

Não. Não confiava.

— Sou eu, *mo ghraidh*.

E nesse momento de conexão, Thor sentiu uma chicotada terrível nas costas. Não o viu vir.

Girou-se com raiva ao ver Daniel totalmente transformado em lobacho, com suas unhas venenosas manchadas de seu sangue. Pensou que demoraria mais na transformação, mas não; Thor o tinha subestimado. Era gigante, meio metro mais alto que ele. Um ser terrivelmente musculoso. O vanirio não se surpreendia de que fosse o alfa.

Thor com dor, mas se colocou diante de Jade para protegê-la.

— Vá — murmurou, olhando a loba pelo canto do olho, controlando que ela não se aproximasse do lobacho — Teve que tomar anabolizantes além da conta, não foi, rapaz?

Daniel rugiu, abrindo os maxilares e lhe mostrando a quantidade de presas puntiguadas e desiguais que emergiam de sua boca. Não havia nem rastro de sua roupa. Nada. A transformação a tinha convertido em tiras descartáveis espalhadas pela terra e pelo musgo úmido.

O lobacho saltou para frente com as garras estendidas.

Thor já tinha decidido que não ia estender sua morte nem prolongar seu final. Para que serviria? Queria tirá-lo do caminho e concentrar-se em Jade, em sua recuperação, e no pouco tempo que ficassem juntos, lúcidos e conscientes de sua situação.

Thor se deslocou na velocidade da luz, esquivou a patada e o agarrou pelo pescoço, colocando-se às suas costas, antes que alcançasse a sua loba.

— Me diga do que te serve — disse o vanirio ao ouvido dele, sufocando-o com seu musculoso braço, potente e constritor como o corpo de uma sucuri — Diga-me para que quer todo este poder se não sabe utilizá-lo — pressionou contra o pomo de Adão, desfrutando dos ossos que pouco a pouco quebrava com tenacidade — Humanos como você são perdidos pela vaidade. Pensam que sua inteligência não permitirá que a mudança em seu código genético os altere de maneira nenhuma. Mas se equivocam completamente. O lobacho é uma abominação de Loki, uma decisão. Não sabia? Os berserkers que se entregam a Loki se convertem nisto — o olhou cheio de desprezo — Mas um humano, embora possa encontrar uma fórmula genética em seu DNA para converter-se em um deles, não adquire com isso o dom para a luta, nem tampouco autocontrole para seus instintos. A única coisa que tem dos assassinos de Loki é o físico, e sua mentalidade daninha e egoísta. O resto... — deu de ombros —, nenhum de vocês são rivais para mim. Mas isso não evitará que os mate um a um, não terei compaixão. Porque, quando acabar contigo, irei a esse castelo onde tinham a minha mulher enganada vivendo uma vida que não era a dela, e acabarei com todos. Seu pai e você me afastaram do que mais amava — a mente do lobacho era um caos. Mas ele podia segui-la, porque o sangue de Jade o permitia ler a todo ser vivente mortal ou imortal. Era seu dom outorgado. Daniel estava furioso, cheio de ira e com ciúmes. Muito ciumento dele, porque, apesar de todos seus esforços, não conseguia ser como esses seres sobrenaturais que tinha pesquisado durante tanto tempo. Não conseguia ser como ele.

— Samael e Mikhail nos sequestraram e nos confinaram. Mas você e seu fodido pai se encarregaram de nos afastar. Entretanto — seus olhos clarearam com determinação quando olharam a loba, que continuava em atitude defensiva, com as orelhas jogadas para trás e o olhar rasgado pelo medo — Ninguém nunca pode separar companheiros de vida marcada pelos deuses. Só a morte pode fazê-lo.

“E o esquecimento”, escutou que dizia Daniel em sua mente.

— Não — negou o vanirio, convencido — Nem sequer isso. Por isso eu sabia que Jade continuava viva. Porque eu continuava vivo. Ou acaso acreditava que a lavagem cerebral que fizeram nela era suficiente para nos afastar? Ela — murmurou com ironia —, via-me em sonhos, Daniel. Sua mente me recordava inconscientemente, apesar de seus esforços para que não o fizesse.

Daniel caiu de joelhos no chão, tentando agarrar o corpo do vanirio esquivo e terrivelmente forte que estava arrancando sua vida. Não podia respirar e seus pulmões ardiam.

A loba o olhou pela última vez e começou a correr, escapando dali. Fugindo.

Thor a seguiu com os olhos. Não poderia ir muito longe. Ele estava em sua mente, quisesse ou não.

O lobacho estendeu o braço, tentando alcançar Jade, como se assim pudesse tocá-la e salvar-se. O animal se deteve por um momento, escondido

entre as árvores, e o olhou. Em seus olhos amarelos e verdes não havia lugar para o perdão nem para o arrependimento. Se esse tinha que ser seu destino, que fosse. Daniel devia morrer por tudo que lhe fez.

O monstro uivou com o pouco ar que restava nos pulmões e se agitou uma última vez com a intenção de tirar o vanirio de cima dele. Mas não conseguiu. Era impossível.

— Um lobacho também é um lutador. Um lutador que está do lado da escuridão — explicou Thor, rodeando sua garganta com mais força — Mas é um guerreiro, no final de tudo. Você é um rato de laboratório. Só isso.

— Um rato? Acha que foi por ela? — perguntou Daniel de repente, em um último fustigar poderoso.

Thor afrouxou um pouco o aperto para lhe permitir falar.

— O quê?

— Acha que foi por Jade? Acha que seu irmão Samael e Mikhail os pegaram pelo interesse que os suscitava descobrir que um vanirio e uma berserker podiam ter filhos? Acha que o fizeram para analisar o sangue de sua filha?

Thor o escutava atentamente, mas sem soltá-lo.

— Talvez estivessem interessados nisso — continuou o lobacho, desfrutando do poder de suas palavras e do que sabia que podia provocar em seu inimigo — Mas o que realmente os interessava era você. Elas foram um dano colateral, mas quem realmente importava era você. Mikhail estava obcecado com a volta de um de seus supostos deuses... a Newscientists inteira estava trabalhando nisso. Meu pai e eu nos limitamos a proteger Jade e Aileen, para proteger você...

— Mente! Fizeram-no por vocês mesmos! Não por nós!

— Mas eles... — prosseguiu —, eles deixaram instruções precisas sobre o que deviam fazer com você. Seu irmão odiava a morte, sabia?

— Meu irmão queria o que eu tinha. Como você. Mas esquecem que há coisas que não estão destinadas a ser possuídas por ninguém. Elas escolhem a quem decidem entregar o coração. E isso é algo que não compreendem. Jade me escolheu. Não a Samael, nem a seu pai, nem a você. A mim — repetiu com orgulho.

— Certamente não compreendemos. Mas sua mulher é um ímã. Rouba o coração — soltou algo parecido a uma risada — Cheira tão bem e tem um sabor tão bom... Quando estava adormecida, sob o efeito dos soníferos que a colocavam em...

— Se cale, filho da puta! — gritou, apertando de novo o braço em torno da sua garganta. Ia matá-lo antes que a raiva que sentia por aquela vil manipulação acabasse com ele.

— Eu a espiava. Olhava-a. Tocava-a...

Thor gritou com todas suas forças, agarrou seu braço direito e o torceu para trás, até extirpá-lo por completo. Depois o lançou, fazendo-o impactar contra uma rocha.

— Vou fazer isto com cada extremidade... — avisou-o, cego pela fúria.

Daniel morria da dor, mas mesmo assim tinha forças para acabar de transtornar Thor. Porque o vanirio tinha razão: ele não sabia lutar, mas podia feri-lo de outras maneiras.

— Tudo foi por seu dom. Você é responsável pelo que aconteceu à ela e à sua filha — cuspiu, querendo lhe dar uma cabeçada para trás, mas errando na tentativa — Você e ninguém mais! Pode me matar se quiser, mas viva com isso em sua consciência. Seu dom, esse que não põe limites à sua telepatia, devia ser anulado para que não alertasse a nada nem a ninguém sobre a volta desses extraterrestres que eles veneravam. Porque você podia desvendar toda a trama, porque pode escutar tudo se quiser. A Newscientists decidiu orquestrar toda essa ridícula jogada vários anos atrás, com seu sequestro. Porque... — tentou o olhar por cima do ombro — começou tudo com você. Viva com isso.

Aquilo era pior que uma ferida mortal. O sangue de Jade o ajudava a recuperar parte de sua consciência, e com isso chegavam os sentimentos em grandes ondas. Tudo tinha sido por ele? Foderam sua vida por seu dom? A Terra ia desaparecer, e tinham feito mal à sua mulher e à sua filha só porque estavam com ele. E porque seriam o brinquedo de indivíduos de mentes retorcidas cuja ciência se sobressaía à consciência.

— Não são extraterrestres. São deuses — disse Thor para corrigi-lo.

— O quê? — disse, perdido.

— Não são extraterrestres. São deuses. Semeadores de vida. Entende isso?

— Seja como for — replicou, depreciativo — Eu, como cientista, vejo de outra maneira. Tenho colegas astrofísicos que os chamam Asgardianos. A Nasa também estava à par de sua existência e da pesquisa, embora não até o ponto ao que chegou a Newscientists.

— Sabem o que criaram? — disse, incrédulo —. O fim do mundo. Para que entenda: A Terra está no meio de uma guerra cósmica entre duas raças de extraterrestres, uns construtores e outros destruidores, exatamente como a humanidade — lhe explicou — E os maus vão ganhar. O mundo vai à merda, contigo e com todos incluídos, sejamos do lado que formos, estejam na Nasa ou fora dela. Era isso o que queria? Porque isso é o que você, seu pai, e todos os que uma vez os ajudaram conseguiram. Eles, os de acima — olhou ao céu cada vez mais denso com espessas nuvens cinzentas e inclusive avermelhadas. Era como um eterno entardecer ensanguentado —, chamam-no de Ragnarök. O Final dos Tempos. Vocês somente foram peões nas mãos de Loki e seus jotuns. Só peões. Nada importantes — o recordou, rangendo os dentes — Ratos de laboratório. E os ratos de laboratório têm pouco tempo de vida. E agora — assumiu, assegurando-se de que o animal o escutasse bem — acabou.

Deu um último apertão, partiu sua coluna pela parte cervical, e puxou para cima para lhe arrancar a cabeça pela cepa. Não queria ouvir mais, já tinha tido suficiente.

Levantou-se, com a cabeça do lobacho na mão, presa por uma orelha.

A imagem do guerreiro vanirio era imponente. Tinha profundas feridas nas costas, e também no corpo, seu rosto estava salpicado de sangue, dele e dos outros, com uma expressão atormentada que refletia a dor e a contradição que pugnavam de maneira selvagem e desconsiderada em seu interior.

Levantou a mão até seu rosto e estudou a cabeça de Daniel, já humana, com os olhos voltados para cima e em branco, e a boca meio aberta. Estudou-o com total indiferença, e pensou no desprezo que sentia por pessoas como ele.

Não. A humanidade não merecia ser salva se tinham permitido que tipos como Mikhail, Francesc, Daniel... tivessem o poder de criar semelhante abominação, experimentar neles mesmos, e serem capazes de atos atrozes contra seu próprio povo.

Por essa mesma razão, atirou a cabeça ao chão como que se desfaz de uma penugem insignificante e decidiu que acabaria com todos aqueles aos que Daniel tinha mudado.

Os membros desse castelo deviam morrer. Assim devia ser para que sua consciência tivesse a paz temporária que outorgava a vingança saldada.

VIII

Se pensasse em como tinha voltado ao seu corpo normal, não sabia. Não tinha nem ideia. Mas sim recordava ter seguido o vanirio através da folhagem e do bosque e ter contemplado, com uma paz inusitada, a matança que tinha deixado para trás em sua fortaleza, naquele castelo que uma vez chamou de lar. Um lugar onde sempre se sentiu incompreendida e diferente, mas, ao menos, segura e confortável. Entretanto, tudo foi mentira.

Tampouco recordava como tinha retornado ali naquele momento. Seu instinto a levou a pé até esse lugar. Agora, nua, de joelhos no chão frio e molhado daquela caverna em que ele a havia possuído, com os gritos gravados em sua cabeça de todos os que tinham morrido sob o jugo do celta e com as labaredas do fogo que consumiu aquele palacete de montanha onde residiu durante tantos anos, Jade ainda entendia o que era nem a quem pertencia. Suas raízes se afastaram por completo.

Thor era um guerreiro desumano e frio. Um vanirio que assegurava ser seu compaheiro de vida. Uma ideia que chocava muito com a que ainda tinha gravada em sua mente, a qual ainda mantinha que vanirios e berserkers se odiavam mortalmente.

Abraçou o corpo gelado e manchado de terra e cravou seu olhar verde, ainda meio animal, naquele diário que Thor tinha ocultado na caverna, sob seu sobretudo. Ele assegurou que ela o tinha escrito. Que ali estava expresso sua vida juntos. Que nessas páginas se encontrava sua filha e o amor e a devoção que uma vez se professaram.

Tocou o ventre, com o olhar ainda cravado nesse livro, e umedeceu seus lábios ressecados com nervosismo.

Como uma mãe podia esquecer-se de sua filha? Como? Não podia ser.

Era terrível esquecer-se de algo assim. E ela o tinha feito, por isso se sentia culpada, suja e miserável. Culpada por não recordar de sua filha. Suja por ser

incapaz de sentir ódio pelo o vanirio que usou seu sangue e seu corpo daquele modo. O que sentia a respeito? Talvez já não sentisse nada. Ou talvez sentisse muito.

E, por último, se sentia miserável, porque considerava justo o final que tiveram todos aqueles que participaram do complô e que fizeram parte de seu círculo, fazendo-se passar por sua falsa família. Maldição, não eram berserkers, eram lobachos, e ela se viu incapaz de identificá-los como tal.

Descobriu o livro envolto no sobretudo negro e o tomou entre suas mãos, passando os polegares pelas incrustações de pedras verdes e preciosas.

— Jade — leu, impactada, em voz alta, incapaz de evitar o estremecimento de sua própria voz nem o tremor de seus dedos. Não pôde evitar sentir uma físgada de tristeza e compaixão por si mesma. Foi um brinquedo nas mãos de outros, a isso tinham-na reduzido — Por todos os deuses... — sussurrou afligida, levando o livro ainda desconhecido contra seu peito — Quem sou?

— É Jade Landin — respondeu a voz de Thor às suas costas.

Ela se virou precipitadamente e o olhou com suspeita. Mas depois voltou a prestar toda sua atenção ao livro.

— Já ajustou suas contas? Acabou com todos?

— Sim — respondeu, solene, sem arrependimento — Se tivesse mais tempo, os teria torturado.

— Não quero que torture a ninguém em meu nome.

— O fiz no seu e no meu — esclareceu.

— Bom... Minha vida dos últimos anos desapareceu com um estalar de dedos. Bem o tempo que necessitou para acabar com todos os que viviam no castelo. Em uns segundos — falou, com clareza e lentidão, um tanto tomada pelo choque —, matou a todos. E as pessoas souberam? Saíram de suas casas para ver o que acontecia e de onde nasciam as chamas? — perguntou a si mesma — Não. Já não lhes importa nada. Estão presos em suas cabanas, temerosos de sair. Temerosos da vida e do destino que os espera.

Thor não se esforçou nem sequer em arrumar o cabelo ou em limpar o sangue do rosto. Não tinha que ocultar-se frente a ela.

— Não ia permitir que ninguém dos que participaram de nossa separação continuasse com vida. Espero que entenda.

Jade deixou escapar o ar entre os dentes, com mais desdém que com indiferença.

— Sabe o que sinto por tudo o que fez?

Thor sabia. Estava em sua mente, em contato com ela, e não ia desvincular-se jamais. Tinha demorado muito para encontrá-la. Mas, por respeito à sua intimidade, permitiu que fosse ela quem o explicasse.

— Nada. Não sinto nada — disse, simplesmente — Não sinto pena, nem dor, nem piedade, nem compaixão. Nada — sussurrou, incrédula — Pode acreditar nisso?

Seu longo cabelo negro cobria seu rosto e seus seios nus, mas deixava expostas suas costas elegantes, seus quadris e parte de suas nádegas. Thor quis aproximar-se dela, pegar o sobretudo e cobrir sua nudez, que só pertencia a ele, mas não quis violar seu espaço nesse instante de revelação e sinceridade.

— Não deve se sentir culpada pelo que não sente. Eles nunca se sentiram mal por te enganar.

— Eu — seguiu com seu monólogo, ignorando assim sua recomendação —, que vivi todos estes anos vendo um desconhecido em sonhos e acreditando que era quem não sou; eu, que desde que me lembro nesta vida, odiei até a morte aos vanirios, áqueles que são como você. Que... — sorriu com tristeza, rindo de si mesma —, que tenho em mente uma família que jamais existiu e que fui incapaz de diferenciar um lobacho de um berserker, acabou que, segundo você, tenho um companheiro de vida, alguém por quem deveria estar absolutamente louca; tenho uma filha contigo, uma menina por quem se supõe que deveria amar loucamente. E sou filha de um líder de um clã berserker que não recordo. Como deveria me sentir a respeito? Por que parece que nada me magoa? — passou a mão pelo rosto, como se quisesse despertar de um pesadelo — Nem sequer sinto medo de você, quando deveria estar aterrorizada por sua sensação de posse sobre mim.

— Não é uma sensação — explicou, mantendo a calma — As lobas são muito mais possessivas que os vanirios. Mas ainda não lembra. Quando nossa vinculação real se ativar...

— Sshh — o fez calar, levantando a mão — Estou anestesiada. Não sei o que acreditar. Não sei o que devo fazer... — pressionou os dedos contra seus olhos, perdida pelas emoções tão desconhecidas.

— Não tem medo de mim porque sabe que eu jamais te faria mal.

— Tem um curioso modo de demonstrar. Meu companheiro jamais faria o que você fez. Despir-me, me morder e tomar meu corpo sem minha permissão.

Thor endureceu a mandíbula e seu olhar lilás se tornou glacial. Não iria passar pela mesma coisa duas vezes. Não era assim exatamente como tinha acontecido.

— Não a violentei, se for isso o que está insinuando...

— Não insinuo, falo — o acusou, certa, sem deixar de abraçar o diário contra seu corpo — Eu não entreguei a você. Você tomou o que quis. Como vou aceitar que meu companheiro seja assim comigo?

— Fiz por necessidade, para que nos conectássemos e meu sangue arrumasse a confusão que tem na cabeça — apontou bruscamente — Não há outra forma de recordar quem é. Não há outro modo de saber quem somos. Nosso sangue nos cura em todos os aspectos. Eu te ensinei a beber de mim e então o apreciava.

— Não acredito em você — a ideia o repugnava — Beber sangue me dá nojo. Seu sangue não é bom! — gritou, perdendo os estribos.

Essas palavras feriram Thor. Nada era pior para um vanirio que escutar como seu companheiro rejeitava seu sangue, seu dom mais prezado. Jade tinha

ideias daninhas inculcadas na cabeça, e ele devia ter toda a compreensão que não tinha. Seria difícil que o hábito de pensar desse modo desaparecesse tão cedo.

— Droga, Jade! — grunhiu, aproximando-se dela — Eu tampouco lembro de Aileen, mas você a escreveu no diário, fala dela! — assegurou, pesaroso — Também ferraram minha cabeça — bateu na têmpora com o indicador. — Por isso precisamos um do outro. Talvez não acredite em nós e não confia em mim. Não me quer? Não sente nada por mim? Perfeito! Faça o que tiver vontade! Sinta-se como quiser! Mas já viu o que Daniel disse. Confirmou minhas palavras. Esse livro que tem nas mãos é seu. Sua letra. Leia-o para ver se isso te refresca a memória.

— O que há aqui escrito não vai mudar o que fez — disse, cortante, olhando-o repentinamente por cima do ombro.

— Perdoou-me uma vez — assumiu sem agachar a cabeça — Pode fazê-lo uma segunda. Não estou envergonhado. Talvez o lugar e o momento não fossem adequados, mas quando compreender o quão delicada é esta situação, talvez seja mais tolerante.

Jade se levantou pouco a pouco, em câmera lenta. Era consciente de sua nudez, mas não sentia vergonha. Que vergonha podia sentir diante dele, que a tinha usado daquele modo e que era um completo desconhecido para ela nesse momento?

— Não sei. Por agora não é nem meu companheiro, nem o pai de minha filha, nem sequer meu amigo.

— Sou seu companheiro — a recordou, levantando o pulso para lhe mostrar o *comharradh* — Você gostando ou não, sou. E não penso te deixar. Não pararei até que lembre.

— Me deixe livre — pediu, virando-se para o olhar de frente — Me deixe livre, Thor, e assim poderia ganhar meu respeito. Porque, embora eu não tenha nem ideia de qual é meu lugar, tenho princípios. E não posso ser quem você quer que eu seja. Porque não o sinto. Daniel me enganou, era um mentiroso, mas sim acreditava que era meu amigo e por isso podia estar aqui, tranquila, com eles. Mas você apareceu para me tirar de meu sonho, me machucando. Me fazendo coisas —seus olhos se encheram de lágrimas — que ninguém tinha feito antes...

— Fiz com você coisas ainda mais escandalosas! — gritou, perdendo a paciência.

— Mas eu não me lembro delas! Não sei quem é!

— Não vou partir! — exclamou cada vez mais irado — É impossível deixá-la.

— Me dê tempo.

— De que tempo fala, mulher?! — replicou, lhe mostrando as presas, provocando que ela recuasse até quase tropeçar — Tudo o que vê ao redor está caindo! O mundo vai desaparecer! É o Ragnarök! E não quero viver meus últimos dias sem você! Não quero morrer sem você!

— Mas o fará igualmente! Porque eu... não sou o que você quer que seja. Não vejo em você nada que me faça sentir esse amor louco que sente por mim. Não entende?

— Insensata — apertou os punhos contra seus estreitos quadris e se abateu sobre ela como um animal — Comporta-se assim porque não acredita que sejamos companheiros. Mas eu posso demonstrar isso perfeitamente.

— Não se atreverá — disse, arregalando os olhos, tentando fugir dele — Não vai me tocar outra vez!

Thor a puxou pelo pulso, agarrando-a com força, e a obrigou a o olhar nos olhos.

— Posso impeli-la. Posso te obrigar a sentir coisas...

— Vai enganar-me e me manipular outra vez para que não sinta asco nem dor? — provocou-o — Como quando abusou de mim?

— Eu não a obriguei a isso. Nossos corpos se reconhecem, por isso não senti repulsa. Por isso gostou. Eu não a manipulei.

— Mentira.

— E tampouco vou fazer agora — abriu a boca e lhe mostrou as bicudas presas brancas que se sobressaíam por debaixo de seus lábios — Não tenho tempo para ser delicado ou te tratar bem, Jade. Espero que o compreenda.

Ela tentou escapar de seu aperto, mas aqueles dedos eram duros e a cercavam como grilhões de aço.

— Me solte!

— Disse que tem o selo oculto sob a pele. Olhe — com um movimento rápido, cravou suas presas na pele superficial de seu pulso.

Jade abriu os olhos, impressionada, estendeu suas unhas e arranhou seu rosto, acompanhando o gesto com um rugido de defesa. Mas Thor não se afastou. Capturou a carne e a puxou, até arrancá-la como se fosse um adesivo, um emplastro.

Ela gritou e o insultou, empurrando-o com todas suas forças.

— Como pode me tratar assim?!

Thor se afastou, e quando ambos se olharam, ele tinha entre os lábios o pedaço de pele que lhe tinha arrancado. Ela desviou o olhar para seu próprio pulso, esperando ver uma ferida horrível, profunda e sangrante. Mas, em vez disso, só viu um par de arranhões e carne rosada. No centro dessa carne mais branca, coberta durante tanto tempo, tinha gravado um símbolo trançado, um tribal circular com uma gema lilás em seu interior.

— É o nó perene — Thor cuspiu o curativo de carne artificial que tinha mantido preso entre os dentes — O símbolo de eternidade entre os companheiros de vida. Um símbolo que aparece em nosso corpo quando acontecem três vinculações com troca de sangue e quando se reconhece abertamente o amor verdadeiro. A gema lilás é pela cor de meus olhos. A gema verde — falou, mostrando o pulso direito igualmente marcado — é pela cor especial dos teus.

Jade continuava em transe escutando a narração do Thor, absorta em sua marca.

— Quando os deuses nos marcam, não há maneira de apagar o selo, nem sequer arrancando-o, porque este volta a aparecer. Daniel sabia que o nó agiria como um controle ativador de sua consciência, por isso decidiu ocultá-lo com uma prótese de pele aderida. Por essa razão sua pele coçava nessa área. Seu corpo estava rejeitando-a. O *comharradh* não quer estar oculto, porque é um orgulho mostrá-lo.

Jade respirava agitada, concentrada naquela tatuagem. Era linda, reconheceu. Intrínseca, presa por vários lados, símbolo de algo inquebrável e duradouro. E ela a teve ali sempre, com ela. E nunca, nunca, foi capaz de descobrir que aquela pele não era dela, que era somente um conserto que ocultava sua marca.

Thor sentiu a aflição dela como se fosse dele, e com um movimento rápido agarrou seu sobretudo e a cobriu, rodeando-a pelas costas, segurando-a contra seus braços com ambas as mãos. Ele era mais alto que ela, muito mais. Inclinou sua cabeça para lhe falar de perto, em voz baixa, de um modo que não fosse ameaçador.

— Eu nunca desisti de te encontrar. Sabia que continuava viva. O selo desaparece quando a outra metade parte, quando a morte a leva. Meu selo sempre esteve impreciso, mas nunca se desvaneceu. Por isso sabia que continuava viva, apesar de não te escutar.

Ela elevou a cabeça e o olhou com os olhos umedecidos pela emoção e uma desanimadora angústia.

Entretanto, Jade riscava com o dedo o selo que sempre tinha levado com ela. Tocava-o com fascinação, e quando a ponta do dedo tocou a gema, uma chama mental a levou a uma imagem entre lençóis, suor, paixão... Ele fazendo amor com ela, ela fazendo com ele. Dentadas, sangue, entrega... O cabelo de Thor sobre seu rosto, ela afastando-o e prendendo-o atrás, enquanto ele se enfiava em seu interior sem nenhuma delicadeza. Estavam fazendo amor como animais, desprovidos de rédeas ou limites. E seus beijos... seus beijos a alimentavam.

Jade piscou, atônita, e levou a mão à bochecha, de repente quente. Sentia-se atordoada e desorientada. De onde tinha vindo aquela lembrança? Onde estavam? E então sentiu a dor do selo marcando sua pele, queimando-a e gravando-se a fogo.

— Está recordando a noite — disse ele, emocionado, clareando a voz — A noite em que os deuses nos marcaram como companheiros de vida. Esse quarto tão grande em que está, com a chaminé, os lençóis de cetim... O vento que balança as cortinas da enorme sacada... Essa era minha casa.

Jade levantou a cabeça, de repente, e o olhou nos olhos. Duas enormes lágrimas caíram de seus olhos e deslizaram por suas bochechas.

— Como... como pode ser? — sussurrou com um fio de voz — São ilusões?

— Não. São lembranças. Eu também as vejo — respondeu, feliz por ver que a primeira lembrança real bombardeava sua mente.

— Oh, por Deus... — murmurou, começando a chorar.

— Bebê... — disse, lamentando-se, inclinando-se um pouco mais para falar ao seu ouvido. Precisava abraçá-la, e embora não o fez porque queria lhe dar esse espaço, lhe falou com o amor e a paciência que ela exigia. — Sei que se sente mal e perdida. E eu gostaria de poder te dar o tempo que precisa para que me reconheça e se lembre de mim. Entretanto...

— Entretanto, nem você nem ela têm o tempo que pedem. De fato, ninguém o tem.

Jade girou para ver quem falava, e Thor olhou por cima de sua cabeça. Do interior escuro da caverna apareceu uma silhueta feminina, vestida com túnica branca, com incrustações douradas sobre ombros, antebraços e um diadema na cabeça que segurava seu longo cabelo vermelho. Seus olhos claros e poderosos, de um verde mais misterioso que o da berserker, grandes e curvados para cima, olhava-os impaciente.

Ao seu redor havia um halo luminoso carregado de eletricidade que ressaltava ainda mais sua esbelta figura.

O vanirio se colocou em frente a Jade. Pôs seu corpo na frente para protegê-la, porque ela ainda estava impressionada por tudo o que lhe estava acontecendo.

— Quem é você?

— Quem sou eu? — perguntou, incrédula — Sou Nerthus. A Deusa do Midgard. A Mãe Terra.

Thor franziu o cenho e disse:

— Hã?

A imponente Deusa girou os olhos. Em seu cabelo avermelhado havia fios que pertenciam a plantas e cresciam entre seu cabelo mesclando-se com ela, com brotos de flores lilás e esverdeadas. A parte baixa de seu vestido se fundia com o chão que pisava, como se a pedra se abrandasse para ela, como se essa superfície quisesse absorvê-la, necessitada de sua energia.

— Sou a mãe de Freyja, a deusa que os transformou.

— Sei quem é, Nerthus — respondeu Thor, ainda impressionado — Mas não entendo... O que faz aqui? Pelo que li nas mentes de meus companheiros, os deuses não podem sair do Asgard e nos deixaram abandonados à nossa sorte.

— Isso é incorreto. Nem todos os deuses estão lá em cima — destacou Nerthus, elevando o dedo indicador para apontar o teto da caverna. — Eu fui mandada aqui por Odin, porque dois egos tão grandes não podem conviver em um mesmo Reino — explicou, simplesmente. — O caolho é um coçador de saco e adora fazer a vida da minha filhinha impossível. Por isso não o interessa que eu esteja turvando sua paz mental. Como seja — disse, agitando a mão, como se não desse importância — Me mandou ao Midgard para cuidar deste reino que adquiri tanto carinho. E nos últimos dias de vida que restam, em seus últimos golpes —

acrescentou com os olhos brilhantes —, é minha missão tentar salvá-lo e fazer um chamado a todo meu exército, seja qual for, para que o mantenham em pé até o final. O Midgard é como um peixe que atravessaram com um anzol, mas continua sob a água. Entretanto, ainda não o tiraram do rio. Ainda pode escapar. Ainda pode sair vencedor e livrar-se da morte.

— Mantê-lo em pé, diz? Sair vencedor? Este planeta vai se partir em dois. Todos vão morrer. Loki vai tomar conta de...

— Não fale o seu nome! — em um momento, Nerthus estava de frente a Thor, nariz com nariz, com os olhos completamente negros e o rosto sulcado de veias negras e azuladas. Com as presas expostas e uma atitude ameaçadora — Meu mundo se manterá em pé até que eu diga! O travesti vai ser vencido! — dito isto, forçou-se a relaxar. Pigarreou e afastou o cabelo do rosto com dignidade, como se segundos atrás não tivesse perdido as estribeiras — Têm que ajudar a conseguir isso.

— Nós? — disse Jade, de repente, como se despertasse de um pesadelo — O que nós podemos fazer?

— E por que íamos estar interessados em fazer algo para salvar a este planeta de humanos? Eles me tiraram tudo — grunhiu Thor, enfurecido — Não me interessa.

— Por quê? Porque seu amor continua aqui, vanirio. Porque Jade continua viva, e porque, se Odin e Freyja movem suas fichas, eu também movo as minhas. Encarreguei-me que duas de minhas sacerdotisas a mantivessem com vida para você — explicou a ele com voz cortante como a lâmina de uma espada, desviando o olhar até Jade — Para que a encontrasse e tivessem uma oportunidade, não só para vocês, mas sim para salvar meu Reino.

— Salvar seu Reino?

— Sim. Salvá-lo. Freyja não sabe que eu jogo também minhas cartas e que tenho meus golpes escondidos. Odin tampouco imagina. Eles acreditam que não podem fazer mais nada. Mas não é assim. Eu sei tudo o que minha filha fez e, sabendo isso, organizei minhas fichas para que sua jogada tenha sentido. Já sabem o que dizem: uma mãe conhece tudo sobre sua filha. A uma mãe nada pode ocultar — assegurou, dando um golpe baixo em Jade.

A berserker sentiu raiva e tristeza por ela mesma porque, se tinha sido mãe de verdade, não recordava nada absolutamente de tão magnífico milagre que era o de dar vida.

— O que Cedro e Daphne têm a ver com isto? — perguntou Jade, cobrindo-se melhor com o sobretudo, sem soltar o livro.

Nerthus elevou sua sobancelha avermelhada e perfeita para olhar a filha de Ás com uma superioridade esmagante.

— Lobinha, é melhor ficar esperta. São sacerdotisas. Minhas sacerdotisas. Há anos, disse a elas, através das runas, que se fossem a Urbasa para cuidar de alguém especial. E isso fizeram. Cuidaram de você. Você foi a elas um dia, e não foi por acaso. Minha mão e minha colaboração guiaram seus passos, e uma vez

que as encontrou, eu desapareci, confiando em que elas cumpririam sua missão até o dia em que Thor viesse buscá-la. E isso fizeram. Cedro e Daphne a amam como se fosse sua filha, cuidaram muito bem de você. Vocês dois estão juntos agora porque assim deve ser. Nunca antes. Sim no momento adequado — marcou essas últimas palavras com soberba — E o momento adequado é este.

Thor avaliou a possibilidade de ignorar a Deusa. A ele somente interessava sua mulher, cuidar dela e que ambos recordassem juntos. Não estava interessado em brigar em nome de uma raça inferior e destrutiva, e muito menos queria pôr em risco a vida de Jade. Tinham pouco tempo para aproveitar. Tempo que se cortaria se matassem a algum dos dois antes.

— Quando se tornou tão egoísta? — perguntou-lhe a Deusa, lendo seus pensamentos — Foi um líder do clã celta. Minha filha o escolheu para o transformar por sua venerabilidade e por pensar sempre nos outros antes de você.

— Possivelmente foi a esperança e a vontade de ajudar quando um grupo de humanos me separaram de meu *cáraid* e se dedicaram a me queimar e a me torturar dia sim e dia também — respondeu, sarcástico — Talvez por isso não me interesse o que aconteça com eles.

— E seus amigos? Esqueceu que lutam uns em nome dos outros? Não lutam para proteger aos fracos, lembre-se, vanirio. Vocês têm um código. Lutam pelo que têm ao lado, e defendem uns aos outros. Vai trair esse juramento? Eles vão morrer no campo de batalha. E vão fazer isso para te dar um tempo precioso para que possa aproveitar junto a sua mulher. Vai pagá-los desse modo? Dando-lhes as costas?

O queixo do celta se endureceu, assim como seu olhar.

— Eu não dou as costas a ninguém. Jamais — jurou, disposto a enfrentar à Deusa.

— Pois me demonstre isso. Deve-me o favor, vanirio — o apontou com um dedo ameaçador — A Escolhida, o Curador, o Druida, Caleb McKenna, seu melhor amigo, e sua filha... Todos se sacrificaram por todos. Também por você. Deve a eles. Deve-me isso. E é melhor que não deva nada a nenhum Deus — o ameaçou — Me devem isso os dois — destacou — Você tem a sua companheira com vida e pode recuperá-la. E você — olhou para Jade —, pode recordar junto a ele para reconhecer a sua filha e montar as peças do quebra-cabeças que formam sua história. Você, moça, tem o poder de fazer que Thor mude de opinião e aceite a missão. Não te interessa, Jade? — perguntou-lhe, sabendo que teclas tocar — Pode recordar toda sua vida nas horas vindouras, se juntos fizerem o que lhes peço. Pode recordar Aileen, desde o primeiro dia. Desde que concebeu até que quando deu à luz. Inclusive até o dia que a tiraram das mãos. Não quer ver tudo isso?

Jade piscou, espectadora. É óbvio que queria. Precisava saber quem era na realidade. Precisava ver Aileen e descobrir com quem se parecia. Se existia ou não.

— Sim, já sei que não são as melhores circunstâncias — prosseguiu Nerthus, apreciando a sensação de ter a faca e o queijo na mão — E que retomem sua relação no final dos tempos, meio senis e semeados de desconfiança, não é nada lisonjeiro nem esperançoso. Mas ninguém conta com vocês. Nem sequer o das tranças coloridas. São meu ás na manga. Se isto sair bem, terei ao do tapa-olho pego pelas bolas durante muito tempo — sorriu, divertida.

— Faz isto porque não suporta Odin? Para lhe demonstrar que se equivocou ao te desterrar? — perguntou um Thor insultado.

— Odin? Me dou muito bem com Odin. É um pouco insuportável como todos os homens. Mas gosto dele — afirmou sem compreender — Faço isto porque me sinto responsável por meu Reino e odiaria que algo tão lindo se estragasse. E o faço por minha filha, sobretudo por ela — deixou claro — Porque, se conseguirem ser bem sucedidos nessa missão, ela terá sua oportunidade de dar a lição que Odin merece. Porque, para uma mãe, — acrescentou, de modo misterioso — não há nada que a magoe mais que sua filha. Logo compreenderá, Jade — piscou um olho, divertida.

— E o que temos que fazer? — quis saber a berserker, estimulada pelas palavras da deusa.

— Quer dizer com isso que está disposta a fazê-lo? — perguntou Nerthus — Farão o que eu lhes digo?

Jade olhou para Thor com segurança. Não o reconhecia, não confiava nele, mas se uma deusa afirmava que podia recuperar sua mente e suas lembranças em troca de fazer o que ela dissesse, faria-o sem hesitar. Não pensaria duas vezes.

— Vamos fazer — disse Jade, dando um passo à frente.

— Não pode lembrar sem ele — esclareceu Nerthus — É consciente disso? Isto é algo que devem fazer juntos.

Os olhos verdes de Jade refletiram uma determinação admirável.

— Sim. Não me importa. O que seja por recuperar minha vida — o olhou de esguelha — seja a que for.

Nerthus assentiu com orgulho.

— É uma filha digna de seu pai. Ás Landin era um homem de honra.

O nome pronunciado nos lábios da deusa provocou-lhe uma físgada no peito. Uma físgada de familiaridade que nunca antes havia sentido.

Thor iria até o fim do mundo para contentar Jade e ajudá-la que se sentisse à vontade a seu lado. Ele não ia desistir de fortalecer seus vínculos e faria o que estivesse ao seu alcance para que ambos recordassem o quanto se amaram uma vez. E talvez, com sorte, ele também poderia recordar essa filha que tinham apagado de sua memória.

— Thor? — a deusa esperava sua resposta.

— Se for o que Jade deseja — respondeu o celta —, que assim seja.

Nesse momento, Nerthus lhes dedicou um sorriso esplêndido que a fez mais jovem, se cabia a seus olhos. Deu duas palmadas de felicitação e se virou para olhar para a profundidade da caverna, escura e críptica.

— Perfeito, então. Fazem-me muito feliz. Tomem minhas mãos — ordenou, abrindo os dedos para que ambos se agarrassem a ela — Cedro e Daphne nos esperam do outro lado.

Thor e Jade dirigiram um último olhar um ao outro.

— Está segura de que quer fazer isto? Sabe o que sou. Sabe o que somos — a recordou Thor — Vai ficar à vontade? — pensava nela acima dos outros. Era injusto que a Deusa o tachasse de egoísta, porque nunca pensava nele, a não ser em sua mulher e em seu bem-estar.

A berserker engoliu em seco, dirigiu um último olhar ao livro e ao selo que havia em seu pulso e, armando-se de coragem, olhou à frente e disse:

— Sim. Que seja o que tenha que ser. Já perdi tudo. Que mais posso perder?

Assim sendo, Nerthus puxou ambos pelas mãos, e os três desapareceram por um portal invisível e transparente que só a deusa nórdica da Terra era capaz de ver.

Cedro e Daphne, as duas sacerdotisas, permaneciam de mãos dadas, com o olhar à frente, atentas a esse portal que presumiam que elas tinham aberto para convocar a Deusa. Nunca a tinham visto. De fato, não sabiam se existia, já que ela lhes falava através das runas e usava as suas sacerdotisas para dar suas mensagens. Mas Nerthus era como Deus, todo mundo acreditava nele, mas ninguém o via.

— Acha que fizemos certo a invocação? — perguntou Daphne a Cedro, com insegurança e emoção.

Cedro assentiu com seus olhos verdes aprovatórios. Ela sempre teve plena confiança em suas habilidades como sacerdotisas, embora, ao final, como últimas matronas que ficavam na terra, cabia-lhes o prato principal: proteger a essa pessoa especial, e quando recebessem a mensagem, convocar Deusa. Vestiram-se de branco, como requeriam as invocações e iniciações de Nerthus, para simbolizar pureza de intenção e espírito.

— Fizemos tudo o que estava em nossas mãos — respondeu Cedro.

Escutaram um som metálico proveniente do interior da caverna em que se achavam. Encontravam-se no interior da Sima a Catedral, no Monte das Limitações, onde faziam muitos conjuros desde tempos ancestrais. Era uma gruta que continha poços cobertos de musgo, rodeados de grandes blocos de pedra e um lago interno.

— Supõe-se que tínhamos que atrair Jade até aqui, e que Nerthus deveria aparecer em algum momento — murmurou Cedro, batendo os cílios levemente — Meu Deus... — disse.

Na frente delas, dentro da cavidade, apareciam três silhuetas. A central era a de uma mulher alta e intimidante, vestida de branco e ouro, com um resplendor e uma luz especial.

As sacerdotisas emudeceram e ficaram boquiabertas ao ver a aparição. Ambas caíram de joelhos ao chão e baixaram a cabeça em uma reverência de admiração e respeito.

Nerthus as olhou e sorriu, feliz por ter um exército de mulheres tão solícitas, disciplinadas e com tanto talento para as artes mágicas, indispensáveis para trabalhar com ela. Cedro e Daphne faziam um trabalho elogiável e entregue.

— Levantem-se, irmãs — pediu Nerthus.

A imagem da deusa as deixava tão impactadas que mal tinham forças para erguer-se de novo. As pernas tremiam.

— Daphne! Cedro! — exclamou Jade, correndo para elas.

Então, as duas mulheres abriram os olhos, e acolheram Jade entre seus braços, cobrindo-a com o carinho tão aberto que sentiam.

IX

— Mas... E sua roupa? — perguntou-lhe Daphne, horrorizada. Além disso, tinha alguns arranhões pelo pescoço e pela clavícula, que o sobretudo não podia ocultar — Está nua, menina!

Jade balançou negativamente a cabeça e as abraçou, só para sentir um pouco de calor e empatia. Nada do que teve desde que Thor irrompeu em sua vida.

Thor se esticou às suas costas e estudou as duas mulheres. Leu-lhes a mente e compreendeu que eram de confiança, que não tinham nada a ocultar.

Nerthus olhou de soslaio para Thor, surpreendida por seu dom.

— Não há um só mistério para você, verdade? — perguntou-lhe a deusa para medi-lo — Inclusive minha mente é acessível ao seu dom.

— Só a princípio. No primeiro contato. Depois, se aquele a quem leio tem o poder suficiente, pode deter a invasão. Mas até agora ninguém pôde comigo.

— E por que não lê a minha? — perguntou a deusa, deixando que suas sacerdotisas se reencontrassem com sua protegida, dando a elas esses instantes de intimidade.

Thor se manteve em silêncio até que respondeu:

— Porque o sangue de Jade me permite ficar isolado durante o tempo que dura o efeito de sua tomada em meu corpo. E é um luxo não ouvir. Simplesmente, aprecio tudo o que posso disso.

A Deusa deu de ombros, sem dar muita importância às suas palavras.

— Suponho que deve passar muito mal sem ela.

— Uma vez que a provei — se justificou Thor —, assinei a sentença de minha loucura. Quando Jade me falta, ouço todo ser que tenha pensamento neste planeta, venha da dimensão que vier. Seja deus ou seja humano ou animal. É...

— Complicado — decidiu a Deusa.

— Tortuoso — definiu Thor — Mas, quando a tenho, como agora, e estou alimentado, minha presença mental se faz incrivelmente poderosa, e posso me concentrar no pensamento de quem quero. Entretanto, é uma deusa. Sua mente viu tudo desde primeiro dia. Não estou preparado para ver tanto — assumiu.

— Acredite em mim — Nerthus se aproximou dele e o obrigou a olhá-la nos olhos verdes quase transparentes — Não está preparado. A mente de um deus pode te desequilibrar.

— Sei.

— Faz uma brilhante escolha ao não se aventurar em minha cabeça. Enquanto isso, agora que recuperou a sua metade — a Deusa cruzou os braços —, tente não perde-la de vista novamente, e abra seu dom como deve. A segurança dela e a sua são essenciais para o êxito da missão.

Depois de lhe dizer isto, Nerthus abriu a palma de sua mão e dela saiu uma chama azul que iluminou toda a caverna.

— Bonito truque — disse Thor, com pouco convencimento.

Jade se levantou cambaleante e ajudou as duas anciãs a levantarem-se, enquanto perguntava a tropeções:

— Sabiam que estavam me enganando? Sabiam quem eu era? Sabem o que sou?

Daphne a fez calar com um gesto, acalmando assim sua agitação.

— Calma, menina. Não fale tão rápido. Só sabíamos que devíamos cuidar de você. Eram ordens de nossa Deusa Nerthus.

— E toda nossa relação também foi mentira?

— Não diga isso — a censurou Cedro, repreendendo-a — Nosso carinho por você é real. Igual ao seu para nós. Ou isso esperamos.

Jade se pôs a chorar, aliviada, e permitiu que as duas sacerdotisas a balançassem como a uma menina necessitada e perdida.

— É muita coisa, sabemos — disse Cedro, acariciando-lhe o cabelo — Mas tem que confiar em nós. Talvez você não saiba quem é, e quando isso acontece, tem que se apoiar naqueles vemos. Há uns dias o vento nos trouxe uma mensagem de despedida de duas das últimas matronas que ficavam em pé. Diziam-nos “que ele se aproximava” — desviaram os olhos até Thor, admirando aquela beleza valente que irradiava, tão seguro de si mesmo — Nos diziam que

vinha buscá-la. Tea, Dyra e Amaia nos advertiram do que ia acontecer. Nós somente nos encarregamos de convocar a Deusa e de ativar o feitiço de localização para encontrá-la depois que saiu ontem à noite de nossa casa.

Jade tocou o pescoço, surpresa.

— Também colocaram um chip em mim para me controlar? — perguntou, irritada.

— Não. Não — negou Daphne, com um sorriso de desculpa — Nada de chips, preciosa. Nós somente cuidávamos de você. Trabalhamos com os símbolos das runas e sua magia...

— Elas a marcaram com a runa da localização. Carregava um pingente com um brilhante verde...

Jade pousou sua mão onde imaginava que devia estar seu colar. Já não estava.

— Temo que o perdi na caverna — sim, certamente durante seu interlúdio com o Thor.

— Como seja. Foi assim que a encontrei na caverna dos Cristãos — explicou Nerthus — As cavernas subterrâneas se comunicam entre si mediante túneis e portais. Meus huldre e os *huldre elver* viajam através deles por esta dimensão, e mantiveram os portais abertos para que nos movamos por entre suas entranhas. Mas agora — seus olhos se cobriram de tristeza — eles estão morrendo, sacrificando-se na luta para defender este reino — sussurrou, com tristeza. — Um reino que sempre os negou — suspirou, com preocupação — Desaparecem lentamente. Caem minuto a minuto, hora após hora... Os exércitos de Loki nos arrasam sem demora. E nós somente possuímos uma carta para jogar. Minha filha Freyja mostrou as suas e se movem como podem.

— E se leio a mente de Loki agora, posso ir até ele e matá-lo? Assim se acabaria tudo — sugeriu Thor — Sou muito rápido e...

— Não — censurou-o Nerthus, de repente — Não pode. Pensar isso é vaidade de sua parte. Loki só pode ser morto por um deus como ele. Entretanto, lerá a mente de Loki, mas o fará depois de duas luas. Então, ao amanhecer que segue à segunda lua, se continuarem vivos, procurará a mente do Vigarista e a encontrará, assumindo o risco de perdição que isso suporta.

— A que se refere? — perguntou Jade, repentinamente interessada.

— A mente do vigarista é a mais maligna que há nos Nove Reinos. Entrar nela é viver às escuras — sentenciou Nerthus, de maneira ameaçadora — Mas ainda não é o momento de que o faça. A *fillidh*, sua oradora — continuou, olhando diretamente para Thor — está oculta sob a árvore do meio elfo e fauno Agelystor. Ali, o espaço e a noção de tempo são distintos. Quando sair, terão passado dois dias. Ela se disporá a ler o livro e tudo acontecerá muito rápido. O que aconteça então, dependerá do que vocês conseguirem.

— A *fillidh*... Refere-se a Daimhin — compreendeu Thor. Tentou alcançar daí a mente da jovem tão especial, mas não conseguiu.

— É uma barda pura. Não poderá contatar com ela até que não saia do lugar onde está. Agelystor a protege até que chegue a hora — concedeu Nerthus, começando a caminhar — Sigam-me, se apressem — ordenou aos quatro — Têm que empreender sua viagem.

— Daimhin é muito jovem para sustentar sobre seus ombros tanta responsabilidade — murmurou Thor, em desacordo — Sei que é a filha de Gwyn e de Beatha e eles são muito honoráveis. Certamente tem muitas capacidades, mas...

— A jovem Daimhin se versou em um inferno de loucura e abuso inclusive pior que o seu — Nerthus sorriu, desdenhosa — Ambos têm a convicção e a determinação daqueles que já não temem a nada. Por isso eu confio em você, e minha filha Freyja confiou nela. Seu dom é o único que pode mudar as coisas. O que ler, se o fizer com intenção, se tornará realidade. Loki vai querer se encarregar pessoalmente dela quando por fim compreender do que é capaz — anunciou Nerthus — Portanto, quando sair do teixo, ele tentará matá-la antes que leia o livro e suas folhas das nornas. Mas isso não pode acontecer ou, do contrário, todos desapareceremos. E aí é onde jogam uma carta importante, tanto você como Jade — levantou o dedo indicador para dar ênfase às suas palavras — Recordem: Daimhin tem que ler o livro inteiro.

— E essa garota... Daimhin — Jade descia pelo estreito caminho de pedras, ajudando as suas amigas anciãs a descer com cuidado, pois eram ineptas e humanas —, já tem esse livro do qual fala?

— Assim espero — respondeu Nerthus, com um sorriso enigmático — Do contrário, sua missão não teria sentido.

— E aonde nos leva agora?

— Estou lhes oferecendo um atalho — a Deusa se deteve em frente a um lago, não muito grande, já que a água secou — Sim — assentiu, olhando o largo charco — Com isto bastará.

Jade observou a água, mas não viu para que poderia servir à deusa.

— Água? — disse a berserker — Um atalho para quê?

— Os poços e os lagos podem ser maravilhosas portas para outros lugares. Portais mágicos, sobretudo se for uma deusa que os manipula — esclareceu, rindo de sua própria piada. Se agachou e afundou os dedos na borda, provocando ondas circulares sobre a superfície — Todo o reino oculto sob a Terra e sob as águas me pertence. Me pertence a escuridão da Terra onde germinam as sementes, a frieza dos mares onde os peixes deixam seus ovos e o barro de repouso onde dormem os mortos.

Cedro e Daphne a escutavam com a boca semiaberta, atônitas e perplexas ainda por ver de perto a deusa que veneravam.

— É... é maravilhosa — murmurou Cedro, com admiração.

— É a Mãe — acrescentou Daphne, com uma reverência.

Nerthus as escutava com regozijo, pois adorava despertar tanta deferência em suas sacerdotisas.

— Os dois vão entrar no lago juntos — comentou simplesmente.

— O que temos que fazer? — Thor esperou que Jade se colocasse a seu lado. Mas a berserker continuava mantendo distância dele, apesar de que sua cabeça começava a aceitá-lo.

— Quando Odin me exilou no Midgard, tomei emprestado várias coisas. Uma delas é uma caixa. Está em meu carro. Meus bois sacros o protegem.

— Guardou algo em um carro e diz que uns bois o guardam? — o vanirio não compreendia nada.

— Sim. E não ouse menosprezar meus animais — advertiu, seus olhos adquirindo um tom negro e aterrador — Eles poderiam te matar com um de seus chifres. São mortais.

— Ah — Thor se calou de repente.

Jade sorriu.

— Vocês têm que encontrá-lo. O carro está em uma ilha, no interior do mar. Perto de um lago. Farei com que viagem daqui até lá, através da água — os dedos afundados na água se iluminaram, provocando um sublime resplendor que converteu o pântano em luz — Estejam atentos, porque os deuses percebem quando há um totem ativo. Loki captará sua energia e quererá tomá-lo. Provavelmente enviará seus rastreadores, todos os que já despertou e trouxe para esta dimensão, e o procurarão.

— Querem seu carro e seus bois? — disse Jade, caminhando lentamente até estar ao lado de Thor.

— Não, exatamente. Meu carro e meus animais têm o poder de acalmar os ânimos das pessoas que estão a seu redor. Mas isso não é o que lhes importa. Assim que encontrarem o carro, procurem a caixa. Nela há uma *handbök*, uma fada guia que os levará a um tesouro, um de meus objetos sacros. E isso é o que os jotuns irão querer apoderar-se. Sejam mais rápidos, sigam a fada guia e encontrem o objeto antes deles.

— Por que você não nos leva diretamente ao tesouro? Economizariamos tempo — falou Thor, sem compreender.

— Porque nem eu sei onde o escondi. Não quero saber onde está, não quero saber onde o ocultou a fada. O segredo está a salvo enquanto ninguém sabe. Nem sequer eu. Tem que estar protegido inclusive de minha influência. Quando o encontrarem, entenderão qual deve ser seu seguinte passo. Não haverá nenhuma reviravolta. Meu totem é um protetor infalível. Vocês devem decidir a quem o dar.

Jade e Thor imaginavam bem a quem deviam oferecê-lo. Que tipo de Totem era?

— Agora, entrem na água — ordenou, os guiando movendo a mão com a palma para cima — A viagem os atordoará um pouquinho — sorriu, juntando o indicador e o polegar — Mas é uma maneira segura de viajar sem que os persigam.

Jade se alterou ao ver que tinha que deixar as duas anciãs para trás, a única família real que recordava e conhecia.

— E o que acontecerá a Daphne e a Cedro? — perguntou, nervosa, deixando que seus pés descalços tocassem a água até que lhe cobriu os tornozelos.

A deusa moveu os ombros em um gesto de conformidade.

— Elas virão comigo para orar. Oraremos até o final.

As sacerdotisas morderam os lábios com expectativa. Orar junto à grande Deusa? Aquilo sim era realizar um sonho!

— O final? — repetiu Jade, colocando o longo cabelo negro para trás.

— Até a morte, Jade Landin — lhe esclareceu, caminhando para ela, tocando com a parte baixa do vestido vaporoso a água sob seus pés, embora este não se molhasse — Todos cairemos — elevou a mão para lhe acariciar a bochecha — E será uma pena ver perecer a tanta beleza, não acha? Uma Terra tão linda, submetida sob a bota de um monstro com o cabelo colorido — tocou a pele macia de Jade e suspirou — É um drama. Bem sabem as nornas que prefiro morrer lutando, a viver ajoelhada e escravizada pelo Loki. Lutaremos até que não restem forças. Os membros de meu exército que ficam em pé não se renderão. Não se renda você, tampouco — lhe pediu — O modo que morremos e enfrentamos a morte nos define. Lembre-se disso — tomou o livro que ainda segurava zelosamente e ficou para si.

— Devolva-me isso. É meu — ela pediu, estendendo a mão — É meu diário.

— Não precisará dele — pôs dois dedos sobre sua testa, afastando-a sem fazer muita pressão.

Jade engoliu em seco e negou com a cabeça.

— Como vou recordar assim?

— Thor — lhe indicou, arqueando uma sobrancelha vermelha — Use Thor. Não terá tempo de ler, preciosa. Mas sim pode beber e absorver cada palavra através dele.

Por Deus. Estava falando outra vez de beber sangue?

— Não sinta tanta repulsa. Dentro de um momento, seu corpo o necessitará. Já estão vinculados faz tempo, e é uma necessidade primária entre os casais.

— Mas eu o quero — protestou — O livro é meu.

— Não. Eu ficarei com ele — censurou-a, pressionando as têmporas — Estão contra o relógio. Ler é muito bom, mas não quando podem separar a cabeça do seu corpo enquanto estiver lendo. Ela olhou o livro com nostalgia.

— Se não morrermos, poderei devolvê-lo — brincou — Peça ao Thor que a deixe saber, bonita — a animou — Porque com a cara de poucos amigos que está, duvido que lhe ofereça isso de novo.

A berserker o estudou pelo canto do olho e seus olhos lilás a bloquearam. Parecia ferido. Como se o que dissesse o ofendesse muito.

— Para saber mais, terá que se manter viva, entendido? Faz o que tenha que fazer para recuperar suas lembranças de uma maldita vez. Não podemos estar dependendo assim de você.

— Acredite em mim, Orto...

— Orto? Que puta! — exclamou divertida — Sou Nerthus, não Orto!

Jade sabia, mas só queria rebelar-se diante daquela manipulação.

— Como for —grunhiu, como uma autêntica loba — Se a única coisa que posso fazer para recordar quem sou é me manter com vida, tenha certeza que brigarei com unhas e dentes — confirmou.

Nerthus moveu a cabeça de modo afirmativo e depois a analisou de cima a baixo.

— Não pode lutar somente com um sobretudo.

“*Eu gosto*”, disse-lhe Thor mentalmente. Nerthus e Jade se viraram para olhá-lo, horrorizadas.

— Jade é uma excelente lutadora — recordou Nerthus ao vanirio — Tente não pensar sempre com o passarinho. Não pode lutar assim. Nem você tampouco. Em meu carro há armas de antigos guerreiros ancestrais. Pegue o que quiser — sugeriu a Thor — Mas deixa de pensar no que está pensando quando a vê vestida com seu sobretudo. Têm que se concentrar!

Thor elevou os cantos dos lábios, desenhando um sorriso de diversão.

— Também lê mentes, Nerthus?

— Eu leio tudo — piscou um olho para ele e passou o cabelo vermelho por cima de um ombro. Em seguida, estalou os dedos, e vestiu a loba dos pés à cabeça, como se se tratasse da Cinderela. A vestiu com um macacão negro justo de corpo inteiro, que se adaptava às suas formas elegantes e esbeltas como se fosse uma luva. Colocou umas botas com um pouco de salto, não muito, cujo cano lhe chegava acima do joelho. Cobriu seus antebraços com braceletes de uma peça de metal, e tiras de couro para ajustá-los. Passou-lhe a mão pelo cabelo solto e o prendeu em um coque alto e grosso, embora tenha deixado uma diminuta trança que lhe caía pelo lado direito da nuca, e repousava sobre seu peito esquerdo.

E como último detalhe, colocou-lhe um *oks* retrátil, um machado como o que os berserkers usavam, e pendurou às suas costas.

— Não olhe tão surpresa — sugeriu Nerthus — Sabe manipulá-lo muito bem.

— Não sei nem o que é... — assegurou Jade, observando o punho que era uma estranha liga entre madeira e aço.

A Deusa acariciou o queixo e, depois de meditar seu seguinte movimento durante alguns segundos, disse-lhe:

— O sangue de Thor a ajudará a recuperar a memória, suas aptidões, tudo. Mas não será até que lhe entregue seu *chi*, que ambos poderão começar a completar o quebra-cabeça de sua vida juntos. Tem que confiar desesperadamente, Jade. Não tem tempo para avaliar nada, compreende? É agora ou nunca.

Jade assentiu, sem concordar. Não obstante, dela dependiam coisas mais importantes, como a salvação da humanidade. E não era que lhe importasse

muito, na verdade. Mas por humanas como Daphne e Cedro, valia a pena brigar. Por elas, o faria.

—Bem, meninos, não demoremos mais — deu uma palmada para lhes insuflar pressa —Deem as mãos.

Jade inspirou profundamente, armando-se de coragem, e se dirigiu até onde estava Thor. Foi ela a que entrelaçou seus dedos com os dele.

— No amanhecer, depois da segunda lua, olhem ao oeste. Um raio de sol entre a escuridão, só um precisará — ressaltou apaixonadamente — para encontrar o caminho de volta para casa. Só um raio. Até então, Jade, tem que ter recordado tudo. Absolutamente tudo. Ambos, ambos devem recordar qual é o vínculo mais forte de todos, um inquebrável que serve de ponte entre mundos.

A berserker gravou essas últimas palavras em sua mente, e quando olhou para Thor, este só prestava atenção a ela, a seu perfil. A sua pessoa.

Os olhos do vanirio se iluminaram com emoção.

— Está disposta a confiar e a se deixar levar, *mo ghraidh*?

Mo ghraidh. Cada vez que ele pronunciava essas palavras, algo em seu interior estremecia, como o despertar de uma flor que revivia ao ser banhada pela primeira vez pela mais pura luz.

— Disse antes que já não tenho nada a perder.

O lago se iluminou com um resplendor ainda mais intenso. Mal podiam ver a Deusa nem as sacerdotisas. Só podiam vislumbrar e ver a cor dos olhos de cada uma.

Foi então quando o olhar lilás do vanirio se encheu de carinho e empatia para ela, e disse:

— Não pense no que tenha ou não a perder. Pense no que pode ganhar.

Depois, a luz rodeou a caverna, até que um raio emergiu para o exterior, saindo pela entrada perfurada da gruta, provocando que aves curiosas a sobrevoassem em círculo.

Quando o choque desapareceu, no interior do lago não havia nem rastro do vanirio e da berserker, como tampouco de Nerthus e suas duas sacerdotisas.

Tinham desaparecido.

X

Era sinfonia para seus ouvidos. Os gritos, os berros inclementes, a dor... Dali, do topo do portal mais poderoso da Terra, Loki tinha aberto os braços e observado o céu, escuro e tormentoso, portador de acontecimentos sangrentos, e tinha cravado a ponta do seu cajado Laeviatann para convocar a todos seus filhos. A mesma vara com a qual, novamente, tinha matado o filho de Odin.

Já não haveria ressurreição nem novo Amanhecer.

Aquela era sua dimensão, toda íntegra sob sua ordem e mandato. Sua para manipulá-la. Sua para destruí-la.

O Midgard já não era um *carpe diem* para aquela raça inferior, porque nesses instantes ele escrevia o destino de cada alma indesejável, de cada ser inferior com ares de suficiência. E todos, sem exceção, iam morrer.

Ele e seus filhos, os únicos que mereciam ser deuses e herdeiros, juizes da vida e da morte, encarregariam-se de aniquilar qualquer forma de vida nesse reino.

— Convoco ao Muspelheim e a seus gigantes de fogo! Clamo por Jotunheim e seus gigantes de gelo e pedra! Convoco ao Svartalfheim e a seus elfos da escuridão! E peço ao Hel e a minha filha Hela que alaguem este mundo com seus mortos! Quero que todos os meus filhos retornem para mim. Esta foi, é, e será para sempre nossa realidade, nosso mundo — sorriu, ao ver o que suas palavras provocavam naquele mundo médio. Para Loki não havia nada pior que valer uma merda e achar-se ouro. E isso eram os humanos — Chegou a hora de nos mostrar! Que todos os que estiveram, estão e estarão do meu lado, unam-se a mim! Venham com papai!

Pronunciou essas palavras descarnadas com uma tremenda satisfação. E agora sorria, sob aquele redemoinho gigante que se abria no céu, ao ver que todos seus exércitos obedeciam às suas ordens.

Recebeu-os vestidos com uma cota de malha dourada que deixava aparecer seu torso jovem e não muito musculoso. Vestiu-se para a ocasião, por isso o chamavam o Transformista, entre outras coisas. Seus olhos, maquiados como os de uma mulher, de mil mistérios e sombras, próprios de um grande vigarista, destilavam orgulho ao ver como sua obra de vingança ia se completando diante dele.

Havia poucos guerreiros de Odin e Freyja no Midgard. Seu exército sombrio os superava em número. Não teriam nada que fazer ao lutar contra eles, e como os deuses já não tinham nenhum portal existente através do qual podiam voltar, já que a ponte Bifrost tinha desaparecido, não havia nenhum modo de que o Caolho e sua puta descessem e o enfrentassem.

Era perfeito e maravilhoso. Quem ia detê-lo? Ninguém.

Os primeiros a descer foram os elfos de Svartalfheim. Esses elfos escuros lhe tinham jurado obediência, e embora pecavam em vaidade e arrogância, faziam o possível para estragar os planos de Odin com os humanos, já que tinham se zangado com ele por tê-los relegado a um segundo plano depois dos Alfheim, os elfos da luz, que estavam do lado do Pai de Todos.

Os elfos escuros eram perfeitos arqueiros, mortais e certos, além de que possuíam um poder oculto, próprio dos mais sublime feiticeiros. Desceram dos céus como se fossem um bando de pássaros sedentos de sangue; vestidos com sua roupa dourada, com seus cabelos brancos, seus olhos topázio e sua pele negra azulada marcada por seus símbolos. Carregavam seus arcos de flechas envenenadas em uma mão, e em seus antebraços, todos, sem distinção, exibiam aqueles braceletes cujo extremo era uma cabeça de serpente com a boca aberta, a

qual, se cravava suas presas, paralisava e matava lentamente a quem sofria sua dentada. Eles a chamavam a “serpente Svartálfar”.

Entretanto, antes de abrir aquele portal definitivo, tinha convocado a cinco Svarts delegados, entre os quais se encontrava Se-Rak. Este era o melhor rastreador dos Svartálfar, assim se chamavam os elfos escuros. Ele, Se-Rak, estudava o terreno a conquistar e era o melhor localizador de pessoas, e por isso requeria seus serviços, para que aplanasse o caminho e deixasse seu horizonte plano e macio para a destruição final. Loki não queria surpresas nem obstáculos, muitos houveram para abrir os portais, até que, ao final, ele foi o que teve que abrir o definitivo. Como sempre, ele se encarregaria de tudo.

O elfo Se-Rak tinha uma missão: encontrar os únicos bardos puros presentes ainda nesse reino.

Loki conhecia Freyja e as suas mutretas, e não ia permitir que utilizasse nenhuma ficha mais para suas armadilhas. Não queria os bardos soltos, essa era a única verdade. Por essa razão, Se-Rak ia antes, para que ele os encontrasse e os matasse. E, embora soubesse que os bardos estavam protegidos pelos primos dos elfos Alfheim, que no Midgard eram chamados *Huldre* e *Huldre elver*, não duvidava que o Svartálfar os encontrariam e poria fim aos jogos da deusa Vanir e do deus Odin em uns dias.

— Procure os bardos — tinha ordenado Loki — E aniquile-os.

E isso Se-Rak estava fazendo. Seguiu-os e descobriu que era a jovem chamada Daimhin a barda real, e que possuía um objeto. Uma pedra. O elfo a perseguiu até chegar a um teixo, em Llangernyw, sob cujas raízes se ocultava um verdadeiro elfo da luz chamado Agelystor, que tinha o poder de revelar o objeto oculto na pedra.

Loki esperava que o elfo, junto a seus quatro delegados, solucionassem aquele probleminha de uma vez por todas. Teve tempo para realizar seus problemas burocráticos, e, de fato, já deveria ter recebido notícias sobre ele e os seus. O pequeno e insignificante problema dos bardos deveria estar solucionado.

Isso pensava ele. Até que um dos Svartálfar recém-descidos, Lek-ir, jovem Príncipe de seu Reino, personificou-se diante dele, naquele momento de convocação, sério e cabisbaixo, para ajoelhar-se frente a seu Deus.

— Senhor — disse o elfo, sem atrever-se a o olhá-lo nos olhos.

Loki, que olhava o buraco espacial por onde caíam agora os gigantes de gelo e fogo, não prestou muita atenção, admirado como estava por sua própria obra.

— Vê que maravilha, Svartálfar? — murmurou, acariciando sua vara Laeviatann com o polegar.

Lek-ir elevou os olhos dissimuladamente, o suficiente para ver que o elegante polegar do deus acabava em uma unha prateada e bicuda.

— Sim, Senhor — afirmou, submissamente.

— Então, se apreciar a beleza deste momento, pode me dar uma razão para que não o mate por me incomodar? — sua voz de veludo não ocultava o significado de suas palavras facínoras.

Lek-ir engoliu em seco. Não estava seguro de continuar com vida depois do que ia dizer-lhe.

— A razão é a seguinte, Senhor: sentimos cada morte dos nossos como própria. Vemos como morreram, é um dos nossos dons. — informou, dubio — Por isso posso assegurar, Senhor, que Se-Rak já não está entre nós.

Loki passou a língua pelos lábios ressecados. Embora não tenha feito nenhum gesto facial, o tremeluzir de suas pupilas se tornou nervoso.

— Insinua que Se-Rak, meu delegado, morreu?

— Sim, Senhor. Morreram todos — respondeu, baixando mais a cabeça até quase apoiar a testa no joelho que tinha elevado, enquanto que o outro permanecia cravado no chão.

— Como diz? Todos? E os bardos?

— Não pudemos ver o que lhes aconteceu. Não sabemos se continuam com vida, mais presumimos que sim. Estavam dentro de um *hule*, uma caverna protegida pelos huldre, em Llangernyw, mas não puderam sair. A caverna se selou por fora e já não podemos entrar.

— Como que se selou?

— Está fechada hermeticamente e ninguém pode entrar, nem sequer nós. O único modo de destruí-la e encontrar os bardos, se continuam lá, é esperar que voltem saiam.

Loki não podia acreditar. Era tão difícil matar uns moleques vanirios? Como era possível? Pensativo, escolheu qual seria o melhor jeito de proceder.

— Quero que todos vão para lá. Será nesse lugar onde terá início a última batalha. Se a barda continuar lá, seus amigos guerreiros que restam em pé lutarão a seu lado para proteger o que quer que tenha em mãos. Protegerão a ela. Mobilize a todos, Lek-ir. Guie os etones, os svartalgar, os gigantes e os anões que descem de nossa dimensão. Vão até lá e, — acrescentou, finalmente, com uma decisão inabalável —, destruam tudo a seu caminho.

Lek-ir se ergueu e recebeu as ordens com agrado. Seria a mão executora do Deus Vigarista. Toda uma honra.

— Sim, Senhor.

O ágil elfo se virou e começou a organizar os exércitos que continuavam caindo daquele funil cósmico.

Enquanto isso, Loki acariciou uma de suas tranças com seus dedos e esperou pacientemente que Lek-ir levasse suas tropas até Gales. Não demorariam nada em chegar até ali.

Tomou o Laeviatann e rodeou a ponta do cajado com mais força. Seus filhos chegavam, podia-os sentir.

Teve três criaturas com a ogra feiticeira do Jotunheim, Angrboda, uma bela gigante, cujo corpo era um autêntico pecado. Angrboda foi exilada ao Bosque de

Ferro por Odin, porque seduzia inclusive a ele e, também, porque o Caolho não sabia se divertir, nem tinha senso de humor. Ali Loki a visitava e se converteu em seu amante. Nesse lugar secreto, a jotun deu à luz a essas três criaturas do Inferno, as mesmas que, segundo a profecia da vólva, no futuro, destroçariam o Deus Aesir. Por esse motivo o *Alfather* decidiu separá-los e encerrá-los.

Loki começou a rir dele. Toda a eternidade evitando o Ragnarök, e nem os Aesir nem os Vanir tinham sido capazes de mantê-lo na linha, apesar de que estava tudo escrito. Como eram lerdos. Esse era um dos motivos pelo qual eles não deviam governar.

Elevou o queixo para o céu negro e impenetrável e esperou para ver chegar o que desejava com todas suas forças.

Primeiro apareceu Hela, com seu cabelo castanho liso movido pelo vento, seus olhos negros e sua pele de porcelana. Vestia-se de negro e olhava à frente, buscando-o. Quando seus olhos o encontraram, sorriu-lhe com adoração.

A rainha dos Mortos, essa era sua filha Hela, possuidora do mesmo olhar experiente. A alma negra aparecia neles.

Odin a tinha banido ao Submundo, mas Hela se fez proprietária dele e o converteu em seu lar, no Helheim, convertendo-se assim na proprietária e soberana de qualquer alma dos nove mundos que caísse em suas garras. Seu pai tinha aberto o portal, e por fim ela e seus mortos podiam sair do Hel e acampar livres pelo Midgard para atormentar os moribundos.

Em seguida, um enorme lobo que triplicava o tamanho de um lobacho, grunhia e uivava de um modo selvagem e vivaz, esperando que chegasse o momento de tocar a terra firme. Era seu filho Fenrir. Seu aterrador e desenfreado filho Fenrir, que devia desempenhar um papel fundamental no Ragnarök, embora o destino tivesse mudado daquele modo.

Se Fenrir devia matar Odin, segundo a vólva, não o faria no Midgard, poria fim a sua vida no Asgard, quando encontrassem um caminho de volta até esse Reino. Heimdal tinha fechado todas as portas de acesso, mas Loki não desistia jamais. Assim que destroçassem o Midgard, iriam ao Asgard, como fosse, e acabariam com todos os deuses e guerreiros que ali estivessem.

A tormenta se estabeleceu com mais força sobre o pico da montanha nevada em que estavam. O ambiente se carregava de eletricidade e, em seguida, emergiu a enorme cabeça de um dragão com corpo de serpente, tão longo como um arranha-céu e comprido como três deles. Desceu do céu até cair sobre a superfície congelada das montanhas nórdicas nas quais tinha lugar a incontrolável chegada da escuridão.

Era Jormungander, o terceiro filho que Loki teve com a Angrboda. A monstruosa serpente rompeu o gelo com o forte impacto e o rachou, provocando gretas colossais que moveram autênticos icebergs para lhe dar lugar e facilitar para que ele se afundasse na água gelada. O réptil desapareceu sob as placas de gelo, provocando terríveis tremores na terra e suscitando que as placas tectônicas se abrissem e se movessem para deixá-lo passar.

Os deuses Aesir acreditavam que ele não era capaz de sentir amor. Mas o sentia. Sentia-o para esses três monstros que a ogra lhe deu, e aos quais tinha educado com os mesmos princípios; não deviam ajoelhar-se nem submeter-se diante seres inferiores. Jamais. A humildade era para os pobres que não tinham dons nem aptidões. Para esses não restava outra além serem humildes, porque não tinham nada a fazer.

Mas esse não era o caso deles.

— Já sabe o que lhe cabe fazer, pequeno Jormungander — espetou, observando a imersão de seu filho — Remove as vísceras deste lugar. Se divirta. E não descanse até que tenha acabado com suas tripas.

Loki sabia que seu filho cresceria em tempo recorde até que fosse capaz de rodear todo o círculo e morder a cauda como um uroboros. Então, estrangularia o Midgard e o faria voar em mil pedacinhos.

Em seguida, Hela e Fenrir finalizaram sua descida teatral do céu, e plantaram os pés e as patas no pico do topo em que ele se encontrava.

— Bem-vindos, meus queridos — saudou-os Loki, com carinho— Hela — abriu um braço e a abraçou com ele, dando-lhe um beijo na testa. Sua filha cheirava mal para os Aesir e para os Vanir, e certamente também para os humanos, mas não para ele —Enfim, nosso reencontro.

Hela assentiu, feliz e decidida a mergulhar aquela terra no terror e no pesadelo de todos os vivos.

— Tinha muita vontade de vê-lo, pai.

— Como está tudo no Submundo?

Ela fez uma careta de aborrecimento.

— Ora, já sabe. Almas que vêm e vão e que não imaginavam nem que o Inferno existia nem tampouco que pudessem acabar no purgatório. Aborrecido.

— Alguma novidade?

— Recentemente tive um bate-papo com Odin e a cadela Vanir.

— Um bate-papo?

— Esperava a chegada de duas almas, e ele me disse que essas não me pertenciam. Não me deixou ficar com elas.

Loki franziu o cenho, com surpresa.

— Por quê? Sabe se meus jotuns os mataram?

— Não sei. Mas, aparentemente, não. Porque ele ficou. Certamente algum de seus guerreiros se sacrificou e, ao ser um desses ridículos atos honoráveis, isso lhes abriu as portas para poder ir ao lado do deus.

— Entendo... Quem eram? Sabe?

Hela negou com a cabeça, e sorriu, subtraindo a importância disso.

— Não. Nunca sei até que não entram pelas portas do Nilfheim. Mas deviam ser apreciadas para ele — assumiu — Como seja. Nada pode fazer já por eles. Desde que o próprio Heimdal fechou as portas do Asgard, nada nem ninguém pode abrir. Nada pode sair delas.

— Certo — confirmou Loki, sem estar muito convencido — Temos que nos apressar, Hela. Tem que acabar com este mundo de uma vez por todas. O ar daqui me dá alergia — passou os dedos pelas bochechas manchadas de poeira. — Traz contigo os seus escravos? — perguntou, com admiração.

— É óbvio — respondeu, feliz, observando como milhares e milhares de entes malignos e espíritos perversos sobrevoavam o céu em todas as direções — Vão enlouquecer os humanos e, sobretudo, a essa Guerreira de Nerthus — acrescentou desafiante — Não vai poder guiar os mortos, porque já não para onde ir — Riu — Sofrerá milhares de mortes em suas próprias carnes. Vou me divertir muito — assegurou.

Loki moveu a cabeça de maneira afirmativa. Todos iam sofrer o inexpressável.

— Esperei um inferno pela minha libertação — recordou Hela, cativada pelo comprimento do corpo de seu irmão reptil, que emergia das águas para logo voltar a mergulhar.

— Todos nós. Mas agora chegou nosso momento. Fenrir, meu filho — o grandioso lobo de cabelo marrom e olhos vermelhos inclinou a cabeça para que seu pai pudesse pousar sua mão em seu focinho — Tem fome? Odin não te deixou caçar em seu confinamento.

“Não deixou”, respondeu mentalmente. “Estou desejando percorrer esta Terra e me alimentar como não fiz em séculos”.

Loki elevou suas sobrancelhas negras e piscou satisfeito com a resposta de seu grande lobo.

— Pois aqui tem o Midgard no meio de seu apocalipse particular. Seus habitantes, os humanos, não são conscientes ainda de que seu mundo está acabando. Já começaram a descobrir a presença de seres muito mais fortes e poderosos que eles: seus primos etones, purs e trols estão semeando o caos, minando sua resistência e sua sanidade, hora após hora. Aprecio ao sentir sua incredulidade e dar-se conta de que nunca estiveram sozinhos, de que não eram o centro do universo. Estes filhos de Odin... — sorriu, incrédulo — são tão soberbos e confiantes como ele.

Fenrir passou a larga língua por suas presas afiadas e moveu o nariz para cheirar o ar.

“Posso saborear sua dor e seu medo. Me faz salivar”.

— Nos dê uma ordem, papai. Estou impaciente — pediu Hela com um ímpeto que deixava transparecer a necessidade que tinha de roubar almas — E nos deixe mostrar aos habitantes deste lugar sem sentido quais são seus verdadeiros deuses. Nem homem na cruz, nem índio com seus mantras, nem buda em posição de lótus... — enumerou, incrédula, ao recordar os pensamentos ridículos das almas que chegavam ao Hel — Tive que escutar muitas tolices de cada um dos espíritos que vieram a consumir-se e a atormentar-se em meu palácio. Muitos credos sem sentido. O ser humano acredita em muitos deuses, confia que todos os protejam, quando os únicos deuses que deveriam venerar

somos nós. Deveriam rezar para que nunca descêssemos, porque somos os que temos o poder de esmagá-los.

Sua filha tinha razão. Mais razão que uma Santa que, obviamente, não era.

Aquela raça de seres inferiores vivia confusa, em conflito com eles mesmos. Nisso não eram diferentes deles. Deuses de um panteão ou de outro viveriam em confronto sempre, porque a vida não existia sem a dualidade do bem e do mal. Eles viviam na própria pele. Mas, quanto tinha de mal no bem? E quanto tinha de bem no mal? No fim, era tudo muito subjetivo.

Ele e seus jotuns decidiram que a existência do Midgard não fazia outra coisa que ofender aos seres superiores, aos deuses. Porque o humano era uma enfermidade que pouco a pouco comia seu próprio Reino mediante a cobiça. Nunca tinham o suficiente das coisas. Eram ignorantes e desrespeitosos. Não permitiam que ninguém passasse por cima deles, e sempre tentavam conseguir seus objetivos mediante o caminho mais curto e fácil.

E Loki se negava a acreditar que, alguma vez, como dizia Odin, esses espécimes bípedes e sem dons pudessem ser seus mestres. O que podiam ensinar a ele? Era ridículo.

Um insulto flagrante que ele não iria deixar passar.

Esses foram os valores que o Vigarista transmitiu a seus filhos e a todas as raças que alguma vez foram castigadas por Odin, na busca do equilíbrio da humanidade que o Aesir tanto acreditava e tantas esperanças tinha depositado.

Mas já se cansaram. De uns e de outros. E, sobretudo, cansaram-se do silêncio e da eterna submissão. De abaixar a cabeça só por serem quem eram, e de pedir desculpas por serem mais fortes que outros. A paciência tinha enchido o copo. Por isso diziam que o Ragnarök era a decadência dos tempos conhecidos, o adeus de uma terra média, e o fim dos deuses.

Seria. Mas não o fim de todos. Ele e seus jotuns liderariam uma autêntica revolução em todos os mundos e reinos existentes e por existir. Só haveria um deus a venerar, e não milhares.

Ele seria esse deus. Ele seria o líder.

— Hela, vá ao Leste e destrua com seus espíritos. Não deixe nem uma alma pura e guerreira sem castigar. Leve todos ao Nilfheim. Asse-os nas chamas do Hel para que nunca voltem a reencarnar. Faça como sei que já fez uma vez.

Loki olhou de esguelha a sua filha e esta lhe devolveu a mesma expressão ardilosa.

— Sim, pai.

— Fenrir. Chegará ao Oeste e aniquilará a todo ser vivo que cruzar em seu caminho. Suas fauces estão feitas para destruir e esmagar. Acha que será o suficiente para acalmar sua fome?

O lobo soltou um ronrono à altura do peito.

“Falarei isso quando meu estômago encher”.

Loki começou a rir.

— Jormungander — falou, desta vez a seu filho com cabeça de dragão e corpo de serpente monumental — Você irá ao Sul, rodeando todo o círculo, rompendo o que resta de terra sob o mar, provocando as ondas, a ruptura dos gelos e as montanhas, a convergência selvagem dos rios e o despertar dos vulcões.

A cabeça do dragão emergiu do gelo para assentir obedientemente, e depois voltou a mergulhar.

— E você, papai? O que você fará? — perguntou Hela.

Loki olhou à frente, ao negro horizonte calmo que pressagiava a maior das tormentas conhecidas.

— O Norte é meu — sentenciou — Não haverá alma sem torturar, nem povo por aniquilar. Vou varrer este planeta e vou limpá-lo das imundícies. Exterminarei a todos. Homens, mulheres e crianças. E os obrigarei a recordar o absurdo de sua existência, o quão frágeis sempre foram e o pouco valor que têm suas vidas para esses deuses em que tanto acreditavam. E já sabem o quanto eu gosto do drama — sorriu e olhou de soslaio para sua filha.

Os lábios de Hela se curvaram. Loki estudou sua beleza clássica, quase frágil. Era linda. Como Angrboda, sua mãe.

— E mamãe?

— Ela lidera a invasão dos gigantes de gelo e fogo — desviou os olhos azuis até aquele buraco no céu, um funil cósmico por onde saíam todos os guerreiros que lutariam em nome do Jotunheim.

Muitas raças, entre elas, as maiores. Os gigantes. Alguns bonitos, outros horrendos. Alguns de pedra, outros de gelo e outros de fogo. Lançavam bolas flamejantes que desfaziam as montanhas, e pedras geladas que destruíam o chão. E os mais belos blandiam suas espadas por cima de suas cabeças, dispostos a partir em dois a quem se interpor em seu caminho. Liderando estes últimos, apareceu Angrboda, a mãe de seus três filhos. Seu nome significava “Mensageira da dor. Pareceu tão linda para Loki quando a viu, que pensou que com ela poderia ter três filhos descomunais e belos. E assim tinha sido. Cada um era belo e demoníaco em sua forma. Um lobo, uma mulher dos mortos e uma serpente. Isso lhe tinha dado a gigante.

Loki também teve outra esposa com quem teve dois filhos. Chamava-se Sigyn, e lhe deu dois filhos varões: Nargi e Váli. Mas Odin, para castigá-lo pela morte de Balder, transformou Váli em lobo. O lobo comeu seu irmão, e utilizaram suas vísceras para prender Loki e imobilizá-lo no cárcere onde esteve preso todo este tempo, oculto no Midgard.

Ele não era o único deus sádico. Odin também era. Porque foi ele quem teve a brilhante ideia de condenar seus filhos, e de obrigar Sigyn a verter veneno sobre sua pele em cada anoitecer. Loki tinha matado Sigyn por traí-lo daquele modo. Foi rápido, e não se concentrou muito em sua dor.

Mas isso eram águas passadas. Sigyn já não existia.

Centrou-se agora em Angrboda. Era esbelta e musculosa, morena de cabelo muito encaracolado preso em duas tranças e possuía olhos negros, os mesmos que Hela herdou. E tinha esse olhar escorregadio, desafiante e também enganador, que tanto o tinha atraído, porque se parecia com o seu. A gigante sentiu sua presença, e o olhou enquanto descia ao Midgard. Sorriu, inclinando o queixo em modo de saudação, com muito respeito. Mas, depois gritou com todas suas forças para guiar o seu exército na ocupação daquele reino.

— Irá ao campo de batalha — respondeu Loki à pergunta de sua filha — É não tem clemência. E eu adoro como grita — deu de ombros — Invadiremos o Midgard pelos quatro pontos cardeais. Fenrir, você acabará antes de mim. Quando o fizer, passe para me pegar esteja onde estiver.

“Sim, pai”, respondeu, solícito.

— Avançaremos todos ao mesmo tempo, desde este ponto até nos encontrar em Llangernyw, onde tudo acabará — falou, satisfeito, movendo o pescoço para estalá-lo, de um lado ao outro — Quero que tudo desapareça em duas luas. Estão preparados?

— Nascemos para isto — respondeu Hela, ansiosa — É óbvio que estamos preparados.

— Então — elevou o Laeviatann ao céu e cravou seus olhos azuis entre as nuvens negras e avermelhadas — Adiante! *Bjarkan's laufgrænstr lima; Loki far flærðar tima!* A bétula tem ramos de verdes folhas; Loki traz o tempo do engano! Este é meu momento! — da ponta do seu cajado, um raio vermelho elétrico subiu ao céu para tornar aquele portal maior do que era, alargando-o e provocando uma consecução de pequenos relâmpagos — Venham para mim! Venham todos para mim! Morte aos filhos do Midgard!

XI

Asgard
Valaskjálf. Palácio de Odin

Estava claro para Freyja que iam deixar sua partida pela metade. Inacabada, como tantas coisas em sua relação.

No Asgard, sobre uma mesa de ouro em frente ao trono de Odin, repousava um tabuleiro de xadrez. Tinha sido um presente de Caissa, uma dríade grega que predizia o futuro, e de quem, certamente, o libertino do deus Aesir teria se beneficiado. Como presente, a grega teria lhe dado aquela lembrança.

Mesmo assim, apesar de saber daquilo, não importava para Freyja, porque gostava de jogar contra o Caolho, observando os movimentos de seus dedos másculos, simulando e deixando entrever que cada casinha pela qual avançavam suas fichas eram as ações que seus peões e seus guerreiros faziam no mundo dos humanos. Conscientes e, ao mesmo tempo, inconscientes do tanto que jogavam.

Embora enfrentassem um ao outro, nunca se tratou de uma luta entre a casa dos Vanes e a casa dos Agarra. Não se tratava de lutar uns contra os outros, apesar de que, no princípio das origens, tinha sido assim.

Entretanto, essa fama os precederia para sempre, alimentada também por sua rivalidade e por aquele cru desdém que era nutrido por um desejo frustrado entre ambos, e por centenas de segredos que só seriam pronunciados na batalha final, quando se sacrificassem por tudo ou nada, em uma última luta para defender aquilo que sempre acreditaram defender, além do Midgard, que não era outra coisa além de seus orgulhosos corações.

A deusa Vanir estava plenamente consciente disso, e observava com nostalgia aquele tabuleiro cujas figuras de titânio e diamantes progrediam de maneira estratégica, escondendo sempre uma estocada final, um último golpe que oferecesse um destino aberto e esperançoso para todos, e não aquele descarnado Ragnarök que a vólva declarou, e que, apesar de tudo o que tinham feito para que não chegasse, não tinham conseguido burlar a profecia.

O deus jotun seguia adiante com sua vingança, e estava a poucas horas de concluir seu propósito de morte e de destruição.

Freyja exalou e desviou o olhar para o poço localizado aos pés do trono, através do qual se viam os nove mundos. A deusa só tinha olhos para um: a Terra.

Porque era sua decadência. E enquanto esta era invadida pelos monstros e demônios mais maquiavélicos, eles permaneciam presos no Asgard sem poder fazer nada. Impotentes e frustrados, como se não fossem deuses, mas sim simples seres sem poderes.

Isso doía. Doía-lhe o que acontecia. Doíam-lhe seus guerreiros, aqueles a quem transformou uma vez em Stonehenge, junto a Njörd e a Frey. Não eram seus filhos, mas eram sua aposta pessoal para equilibrar as forças do Midgard, e agora estavam em uma desvantagem brutal. Seriam esmagados, e nem sequer teriam a possibilidade de lutar de igual para igual. Não era justo.

Freyja recolocou os braceletes inteiros de cádmio e titânio que sempre usava para exercitar-se junto às suas valkyrias, concentrada em suas fechaduras, prendendo-os bem à pele.

Os poderes de sua linhagem eram mágicos e sobrenaturais, não era uma guerreira temível como Odin e Thor. Mas seus dons eram extremamente sutis, não precisava dar uma machadada ou uma martelada para provocar dor. A energia, a natureza, a vida... eram elementos que estavam do seu lado e que usava com facilidade como armas de arremesso e letais.

Porque se os Aesir sabiam de magia na atualidade, deviam a ela e aos seus, que como ato de boa fé e de colaboração, ensinaram-lhes seus segredos. Embora não todos. Sempre devia haver uma parte de mistério, nunca deviam revelar absolutamente toda a verdade, porque não interessava que os igualassem em sabedoria e conceitos.

A Resplandecente suportou com estoicismo e altivez o momento em que viu Hela liberada de seu cárcere do Hel para chegar ao Midgard. Viu a Angrboda, a temível gigante com poderes de bruxa. A bruxa que era mencionada pela profecia da vólva, de cujo corpo nasceria o lobo que mataria Odin, a Deusa da morte que mergulharia o Midgard em um Inferno, e a serpente que morderia a cauda para oprimir o planeta Terra e destruí-lo em milhões de pedacinhos. E esses três monstros estavam em completa liberdade, dispostos a cumprir a visão da vidente.

Tudo foi pronunciado uma vez, tudo foi relatado e escrito, e apesar de todas as peças que os deuses tinham movido para frustrar a volta de Loki, apesar de tudo isso, agora, tudo se cumpria, como se o destino risse deles em sua cara.

— Não mudou nada — disse uma voz às suas costas.

Freyja não precisou virar-se para ver quem era. Sabia inclusive antes que falasse, porque sentia a presença do Aesir sempre muito perto. E depois tinha aquele aroma inconfundível do deus, mistura de essências cítricas e frescas. Únicas.

Ela negou com a cabeça e ficou de braços cruzados, sem afastar o olhar prateado daquele buraco mágico e cósmico, a janela de outros mundos.

Odin a olhou de cima a baixo, repassando sua vestimenta de guerra. Uma guerreira de fogo e escuridão. Ouro e ônix envoltos em cádmio e titânio. A armadura tipo espartilho protegeria seu torso de qualquer ferida. Suas botas com uma liga de couro e metal abraçavam seus pés, suas panturrilhas, e chegavam até o meio da coxa, que estavam cobertas por uma malha negra parecida com a que vestia os elfos da luz.

Ele a bebia com o único olho que restava. Seus quadris, sua cintura, a forma que tinha seu corpo de simular uma ampulheta, aqueles ombros elegantes, a curva perfeita de suas costas, suas longas pernas torneadas e providas de umas coxas incríveis... Seu traseiro. Odin era um deus, mas também era um homem. E ele não era de pedra diante de um exemplar como esse. Nunca foi. Nenhum macho, fosse anjo ou demônio, guerreiro ou curador, deus ou humano, era indiferente aos encantos de Freyja.

De fato, o confundia algumas vezes porque, algumas vezes, a Vanir simulava parecer alheia ao magnetismo que desprendia sua pessoa. E outras

vezes, o pressionava até tirar proveito de algo, e era então quando provocava guerras em seu nome, apreciando a debilidade que provocava nos outros.

Odin desejava afundar os dedos em seu longo cabelo loiro cujo reflexo recordava ao sol, e puxá-los fortemente para lhe exigir que dissesse de uma vez por todas o que estava jogando e qual de suas mil faces era a autêntica.

Os movimentos que Freyja tinha realizado de maneira tão magistral para evitar o Ragnarök lhe tinham deixado claro que, quando deu sua palavra para apoiar seu plano com a humanidade e prometeu protegê-los, o fez de verdade. E aquilo falava de lealdade, algo que estava escasso nos panteões.

Isso era algo que Odin não podia jogar em sua cara. Estava em dívida com a Deusa Vanir.

— Não. Não mudou nada ainda — respondeu Freyja, com uma voz uniforme.

— Loki tem duas luas para acabar com o Midgard. Quarenta e oito horas da Terra e meu plano para preservar à humanidade irá para o espaço — reconheceu Odin, azedo.

— Isso é menos que um espirro para nós.

— E uma vez que destrua o Midgard, não haverá nenhum mundo que não possa acessar. O Midgard é o equilíbrio dos nove reinos. Assim o fiz. Se este desaparecer, outros estão condenados.

— Foi Heimdal que nos prendeu aqui — recordou Freyja — Seu filho.

— Sim — assentiu Odin.

— Não o culpo. É o que mais gosto de todos — deu de ombros — Pareceu boa ideia naquele momento.

— Continua sendo.

Freyja escutou os passos de Odin aproximando-se dela, e todo seu corpo ficou em guarda. Não podia ignorar a energia que o Caolho desprendia. Era muito explosiva e poderosa.

Quando estava a seu lado, Freyja o olhou de soslaio. Ele vestia-se com seu traje de guerra, parecido com o seu, como se fossem um casal de baile, e estava tão arrebatador que a acendeu com uma só olhada. Odin era o maior e mais forte homem que já viu. E isso era muito a dizer, já que viviam em Asgard, onde residiam milhares de guerreiros de todas as culturas.

Seu corpo tremendamente atlético era extraordinário. Um só ombro dos seus era uma das nádegas dela. Sua armadura, parte dourada e negra, lançava brilhos cegantes, mas não tão poderoso como o de seu olho, de um vibrante azul elétrico. Odin carregava o Gungnir em sua mão direita e um machado nas costas, cujo extremo se sobressaía por cima de seu ombro esquerdo.

Na outra mão segurava seu capacete, de longos chifres prateados parecidos com os de um búfalo.

— Já está preparado para a suposta batalha?

— Sim. Como você — observou-a de cima a baixo — Enquanto sigamos com vida, ainda temos possibilidades. Embora prefiro defender o Midgard que me

defender do ataque do Jotunheim inteiro aqui, em minha casa. Eu não gosto de recuar.

— Preparamo-nos para lutar em um lado ou no outro, não? — Freyja olhou os socos inglês que se uniam seus nódulos como uma luva e que eram parte de seu uniforme de guerra — Mas também gostaria de descer ao Midgard e lutar junto com minhas valkyrias. Também não gosto das trincheiras. Prefiro ir de frente e lutar junto às minhas *dísir* lançadoras de raios.

Ele a olhou com atenção. Ela odiava deixar suas valkyrias sozinhas. Considerava-as delas e eram sua responsabilidade. Isso a honrava. Porque assim se sentia ele com respeito a seus guerreiros.

— O que muda o fato de que Ás e Maria se sacrificaram por Balder e Nanna, se estão perdidos em uma dimensão da qual não podem retornar ainda? — disse Freyja visivelmente frustrada — A embarcação do Balder é indispensável para nossa vitória no caso de que possamos descer à Terra para batalhar. E com a ponte Bifrost totalmente destruída pelo portal que o *magiker* abriu...

Odin fez uma careta com o lábio e arqueou as sobrancelhas.

— O que tem a barda em seu poder? — replicou ele — O que pensa que tem que ler? Por que as coisas saíram assim? Há uma razão, Vanir? Ou de tudo isso depende nosso destino final? Não sabemos. Só as nornas tecem o tear e nem sequer sabem o que fiam.

— Tenho a sensação de que nos escapou algo — murmurou Freyja — Fizemos tudo o que tínhamos que fazer para ter possibilidades na grande batalha. Todos nossos movimentos tinham um sentido e uma razão de ser. Embora os mantivéssemos em segredo, parece que suas jogadas e as minhas se complementavam perfeitamente. Além disso, você mesmo viu o final de nossos dias e trocou o futuro, por isso é caolho — mostrou, sem consideração — Mas seguimos aqui, na expectativa de que Daimhin saia do *hule* em que está e possa ler as palavras do livro de Bryn. Mas quando o fizer, Loki não permitirá — negou com a cabeça — É impossível que lhe dê tempo de ler tudo. Por isso me pergunto: o que mudou de verdade? Tenho a sensação de que só atrasamos o inevitável. O dom de Daimhin é muito literal, mas... mas então, será atacada por Loki. Não sei se conseguirá.

— Não — negou Odin — Não tem que pensar no pior, mulher. Tudo tem uma causa e um efeito. Na Terra acontecem coisas que escapam à nossa compreensão, chamamos de “livre-arbítrio”, recorda? O Midgard ainda não morreu. Temos que continuar tendo esperança.

Ela não tinha muita fé na esperança. Acreditava mais nas surpresas. E não podia evitar pensar que faltava uma surpresa que os escapava dos dedos. Mas não sabia o que era.

— Enquanto isso — exalou ele, como se não tivesse mais alternativa —, antes de dar o aviso a meus guerreiros, seja para lutar no Midgard ou para defender os muros do Asgard, devo me despedir de minha esposa. Com sua permissão.

Ia jogar em sua cara que sua cōnjuge era algo que a matava, superior às suas forças e a sua paciência. Freyja cravou as unhas nas palmas de suas mãos e permaneceu em silêncio.

Odin estudou seu perfil, mas não disse nada mais. A tensão podia ser cortada com uma faca, a ausência de palavras dizia mais que qualquer outra coisa e era incômoda.

Quando Odin se virou para desaparecer dali, Freyja girou e o deteve com duas palavras.

— Tenho curiosidade.

Odin usava o cabelo solto e estava muito bonito, maldito seja. Tão homem, que só ela poderia com ele. E não a insípida da Frigg.

Ele se deteve e elevou a sobrancelha loira do olho do emplastro. Sempre o fazia. E Freyja achava graça, como se evitasse que aquele efeito fosse avassalador. Ao menos, para ela.

— Curiosidade?

— Sim — afirmou, sem um pinga de vergonha ou arrependimento.

— Sobre o quê?

— Sobre o que sente ao ter uma florista como mulher.

Odin elevou uma mão e coçou a nuca com os dedos. Inclinou a cabeça para um lado e lhe lançou um olhar fulminante.

— Frigg é mais mulher do que você pensa. É fiel e sensível.

— Ah — Freyja cruzou os braços de novo, em posição defensiva — Fiel e sensível... Tudo o que você precisa — ironizou — Fidelidade e sensibilidade. Seus irmãos Vili e Ve também pensam o mesmo sobre sua fidelidade? — perguntou, de repente.

— Não permito que fale assim dela — advertiu-a — Esse assunto não é da sua conta.

— Deixou-a sozinha, e em sua ausência ela se beneficiou dos seus dois irmãos — continuou provocando-o — Todos os reinos sabem.

— Não fale você de libertinagem. É conhecida pela facilidade que tem para abrir as pernas.

— Sim. E te dá raiva que o faça com todos os que quiser, menos contigo.

— Você se supervaloriza. Além disso, o que te importa como é Frigg? Ao menos, ela permanece a meu lado.

— Sim. Vejo. Então ela vai à guerra com você, verdade?

— Frigg não acredita na guerra.

— Claro que não. Talvez uma unha quebre e lhe façam mal lutando ao lado de seu marido... Também joga xadrez como eu ou só limpa o tabuleiro e as fichas? — cuspiu, venenosa como uma serpente — Como eu gostaria de escutar uma conversa entre vocês e passar uma noite em seu quarto só para ver se finge enxaquecas e dorme antes do tempo. Ou talvez ela finge?

Ele negou com a cabeça de um lado ao outro, olhando-a como se fosse incorrigível.

— Quer passar uma noite em meu quarto? Quer fazer um trio? Me ocorre algo — baixou a voz — Aposto que você adoraria que eu te possuísse por trás enquanto Frigg se encarrega de lambar a fruta que há entre suas pernas.

Freyja soltou uma gargalhada.

— Claro. Mas você gostaria mais. E mais, aposto que ela se divertiria mais comigo do que com você — soltou, batendo os cílios — Mas isso é algo que você nunca saberá, verdade?

— Freyja, deveria superar o fato de que nem todos os homens procuram uma selvagem como você. Alguns valorizam mais a paz no lar, e alguém que cuide de nós.

— Nem você acredita nisso. Frigg é somente mãe. Esquece-se de seu papel como mulher e como deusa com outras capacidades que não sejam somente as de te manter tranquilo e feliz na mesa. Em que lugar ela fica? É a mais machista de todas. Atira pedras sobre nosso telhado. Mas... — sorriu vilmente — Do que lhe serve toda essa complacência?

— Do que lhe serve? — repetiu, sem compreender.

— Você não a quer.

— Ela é minha companheira, a única que quero.

— Apostamos seu outro olho que está mentindo como um velhaco?

— Não — Odin sorriu, vaidoso — Não minto. Se olhe, Freyja. Todos a desejam e a temem, menos eu. Mas, mesmo assim, eu não te escolhi. Como tampouco Od te escolheu. Ele te deixou e nunca voltou. Em troca, Frigg permanece a meu lado.

Aquilo sim a cortou. Foi um corte profundo e doloroso, que Freyja dissimulou com muita dificuldade. Como se atrevia a lhe dizer algo assim? Ainda mais quando ela sabia algo que ele desconhecia. Recompôs-se como pôde e elevou o queixo dignamente.

— Tem certeza?

— Do quê?

— De que Frigg nunca o deixou. Fez um trio com seus irmãos, e nunca falou disso. Talvez o tenha deixado alguma vez mais, sem que você soubesse.

Odin suspirou, incrédulo.

— Fala sério? Frigg nunca me abandonou. Eu a ela, sim. A deixei por um tempo. Mas voltei para o seu lado.

Freyja deu de ombros.

— Tem certeza que vê bem com esse único olho que resta?

— Vejo muito bem, obrigado.

— E são sinceros um com o outro? Oh, não me olhe assim. Talvez esta seja uma das últimas conversas que você e eu possamos ter, Caolho. Nos justifiquemos antes de ir às armas.

— Que merda quer, Freyja? — perguntou, na defensiva.

— Pergunto se você conta tudo a ela — seus olhos cinzas escureceram levemente — Ela sabe o que fez com o Balder? Ela sabe o que perdeu, além de seu olho, em troca de modificar o destino dos deuses?

Ele ficou tenso e mudou a fisionomia.

— Sei muito bem o que posso contar à minha esposa e o que não.

— Disso não tenho nenhuma dúvida. Olhe, tem razão em uma coisa. Só em uma — esclareceu, elevando o dedo indicador — Sou muito mulher e entendo que isso dá medo aos homens. Faz senti-los inseguros. Sobretudo os molengas como você, ou os covardes como Od. Mas lembre de uma coisa: não sou eu a que o procura nas festas, nem nas colheitas de uvas de hidromiel, nem nos jantares em Víngholf. Não sou eu a que o olha intensamente como se desejasse me despir e me possuir sobre a mesa. Não sou eu a que o persegue. Sempre foi você. Vai explicar isso a Frigg? Vai lhe dizer que, embora valorize que tenha o palácio limpo e te dê paz mental, a única que o deixa louco sou eu? — caminhou para ele, movendo os quadris de um lado ao outro — Terá a coragem de dizer-lhe na sala de espera de uma guerra que pode matar a todos? Será capaz de lhe dizer a verdade? — estavam somente a um palmo de distância. Freyja ficou nas pontas dos pés e o olhou no olho — De agradecer os filhos que te deu, mas reconhecer que não a ama?

Odin tomou ar pelo nariz, mas não se afastou. Não recuaria.

— Vê esse trono? — apontou sua cadeira de ouro com o polegar — Nele somente pode se sentar a rainha dos Aesir. E só há uma. Nesse trono só a Rainha pode observar os Nove Mundos. E essa é Frigg.

— Não me faça rir, Odin. Eu posso observá-lo igual sem necessidade de me sentar nele.

— Mas não vê o mesmo que eu — respondeu misterioso.

— O que você disser. Mas os Aesir só têm um Rei. E é você. Igual aos Vanir só têm uma Rainha. E essa sou eu — esclareceu, orgulhosa — Frigg não é rainha de ninguém, ela é somente sua esposa.

— Sabe, Freyja? Diz que Frigg não é boa para as mulheres. Mas quem não é boa para vocês mesmas é você. Por causa de divas como você, muitas têm uma reputação que não merecem.

E então Odin desapareceu diante de seus olhos. Simplesmente desvaneceu-se.

Freyja apertou os dentes. Acabava de deixá-la na mão, chamando-a de puta com poucas palavras. Como odiava tudo aquilo. As discussões e as lutas com Odin a deixavam exausta e abatida, embora nunca demonstrasse.

Girou os olhos e disse:

— Maldito seja.

Em seguida, desapareceu, tal e como tinha feito o Aesir, deixando o poço dos mundos sem observador, e o trono Hildskalf sem Rei nem Rainha.

Fensalir.

A sala dos pântanos

Odin apareceu na casa de Frigg, onde os dois viviam juntos e ele passava todas as noites, porque Frigg era sua esposa e a mãe de seus filhos. E ninguém mais.

Assim pensava, recompondo-se, zangado pelas insultantes palavras da Freyja. Deixou para trás as numerosas fontes e lagos que precediam a entrada do lar, tudo em perfeito estado. E disso só ela se encarregava. A Vanir tinha razão: Frigg era uma mulher da casa. Esse era seu trabalho. Mas não o desagradava.

Necessitava de uma mulher que não fosse nem a metade bélica do que ele era.

As portas de ouro e cristal do Fensalir se abriram para ele de par em par. Grandes, magníficas e brilhantes. O chão de mármore branco refulgia lustroso, e cada uma das salas do palácio possuía a estátua de um deus Aesir e uma fonte ornamental. A água era muito importante para Frigg, daí que chamassem o Fensalir de “a sala dos pântanos”, porque o elemento aquoso estava presente sempre de uma forma ou de outra.

As solas das botas metálicas de Odin repicavam com força contra o chão, acompanhando ritmicamente a pegada do deus. Subiu as escadas até a sala superior, cujos tetos eram abertos por completo, e deixavam ver com total claridade a luz do dia e as milhares estrelas e galáxias do Asgard.

Odin sabia onde estaria Frigg. Em seu quarto, sentada em um canto da janela, podando uma dessas diminutas árvores que logo plantaria ao redor do bosque da mansão e que cresceria rapidamente até converter tudo em um belo jardim que flanquearia seu terreno.

Frigg adorava seus afazeres, por mais básicos que fossem. A Aesir era, acima de tudo, sua mulher. E não podia desmentir Freyja. Frigg era a deusa da fertilidade, do amor, das artes domésticas, do matrimônio, da maternidade, do manejo do lar... Tudo o que se supunha que representava ser mulher e feminina.

Mas, como boa mãe, tinha sofrido muito. Sofreu a morte de Balder, não uma, mas sim duas vezes. E tinha sofrido também a de Hodur. Tinha-o feito com muita altivez, com serenidade, entendendo que o destino às vezes era cruel. E nunca, jamais, deixou-o de lado ou o descuidou. Cuidou de seu marido sempre. Dele. Apesar de tudo o que sofria por não ter seus filhos com ela. E isso era admirável.

Hlín e Gná, as donzelas de Frigg, saudaram-no enquanto limpavam briosamente o chão do corredor superior, as duas ajoelhadas com seus respectivos panos úmidos na mão.

Odin fez um gesto com sua mão em resposta e se deteve em frente à porta de seu quarto. Abriu-a por completo e inalou o suave aroma de brisa e de bosque que entrava através das janelas e que balançavam as cortinas de seda. Na janela

mais próxima do quarto, coberta pela metade pela cortina que servia de véu e que se balançava com cada pequena tempestade de neve, estava Frigg.

Seu cabelo castanho e ondulado, preso em um diadema de ouro, cheirava a flores, e isso era algo que Odin adorava. Tinha seu olhar cândido fixo naquela planta que podava com cuidado, movendo seus dedos ágeis ao redor, tocando-a e moldando-a com suavidade.

Ela levantou o olhar e o observou com seus olhos cândidos e marrons, como a terra virgem. Era adorável, e tinha sido uma excelente mãe e uma mulher boa e cuidadosa. Entretanto, para ser sincero, já fazia muitíssimo tempo que, ao chegar em sua casa, não sentia aquele fogo doentio que sim sentia quando via a Freyja. Essa bruxa era uma arpia venenosa que o deixava histérico. Ela acendia suas chamas. Chamas que Frigg, com seu carinho, sua tranquilidade e paciência, convertia brasas calmas. Eram antagonistas uma da outra.

Deuses! Como odiava que a Vanir sempre tivesse razão...

Seja como fosse, estavam a um passo de jogar o destino e a vida em uma batalha infernal, no Midgard ou no Asgard. E, nessa batalha, Frigg não ia se envolver. Não era seu lugar, não combinava com o seu espírito. Ela tinha dedicado toda sua existência a criar Balder e Hodur e a conduzir Fensalir com o orgulho de uma Rainha anfitriã. Não a interessava os conflitos bélicos, embora alguma vez tenha feito o esforço de jogar com ele a fazer apostas.

Ainda assim, não era uma guerreira. Era... uma mãe. Uma... esposa.

“Porra! Maldita Freyja”, pensou Odin, amargamente.

Tinha que adverti-la sobre que ia acontecer. Ela e suas donzelas ficariam presas no Fensalir. Não podiam sair dali. E não duvidava que a proposta ia encantar Frigg, pois não havia mais nada que gostasse do que cuidar de seu palácio e de suas plantas. Gostava de ficar sozinha.

Freyja tinha jogado em sua cara que não lhe disse o que aconteceu com Balder e Hodur no Midgard. Mas não achava necessário. Não precisava. Ninguém, nem sequer ela, devia saber o que ele fez. Era seu segredo. Um que só a Vanir sabia e ninguém mais.

Diria-lhe a verdade se conseguissem parar o Ragnarök, ao retornar. Senão, não precisava mencionar. Porque nunca veria Balder de novo. Assim, para que voltar a atormentá-la? Frigg tinha uma fraqueza por Balder. Nunca amou Hodur tanto como a seu filho Resplandecente. E era uma verdade que doía e que ela queria ocultar, porque a envergonhava. Mas era mérito de Balder e não demérito de Hodur. Balder nasceu para ser amado e venerado.

Seja como for, Frigg foi uma excelente mãe para um e para outro, e ninguém lhe tiraria isso.

— O que acha, querido? — perguntou-lhe Frigg, alheia a seus pensamentos. Não elevou os olhos para olhá-lo.

Odin parou às suas costas e beijou sua nuca com suavidade, afastando seu cabelo castanho com ternura. Ela girou, surpreendida pelo gesto, como se não estivesse acostumada a eles.

— Odin?

— Olá, esposa minha.

— Olá — pigarreou, ligeiramente incômoda — Este vou plantar na área norte do jardim de pântanos. O que acha?

Odin não diferenciava uma árvore de outra, e tudo lhe parecia bom. Assim, assentiu.

— Parece perfeito.

— As donzelas prepararam o jantar. Está com fome?

Não. Não tinha fome. Estava angustiado pelo que ia acontecer. Encarregou-se de proteger Frigg e de não a chatear com nada, mas devido a isso, tinha-a convertido em um ser alheio aos conflitos dos Nove Reinos. Alguém com quem só podia falar muito por cima sobre assuntos políticos ou bélicos, sem tratá-los em profundidade.

— Não tenho fome — respondeu sério. Puxou-a pelas mãos, suaves e finas, e obrigou-a a levantar da poltrona onde estava sentada.

— O que acontece? — perguntou ela, franzindo o cenho.

Odin inspirou profundamente e balançou a cabeça.

— Frigg, o Ragnarök chegou. Preciso que você e suas donzelas se afastem disto. Que se mantenham aqui a salvo.

Frigg desviou o olhar pensativo, e lambeu os lábios com nervosismo.

— A decadência dos deuses se aproxima?

— Sim.

— E o que será de nós? Nos matarão? — perguntou, aterrorizada.

Odin a olhou, compassivo.

— Não sei o que será de você se não vencer minha batalha pessoal contra Loki. — Mas imaginava. Porque sendo a mulher de seu maior inimigo, o Vigarista teria preparado contra ela uma vingança humilhante — Mas se isso acontecer...

— Não vencerá, *Alfather*? — perguntou, repentinamente, como se acreditasse em suas possibilidades mais que ele.

— Só as nornas sabem. Como seja — segurou suas mãos com mais força — Quero que feche este palácio. Se for necessário, utilizarei a magia dos Vanes e a minha para ocultá-la com um feitiço aos olhos de outros.

Frigg se libertou de suas mãos e pousou suas palmas sobre as bochechas peludas do Aesir.

— Odin — negou com a cabeça — Todos temos nosso momento. Todos.

— Mas eu posso evitar — disse — Posso te proteger.

— Mas eu não quero sua proteção. Faz séculos que não saio por vontade própria fora dos limites de meu palácio. Se tiverem que vir a mim, que venham. Aqui esperarei. Não tenho medo da morte — explicou, condescendente — Não percebeu?

Ele não compreendia.

— Percebeu o quê?

— Que todos saímos do caldeirão e todos, apesar de ter uma vida longa, voltaremos irremediavelmente a ele uma hora ou outra.

— Mas está viva agora. Não quer continuar assim?

Ela pestanejou e irremediavelmente se emocionou, embora as lágrimas não aparecessem por seus cílios.

— Fui mãe, Odin. Não sabe que há muitas maneiras de morrer em vida?

Não podia tirar sua razão. Frigg sentia um amor muito apegado por seus filhos, apesar de ser uma deusa. Que Hodur matasse Balder e que Váli acabasse com Hodur, também acabou com a vontade de viver de sua mulher. Não podia culpá-la por sentir-se assim.

— Se eu morrer, e o céu se mantiver, meus filhos me acolherão. E, acredite e mim, desejo me reunir com eles mais que tudo. Aqui já não resta nada a fazer.

Isso o surpreendeu e o deixou momentaneamente sem palavras. Mas tinha ele. Isso não importava? O que seria dele?

— E eu?

— Você é o Pai de Todos. Um deus que está acima dos outros e que não precisa de nada nem ninguém para continuar adiante.

— Não te entendo, Frigg.

— Deve fazê-lo. Seu papel e sua missão estão acima de mim. Não ligue para mim. Meu papel e meu trabalho, já foram cumpridos.

— Não quer vir comigo para lutar e morrer a meu lado? — Odin esperou somente um momento, influenciado pelas palavras de Freyja, que Frigg dissesse que sim e o acompanhasse em uma luta em que talvez ambos encontrassem a morte. Mas ao menos morreriam juntos. E de passagem, fecharia a boca grande da Vanir.

Ela abriu os olhos e deixou cair a mão de suas bochechas, como um peso morto.

— Eu não sou guerreira. Nunca pretendi ser. Não sou como você. Já sabe. Não tenho essas habilidades, e o atrapalharia. Não sei tirar uma vida, porque eu não a tiro, eu dou. Sou doadora. Não, querido marido — negou, com insistência. Essas tarefas são próprias de Freyja e suas valkyrias. Não são minhas.

Odin torceu o rosto. Não precisava mencionar Freyja. Já estava muito presente.

— Agora, toma a decisão que deva tomar — sugeriu Frigg.

Tinha Frigg tão pouca vontade de viver a seu lado? E ele podia culpá-la? Não. Não, porque embora o desagradasse dar razão à Vanir, fazia muito tempo que ela e ele não agiam como um verdadeiro casal. Não havia amor nem desejo. Nas vezes que mantinham relações e faziam uso do matrimônio, tudo era suave e com pouco fogo. Em troca, sim, sentia um profundo respeito pelo que representavam cada um no panteão, e pela relação amistosa e carinhosa que havia entre eles.

— Mas não espere que me una a seu exército — prosseguiu Frigg — Te desejo toda a sorte, *Alfather*. Entretanto, minhas donzelas e eu ficaremos aqui,

rezando por todos os guerreiros e por um bom desenlace para todos no campo de batalha, seja aqui, ou no Midgard.

— Te importa tão pouco se continuar viva? É tão indiferente? — Como podia assumir um fim assim?

— Sua vida é muita coisa, Odin. A minha era, acima de tudo, meus filhos — esclareceu — Isso me deixava orgulhosa. Eu o amo, é meu marido. Mas suas responsabilidades e trabalhos com os Nove Mundos não têm nada a ver com as minhas, faz tempo. Dei a você tudo o que tinha para dar. Você me deu isso ? — perguntou, de repente.

Odin ficou estático diante daquela pergunta tão direta e aberta. Tinha dúvidas de seu amor por ela? Não estava contente?

— Por que essa pergunta?

Frigg sorriu, sem necessidade de escutar nenhuma resposta, pois já sabia.

— Eu estou muito tranquila e com minha consciência limpa — ficou nas pontas dos pés e o beijou nos lábios — Obrigada por tudo o que me deu até hoje, Odin. Seja pouco ou muito, valorizo-o — levou a mão ao coração.

— Entendo de guerra e de instintos primitivos, Frigg.

— Sei. E eu somente entendo de amar sem esperar nada em troca. Parece que nasci somente para ser uma mãe e uma esposa devota. Nada mais.

Ele se surpreendeu ao escutar palavras parecidas com as que Freyja tinha mencionado em seu trono.

— Porém, não lamento nada. Por isso me sinto satisfeita e não espero mais. Ficarei aqui, Odin — sentenciou — E farei deste lugar um lugar lindo até a última lua — assegurou, com orgulho — Porque esse também é meu dom.

Ela ia se virar, mas Odin se aproximou dela e segurou seu rosto, olhando-a com simpatia, empatia e também muito respeito.

Ia lhe dar um beijo nos lábios. Aquela seria a última vez que se falariam, porque tinha que ir ao Víngolf e pôr em ordem todos seus exércitos as expensas que acontecesse na Terra nas horas vindouras.

Em troca, em vez de beijá-la na boca, elevou-se por cima de sua cabeça e a beijou na testa, como faria um pai com uma filha. Sem sexualidade, com o amor que poderia sentir por uma amiga e companheira.

Frigg tremeu entre seus braços, e quando se afastou, seus olhos brilhavam, afetados por uma emoção que ele não soube decifrar. Piscou rapidamente, sorriu com doçura como sempre fez, e se afastou de seu marido, elevando a mão em sinal de despedida e acrescentando:

— Faça-os pagar por tudo, *Alfather*.

Ele afirmou com um gesto firme de seu queixo, e depois procedeu a sair do palácio de Frigg, um pouco confuso por aquele encontro e, ao mesmo tempo, estranhamente liberto.

Entretanto, ao sair e percorrer os jardins dos pântanos, as três nornas o esperavam com notícias que traziam presságios, não sabiam se maus ou bons, mas eram totalmente desconhecidos.

XII

Dinamarca

Thor pensava que a desorientação, o enjoo e a perda de equilíbrio eram consequências de cruzar um portal mágico. Desde que tinha retornado de Shipka, o Midgard se encheu de magia e seres fantásticos que queriam recuperar o mundo que tinham perdido, ou entregue, dependendo do lado que alguém estava e o ângulo que se olhasse. Um Jotun não ia pensar igual a um Vanirio a respeito.

Entretanto, o que o surpreendia de verdade era a estranha sensação úmida e aguda que sentia no antebraço e que provocava nele o reencontro de muitas emoções e lembranças outrora experimentadas. O que era aquilo?

Não compreendia o que acontecia com o seu corpo, que parecia despertar e excitar-se enquanto se deslocava no tempo e no espaço, através de uma espiral de água, ar e, inclusive, eletricidade, que o mergulhava em uma delicada leveza.

Então, a viagem cessou e seus corpos deixaram de dar voltas abruptamente e deconstruir-se em mil pedaços, forçando-se novamente a unir-se átomo após átomo e célula por célula.

Estava de joelhos em algum lugar muito silencioso, onde não se ouvia absolutamente nada do mundo exterior. Tentou abrir os olhos, e ao fazê-lo, pois tinha a cabeça inclinada, viu um manto de cabelo negro sobre o braço que sentia dolorido.

Era ela, que o agarrava com força até lhe cravar as unhas na carne, e sugava de sua veia como um animal desesperado.

Thor não soube o que fazer nem como reagir ao ver sua companheira de vida bebendo dele daquele modo tão cru. Como ia ocultar a dureza que sentia na virilha?

Jade não ia perder tempo. Não pensava fazer isso.

Todo seu mundo tinha deixado de existir para, depois do encontro com Thor e Nerthus, começar a criar imagens desconexas em sua mente, como as peças de um quebra-cabeças que deviam se encaixar. Por isso tinha decidido agarrar Thor desprevenido e, sem permissão, com premeditação e de maneira desleal, mordê-lo descaradamente e beber dele tudo o que pudesse.

Tinha-o feito assim que se deram as mãos e sentiu que seu corpo se desvanecia. Pensou que não havia melhor maneira de manter-se inteira e segura, do que com as presas na carne de Thor. Certamente teria parecido uma ideia

péssima, mas não iria analisar se o que fazia era correto ou não. Queria ler em seu sangue. Precisava dele para recuperar-se, não é?

A cada imagem que via, cada rosto, cada palavra que evocava seu passado, cada lembrança que emitiam seus neurônios, algo, como um brilho de claridade e veemência, palpitava no centro de seu peito, e lhe espremia o coração, emocionando-a e lhe dando uma identidade que sim, sentia como dela.

Era Jade Landin. Uma berserker do clã de Wolverhampton. E esse homem que ainda não reconhecia como sua meia metade, também fazia parte de suas lembranças. A ansiedade por recordar toda uma vida inteira nesse curto prazo de tempo que supostamente restava no Midgard, a impulsionou a fazer o que estava fazendo.

Não a atraía a ideia de beber sangue do vanirio. Mas se era verdade que estavam vinculados, seu sangue a ajudaria a substituir as lacunas. E eram tantas, que a situação e os nervos que lhe provocavam escapavam das mãos, e a desesperavam.

Quando o primeiro sorvo deslizou através de sua garganta até o estômago, em vez de sentir rejeição, foi o contrário. Seu corpo, seus órgãos internos, pareciam agradecidos de receber tal combustível, como se tivessem sentido falta dele.

E então, de algum modo que desconhecia, seu cérebro se converteu em um receptor de informação, como se sua língua e suas pupilas gustativas a fizessem viajar pela vida que tinham-na roubado.

“Querida, devagar e corretamente”, essa frase reverberou em sua cabeça, e no momento, recebeu uma imagem mental de um homem viril e de meia idade, com barba, cabelo comprido, e olhos verdes como os seus. Enquanto bebia, seus olhos se encheram de lágrimas e de tristeza, porque recordou imediatamente quem era. Era seu pai, Ás. E, ao recordá-lo com tanta claridade e sem dúvida nenhuma, chegaram a ela muitas lembranças que se encadeavam uma atrás da outra, onde ele era o epicentro de sua existência. Seu tudo. Também recordou a sua mãe Stephenie, mas eram imagens vagas e difusas, e então lhe veio à memória que ela tinha morrido quando ainda era muito pequena.

Seus pais, Ás e Stephenie. Deuses... Por fim os via nítidos. E foi como se nunca se separaram, como se ela nunca tivesse partido, como se nesse tempo não tivesse havido uma ausência tão longa. E isso a deixou abatida e com uma dor profunda que não soube paliar, a não ser que bebesse mais. Porque não podia imaginar o quanto teria sofrido seu pai ao achar que estava morta.

Ao menos, nesse instante, o sangue a satisfazia e a acalmava, embora estivesse se comportando como uma egoísta. Mas já não podia parar. Quanto mais bebia, mais via, e mais reconstruía seu verdadeiro ser. Passavam diante de seus olhos imagens de seu clã, do verdadeiro. Seus “irmãos” Noah e Adam. A linda irmã do naoiti, apaixonadíssima até a medula por seu *kone*. Ela era sua melhor amiga, e pensou em quanta falta fazia nesse momento e quanta vontade tinha de vê-la.

E Wolverhampton, seu lar... que lindo era, como gostava de viver ali. Lembrava de sua casa, aquela que compartilhava com seu pai... E esse cajado que ele guardava com tanto zelo e que tão poderoso o fazia aos olhos de outros. O Cajado do Concílio.

Recordou quando lhe deram o diário com seu nome escrito, e tudo o que ela começou a escrever nele a partir dos vinte e dois anos. Antes de sua conversão, coisas sem muita importância, até que ele apareceu. Nada mudou tanto a sua vida e a ideia que tinha do amor e da independência, que o momento em que viu Thor pela primeira vez e se perdeu para sempre em seu olhar lilás. E sentir aquilo nesse instante e descobrir que algo tão poderoso tinha sido eliminado de sua mente, deixou-a ainda mais nocauteada e irada. Porque não sabia o que tinha que sentir por ele. Ainda não. Sua mente ainda não estava unida a seu coração e seus sentimentos pareciam adormecidos, entorpecidos, inclusive não descartava a ideia de que ela mesma bloqueou-os por medo de que seus sentimentos por ele explodissem e não pudesse controlá-los. Porque estava a ponto de passar de não sentir absolutamente nada, a de repente ser envolvida pelas emoções dos companheiros de vida. E não sabia se podia aguentar.

Mas não se importou. Jade bebeu com mais vontade de sua veia, necessitada de ter mais informação e de continuar criando sua imagem à sua verdadeira semelhança. Ele tinha as respostas em seu antebraço. Seu sangue reconstruía circuitos quebrados por anos de torturas sistemáticas e produtos que provocavam amnésia. E aquele era um sangue milagroso e curador. Agora o via. Agora o recordava. Então, quando o faziam, quando a drogavam, não era consciente. Mas, o líquido rubi que dava vida àquele guerreiro celta, estava lhe mostrando a verdade e a permitia ver e recordar inclusive aqueles detalhes que ela evitava pelas drogas, embora ficassem registrados em seu cérebro.

Quanto Francesc e Daniel a resgataram...! Se essa era uma maneira de amá-la e de mantê-la viva, teria preferido a morte mil vezes. Morte antes da mentira.

As lembranças a bombardeavam até o ponto de lhe provocar dor física e um martelar agudo nas têmporas que exerciam uma pressão terrível. Sua cabeça ia explodir. Mas parou?

É obvio que não.

Duas luas. A Deusa lhes dava o tempo de duas luas para conseguir seu propósito antes que a morte assolasse a Terra. E se não conseguissem, ao menos morreria conhecendo-se e recuperando seu eu. Era a única coisa que podia fazer por ela e por tudo o que tinham-lhe roubado.

Como o sangue podia fazer tão bem a ela? E, por que, nesse momento já não a repugnava, mas sim sentia o que fazia com tanta naturalidade? Porque era o que sempre tinha feito com ele. Porque beber sangue e trocá-lo era o que Thor necessitava, porque era como respirar, algo primitivo para os vanirios, algo muito sensual que os excitava... E ela, apesar de não ser uma sugadora de sangue,

também tinha presas como as que expunha agora em sua boca, penetrando profundamente o musculoso antebraço de Thor.

Voltou a viver muitos acontecimentos de sua vida, todos esquecidos. Porque o dom do corpo de Thor lhe dava de presente a lucidez e a mente. E se viu com ele: o primeiro beijo, sua primeira e traumática vez... E depois, as milhares de vezes restantes, cada uma mais maravilhosa.

Recordou o dia em que os deuses os selaram, e as lágrimas caíram sem controle algum pelas bochechas, até ensopar a pele de Thor e fazer que se misturasse com o sangue que brotava entre as incisões, através de suas presas.

Encontrou-se em outro país, nas montanhas. Eram os Bálcãs. Ali viveu com ele, fugindo dos prejuízos, das rejeições e também de Samael... Tantas e tantas coisas. Eram muitas.

Como ia parar se não era capaz de deixar de beber?

De repente, sua pergunta foi respondida de um modo um tanto rude. Sentiu um duro puxão no cabelo, e agulhadas no couro cabeludo.

— *Go leor, mo mhuirín.* Já basta, minha querida.

Disse Thor afastando-a dele e mantendo-a presa pelo cabelo.

Ela, que tinha as pálpebras semi-fechadas, bateu os cílios repetidas vezes, como se precisasse focalizar o olhar, perdida no sabor daquele alimento, tão saboroso como ele.

— Me escute. *Go leor* — voltou a repetir com voz rouca.

Thor estava pálido e com olheiras. Tinha os lábios ressecados, como se precisasse de água. Seus olhos lilás ressaltavam naquele olhar avermelhado e esgotado, mas não perdia nem a candura nem a força que se pressupunha em um ser tão atrativo e poderoso como ele.

Jade franziu o cenho, como se o ouvisse de longe. Thor, embora a tinha retirado de seu antebraço, estava semi estirado no chão e continuava apertando seu cabelo, como se não se confiasse nela.

— Vai me deixar seco, porra.

Ela, ao compreender o que tinha feito, ficou nervosa. Intuitivamente escutou seu coração palpitar para considerar seu ritmo e avaliar se estava tão mal como parecia. Estava muito lento. Muito. Maldição, tinha-o deixado anêmico.

— Thor... — murmurou secando a boca manchada de sangue com o dorso de sua mão — Minha mãe, sinto muito.

— Ok... — sorriu, sem mal poder mover-se. Não queria detê-la. Sabia perfeitamente que seu sangue a ajudaria a recuperar-se para que a Jade que ele conhecia e amava voltasse. Como ia proibi-la de beber dele? Ele pertencia a ela, por completo. Não obstante, a berserker exagerou. E não só um pouco. Thor se encontrava no estado de que precisava de combustível. Precisava beber porque estava anêmico — Me atacar dessa maneira traiçoeira — brincou, tonto —... Muito próprio de você.

— Próprio de mim? — não entendia aquela farpa.

— Sempre fazia isso. Você adorava nossa vinculação, acostumou-se muito rápido a ela, e quando tinha oportunidade, atacava-me pelas costas e bebia de mim, como agora.

— Não...

— É claro que sim — voltou a sorrir — Por isso estávamos a maior parte do tempo sem roupa.

Ela ruborizou, seus olhos clarearam cheios de confusão e também de desejo.

— Sinto muito ter te atacado assim.

— E em meio a uma viagem através do espaço... — continuou, desfrutando de sua reação — Loba — acusou-a.

Entretanto, embora falasse como se jogasse em sua cara, não achou ruim. Gostou. Deuses, estava ficando louca.

— Você tirava meu sangue, e meu corpo se desintegrava. Era como morrer. Morreria assim, encantado — assegurou, respirando com dificuldade — Seria um adeus tão prazeroso...

Ela levou os dedos à boca, envergonhada por ter se comportado assim. Mas a tranquilizava o fato de que Thor também tinha abusado dela. A lembrança de sua primeira vez, unida à lembrança de seu reencontro, fizeram com que sentisse uma forte rejeição por ele. Era uma berserker orgulhosa, e não se esquecia das afrontas.

— Como morrer... — murmurou Jade, erguendo-se. Thor era seu casal. Tinha lembranças incríveis com ele, embora seu coração ainda não unisse essas sinapsis com seus sentimentos. Mas o fato de que fosse sua *kone* não lhe dava o direito de tratá-la daquele modo, embora fosse a única coisa que tinha para que ela comesse a reagir e a despertar de seu estado letárgico. A primeira vez a machucou muito e a assustou. A segunda foi quente e surpreendente, mas não a fez se sentir bem.

— Peço-te perdão por isso, Jade — murmurou ele, apoiando a cabeça por completo na areia.

Areia? Onde estavam?, pensou Thor, ainda tonto.

Jade observou ao seu redor e se viu em um lago. Atrás dela, uma cascata emergia entre as rochas da parede da montanha e rompia a dez metros de onde estavam. Tocavam a água e a terra ao mesmo tempo. Cobrindo-os de maneira mágica, havia um bosque inteiro de carvalhos que rodeava a borda de maneira quase reverente, e que ocultavam o lago como se fossem seus leais e perenes protetores. A terra era um manto verde de grama ao redor da borda da margem do lago. E o céu, nessa clareira, não era tão negro e avermelhado, portador de mortes e destruição. Ali ainda estava azul claro, embora o sol não chegasse a iluminá-lo. Cheirava a flores, a muitas e diferentes. Mas Jade não via nenhuma em especial.

— Jade — Thor a puxou pelo pulso, erguido pela metade para poder olhá-la de frente e nos olhos — Peço perdão de verdade — repetiu, de modo solene e

sincero. Queria deixar claro que não estava orgulhoso disso, mas que sua iniciativa e sua decisão tinham propiciado que ambos estivessem juntos, começando a recordar-se, e viajando unidos para cumprir uma missão da deusa Nerthus — Não teria feito isso se não o considerasse estritamente necessário.

Ela não baixou os olhos, ao contrário, fulminou-o com eles e retirou o pulso com um puxão. Thor exercia uma estranha energia dissuasiva nela, que a obrigava a perdoá-lo rapidamente. Via-o, olhava-o, admirava-o, E... para sua surpresa, também o desejava e a atraía. Por todos os deuses, até queria mordê-lo de novo e fazer...! Fazer tudo o que não tinha feito em anos? Isso era normal? Por outro lado, acabava de chegar à sua vida e ela tinha que aceitar muitas coisas, talvez muito numerosas e complicadas. Como, por exemplo: Tinham uma filha de verdade? Por que ainda não via essa lembrança? E ele? Por que ele tampouco lembrava?

— Sente desejo porque eu também sinto por você — ele respondeu as dúvidas de sua mente.

— Isto é sempre assim? Sempre estará em minha cabeça?

— É óbvio. O desejo e a necessidade nunca se vão com o tempo. Ao contrário, tudo se torna mais intenso, até que parece que entra em sintonia com seu companheiro. E sobre ler sua mente, não é negociável — Thor se levantou com a agilidade de um velho de noventa anos, para analisar onde estavam e o que viam — Nunca teve nada a me ocultar, por isso nunca supôs ser um problema. Nem tampouco eu te oculte nada. Embora não acredite, você também está em minha mente e pode me ouvir sempre que desejar.

— Lembrei tantas coisas... — disse ela, um pouco desorientada — Tantas coisas sobre nós, sobre minha família...

— Isso é bom — disse ele, animado.

Mas Jade negou com a cabeça.

— E depois está o fogo...

— Fogo? — sorriu e elevou uma sobrancelha.

— Sim. Meu corpo arde, as presas... — moveu-se inquieta — A pele pica. Eu... Não sei do que tenho vontade. Mas tenho vontade... — levantou o olhar para fixá-la nele, como se assim dissesse tudo.

E dizia. Ah, se dizia. Thor compreendeu que o que estava experimentando não podia associar a nenhuma sensação que recordasse, a não ser que ele lhe mostrasse e a guiasse em sua aceitação. Essa noite seria a sala de espera da lua cheia. As berserkers, ativas sexualmente, eram autênticas tsunamis quando se aproximava a lua cheia. Jade se sentia quente e excitada. Porque o corpo, e sua natureza, tinha seus ciclos. E não importava se o fim do mundo se aproximava. Seus hormônios se ativavam igualmente com a lua.

— Enfim — Jade cortou a comunicação e o contato visual abruptamente — O melhor é nos concentrarmos. Há muitas peças ainda que faltam em minha cabeça e temos uma missão para completar e um mundo a salvar. Vamos! Devemos encontrar o carro de Nerthus.

Thor deu de ombros. Embora começasse a se tornar amigo de novo de suas emoções e voltasse a fazer as pazes com sua empatia, e podia sentir piedade daquela humanidade, para ele, a única coisa importante era Jade. Jade e essa filha que não se lembrava e que também desejava conhecer, embora fosse através das lembranças.

— Vamos — Jade olhou a seu redor, procurando indícios do paradeiro do objeto da deusa.

— Onde estamos, exatamente? — perguntou Thor, fazendo provisão de forças para seguir adiante — É aqui que ainda não chegou o Ragnarök?

Nesse momento, Jade ficou muito quieta, presa por uma chama de lembranças. Seu pai, Ás, tinha uma biblioteca enorme em sua rústica mansão de Wolverhampton. Era um dos lugares favoritos de Jade, se não for o favorito.

Ali, entre os livros, seu pai e ela passavam horas quando era pequena. Ás lia histórias e lendas dos deuses nórdicos para ela. Aqueles foram seus livros preferidos de sempre, já que sentia admiração pelos panteões divinos e por esses seres que os tinham criado. Junto a seu pai, leu muito e aprendeu quem eram. Dos livros dos humanos, das eddas, aprendeu parte da lenda de Odin e do Asgard. Os humanos contavam a história à sua maneira, com suas lacunas e também com suas invenções. Mas foi de seu pai de quem bebeu a informação mais pura e sagrada, porque ele era como uma fonte impagável de conhecimento autêntico e real.

Ás tinha sido o eleito de Odin para carregar o Cajado do Concílio e semear a paz na Terra entre vanirios e berserkers. A palavra de seu pai era lei. Ele conheceu pessoalmente Odin, viu-o, esteve ali em cima... portanto, ele sabia mais que ninguém.

E agora, ao lembrar dele, também lhe veio à mente esse caudal de dados e documentação que lhe servia para entender o que estavam procurando e onde se encontravam.

— Está chorando, Jade? — perguntou Thor, afetado ao vê-la assim. Aproximou-se dela.

Ela negou, turvada ainda pelas emoções e por sua aparente vulnerabilidade.

— Não, não... — piscou rápido para secar as lágrimas.

Mas sim, estava. Thor via o que ela via. E podia sentir sua dor e sua tristeza ao experimentar as lembranças de seu pai, seu passado, e sua memória que revivia em sua cabeça sem importar quanto isso afetaria o seu coração.

— Acredito que sei onde estamos — murmurou, pigarreando com desconforto.

— Sabe? Onde? Eu não posso ouvir nenhuma mente aqui. Só a sua. É como se este lugar estivesse protegido por uma cúpula — arguiu, olhando o céu sobre sua cabeça.

— Tem sentido. Agora lembro. Meu pai... — disse em voz alta, engolindo em seco para fazer desaparecer o nó de tristeza que a engasgava — Meu pai me

contou uma vez que Nerthus tinha sido mandada ao Midgard para proteger os humanos — recordou, com os olhos fixos na cascata.

— Claro, esqueci que os vikings sabem destas coisas — brincou — Os celtas sabem de nossos deuses. E os que usam capacetes com chifres sabem dos seus.

Ela franziu o cenho, mas não respondeu ao comentário, pois sabia que não falava a sério. Embora ainda não lembrasse, algo a fazia compreender que Thor sempre tinha brincado a respeito, entre as diferenças de celtas e vikings. Certamente teria implicado muito com seu pai.

— Meu pai, Ás Landin, líder dos berserkers de Wolverhampton — enfatizou de propósito, com sarcasmo, ignorando que estava falando com Thor MacCallister, líder original do clã vanirio de Black Country — me explicou que, embora nunca se deixou ver, havia um lugar onde os guerreiros sedentos em busca de água pura dos escarpados e das cascatas, sentiam a presença da Deusa de uma maneira muito poderosa, porque nesse lugar perdiam a vontade de lutar, e tudo era paz e harmonia. Ali encontravam a deusa Nerthus, com um carro cheio de mantimentos e bebida custodiado por umas vacas. Os guerreiros a cultuavam, em meio a uma noite de cantos, danças, bebidas e comidas, e deixavam as armas para entregar à Deusa. O problema era que, uma vez que o faziam, no dia seguinte, quando saíam dali para o mundo real, assolados pela guerra, ficavam totalmente desarmados e extremamente visíveis ao olho espreitador de seus inimigos. Tanto, que encontravam a morte fora da proteção da Deusa, pelas mãos de seus adversários. Por isso diziam que aquele que via o carro de Nerthus era sinal de que morreria em breve. — Deus, recordava tudo que leu como se fosse ontem. Via-o com tanta nitidez que lhe parecia mentira ter esquecido — Esse lugar onde os vikings veneravam Nerthus se encontra na ilha dinamarquesa de Fionia.

— Ou seja, estamos na Dinamarca — apontou Thor.

— Sim. Dizem que seu carro, puxado por suas vacas sacras, esconde-se em um bosque sagrado, repleto de uma imensa cascata e um lago tão profundo como a alma de quem o encontrar. Um lugar onde o tempo e o espaço não existem. Um lugar que só é visto pelos destinados a morrer em paz.

Thor arqueou as sobrancelhas e estalou a língua.

— Pois se morrermos, desta vez não será por ver o carro de Nerthus, mas sim porque o fim do mundo implica que todos batam as botas — disse, divertido — Nerthus é muito oportunista, não acha?

Jade sorriu por debaixo do nariz. Não lhe tirava razão.

— Se isto for Fionia e este for bosque sagrado, Nerthus e seu carro apareceriam para eles por trás da cascata, quando fossem beber diretamente da potente cascata — concluiu, olhando o quão profundo era o lago.

Thor assentiu e, sem aviso prévio, agarrou-a nos braços, frente a surpresa que ela ficou. Ambos se olharam nos olhos. Ela o olhou, impressionada por sua

agilidade. Parecia realmente esgotado, mas mesmo assim estava sobrepondo-se ao cansaço.

— É por você — disse ele, lhe dedicando um sorriso que chegou ao seu coração e atenuou as rugas e as olheiras sob seus olhos.

— O que é por mim? — disse, emocionada frente a tal desdobramento de doçura e dignidade, embora ambos os adjetivos não parecessem andar de mãos dadas.

— Não importa que tenha bebido de mim como a um refresco, Jade. Eu te pedoo —. Explicou, elevando-se pouco a pouco no ar para que ela sentisse a vibrante sensação de flutuar junto a ele. Quando seus pés deixaram de tocar a terra úmida da margem, avançou com lentidão para a cascata — Não importa que necessite de seu sangue e você ainda não o tenha me oferecido. Não importa. Sabe por quê?

— Por quê?

— Porque ter você e estar junto a você, é suficiente para continuar em pé, porque isso já me dá as forças que necessito. Você é meu chute de adrenalina — sussurrou em voz baixa, observando cada um de seus traços com adoração — Sempre foi você, amor.

Ela piscou, com uma estranha sensação de familiaridade varrendo-a de cima a baixo. E isso também a emocionou. Emocionava-a o modo como ele a olhava e lhe dizia palavras bonitas. Como se seus olhos quisessem dar todas as carícias que ela não sabia que sentia falta. Estava muito sensível.

— Você sempre adorou voar junto comigo — assegurou, gostando daquele instante. Ali ninguém os atacaria, aquele era um lugar protegido de guerra e de violência, e Thor ia aproveitar ao máximo sua permanência naquele campo sacro. Nem um ataque, nenhuma ferida, nada mau podia ser infligido no manancial da Deusa Nerthus — Dizia que não havia lugar mais seguro no mundo que estar no céu comigo. Lembra?

Não. Mas não duvidava. Não duvidava. Sentia essas palavras tão verdadeiras quanto estava viva naquele momento, em Fionia. E era estranho sentir que esse homem desconhecido fosse, na realidade, a pessoa que melhor a conhecia. Como queria poder recuperar toda sua cabeça e sentir por ele tudo o que precisava sentir. Como queria dispor de tempo para recordar como era amá-lo de um modo louco e visceral.

— Lembrará, *mo chroí. Creid!* (Meu coração. Acredite!) — sussurrou, apaixonado.

Estava exigindo que acreditasse neles. Tinha-a chamado de *meu coração*. E aquilo a aturdiu e a avivou, assim, simplesmente. Jade rodeou seu pescoço com os braços, em um ato quase compulsivo, como se o tivesse feito milhões de vezes antes. Compreendeu que esse homem só necessitaria de umas horas para fazê-la voltar para ele. Era arrogante, persuasivo, visceral e apaixonado. Impossível que resistisse. Era tão atento e tinha olhos com tanta verdade, que não podia evitar acreditar nele. Assim, embora continuasse zangada por como a tratou no

princípio, decidiu que se deixaria levar por ele, por essa segurança e essa fé da qual ela carecia. Respirou fundo, como se assim absorvesse a última grama de valentia que lhe faltava e disse em gaélico:

— *Creidim*. (Acredito).

Thor deixou escapar o ar pela boca e fechou os olhos como se o tivesse acariciado.

— Sempre me deixou louco que falasse comigo em gaélico.

— Até que o conheci, não sabia que falava tão bem — disse, olhando de frente à cascata.

Iam entrar na catarata, esperando achar atrás da impressionante queda de água esse carro da Deusa, que continha uma caixa com uma guia muito especial.

— Quer se molhar ou não?

— Há alternativa? — perguntou, com surpresa.

— Comigo? Sempre — sorriu.

Ela ficou imobilizada com seu sorriso convencido, e pensou no quão bonito ele era.

Em décimos de segundo estavam do outro lado do manto de água, no interior de uma gruta cujo fundo estava iluminado com um potente resplendor.

Jade olhou o corpo. Mal tinha se molhado. Sua roupa não estava úmida e seu cabelo quase nada. Ele tampouco se molhou.

— É como quando passa um dedo pelo fogo, tão rapidamente que não se queima — explicou Thor, tocando os pés no chão rochoso do interior da caverna — Sou o ser mais veloz do Midgard.

— Mais que o cavalo alado de Freyja? Mais que o cavalo de oito patas de Odin? — Como ia ser mais rápido que eles?

— O cavalo de Freyja se chama Angélico e ela o deu à sua General, uma valkyria chamada Bryn. Agora, ela e seu exército de guerreiras e einherjars estão lutando e sobrevoando os céus de Gales — supôs — Sobre o cavalo de oito patas... não sei nem o que te dizer. De fato, só de existir um cavalo com oito patas já me incomoda. O importante é que o pégaso da Freyja está no Midgard, embora não o tenha visto ainda. Não me olhe assim, Jade. Quando te digo que leio as mentes de todos, é que o faço, simplesmente. Por isso sei tanto — explicou, sereno — Não é um dom. É uma maldição — esclareceu, avançando com ela nos braços, caminhando até o final do túnel, até o lugar de onde vinha a fulgurante luz.

— Como pôde sobreviver sem meu sangue durante tantos anos? — perguntou —. Tantas vozes... Deve ter sido uma loucura.

— Porque não se sente falta do que não se conhece — disse, com uma esmagante necessidade — O difícil não foi viver sem você tantos milênios. O difícil foi, uma vez que a tive, sobreviver quando a tiraram de meu lado. Porque então a conhecia, e sabia o que tinha deveria ter saudades. Embora, pelo menos, Francesc agiu diferente comigo e, ao me prender em Shipka, isolou-me de todas as vozes do exterior.

— Fez isso para que nunca pudesse entrar em contato comigo.

— Sim. Mas isso serviu para que eu não enlouquecesse. As únicas mentes que ouvia eram as dos homens torturados do interior, clamando por uma morte que não vinha.

— E você?

— Eu o quê?

— Esperava que a morte viesse te buscar?

— Não. Eu não queria morrer ali — esclareceu, aproximando-a mais do seu corpo — Não podia.

Jade elevou uma mão inconsciente até sua nuca e enredou os dedos em seu cabelo. Queria lhe dar consolo, sem importar se sentia ou não sentia por ele o que se supunha que devia sentir. Então percebeu do porquê dizia isso.

— Não podia morrer porque tínhamos uma promessa a cumprir, verdade?

— Lembra-se dela? — perguntou, esperançoso.

Ela negou com a cabeça, e deslizou os dedos por suas costas.

— Não. Mas você me disse isso. Prometemos morrer juntos.

Ele assentiu.

— Por isso sempre soube que estava com vida em algum lugar. Meu *comharradh* continuava impresso em meu pulso, não tinha desaparecido. Sinal de que vivia. E eu esperava te encontrar alguma vez. Não ia desistir em meu empenho de te recuperar.

A luz do final da gruta os cegou parcialmente, pois se tornou mais forte, para instantes depois atenuar-se e iluminar a gruta secundária na qual tinham chegado.

Nela, em seu interior, achava-se um carro de ouro e brilhantes incrustados de todas as cores e formas. O carro estava lotado de mantimentos e bebida. Nas paredes da gruta repousavam milhares de armas de todos os tipos e de todas as culturas, que foram uma vez propriedade de valiosos e imprudentes guerreiros, os quais, enfeitiçados pela magia da Deusa, entregaram-lhe como oferta de paz. As vacas, enormes e incrivelmente musculosas, com uns olhos completamente vermelhos, estranhos e desafiantes, não deixavam de mastigar grama que tinham acumulada a seus pés. Os animais os olharam fixamente, como se não os importasse muito aquela repentina invasão.

— De onde tiram a grama? — perguntou ele, um pouco inquieto — Não cresce grama na gruta.

— Todas estas armas... — sussurrou Jade, estupefata — São de homens que morreram ao sair desta gruta.

— São de homens que morreram ao sair desta caverna — disse uma voz de mulher, aguçando o tom, como se quisesse rir dela.

Jade e Thor se viraram para enfrentar essa voz feminina que os acompanhava no esconderijo.

Quando a olharam, tinha uma cesta de vime a seus pés, carregada com um monte de grama verde. Era ela que alimentava as vacas. Ao mesmo tempo, a

jovem de longo cabelo loiro presos com uma rede para cabelo, e embelezada com um vestido branco e comprido, segurava em sua mão uma espécie de zarabatana e apontava diretamente para Thor.

— Quem demônios é v....?

A garota misteriosa soprou com força, e acertou o vanirio no pescoço.

Ele, surpreso por aquela aparição, não pôde fazer nada para reagir. O dardo o alcançou no pescoço. Imediatamente colocou a mão na garganta, como se matasse uma mosca, mas, em menos de um segundo, seus olhos viraram para cima, ficaram brancos e se desvaneceu, caindo como peso morto contra o chão.

XIII

Dinamarca

Jade conseguiu sustentá-lo para que a queda não fosse tão grave. Com Thor inconsciente entre seus braços, a berserker deixou vir à tona seu lado animal e protetor e mostrou as presas à mulher de branco. Por que fez isso com ele?

— O que fez, sua cadela? — disse, sem rodeios.

— Aqui ninguém entra se não entregar as armas antes. Não à violência — replicou com seus olhos escuros e um pouco desvairados — Só está dormido. Nada mais. Despertará. Ou isso espero...

— É melhor que desperte ou terei que arrancar seu coração — advertiu-a — . Além disso, de que armas fala? Thor não carrega armas. Eu as carrego — mostrou as costas — Estamos aqui porque...

— Thor? Este não é Thor — olhou-o de cima a baixo — Eu sei muito bem como é o Deus do Trovão — apontou, com desprezo — Conheci-o. Ele e todos os Aesir. E este não é Thor. Não carrega Mjöltnir com ele.

— Do que fala, sua louca? — levantou-se lentamente, formando punhos com suas mãos — Já sei que não é Thor, o Deus do Trovão, estúpida. É um vanirio. É Thor MacCallister!

— E eu mijo de cócoras entre os arbustos há uma eternidade.

— O que diz? — Jade estava confusa.

— Que não me importa quem é. Não se entra na gruta de qualquer jeito. Nenhum homem pode estar perto de mim — elevou o queixo com orgulho e

dignidade — Sou Donzela. Não quero que nenhum destes selvagens roube minha virtude. Estou me protegendo há muito tempo.

— E como todos esses outros guerreiros entravam para te deixar todas estas armas?

— Eu não sei. Nerthus se encarregava disso. Me tem para alimentar suas vacas e conservar suas oferendas. Nenhum homem entrou aqui enquanto eu estava.

Jade não podia acreditar no que estava escutando. O que estava acontecendo? Quem diabos era? E o que fazia ali? Olhou para Thor, para as vacas e para a jovem, alternadamente.

Perdeu-se em algum momento e já não havia voltado a retornar o raciocínio.

— Vejamos — Jade pressionou o nariz — Estamos no fodido Ragnarök. O Midgard vai por água abaixo. Compreende? — estalou os dedos, tentando tirá-la de seu feitiço de alienação.

— Por fim o mundo se acaba? — desviou o olhar para cima e para baixo, como se tivesse um tic.

— Quer que se acabe? De que lado está? Quem é você, hein? Nerthus não nos falou de você.

— Nerthus? — aquele nome sim obrigou-a a prestar atenção — A Deusa de cabelo vermelho e ares de grandeza?

— Hã? — entreabriu a boca, estupefata — Claro, a Deusa que acaba de mencionar. A Deusa Nerthus, a proprietária deste carro e destas vacas que alimenta e que protege nos abriu um portal...

— Nerthus sempre abriu muitos portais para muitos guerreiros que depois bateram as botas. Não me diz nada novo.

— Nos abriu um portal — repetiu — para que encontrássemos o carro e pegássemos uma caixa que ela guarda com zelo. Uma caixa especial.

— Uma caixa? — repetiu, com surpresa. Piscou várias vezes e arregalou os olhos, como se entendesse o que dizia. — Realmente vem pela caixa?

— Sabe de que caixa estou falando?

— Sim, sim... É porque pensava que estava brincando comigo. As Vanir são muito propensos a brincar com a gente. Essa puta da Deusa Mãe me manipulou muito bem... A filha é igualzinha a ela. São vis e manipuladoras. Nunca acreditei que Nerthus me falasse a sério. De fato, é por essa caixinha que estou aqui exilada há... — suspirou, melodramática — Não importa. Não sei quanto tempo faz que estou aqui. De tanto que enlouqueci — começou a rir como uma desvairada metódica, dando voltas com o indicador sobre sua cabeça — Fiu! Muito mal. Estou muito louca. Estou muito mal... — assegurou — Falo somente com as vacas e com minhas duas amigas.

Jade procurou ao redor da gruta se apareciam essas duas amigas. Mas ali não havia mais ninguém.

— Olhe, estão ali. Apresento-lhes: estas são Hlin e Gna. Garotas, apresento-lhes a uma completa desconhecida.

— Meu nome é Jade.

Jade esperava ver duas mulheres de aparência agradável, como a jovem era. Mas ali não havia ninguém. Só duas pedras, nas quais tinham desenhado uma cara em cada uma.

Estava louca de pedra. Um momento, como havia dito que se chamavam?

— Disse Hlin e Gna?

— Sim. São minhas queridas irmãs. Não são bonitas? — tomou a cesta de vime e foi ao lado das vacas para deixar grama a seus pés — Mas eu tenho uma pele melhor. E aqui estou... dando de comer a estes animais que cagam como se tivessem um exército dentro delas e cada dia fosse o fim do mundo — cantarolou, enquanto tocava o chifre dourado de uma delas — E claro, quem acha que limpa toda esta merda? Pois é, eu. Porque Hlin e Gna são muito acomodadas.

Jade olhou as duas pedras pintadas, e não soube nem o que dizer. Essa garota tinha deixado-a sem palavras. Isso era a coisa mais surrealista que já viveu, e já tinha vivido muitas coisas.

— Hã... São pedras.

— Como ia dizendo... — continuou a mulher, sem dar atenção à objeção da berserker. Deteve-se um instante, como se pensasse em algo com muita intensidade — O que estava dizendo? Perdão — a olhou como se a visse pela primeira vez — Para que veio?

Jade piscou duas vezes. Duas. Sem deixar de olhá-la.

— Você está rindo da minha cara?

— Eu? — disse, sem compreender — Não.

— Devo pegar uma caixa que Nerthus guardou para nós.

— Vocês? — olhou-a, como se estivesse louca — Eu só vejo uma pessoa aqui — começou a rir, olhando a suas pedras pelo canto do olho. — A ouviu, garotas? — cobriu a boca com uma mão para dizer baixinho: — Qual das duas está pior?

— Maldita louca — espetou Jade entre dentes, dirigindo-se a ela de maneira agressiva — Atirou em Thor com uma zarabatana!

A garota arregalou os olhos.

— Em Thor?! O Deus do Trovão? Minha senhora vai me matar! — exclamou, aterrorizada.

— O que está dizendo?! — Jade agarrou-a pelo antebraço, obrigando-a a olhar para Thor, que jazia com os olhos fechados no chão, imóvel — Nesse Thor, desequilibrada!

A donzela focalizou o olhar em Thor, e então empalideceu e foi correndo pegar a zarabatana que instantes antes tinha usado para nocauteá-lo.

— Há um homem em minha gruta! — começou a brincar de correr de um lado ao outro — Um homem! Sou Donzela!

Jade não aguentou mais, agarrou-a pelo pescoço e pressionou-a contra a parede com a força de um ser sobrenatural. Não tinha tempo para tolices.

— Primeiro, vai me dizer onde está a caixa. Segundo, vai despertar Thor.

— Thor? O Deus do Trovão? Pobrezinho, é que dormiu? — disse com voz estrangulada e preocupada.

— Me dê a caixa de Nerthus!

— Ah! Deve buscar a caixa de Nerthus!

— Já disse isso —sibilou, apertando-lhe um pouco mais a garganta.

— Pois se veio pela caixa, tem que adivinhar meu nome. Isso me disse Nerthus. “Permanecerá aqui, nesta gruta, cuidando de meus tesouros e do porta-joias de sua Senhora, até o dia em que venham buscá-lo — explicou como se fosse um robô — Só o entregará se adivinharem seu nome”.

— Porta-joias? Que porta-joias?

— Hã? Que porta-joias? — alfinetou, sem compreender.

Jade a sacudi e lhe deu um bofetão para que reagisse.

— Por que está me batendo? — perguntou.

— Me dê o porta-joias.

— Ah, quer o porta-joias? Pois terá que adivinhar meu nome. Isso me disse Nerthus. Permanecerá aqui, nesta gruta...

— Está me enrolando! Já sei que tenho que adivinhar seu nome! Se o adivinhar, me dará?

A garota loira a olhou como se estivesse falando em outro idioma.

— O quê?

— Como o quê?! — voltou a sacudi-la. — Acorda, porra! A caixa ou porta-joias de Nerthus que guarda para nos dar.

— Ah! O porta-joias! Sim — assentiu — Eu o tenho.

— Não me diga — fingiu surpresa, arregalando seus olhos verdes.

— Sim. Mas se o quer tem que adivinhar meu nome. Isso me disse Nerthus. “Permanecerá aqui, nesta gruta...”.

— Já sei o que te disse Nerthus, paranóica do demônio — espetou-a, tampando sua boca para que não falasse mais.

Ou se calava ou a mataria ali mesmo. Jade tinha que pensar rápido, porque não tinha intenção de passar mais tempo do que o necessário nessa gruta. Nem pensar.

Tinha que adivinhar o nome da donzela.

Precisava puxar o arquivo e esforçar-se por ver, em sua recém-adquirida memória, algum flash, alguma sequência onde tivesse lido algo a respeito.

Essa garota conhecia Nerthus, e Thor. Era donzela, e suas duas melhores amigas eram duas pedras chamadas Hlin e Gna.

— Vejamos... me deixe pensar — murmurou, fechando os olhos para visualizar melhor. Então, respirou fundo e permitiu que sua memória se abrisse, obrigando-a a ativar-se — Hlin e Gna... Hlin e Gna... Hlin se chamava a donzela da deusa Frigg, a mulher de Odin — anunciou, com calma — E era considerada

como a deusa da consolação, porque secava as lágrimas daqueles que choravam e sofriam dor no corpo e no coração. Gna era a mensageira de Frigg, que montava seu corcel Hofvarpnir para viajar pela Terra e depois contar à deusa tudo o que acontecia ali embaixo. Hlin e Gna — Jade continuava com os olhos fechados, evocando leituras passadas procedentes de valiosos incunábulos. Momentos apreciados e enriquecedores ao lado de seu pai — eram duas das donzelas de Frigg, mas em realidade eram três as suas damas de mais confiança. Viviam com ela em seu palácio. O nome da terceira era... era... — tinha que lhe vir à mente — Claro! Era... Fulla. Sim, isso. Fulla era considerada como irmã de Frigg... A Fulla, a Deusa confiava seu estojo de joias, e ela era sua principal confidente, conhecida no panteão como Abundância e como Protetora da Terra. Você é Fulla — abriu os olhos de um verde inteligente e sagazes, e cravou-os nos olhos negros da donzela — Se chama Fulla. E o porta-joias que tem, presumo ser o de Frigg. Nele há algo muito valioso para o êxito de nossa missão.

Quando Fulla escutou aquele nome sair dos lábios da loba, ficou imóvel e até se emocionou.

— Fazia tanto tempo que não escutava meu nome nos lábios de outra pessoa... Já não sabia nem como me chamava — disse, afetada.

— Então, acertei?

— Acertar? O quê? — voltava a ter aquela expressão de ter fumado baseados toda a vida.

— Que se chama Fulla.

— Anda! Como sabe?!

Jade queria estrangulá-la com seu próprio cabelo.

— Entendido. Tem memória de peixe. Dê-me o porta-joias — elevou a mão com a palma para cima, esperando por aquele cofre tão esperado.

— Como sabe que tenho um porta-joias aos meus cuidados?

— Sério? — bufou — Pois não sei, acredito que Hlin e Gna me disseram— ironizou Jade, observando as pedras com desdém.

Fulla pôs as mãos nos quadris e olhou as pedras com recriminação.

— Será possível que não podem guardar um miserável segredo?

— Sim, são umas deladoras — continuou Jade, tratando-a como a louca que era — Agora me dê o porta-joias. Nerthus nos disse que precisaremos dele.

— Ah... Sim, sim... — Fulla se mexeu, afastando-se da parede para dirigir-se ao carro que continuava deslumbrando com o brilho do ouro e do aço das armas. Subiu ao carro e começou a separar de qualquer jeito as jarras douradas com vinho, as bandejas de comida e as terrinas de fruta. Tinha de tudo aí, desde carne que cheirava a recém-feita até delicioso pão quente.

Jade se maravilhava e não compreendia como saíam esses manjares desse carro.

—Vejamos... Onde está...? — começou a cantarolar, nervosa — Onde...? — deteve-se e se ergueu, levando um dedo aos lábios — O que estava procurando?

— A porra do porta-joias de Frigg que toma conta, louca da cabeça! Encontre-o e me dê — apressou-a, a ponto de sofrer um ataque de histeria.

— Ah, sim — Fulla sorriu — Olhe, está aqui. — Elevou a mão com o porta-joias por cima de sua cabeça.

— Tcha-ram!

Era uma caixa retangular, com incrustações douradas. Não havia brilhantes nem pedras preciosas. Nada ostentoso. Jade inclinou a cabeça e a estudou. Fulla desceu do carro com elegância e parou em frente a ela.

— Toma. Sua caixa porta-joias. Aqui a tem.

Jade a tomou entre suas mãos e passou as pontas dos dedos pela tampa superior. Tinha uma fechadura em forma de gancho, e seria fácil de abrir.

— Fulla... — murmurou, pensativa — É este então o porta-joias de Frigg?

— Sim. Um momento — Fulla a deteve, girou-se para as pedras e gritou com elas: — Querem se calar de uma puta vez?!

“Creedoo... Louca de pedra”, pensou Jade.

— Fulla.

Ela se virou para prestar atenção à loba.

—Fale, Jeda.

— Jade — corrigiu-a rapidamente.

— Não, me chamo Fulla — corrigiu a donzela.

— Sim, querida, esqueça. Por que Nerthus a exilou do Midgard? O que faz uma donzela de Frigg presa em uma gruta de Nerthus?

Desejava saber aquela informação. Por sorte, ela tinha amado os livros e sempre leu muito. E a isso somava que seu pai Ás lhe contava todos os segredos dos panteões, era como uma biblioteca andante. Fulla devia estar no Asgard, no palácio de Frigg, com suas irmãs e sua Deusa.

— Sabia de algo que não devia saber. Descobri a grande verdade — respondeu, com voz ausente — Nerthus me sequestrou e me fez descer ao Midgard para que lhe servisse como guardiã em troca de perdoar minha vida e continuar mantendo o segredo em um lugar seguro.

— Nerthus ia te matar?

— Se eu dizia o que sabia, sim. Porque isso poderia mudar tudo — esclareceu, pondo um tom misterioso à entonação — É o maior segredo dos Nove Mundos. Ninguém, exceto eu, sabe. Assim, me prendeu em um destes *hule* e me separou de qualquer Deus. A questão é que se revelar o que sei, não terei possibilidade de viver.

— E eu temo que embora queira contá-lo, esqueceria.

— Hã? O quê?

— O que sabe.

— E o que sei? — franziu o cenho.

—Acaba de dizer — assinalou, desesperada.

Fulla olhou para baixo e viu o porta-joias nas mãos de Jade.

— O que faz você com o porta-joias de Frigg? — ia tirá-lo, mas Jade se afastou com rapidez.

— Você meu deu porque descobri que se chama Fulla.

A loira se deteve em sua perseguição e levou a mão ao peito, tão afetada como a primeira vez ao ouvir seu nome.

— Pensei que ninguém, além de minhas irmãs Hlin e Gna, chamaria-me por meu nome. Ouviram, garotas? — desviou o olhar para as pedras, que seguiam imóveis e rígidas como no primeiro momento — Então, espera para eu te dar o porta-joias — ia se virar para buscá-lo.

— Não precisa, louca — sacudiu-o em frente a seus olhos — Já o tenho. Atirou em Thor com uma zarabatana? O que tinha no dardo?

— Um potente paralisante de veneno de aranha, os guerreiros mais antigos e primitivos os usavam. Bloqueia os pulmões e o coração. Por que, alguém foi atacado com uma zarabatana?

— Sim, atirou em Thor.

—No Deus?! — exclamou, aterrorizada, levando as mãos à bochecha.

— Não, no meu companheiro, sua louca da cabeça! No meu companheiro!

Assim que gritou isso em voz alta, acreditou mais e se sentiu mais como dele.

Thor estava inconsciente, o coração não batia, não respirava. Jade começou a sentir-se agoniada e ansiosa por vê-lo recuperado e vivo. Não ouvir seus batimentos cardíacos a afetou muito, e então, uma angústia terrível se apoderou dela. Os olhos se encheram de lágrimas...

— Está morto? — perguntou, com voz estrangulada — É um vanirio. Os vanirios não morrem assim. É impossível — com o cofre entre as mãos, correu para ajoelhar-se ao lado de Thor.

Deixou a caixa no chão e o segurou pelo rosto com suavidade.

Deuses. Não o escutava em sua mente, e se sentia sozinha e desamparada, mergulhada em uma abstinência dolorosa que não estava preparada para experimentar. O que diabos lhe acontecia?

Então viu a si mesma em um bosque, chorando copiosamente. Estavam em um lugar muito longe. Eram os Cárpatos? Tinham sofrido um ataque e fazia um tempo que esperava Thor na clareira de um arvoredor, ali onde ambos possuíam uma cabana de emergência para resguardar-se em ocasiões como essa. Ela estava sozinha, ansiando voltar a vê-lo. Mas se sentiu péssima porque não podia fazer comunicação mental com ele, não o sentia em nenhum lado e a única coisa que pensava era em como era infeliz sem seu *mann* e o quão dependente era dele. Foi uma das meias horas mais longas de sua vida. Quando o viu aparecer no umbral da porta, jogou-se em cima dele até agarrá-lo. Deu-lhe tanta raiva aquela separação, aquela parcial desvinculação, que inclusive o esbofeteou. Quando ficou mais calma, uma vez dentro da cabana, abraçada e rodeada por seus braços, Thor lhe explicou o seguinte: “a separação entre casais vinculados é altamente dolorosa e confusa. Precisamos de contato mental constante, e quando

este se corta, varre-nos uma sensação de solidão e perda muito difícil de administrar. A troca de sangue suporta este tipo de união, mas também tem efeitos secundários nestes casos. Sem contato com nosso companheiro de vida, a ansiedade nos consome, a solidão nos provoca tremores e chega a nos afetar psicossomaticamente. Só começaremos a ficar melhor quando voltarmos a nos enlaçar com a mente do outro”.

Mas Jade já sentia que lhe doía. Doía muito não senti-lo. Via-o ali, com os olhos fechados, tão pálido e sem pulso, que sua mente racional não sabia administrar o que via. Para ela, era como se estivesse morto.

— Mas não pode estar morto... — sussurrou, angustiada. Como demônios ia aguentar essa angústia sem ele? Não. Não podia ser. *“Jade, não saia do controle. Um vanirio não morre pelo veneno de uma aranha... Mas está tão quieto!”*.

Era ridículo. Sua cabeça se converteu em uma máquina de hipóteses bipolares.

— Nossa... O que aconteceu com ele? Pobre...

Jade apertou os dentes com força. Olhou para Fulla por cima do ombro e se encontrou com essa expressão de louca total que ainda a deixou mais nervosa.

Então, decidiu ignorá-la. Tinha que pensar rápido. Já tinham o porta-joias. Os dois devim sair dali juntos, abri-lo e procurar o objeto junto com a fada guia. Mas, com Thor inconsciente, não podia. Sem pensar duas vezes, mordeu o pulso e, em seguida, aproveitando que emanava sangue de suas incisões, a colocou sobre os atraentes lábios pálidos de Thor.

— Vá embora daqui — ordenou a Fulla.

A donzela os olhava com assombro.

— E perder este espetáculo?

— Já disse que saísse daqui, se não quiser que arranque seu coração e o coma enquanto olha! — Jade a ameaçou, com uma voz meio animal, e seus olhos lindos e puxados muito mais claros que o habitual, quase chegando a amarelos — Não pode ver isto. — Ela não queria compartilhar esse momento com ninguém. Parecia-lhe extremamente íntimo e pessoal para ter olheiros ao redor.

Fulla se virou, resignada, e se dirigiu ao carro, para sentar-se entre a abundante comida e bebida mágica que tinha exposta sobre as travessas de ouro maciço do veículo divino. Ali, deu-lhes as costas como uma menina zangada e se dispôs a criticá-la com suas duas melhores amigas pedras.

Jade, que não confiava nela, agarrou Thor pelas axilas e o arrastou para fora da gruta. Se visse a donzela de Frigg mostrar a cabeça, a cortaria simplesmente. Ela mesma.

Uma vez retirados, se agachou no chão. Tomou a parte de trás do pescoço de Thor e o inclinou para cima para que pudesse acessar melhor o seu pulso, cujo fio de sangue corria como uma diminuta fonte constante.

— Bebe — pediu em voz baixa, com doçura — Bebe e e fala comigo de uma vez —urgiu, imperativamente — Por favor... — acariciou-lhe o queixo com o polegar — *Le dou thoil*. (Por favor).

A substância da vida, líquida e avermelhada, indispensável para os vanirios com companheiros, deslizou-se pelos viris lábios até o interior da boca.

Jade esperou que fizesse o efeito que desejava.

— Não pode me deixar sozinha com esta louca e no meio desta confusão. Temos que recordar muitas coisas... — sentia-se, inclusive, ridícula.

Como era incrível essa necessidade dos companheiros de vida que a fazia enlouquecer desse modo?

Era aquela a sensação de que mais tinha saudades. Era sentir o sangue de Jade correndo livremente garganta abaixo, outorgada voluntariamente.

Nada o deixava mais quente, nada o fazia mais feliz que sua loba abrisse a veia para ele. Os vanirios eram assim. Ele era assim. E sentiu tanta falta daquilo...

Quando começou a engolir e seus músculos se ativaram de novo ao receber o melhor antídoto de todos, decidiu que essa lembrança seria para sempre. Ninguém a apagaria. Apesar do tempo separados, apesar do dano que os tinham infringido, e dos esforços que tinham dedicado para destruí-los, eles continuavam ali, desfrutando desse vínculo que ninguém podia eliminar. E Jade ainda não sabia como podia chegar a ser bom.

Se tivessem sorte, e ao chegar a noite ainda continuassem com vida, sua mulher ia ser incapaz de deter a verdadeira fera que jazia dormida em seu interior, e que ele tinha ativado ao destruir suas reservas mentais. As lembranças do passado traziam consequências boas e más. Da dor e da consciência de tudo o que tinham perdido, até o reencontro e a sensação de receber parte do que lhe tinham arrebatado. Era estranho que algo pudesse ser tão bom e tão mau. Como uma brincadeira. Mas era uma consequência um do outro. Se queriam reviver o belo, tinham que estar preparados e dispostos a reviver a tristeza e a dor, porque ambos vinham de mãos dadas, eram faces de uma mesma moeda. Cara e coroa. Inseparáveis.

Recebeu o primeiro rogo como uma descarga elétrica para seu coração. Jade estava chorando desconsolada, com a cabeça inclinada para baixo, abatida. E lhe falava em gaélico, dizendo um monte de coisas, algumas desconexas. O que entendia com clareza era a súplica e o reconhecimento aberto do muito que o sentia falta. E não tinha ideia de se fazia muito ou pouco tempo que ele estava inconsciente, só lembrava da mulher loira lhe cuspidando com uma zarabatana. E o pegou tão despreparado que não conseguiu reagir a tempo.

Assim, não imaginava quanto tempo fazia que estava assim, mas a ansiedade pela separação fazia seu efeito imediatamente. E com Jade ainda mais. Porque era uma berserker, uma loba com genes de cão, e sua parte animal, que estava mais vinculada a ele que sua parte humana, sentia muita falta dele. Necessitava-o.

Sua loba o necessitava.

Exultante por beber dela de um modo voluntário, Thor se ergueu lentamente, tomando seu antebraço com as duas mãos para que não escapasse. Não a deixaria ir.

“Estou aqui”, respondeu-lhe ele mentalmente.

“Cronaím thú. Sinto sua falta. Não sei o que há comigo, mas é horrível. Faz que passe”, pediu ela, trêmula, sem poder deter as lágrimas.

Ele sorriu, e quando se sentiu com forças, desesperado por ela e pela necessidade de beber, colar corpo a corpo, de senti-la, deu uma última lambida ao pulso para fechar as incisões e fixou seus olhos lilás e luminosos nela.

A berserker engoliu em seco, sem saber muito bem o que fazer, mas não afastou os olhos dele.

— Continuo tendo sede —disse ele.

Ela elevou de novo o pulso para oferecê-lo. Caralho, estava tão linda e parecia tão frágil que Thor quis despi-la e fazer amor com ela ali mesmo. Mas não podiam. Ele negou com a cabeça e desviou o olhar à sua garganta, coberta por seu cabelo negro.

Só o leve movimento nervoso de suas pupilas deu a entender que ela compreendia o que insinuava.

— Dê para mim. — ordenou ele.

Os olhos verde mar de Jade trocaram de cor, devido ao nervosismo e à excitação. Mas, sobretudo, reagiam à ordem. Ela era uma loba, filha de um alfa, portanto, era alfa também. Não aceitava os imperativos, mas os que vinham de Thor lhe provocavam diversão e ao mesmo tempo respeito.

Jade jogou os ombros para trás, frente ao atento olhar do vanirio. Afastou o longo cabelo cor noite de seu ombro e do seu pescoço, e expôs sua garganta.

— Dê-me isso você — voltou a repetir ele, sentindo-se excitado e duro entre as pernas.

— Não vai fazer nada comigo — enfatizou ela, recuperando o controle.

— Só quero beber — disse ele, inocentemente — Preciso eliminar o veneno do dardo de meu corpo.

Jade assentiu e observou sua posição. Thor tinha as pernas estiradas, e estava sentado sobre o chão duro da caverna, mantendo o equilíbrio com as palmas das mãos de cada lado de seus quadris. Parecia tão grande, tão masculino e tão forte, e seu sangue tinha dado outra cor à sua pele... A boca de Jade salivava. Assim, mais por impulso do que por ter pensado conscientemente, sentou-se em cima dele, montada.

Thor riu internamente. Essa era sua linda guerreira atrevida.

Não lhe deu tempo para que se arrependesse e se afastasse. Segurou-a pelos quadris, encaixando-a bem sobre sua pélvis, fazendo que sua ereção roçasse e entrasse em contato direto com sua virilha, e colou seus lábios à veia aorta de sua esbelta e macia garganta.

Beijou-a suavemente, como uma carícia leve. Ela se agarrou a seus ombros, como se necessitasse um lugar para segurar-se, porque sabia que o que ia vir podia lançá-la pelos ares.

Thor, que estava sedento, não alongou muito o momento.

— Peça-me — ordenou, segurando-a bem pelos quadris.

Ela fechou os olhos, lambeu os lábios e sussurrou;

— Beba de mim. Morda-me já — sem querer, oscilou os quadris para frente. Recordava desses momentos junto a ele e o sangue a esquentava de repente. Seu corpo agia por instinto.

— *Beag is beag?*

— Sim. Mordida a mordida.

Thor abriu a boca e a mordeu tal e como lhe pedia.

Quando notou as presas atravessando sua pele, a agulhada se concentrou entre suas pernas, fazendo com que inchasse e que aquilo formigasse de um modo que a obrigava a esfregar-se contra ele.

Thor deslizou as mãos de seus quadris até suas nádegas, e começou a movê-la, acompanhando-a em suas investidas, rodando os quadris para que essas áreas se tocassem, simulando um ato sexual aberto. Thor bebeu dela e, de vez em quando, roçava sua língua contra sua pele, e depois tirava as presas para voltar a cravá-las. Aquilo deixava Jade louca, sempre o tinha feito. E agora não era diferente.

E, com o sangue dela, mais vínculos se reafirmavam, e mais valores e princípios que ele tinha retomavam a seus lugares em sua consciência.

Thor se viu como o celta casivelano que um dia foi, rodeado de seus irmãos, seus amigos, seus companheiros eternos de guerra e que também foram transformados pelos deuses Vanir. Viu Menw, Cahal, Caleb, Daanna... Também viu Samael, Lucius, Seth, Maggie... Alguns, infelizmente, foram para o lado de Loki e perderam todos seus valores. Seu irmão foi um deles. Mas outros, como seus irmãos de alma, os McKenna, os McCloud e os que ele escolheu, mantiveram-se firmes, apesar da fome e da sede eterna. E agora lutavam junto a seus companheiros para salvar o Midgard.

Os humanos lhes importavam, como importava para ele. E, mais que os humanos, o que mais queriam era lutar ao lado de seus amigos, lutar em nome deles. Fazia muito que não sentia a verdadeira amizade em seu ser. Durante anos, só o rancor e o ódio alimentaram seu espírito, e isso tinha feito que perdesse seus princípios e que tudo que de bom sentia por outros desaparecesse. Sempre foi um líder responsável, e quando ele faltou, foi Caleb McKenna quem o substituiu. Ele também tinha protegido a sua filha. Levou a cabo o papel que ele não pôde.

Mas já tinha retornado. Já estava entre os vivos de novo. E, por fim, o líder que havia nele, o altruísta e o que não ia deixar seus irmãos de vida sozinhos nessa luta descarnada, aflorava com força, com o ímpeto de que exigia uma

compensação por ter sofrido tanto. Com a decisão de quem queria recuperar o título.

Não. Essa não ia ser uma luta só para recordar a sua filha e encontrá-la. Essa ia ser uma luta mortal, ao lado dos seus, porque não pensava em deixá-los sozinhos. O líder do clã celta de Black Country retornava a seu lar.

Thor se abraçou a Jade sem deixar de beber e mover-se. Por Deus, ia explodir dentro das calças. Ele não o faria.

Mas sim ia dar essa liberação à sua garota.

Apertou suas nádegas com as mãos, e se moveu com força contra ela, roçando seu sexo com ímpeto.

Jade gemeu e afundou o rosto em sua garganta, enquanto se segurava aos longos fios do cabelo de Thor.

— Thor...

— Shh... Deixe ir, *mo ghraidh*. Eu te seguro.

Ela se deixou ir. Agarrada a ele, abandonada às sensações. E então, o orgasmo a varreu da ponta dos pés até a cabeça. A volátil explosão detrá de seu umbigo, muito no interior, a desfez, deixando-a como um pudim em cima do torso do vanirio.

Ele a acalmou, acariciando suas nádegas e suas costas, sorrindo orgulhoso por ter dado tal prazer à sua companheira.

E, de repente, ao sentir-se tão exposta e tão vulnerável, e ao mesmo tempo feliz, Jade se pôs a chorar, apoiada no ombro de Thor, cobrindo o rosto com a mão.

Thor não precisava perguntar nada para saber o que lhe acontecia. Já sabia. E compreendia seu mal-estar e seu pesar.

— Sei, Jade — sussurrou ele ao ouvido, balançando-a e acalmando-a como podia — Sei.

— Meu pai está morto. Meu pai Ás... morreu. Recordo-o como se tivesse me despedido dele ontem mesmo, e já não está, e não me despedi dele como era devido. Parti de seu lado para estar contigo, porque temíamos as consequências por estarmos juntos — fungou e se afastou para olhá-lo à cara — Você sabe como.... como morreu? — perguntou, abatida.

Thor se compadeceu dela. Afastou-lhe as longas mechas de cabelo de seu rosto e o colocou detrá da orelha.

— Há uma garota que chamam de Guerreira de Almas. É uma humana, e é a melhor amiga de Aileen. Ás e sua companheira a visitaram como espíritos. Ela disse que se sacrificaram pelos outros. Não os mataram.

Jade entrecerrou os olhos.

— Ás e sua companheira? Meu pai tinha companheira? — de repente, queria saber de tudo. Tudo absolutamente — Droga... explique-me isso tudo. Ou melhor — o agarrou pelo rosto com ambas as mãos — Deixe-me ler em sua mente. Me deixe ver o que você sabe. Estamos em um lugar além da guerra

exterior. Me deixe aproveitar a calma deste lugar para compreender um pouco como estão as coisas aí fora. Quero ler o que puder sobre minha família.

Thor lhe concederia qualquer desejo que ela quisesse. Como não fazê-lo? Aquele era o ímpeto de sua Jade, a que ele conhecia. E isso queria dizer que, por fim, retornava a ele. Ainda restava muito a percorrer. Muito em tão pouco tempo.

Mas faria o que estivesse ao seu alcance para que sua loba valente voltasse para ele por completo. Porque, só se os dois se completassem e encaixassem todas as peças de sua memória, poderiam recordar o que tinham perdido.

E ninguém, em sua sã consciência, queria esquecer uma filha. Nada estava de mais, tudo era necessário. Portanto, Thor relaxou, fechou os olhos e abriu sua mente de para ela, com seus pontos altos e baixos, com suas sombras, e também com todo o amor que sentia por sua companheira de vida.

XIV

Gales

Aos pés do Llangernyw

Era o Apocalipse. Não havia outro modo de chamar aquilo. A superfície do campo santo onde repousava solenemente o teixo mais antigo do mundo, símbolo dos celtas e das culturas mais antigas e ancestrais, infestou-se de jotuns, purs, etones, trolls, lobachos e vampiros, que sobrevoavam as alturas e infestavam a superfície daquela área.

Ali era onde os bardos das tribos celtas recebiam parte do conhecimento. Então essa árvore se chamava Crann Beathadh, e diziam que seus ramos

tocavam o céu e suas raízes entravam em contato com o mundo dos mortos. Daí que a chamassem a árvore da vida e a morte. Diziam que em seu interior havia um ente que anunciava os nomes das pessoas que iam morrer. Chamava-se Agelystor.

Agora, as valkyrias e seus guerreiros sabiam que o ente era, na realidade, um elfo de luz banido ao Midgard, que esperava o último bardo puro para poder mostrar a última Grande Verdade. E isso já tinha acontecido. Supunha-se que Daimhin e Carrick estavam no interior do teixo, ocultos em um *hule*, falando com ele. Mas dali não tinham saído ainda.

Enquanto isso, fora do teixo, as valkyrias e os einherjars, junto com os guerreiros vanirios e berserkers que tinham voado com eles de Jubilee Park, já nem sequer pretendiam lutar ou salvar o mundo, o único que queriam era apresentar uma batalha digna e manter-se em pé, porque nenhum deles ia morrer ajoelhado. Isso jamais.

Aquela área do mundo era continuamente assolada por tremores de todo tipo e gretas que se abriam na terra de maneira repentina, por entre as quais afloravam todo tipo de purs inimagináveis, destruindo o mundo de dentro para fora. A situação era muito crítica e nada esperançosa. Essa era a realidade.

Com tudo isso, Gúnnr, Róta, Bryn, Ardam, Miya, e Gabriel, eram muito conscientes das possibilidades que tinham desde o princípio. E, embora fosse doloroso ceder terreno daquele modo, tinham gravado profundamente em seu código de honra que deviam lutar até o final. Com a espada e o queixo no alto.

Bryn, a loiríssima Bryn, a grande Generala das valkyrias, sobrevoava o campo de batalha com seu capacete alado e sua armadura, sobre o lombo de Angélico, lançando raios em toda parte. O braço direito de Freyja protegia Johnson, sentado diante dela no lombo do cavalo. Assim tinha combinado com Ardam, já que Angélico era extremamente veloz e difícil de agarrar. O híbrido estaria a salvo antes no céu que na terra.

Róta, a filha do maior Seirdman de todos os tempos e de Sibila, a seu lado, flanqueava cada avanço, apontando furiosa para o coração de todos aqueles vampiros que ocupavam o céu como um enxame de abelhas.

Gúnnr, filha secreta de Thor, utilizava sua réplica do Mjölnir atravessando os corpos dos etones e dos lobachos que caíam em cima deles e, depois o fazia golpear contra o chão para que a eletricidade que desprendia matasse quantos mais inimigos pudesse aniquilar.

Depois estavam os guerreiros como Ardam, que não desdobrava suas asas porque preferia matar com os pés no chão, amontoando a seu redor os corpos dos monstros de Loki, que mutilava como se adorasse colecionar mortos. O dalriada utilizava ambas as mãos, brandindo suas espadas de um lado ao outro, sem deter-se nem um instante para poder respirar.

Miya, o vanirio samurai e kofun, destilava arte e letalidade em cada um de seus movimentos. Colecionando, junto a Ardam, seus troféus, inclusive, às vezes, agrupando em seus montões suas próprias vítimas. Porque, o que importavam as

listas? Ninguém ia contar quantos matavam. Porque na lista já haviam centenas. E por cada cem que matavam, apareciam mil mais. De vez em quando olhava para o céu em busca de sua valkyria de cabelo vermelho e língua de serpente, e quanto mais a via brigar, mais vontade ele tinha de dar o melhor de si. Porque, todos eles, sem exceção, lutavam em nome delas. E elas faziam-no no deles.

Gabriel, o líder dos einherjars, cobria as costas de seus amigos, observando qual era o melhor modo de proteger-se, porque nesse campo não havia maneira de avançar. Havia milhares de jotuns contra menos de uma centena de guerreiros einherjars, berserkers, vanirios e valkyrias, todos misturados para lutar juntos por um objetivo em comum: manter o máximo de tempo possível a esperança. Ou, no mínimo, retardar o momento no qual Loki aparecesse e decidisse apagar o Midgard. Porque, de uma coisa estava seguro Gabriel, e era de que o Vigarista estava jogando com eles, porque podia destruir o mundo quando quisesse. Entretanto, estava fazendo de propósito, alargando a agonia e minando sua resistência. Por acaso acreditava que no final acabariam pedindo clemência?

Não. Isso não ia acontecer. Gabriel segurou bem sua espada, deu uma volta sobre si mesmo e cortou duas cabeças de lobachos que iam para ele. Escutava com orgulho os estragos que provocavam as marteladas de Gunny, e sorria satisfeito por lhe pertencer. Depois, olhou entre a multidão de inimigos procurando a sua melhor amiga Ruth. E a encontrou, sustentando seu arco Sylfingir, disparando com suas flechas a tudo aquilo que se aproximasse de sua área de proteção, protegida por um grupo de berserkers que seguiam a ordem do noaiti, o qual se erigiu como líder de seu clã depois da morte de Ás e do desaparecimento de Noah Thoryn. Adam Njörd não permitiria que tocassem a sua garota. Antes teriam que matá-lo. Dentro do círculo onde estava Ruth protegida, também se encontravam os pequenos Liam e Nora, ocultos atrás da longa capa vermelha da guerreira. Um era uma bússola que tinha detectado os portais, e a outra podia localizar Loki astralmente. Mas nenhum deles dormiriam nesse momento para desenvolver seus dons, já que no meio dessa guerra, era impossível. O que importava era a sobrevivência.

Mais à frente, a uns vinte metros à sua direita, localizada acima de suas cabeças, encontrava-se a *velge*, a Escolhida, Daanna McKenna, que, suspensa no céu, utilizava a espada que Miya lhe deu de presente para defender-se. Via-se a gravidez mais avançada, o ventre inchado e a forma feminina muito marcada. Para Engel, sempre lhe pareceu linda, e sabia que uma mulher tão esplêndida como ela devia ser venerada por um homem com idênticas qualidades como as do Curador, Menw McCloud. Certamente, embora fossem excelentes guerreiros celtas, a função principal desse casal não era a de brigar, mas sim a de proteger o grande milagre que Daanna carregava: um filho chamado Aodhan. Dizia a profecia do noaiti que a *velge* teria um papel muito importante no dia da abertura. Ninguém sabia que dia era aquele, mas seja como fosse, também era trabalho de todos manter Daanna com vida, por sua grande transcendência.

E isso tentariam, arriscariam a pele nisso.

Como Gwyn e Beatha arriscavam suas peles, lutando cada um com uma de suas filhas às costas, em nome de seus filhos Daimhin e Carrick, os quais, um deles, possuiria em suas mãos um dom de salvação incalculável. Embora certamente que não lhes importava tanto isso, como seus filhos retornarem com vida, fossem salvadores ou não. Porque eram pais. E não lhes importavam os rótulos. Amavam seus quatro filhos por igual, e os defenderiam até a morte.

Cada vez era mais difícil manter-se em pé. Estavam-os reduzindo pouco a pouco. As feridas os minavam, lhes tiravam as forças, e os reflexos doíam.

A cada corte que sofriam, cada ferida inflingida, suas valkyrias desciam para lhes oferecer a cura. Mas elas também estavam cansadas, e elas também a necessitavam. Era um desgaste sistemático e minguante. Portanto, aguentariam até que as forças os permitissem, e esperavam que essas forças não fraquejassem antes de ver como Daimhin saía do teixo em posse da última Grande Verdade que tinha que lhe dar Agelystor.

Até então, todos, sem distinção, deviam continuar brigando.

Aproximava-se o anoitecer. A guerra não ia cessar, não iam lhes dar uma só pausa. O sol, que fazia dias que não se via, tinha desaparecido por completo.

Viviam mergulhados em uma perene escuridão cheia de sangue, e a única coisa que não podiam perder era a esperança, porque enquanto houvesse vida, ainda havia esperança.

Entretanto, depois de passarem quase um dia inteiro brigando, não imaginavam de jeito nenhum que o lado que receberia reforços fosse o de Loki. Não era justo.

Mas assim foi.

No céu apareceram centenas de sombras espectrais que tinham o poder de tocar e de ferir. Eram espíritos malignos.

No chão, saindo do interior da terra, haviam mortos em avançado estado de putrefação, que pareciam mais vivos que eles.

Depois, escutaram-se golpes imponentes, como se alguém esmurrasse a terra com um martelo inclemente e, no horizonte, apareceram centenas de gigantes, alguns com chamas sobre a pele e outros com gelo, que os ultrapassavam dez corpos de altura.

E, como se isso fosse pouco, começaram a voar flechas por cima de suas cabeças, que assobiavam lhes roçando a pele.

Gabriel, que tinha estado no Asgard, reconhecia a cada um desses seres que lutariam em nome do Tickster. Seu exército negro, os autênticos artífices do Ragnarök.

Os gigantes do Jotunheim, os mortos de Hela e os elfos da escuridão, tomavam ato de presença naquela batalha que só tinha uma cor: a escura.

Como podiam continuar lutando contra todos eles?

Não poderiam. A verdadeira contagem regressiva tinha começado.

XV

Fionia

Em sua mente estava tudo claro. Thor se abriu para ela, permitiu-lhe que navegasse à vontade em sua mente, e assim pôde saber o que sabia, e escutar o que pensava. Era tanta informação que tinha absorvido desde que saiu de Shipka...

O vanirio escutava todo mundo, e sem seu sangue se encontrou indefeso, sendo avassalado por centenas de milhares de pensamentos díspares, que provinham, a maioria, dos humanos atormentados por seu desgraçado futuro.

Não dava importância ao que acontecia ao Midgard. Tinha escutado como aconteciam os tremores por todo o círculo, os potentes terremotos que o

assolavam separando continentes, os maremotos que inundavam cidades inteiras, atropelando-as sem valorizar sua história nem seu passado, nem quanto demoraram para levantar-se. E também escutou o que pensavam ao ver esses seres monstruosos aflorar das gretas da terra, ao descobrir os imensos lobos sobre suas duas patas traseiras degolando-os ou extirpando suas extremidades, ou aos vampiros que sempre acreditaram ser mais lenda que realidade, infestar o céu e beber do sangue de inocentes até matá-los. Não se tratava do Inferno, como os humanos acreditavam. Aquela era a realidade que nunca quiseram ver e que acabou explodindo em suas caras.

Mas, à margem de todo o horror e dos pensamentos dantescos, também tinha absorvido toda a informação dos clãs no Jubilee Park, em um lugar que Adam Njörd construiu para converter-se em posto telefônico de operações de vanirios e berserkers e em lugar lúdico. E o criou para o amor de sua vida. Sua *kone*, Ruth, a Guerreira de Almas.

Jade se maravilhava ao descobrir que o antissocial Adam se apaixonou nada mais e nada menos que por uma humana que o enfrentou até o final. Chorou a perda de sua irmã, que ao mesmo tempo era sua melhor amiga. E se fascinava de que Adam tivesse podido manter com vida os gêmeos que sua irmã carregava em seu interior, e que tão importantes eram. Chamavam-se Nora e Liam.

Lamentou a traição de Margött, e Strike entre outros... E estava em choque ao saber que seu pai, Ás Landin, sempre ocultou o filho de Odin com ele, e que não era outro que Noah Thoryn, seu outro irmão adorado.

Noah... ele era Balder. O que não compreendia era como Balder, ao que, segundo os escritos antigos e a história que lhe contou seu pai em primeira pessoa, tinha sido assassinado por Hodur, mandado por Loki, estava infiltrado, vivo e abanando o rabo no Midgard. Supunha que essa informação infiltrava somente nos deuses, e que a telepatia de Thor não chegava até o Asgard.

Seja como fosse, naquele mundo e entre os clãs, tinham dado as boas-vindas às valkyrias e aos einherjars, e também a mais híbridos como Aileen. Ela não era a única. Aparentemente, havia outro moço mais, filho de uma berserker e um vanirio que viveram na Escócia. Seu nome era Johnson, e pelo que tinha podido captar Thor na mente de seus amigos, era uma espécie de filho adotivo para um tal Ardam das Highlands e para a Generala das valkyrias, temível e ao mesmo tempo linda, chamada Bryn.

Jade sabia o que sabia desses guerreiros de Freyja e Odin por tudo o que leu e que compartilhou com seu pai, Ás. O mundo do Asgard, do Víngolf, a árvore Yggdrasil, as nornas do tear, os nove mundos... Esses eram seus contos de menina.

E de Ás Landin, o que podia dizer? Que por fim tinha encontrado uma mulher importante para ele, e que tinha deixado para trás a morte de sua mãe Stephenie. Já era hora. Uma eternidade era muito para ele, ainda mais quando ambos sabiam que sua mãe nunca foi na realidade sua *kone*. Em troca, essa tal

Maria, uma *matronae*, uma sacerdotisa da Deusa, não só era, mas, além disso, tinha se encaixado no clã como uma luva. E que Noah e Adam, por exemplo, a amassem e a respeitassem tanto, já dizia muito dela. Só por isso, Maria, onde quer que estivesse nos céus, ganhou seu respeito. Quisera a ter conhecido.

Secou as lágrimas dos olhos e exalou esgotada, exausta emocionalmente por toda a informação que esse homem lhe tinha dado. Era como viver toda uma vida em um passeio fugaz de uns minutos, e como a maioria das coisas se captava mediante imagens congeladas ou sequências, era tudo muito visual. Foi como se sentisse de repente todas as mortes e as perdas de uma vez, e lamentou de não ter estado ali, nem sequer em corpo e alma, já que sua mente não foi sua durante todos esses anos em que esteve sob a influência de Daniel.

Mas, nada do recebido, nada absolutamente, chocou-a e a cativou como ver Aileen através dos olhos dos outros. Presumia-se que aquela era sua filha. E tinha que ser, porque tinha sua estrutura óssea e suas feições, um pouco mais finas, e herdou os olhos incríveis de Thor em sua mutação.

Era uma híbrida, e ela tinha começado tudo. Caleb McKenna a sequestrou pensando que fazia parte da Newscientists, e a partir daí se revelou a incrível trama que a precedeu até o dia de hoje. Daanna, A Escolhida, amava-a como a uma irmã; Maria, a Sacerdotisa, a amava como a uma filha. Sua amiga Ruth era sua irmã de alma. Aileen tinha deixado marcas nos corações de todo mundo.

Jade inclinou a cabeça com resignação ao ver que nela, em seu coração e em sua cabeça, não havia nem sinal nem rastro de sua filha. Tão mal tinha feito? Tão má mãe era?

— Está bem? — perguntou-lhe Thor, preocupado.

Continuavam na mesma posição que antes. Ela montada sobre ele, unidos torso com torso, com os dedos dela enredados no cabelo negro do vanirio de olhos lilás.

— Seu dom... — assinalou Jade, impactada por tudo — É incrível, Thor.

— Entendeu tudo o que viu?

Ela afirmou com a cabeça.

— E por que está se culpando por não poder recordar a nossa filha? — inquiriu compassivo — Não o fez voluntariamente, Jade. Torturaram os dois, destroçaram-nos. Romperam-nos para que perdêssemos esse vínculo de união tão forte e nunca fôssemos em sua busca. Mas, sabe o quê?

— O quê? — disse ela, com um fio de voz.

Thor lhe levantou o queixo com dois dedos e a encheu de amor com seu olhar.

— Não conseguiram. Eles perderam. Nos olhe, aqui estamos, compilando peça após peça desse quebra-cabeça que somos, para que, quando estiver completo, vejamo-nos os três nesse tecido. Vamos conseguir.

— Está tão seguro... — disse, admirada — Resta pouco tempo — recordou ela. E antes temos que pegar esta caixa, abri-la e seguir o que seja que saia de

seu interior. Duas luas — enfatizou — Duas, disse Nerthus, que restava por ver. Não pode ser suficiente...

— Então aproveitemos — insistiu Thor — Vamos por esse objeto. Lutemos por nossos amigos, pelos seus e meus, e demos o melhor de nós. Em nome de seu pai, de nossa filha e dos que caíram pelo caminho. Façamos, loba — Thor entrelaçou os dedos com ela e ficaram testa com testa. — Que mais podemos perder? Sei que é difícil. Sei que ainda não sente por mim o que deveria e que, embora confie um pouco mais, sente-me como a um estranho. Mas, tem que se deixar levar... Sabe que não minto. Só permita que as lembranças se enlacem com seu coração — levou uma de suas mãos a seu peito — Porque é aqui onde estou e onde sempre estive. Aqui me encontrará.

Ela piscou para afastar as lágrimas de seus olhos. Era tão carismático e intenso que suas palavras lhe provocavam estremecimentos. Como ia lutar contra isso? Não podia. Além disso, não era contra ele que tinha que lutar. Tinha que rebelar-se contra Loki, que era o único culpado de sua sorte e do final que transcorria no Midgard, destruindo com tortura e belicosidade as esperanças dos humanos, e também a deles.

— Tem razão. Não vamos permitir — concedeu com uma nova determinação — Vamos levar a luta ao deus mentiroso e transformista. Já nos tirou muito.

— Essa é minha garota — disse Thor, orgulhoso, levantando-se com ela nos braços. Plantou-lhe um beijo nos lábios, assim, de repente, mas não o fez durar. Foi como um selo, como um aviso de “aqui estou”. E depois baixou-a ao chão sem mais. Não queria pressioná-la, pois seria ela que o procuraria, não o contrário. Assim, ao menos, tinha que lhe dar esse espaço — Vamos ver se essa loira come zarabatanas. Tenho algo a lhe dizer.

Jade fixou seus olhos nas costas de Thor e em seu andar seguro. Estava totalmente recuperado depois de beber dela.

Levou os dedos aos lábios, que ainda formigavam com o beijo recebido, e se obrigou a pensar na missão, e a não deixar-se levar por essa corrente de sensações que provocava Thor quando a tocava e estava perto dela.

Seguiu-o ao interior da gruta, escondendo um sorriso atrás de seus dedos.

Fulla continuava sentada no carro, com as pernas recolhidas sob a longa saia de seu vestido branco, seu luminoso cabelo loiro bem preso com a rede dourada e com os olhos negros fixos na parede enquanto brincava com um cacho de uvas das fontes de frutas entre seus dedos. A donzela de Frigg, tão bela como louca, não parecia pensar em nada em especial. Certamente flutuaria em algum lugar de seu limbo mental, voando entre unicórnios e elefantes rosas.

— Vamos — informou Thor atrás dela.

Fulla olhou para o teto, remexendo-se nervosa.

— É você, *Alfather*?

Thor arqueou as sobrancelhas negras, surpreso pela pouca lucidez da jovem. Mas não podia culpá-la, quanto tempo estaria presa nesse lugar?

Observou as pedras com as caras pintadas e as vacas que não deixavam de mascar grama, impassíveis com a presença de novos visitantes. Era uma situação um tanto hilariante.

— Não sou Odin, louca. Sou Thor, o cara em quem disparou com uma zarabatana.

Fulla se virou e o olhou com os olhos entrecerrados, até que reagiu como a esquizofrênica que era.

— Você não é Thor! — apontou para ele, dando um salto para afastar-se do carro — Thor é loiro, puxando para ruivo. E seu martelo, farsante?

— Deixei-o na carpintaria — replicou, insensível.

Thor olhou para Jade, espantado com as palavras de Fulla.

— Fala sério? — sussurrou.

— Há um homem na gruta! Sou donzela! — gritou Fulla, correndo de um lado ao outro.

Jade deu de ombros e destacou a têmpora com o indicador para movê-lo em círculos. Assobiou, dando a entender que estava louca.

— Ei... vai pegar a zarabatana... — advertiu Jade a Thor.

Thor se moveu com sua hipervelocidade e lhe agarrou o pulso antes que voltasse a pegar o pau de bambu.

— Volte a me cuspir com isso e engolirá a língua — puxou para trás os lábios para lhe mostrar as presas.

Fulla empalideceu e franziu o cenho.

— O que é?

— Sou um vanirio.

— Um vanirio? Uma dessas aberrações da deusa puta?

— Acredito que se refere à Freyja — esclareceu Jade às suas costas — Não se dá bem nem com Nerthus nem com a filha.

Fulla inclinou a cabeça para um lado para poder olhá-la por cima do ombro de Thor.

— E quem é você?

— Ai, por favor... — Jade girou os olhos. — Olhe. Vamos sair daqui. Já temos a caixa que Nerthus para nós para nós.

A donzela deixou ficou boquiaberta.

— Eu não te dei esse porta-joias. Como pode o ter?

Jade suspirou.

— Como uma louca.

— Estou avisando. Se tiverem vindo roubar, minhas irmãs e eu não os deixaremos sair daqui. Não é, Hlin e Gna? — desafiou Thor com atitude encorajada — Mais forte que não as ouço! — assentiu então, satisfeita — Isso! O mesmo digo eu! Somos três contra dois, *olhinhos*. E agora o quê? — enfrentou-o.

Thor, que parecia muito divertido com a demência da jovem, estava à beira da risada.

— Fulla, como saímos daqui? Pelo mesmo lugar que entramos?

A loira então, ao escutar seu nome, não ousou piscar.

— Adivinhou meu nome?

— Sim. Antes. Já lhe disse.

— Então, tenho que te dar o porta-joias. Nerthus me disse...

— Sim. Sim. Já ouvi antes — cortou Jade — Olhe, vê? — mostrou-lhe o porta-joias para que o visse. Começava a gostar de Fulla. A fazia rir. — É o porta-joias de Frigg. Sei quem é. Sei qual era seu trabalho. Nerthus a exilou por algo que sabia, e te fez descer com o porta-joia de Frigg. Em seu interior, ela guardou uma *handbök*. Uma fada guia para que nos leve a um lugar onde se esconde um objeto sagrado, em uma última tentativa de salvar o Midgard.

— Já chegou o fim do mundo?

— Isto me soa... — murmurou Jade — Sim.

— Pois se é assim como diz, quando saírem deste *hule*, a destruição os perseguirá — disse, mais serena, falando olhando-a nos olhos — Aqui não há guerra, só paz. Ninguém incomoda. Mas, quando saírem da proteção que exerce o carro de Nerthus e de sua influência, chegarão ao mundo real. Já não estarão a salvo. E menos o estarão quando a fada sair de sua caixa. Se o Midgard está sendo invadido por todas as criaturas de Loki, eles perceberão a fada e irão atrás de vocês. Deverão ser mais rápidos e antecipar os acontecimentos.

— De acordo. Como saímos daqui?

— Saíam por onde vieram, e quando encontrarem o arvoredor, tomem o caminho marcado com uma pedra cinza e larga. É a única que há em todo o lago. Rodeiem-na uma vez e depois se dirijam à direita. Essa é a saída. Uma vez fora, deverão abrir a caixa. Aqui a fada guia não teria sentido, porque estão em uma localização fora do Midgard, e o que quer que Nerthus tenha ocultado, tem que estar na Terra. Aqui, não. Algum de vocês é bardo, valkyria ou deus?

— O quê? — disse Jade, com os olhos abertos como pratos.

— Não. Somos uma berserker e um vanirio.

— Oh, já vejo — olhou-os como se não valessem muito — E Nerthus envia uma cadela e a um sugador de sangue para algo tão importante?

— Poderia arrancar sua pele em tiras e não se daria nem conta — disse Thor sorrindo entre dentes.

— Como é... — não percebeu o tom ameaçador do keltoi — Se há uma fada no interior do porta-joias, como não estão entre os bardos, os deuses e as valkyrias, não poderá falar com vocês. Assim sairá disparada em busca do totem divino. Porque as *handbökök* levam sempre para um tesouro, e quase sempre são totens que pertenceram a deuses. Que totem é? — perguntou, interessada.

Jade deu de ombros. Não sabiam. Nerthus havia dito que, uma vez que encontrassem o objeto, saberiam o que fazer com ele.

— Talvez... — virou-se para lhes dar as costas e mergulhar em suas divagações — Talvez possa sair daqui e retornar ao Asgard? Talvez...

Jade e Thor decidiram que era momento de ir. Deixariam-na ali, com suas vacas e suas irmãs, as pedras, porque já não podiam perder mais tempo. Mas

antes, Thor ficou com os olhos fixos em uma adaga que permanecia apoiada na parede da gruta, entre as espadas de vikings, godos, saxões, romanos e celtas.

Era uma adaga parecida com a que ele teve. Possivelmente era de uma tribo picta. Era estranho, porque supunha que estavam na Dinamarca, mas, inclusive ali houveram imigrações celtas, sobretudo pela Europa do Norte. Nerthus disse que podia prover-se de armas em sua gruta. E isso faria.

Thor se aproximou da adaga com um profundo respeito, e a tomou entre as mãos. Tinha um triskel no centro. O guardou na cintura da calça, pelos velhos tempos, porque aquilo representava quem era e onde tinha nascido. E, porque, se tivesse a oportunidade de encontrar com Loki ou com algum de seus assassinos, daria-lhes uma prova da lâmina e a venerabilidade de uma adaga keltoi.

Também pegou uma espada forjada com uma força e poderio brutal, cujo cabo era de couro e toda a estrutura de aço. Na lâmina havia algo escrito em nórdico. Jade se aproximou de Thor pelas costas, enquanto Fulla continuava falando sozinha. Leu o que estava escrito em voz alta:

— É uma espada Juta. Diz: “*dos gigantes viemos, e a eles retornaremos*”.

— Os jutos... Sabia que os chamavam Eotenas? E os identificaram como jotuns. Gigantes — esclareceu — Também poderia ser um *kenning* para “inimigos” — elevou a lâmina e admirou seu brilho e sua forma mortal e terrivelmente afiada, tanto pelas laterais quanto pela ponta — Acredito que vou levá-la — assumiu — Vou tentar matar com ela tantos jotuns quanto puder. Aos gigantes o que é dos gigantes, não dizem isso?

— Eu gosto — assentiu ela — É uma brilhante conclusão.

Thor pendurou a espada com sua bainha às costas, cruzada pelo peito. Pegou Jade pela mão e caminhou com decisão para sair da gruta. Mas, antes, pegou vários mantimentos do carro, para Jade e para ele. E, nesse momento, Fulla se virou.

— Folla, levo comida daqui e um par de armas. Obrigado por sua ajuda.

A donzela se assustou quando o viu, e correu para defender-se dele.

— Um homem em minha gruta! Sou Donzela!

Thor se adiantou a seus movimentos, pegou a zarabatana e a partiu em duas, fazendo-a impactar contra seu joelho.

— Sem recriminações — disse-lhe piscando um olho.

Fulla, totalmente fora de si, procurou ao redor por algo para poder lançar, e pegou uma das pedras que havia no chão. Jogou na sua cabeça.

— Meu nome é Fulla, não Folla!

Até então, Thor e Jade já saíam da gruta, e a última coisa que escutaram ao olhar para trás foi a voz aguda da donzela de Frigg perguntar por sua irmã Glin e dizer com assombro:

— Mas, o que faz aqui fora? Quantas vezes disse que a malvada da Nerthus nos tem aqui presas e que não podemos sair?

Enquanto isso, Thor tomou Jade nos braços e saiu voando através da cortina de água. Como na vez anterior, não se molharam, e foi algo que Jade voltou a comprovar maravilhada.

Ao chegar à borda, ele a deixou no chão e voltou a segurá-la pela mão com uma naturalidade que agradou a berserker. Como se esse tivesse sido sempre seu lugar. A seu lado.

Quando divisaram a pedra cinza e plana, escondida entre os arvoredos, rodearam-na tal e como lhes tinha sugerido Fulla e, antes de girar à direita, ele se deteve para falar pela última vez na tranquilidade de um espaço sem conflitos, nem guerra, nem mortes.

— Jade, quando sairmos daqui, tudo se tornará convulso e estaremos contra o relógio.

— Sim, sei — estava muito consciente do perigo que era seguir a uma fada guia.

— Com o passar das horas, eu começarei a escutar vozes de todo tipo. Não será imediatamente, porque seu sangue me deu margem para agir tranquilo durante um tempo. Mas passará o tempo e ouvirei todo mundo ao redor, seja o que for. Assim, não te assuste se vir que estou um pouco distante. Terei que te apartar um pouco da minha mente para que as vozes não a afetem. Antes, quando vivíamos juntos, já não tinha esse problema para ouvir ou ignorar vozes. Seu sangue me acostumou e me deu toda a paz que necessitava. Mas faz muito tempo que não estivemos juntos e não sei quanto durará o efeito. Portanto, se acontecer — puxou-a pelos ombros para lhe falar claramente —, peço que tenha paciência.

— Se isso acontecer, Thor — respondeu ela, para sossegá-lo —, eu te ajudarei. Não vou deixar que fique louco — sua voz se tornou carinhosa, como sempre se dirigiu a ele no passado — Preciso de você como você precisa de mim. Já entendi.

Thor fez movimentos afirmativos com a cabeça, e seu peito se expandiu, agradecido. A berserker era a mais valente de todas, e tinha uma maior capacidade para adaptar-se a novas situações.

Isso a honrava e falava da maior mulher que era.

— Bem — voltou a tomá-la pela mão. Estavam parados em frente à pedra. Já a tinham rodeado e agora tinham que tomar a direção que Fulla tinha indicado.

— Preparada para pegar a primeira curva à direita?

Jade deu uma última olhada ao porta-joias que pertencia à esposa de Odin, tomou ar e disse:

— Preparada.

Ambos deram um passo à direita, e, de repente, desapareceram.

Desvaneceram-se. Como se nunca tivessem estado ali.

Quando ambos abriram os olhos e olharam o lugar onde estavam, já não havia nenhuma clareira nem nenhum lago que admirar.

Só fogo. E era inquietante, já que estavam em uma montanha nevada, mas o gelo se desfazia pelo calor que saía à superfície das gretas que continuavam abrindo-se na terra. O céu estava escuro e denso, tingido de vermelho, já que se refletia nele o sangue que tingia o Midgard e a lava que supurava de seus cortes a fervuras.

O forte vento arrastava os gritos dos poucos humanos que restavam com vida naquele lugar, somado ao das bestas de Loki, dos purs, seus vermes subterrâneos, cujo trabalho era chupar a energia vital das crianças para plantar mais ovos.

Thor queria ajudar. Nervoso pelas súplicas que ouvia, fez a ameaça de socorrer a quem pudesse, mas Jade não o permitiu.

— Thor, não podemos — negou, terminante — Não.

Ele não pôde olhá-la nos olhos. A empatia e as emoções que o havia devolvido o estavam matando frente ao conhecimento de saber que havia gente que sofria, e que ele não podia ajudar. Devia passar rápido.

— Os humanos são milhões. Não vamos salvar a todos. Já estão mortos. — Nem sequer gostava de falar assim. Mas tinham que ser conscientes do que deviam fazer — Não podemos fazer nada. Só cumprir nosso objetivo. Porque se conseguirmos, talvez possamos deter toda esta loucura. Esse será nosso modo de ajudar.

Ela estava certa. Eles dois sozinhos nada podiam fazer contra etones, trolls e purs. A humanidade estava sentenciada, mas o destino da existência como tal ainda tinha uma última palavra a dizer. E eles tinham muito a ver com isso.

— Sim. Tem razão — acabou cedendo, tenso como uma corda a ponto de romper-se. Olhando ao redor, vigiando que ninguém os atacasse pelas costas— Abra a caixa.

Jade se dispôs a fazê-lo, mas, ao puxar o gancho, viu que não podia abrir e franziram o cenho.

— Está emperrada?

— Não. Um momento — pediu Jade — Meu pai me falou das caixas das fadas. Isto não deixa de ser um porta-joias, mas, para conter uma fada, deve ser enfeitiçada. Meu pai me disse que no Asgard os deuses escondiam essas caixas para que os einherjars e as valkyrias brincassem de encontrá-las. Mas, não era tão fácil abri-las... — virou a bonita e singela caixa de madeira, e viu umas inscrições na parte inferior, nas laterais. — Os deuses adoram as adivinhações, sobretudo Odin e Freyja. Como não há chave para abrir isto, o mais seguro é que responda a algum tipo de... — leu a inscrição em nórdico antigo e sorriu — Sim. É uma adivinhação.

Thor tomou a caixa e a levou junto a ela.

— “Sou querida e mimada, mas por alguns não valorizada. Me ter é uma sorte e ao final todos se obrigam a me guardar até a morte”. Não podemos perder tempo nestas coisas... No que pensava Nerthus?

— São deuses — respondeu Jade, dando de ombros — Para eles o tempo transcorre de outro modo, e isto são somente passatempos.

— É a vida — respondeu Thor, pensando na adivinhação — A vida é o que ao final todos têm, até o dia em que morrem. É fácil.

Jade abaixou os olhos com aprovação. Devia ser isso.

— Sim. É a vida — reivindicou a berserker.

E, nesse instante, o gancho que fechava o porta-joia se abriu, e a tampa de madeira se levantou com lentidão.

Os dois se esticaram para ver com curiosidade o que havia no interior do cofre, e nesse momento, *fiuum!* Uma bala dourada saiu disparada para revoar em cima de suas cabeças, veloz, inquieta e sem deixar de mover umas esplêndidas asas brilhantes.

Jade e Thor não sabiam nem o que dizer.

— Nunca tinha visto uma fada... — sussurrou Jade, maravilhada. Inclusive em momentos como aquele havia espaço para a magia.

Era loira com o cabelo para cima, cujas pontas apontavam a todas as partes. Tinha reflexos platinados e brancos, e seus olhos largos e grandes para sua cara, sorriam com uma ingenuidade dourada que se sobressaía por sua pureza. Era diminuta. Não maior que a metade do mindinho de Jade.

Olhou de um para outro alternativamente, estudando-os, aproximando-se de seus narizes para depois voar ao redor de seus cabelos.

— Faz-me cócegas! — exclamou Jade, com surpresa.

— É uma fada — Thor a saudou com uma inclinação de cabeça — Os keltois veneram as faes. Como se chama?

A loiríssima ninfa inclinou a cabeça como se fosse um animal, escutando as palavras daquele gigante. E então, aproveitando a esteira dourada que criava seu voo, escreveu seu nome para que ficasse suspenso no ar, em frente a eles.

— Chama-se Ária? — disse Jade.

A guia assentiu, dando palminhas. As fadas eram seres risonhos e alegres.

— Olá, Ária. Somos Thor — levou a mão ao peito — e Jade.

Ária os saudou elevando a mão e sorrindo sem mostrar os dentes.

— Nos disseram que vai nos levar até o tesouro de Nerthus — Thor não queria perder tempo.

Ela afirmou repetidamente e, ansiosa, puxou o cabelo de Jade, sem chegar a machucá-la.

— Sim. Sim. A seguiremos.

Thor tomou sua *cáraid* nos braços. A fada não sabia muito bem a que ater-se. Nunca havia visto guerreiros como eles. Mas, seu trabalho era levá-los até o totem que cuidava.

Então, em menos do que durava uma piscada, saiu em disparada para o céu, e passou por uma das clareiras dos pinheiros. Alguns ardiam, e outros caíam ao abismo das gretas.

Thor se impulsionou nos calcanhares e saiu com a mesma força e velocidade que a que possuía a fada guia. Entretanto, quando chegou ao céu e olhou à frente, enquanto seguia o voo da diminuta ninfa, compreendeu o quão difícil ia ser sua missão.

Muitos Nosferatus, a maioria humanos convertidos pelas dentadas de outros, permaneciam em suspensão, esperando interceptar o voo privado de algum abastado que tivesse esperanças de fugir da morte. E outros, optando pela via mais factíveis, devorar a alguma ave perdida na migração. Com a mudança de clima e o efeito que provocava o movimento das placas nos pólos, todos os animais se desorientavam. E aí estavam os assassinos de Loki para não deixar nenhum em pé. Depois dos humanos, encarregaram-se dos animais, criando um extermínio sem precedentes.

— Jade, segure-se bem — ele pediu, apertando-a contra seu corpo — Isto não vai ser fácil.

O que os jotuns não sabiam era que, embora pudessem feri-lo, nunca, de jeito nenhum, poderiam caçá-lo. Não permitiria. Porque, se a fada era rápida, ele seria ainda mais. E, acima de tudo, porque levava com ele a mulher de sua vida, a mãe de sua filha, e a pessoa que mais amava. Não ia arriscar que a machucassem.

O que restasse de tempo, passariam-no juntos. Não cessaria até que a berserker lhe dissesse que o amava, que se lembrava do que ambos sentiam estando juntos, e que era seu *cáraid*, ou seu *mann*, o que ela quisesse.

Thor não pensava em render-se nem despedir-se desse mundo sem escutar a sua fera lhe dizer que seu coração era dele.

Asgard

Poucas vezes as nornas saíram de Yggdrasil. E, quando alguma vez o fizeram, sempre foi por forças maiores. Mas, era estranho que se apresentassem nos jardins do Palácio de Frigg.

As três mulheres, Urd, Verdandi e Skuld, tecelãs do destino, vestidas com túnicas negras, cujas capas cobriam suas cabeças, refletiam em seus rostos a contradição interna que viviam nesse momento. E que elas, que eram as que fiavam o tear, tivessem essa expressão, não era boa coisa.

As susurrantes, como também eram conhecidas, mantinham seus olhos negros, repletos de profecias e adivinhações, fixos em Odin. Suas longas cabelos vermelhas repousavam sobre seus ombros. Os olhos da cor carvão eram insondáveis e escondiam dolorosas verdades. Suas têmporas e suas maçãs do rosto altas e elegantes eram percorridas por símbolos prateados, gravados em suas peles de alabastro. Eram as runas da adivinhação.

Runas que agora mudavam e se moldavam em seus rostos, como se brincassem de esconde-esconde.

O deus Aesir contemplou o movimento de suas tatuagens e não gostou nem um pouco.

— O que acontece, bichos-tesouras?

— Temos que falar contigo, *Alfather*, e também com a Vanir.

— Com a Freyja?

— Sim — respondeu Verdandi, a norna do presente — É urgente.

— O que aconteceu?

— Verá você mesmo — disse Skuld, a norna do futuro que, em ocasiões, também agia como valkyria em uma hipotética batalha final — Chame-a, e ela virá — pediu.

Odin, nervoso, sem afastar o olho da norna do futuro, gritou:

— Freyja!

Imediatamente, a intimidante deusa Vanir se personificou a seu lado, aparecendo, de repente, como os deuses gostavam.

Ela já tinha uma resposta idônea preparada e picante para Odin. Uma insolente réplica dessas que o deixavam louco. Sempre devia fazer ato de presença quando era requerida pelo deus Aesir, embora não pudesse ou estivesse ocupada nesse momento. E isso não gostava. Mas, pelo menos, não era a única. De fato, todos no panteão deviam obedecer à sua chamada.

Entretanto, Freyja se precaveu do opaco humor das nornas e a seriedade na expressão do Caolho, e decidiu economizar as farpas, pois certamente não tinha cabimento já que, aparentemente, não era o momento nem o lugar.

— O que fazem vocês aqui? — foi a primeira coisa que Freyja disse — Acaso podem abandonar o freixo e deixar o tear sem cuidado? Voltem para e se ponham a tecer — ordenou, desrespeitosa.

As nornas a olharam como se a degolassem com os olhos, embora não tirassem a expressão perene e serena de seus rostos.

— Podemos fazer muitas coisas, Vanir — respondeu Verdandi — Não precisamos de sua permissão porque somos independentes dos deuses, e seus desejos ou ordens não nos amedrontam.

— Ah, obrigado pela elucidação. Por certo, Odin. Já não se pode ver nada mais de seu trono. É como se tudo se nublasse — informou Freyja.

— O que diz, mulher? — sua voz retumbou em todos os jardins — Isso é impossível.

— Não. Não é — disse Verdandi, com expressão neutra.

— Posso saber por que suas runas aparecem e desaparecem? — Freyja apontou com o dedo suas runas cambiantes.

— É por isso que viemos. Por tudo o que está acontecendo. É melhor que nos acompanhem — explicou Verdandi, com seriedade — Os dois.

As nornas se desvaneceram, deixando uma esteira de lampejos brilhantes no ar. Odin e Freyja não demoraram para segui-las.

Ali, sob o freixo Yggdrasil, as três irmãs, que se diziam descendentes do gigante Norvi (embora ninguém soubesse com certeza) de quem também nasceu Nott, a noite, localizaram sua residência justo quando foi mordida a primeira maçã e o pecado assolou o Asgard, afetado pelas artimanhas de Loki. Viviam perto do manancial de Urdaborn, cuja água sagrada brotava de uma das três raízes que sustentava o enorme freixo. As três nornas, além de tecer o tear, encarregavam-se de regar diariamente as raízes do Yggdrasil para fazê-lo incorruptível e protegê-lo da ameaça persistente na escuridão dos reinos. Graças a esse manancial, as peles das nornas eram tão brancas e puras e continham muitas runas, já que Urdaborn possuía o dom da pureza e era considerada a fonte do destino.

Os deuses estavam acostumados a reunir-se ali, ao redor do manancial, para iniciar reuniões e conselhos de sábios.

Mas, naquela reunião, só compareceriam elas três, e os dois deuses principais do Asgard.

O trio de sábias se plantaram frente a imponente árvore, cujas raízes brilhavam como as estrelas, e a observaram, tristes.

— O que acontece? — perguntou Freyja.

— Não veem? — disse Verdandi, apontando as três raízes da árvore, destinadas a enlaçar os nove reinos — Queremos adverti-los sobre o presente do Yggdrasil e de nosso mundo. Pelo que acontece.

A deusa se aproximou para observar melhor as imponentes raízes do freixo. Ela não podia ver o que as nornas viam.

— Acontece algo com ele?

— Nós os mostraremos o que lhe acontece — assegurou Skuld, a norna do futuro, e também valkyria.

A mais miúda das nornas se colocou em meio dos deuses, e pousou suas mãos sobre seus respectivos antebraços. Fechou os olhos, e lhes mostrou o que elas viam.

Três raízes sustentavam o Yggdrasil e seu magnífico tronco. Uma delas se conectava com o Nifelheim, o Reino dos Mortos e dos Espectros, e dela brotava água que se obscurecia. Outra das raízes da qual brotava fumaça conectava-se com o Jotunheim, o Reino dos Gigantes de gelo e de fogo. E da terceira raiz, que era a do Urdaborn, e se conectava com o Midgard, emanava água avermelhada.

Freyja estremeceu ao ver o majestoso freixo afetado pelo que acontecia a seus mananciais.

Odin, pesaroso, compreendeu que Yggdrasil começava a morrer.

— Nossa árvore se conecta com todos os reinos. Até então se manteve forte e em equilíbrio, mas hoje já não está mais. O Nifelheim se abriu, o Jotunheim também, e o Midgard sofre as terríveis consequências de estar desprotegido — Verdandi lhes explicava tudo que viam — As raízes estão se consumindo pelo fogo do Jotunheim, a morte voa livremente com Hela no comando, e a Terra morre sob seu mau-trato implacável.

— Se Yggdrasil se incendiar, quer dizer que a Terra terá desaparecido — vaticinou Skuld —, Loki vencerá e os portais do Asgard se abrirão por completo, e ficaremos à mercê da escuridão. Tudo se acabará.

Skuld os soltou, e Freyja e Odin deixaram de ver o que elas viam. A seus olhos, Yggdrasil estava bem e são, mas aquela não era a realidade. Só as nornas, que tinham raízes e vínculos com a árvore sacra, podiam ver o que na realidade acontecia.

— O que diz o futuro, Skuld? — perguntou Odin, ansioso — Por que deixou de tecer?

As mulheres se olharam solenes e as três caminharam até o tear do destino, tão grande como a árvore. Dizia-se que a tapeçaria se fundia com a terra de Yggdrasil para que se mantivesse sempre verde e fresca e também alimentava ao caldeirão das almas.

Os fios da trama do tear eram de várias cores e pareciam cordas. Seu tom dependia sempre do tipo de acontecimento que acontecia, se era positivo ou negativo, e de como era sua natureza. Física, mental, espiritual ou emocional. A última parte do tear, que continha extensas tramas negras misturadas, cortou-se abruptamente.

— Aconteceu algo — explicou Urd, a norna do passado — Estávamos cantando enquanto tecíamos, como sempre fazemos, seguindo a eterna lei do Universo, escutando Orlog, cujas palavras não têm nem princípio nem fim, mas então, os fios do futuro se quebraram.

Skuld elevou a mão para mostrar o fio negro que segurava. As runas de sua cara dançaram através de suas bochechas, apareceram e desapareceram para mostrar outras diferentes.

— Orlog já não fala — sentenciou Verdandi — Já não vemos o destino. Não sabemos o que o que vai acontecer. Deixamos de tecer.

— O futuro já não existe? Estão me dizendo isso? — indagou Freyja, exlatada.

— O futuro existirá sempre —replicou Skuld — Mas não o vemos mais.

— E como pode ser isso?

Urd olhou o tear, compassiva, e depois acariciou a parte que ela tinha tecido.

— Como pode ser? — repetiu — E você ousa perguntar? Vocês mudaram o passado com suas intervenções. E, ao modificar o passado, fizeram o mesmo com o presente e o futuro. Talvez tenha acontecido algo no Midgard. Um acontecimento com o que não contávamos e que desconheciam. Talvez inclusive estivesse oculto aos olhos de Orlog.

— Não há nada oculto para Orlog — protestou Odin — Ele é a Lei no Universo.

— Pois há — sentenciou Skuld — Há algo oculto. Nosso tear se quebrou no meio de um fio negro e destrutivo. Yggdrasil se consome. Ou Orlog também morrerá, coisa impossível, pois é eterno, ou há uma variante com a que não contava. Ou talvez o Midgard já não tenha futuro possível. O que está claro — cantarolou — é que já não vemos o futuro — assumiu Skuld — Não sabemos o que vai acontecer.

— Então! — exclamou Freyja — Já não há tear!? Que brincadeira é esta?! E agora o quê?!

— Agora — respondeu Odin, estranhamente tranquilo —, teremos que nos conformar esperando e ver os acontecimentos.

— Se Yggdrasil continua consumindo-se — destacou Freyja —, tudo o que houver em Asgard, tudo, começará a perecer. Esta árvore é como um fusível para a energia de nosso reino. Não poderemos fazer uso das janelas para os nove mundos! Nem sequer seu trono funciona! —Freyja passou a mão pela nuca, nervosa pelo curso dos acontecimentos — Estão completamente às cegas.

— Ou talvez não — disse Verdandi.

— Não o estará — disse Skuld.

Os dois deuses prestaram atenção, com interesse, nas palavras das nornas do presente e do futuro. Mas então falou a do passado.

— Orlog não pôde ver nada mais e o tear se rompeu. Mas, nem tudo está perdido. Há um lugar que não se alterou com a contaminação do Yggdrasil — informou a norna, desenhando um sorriso de satisfação — E já foi a esse lugar, *Alfather*. Há muito tempo.

É óbvio, Odin sabia de que lugar estava falando. E fazia muito que não pisava lá.

— Por duas vezes o usou — a norna levantou dois dedos de suas mãos.

— Haverá uma terceira? — perguntou-se Skuld, tocando as runas mutáveis de suas bochechas — Em sua fonte ele não estará, pois os gigantes o levaram ao Midgard, para que adivinhe o futuro.

Odin ficou pensativo, analisando aquela opção.

— Se insinua o que acredito, a resposta é negativa. Não podemos viajar. As portas do Asgard estão todas fechadas. Não podemos sair daqui até que alguém as abra — disse Odin — Como vou acessar à fonte de Mimir?

— Talvez vocês não possam fazer isso. Mas nós sim. Não somos governadas por nada nem por ninguém, os deuses não mandam em nós, somos descendentes de Nutt e sangue do sangue do Destino. Entretanto, podemos te aproximar da água do manancial — sugeriu Skuld — e lhe dar de beber. Se o deus não for à fonte, a fonte irá ao deus.

— Isso sim, Odin —adverteu Verdandi — Não poderá perguntar por nada futuro, nem tampouco por nada passado. Orlog já não fala, lembre-se. Mimir não vai te pedir nada em troca porque ele não está mais lá. Mas existe o presente. Pode beber para vê-lo e compreender o que acontece e o que lhes escapa.

— Pois eu também quero — disse Freyja, cruzando os braços — Eu também quero beber para que me revele o presente. Três olhos veem mais que um.

— Como conseguirão a água do manancial? — perguntou Odin, ignorando a punhalada de Freyja.

As três nornas sorriram. Skuld pegou uma parte do tear e o cortou em pedaços. Enquanto isso, Urd e Verdandi apoiaram as palmas de suas mãos na grossa raiz de onde saía fumaça constante, e cantaram uma canção que invocava a água do interior da árvore, que, lentamente, umedeceu-se e criou um pântano onde nascia enraizado com a terra.

Ali, Skuld afundou o pano do tear que tinha cortado, e o encharcou no atoleiro. Quando estava ensopado, pediu aos dois deuses que se sentassem em frente a ela.

Odin e Freyja o fizeram, sem perguntas nem receios.

— Isto que lhes darei de beber e que tenho em minhas mãos, é água da fonte da sabedoria. Agora que seu guardião, Mimir, já não a protege, é o momento de beber dela. Absorvam com respeito e permitam que lhes revele o que querem ver.

— Olhe que bom, Odin — Freyja disse de forma melosa — Desta vez não terá que dar nada em troca para conseguir o que quer. Seu único olho está a salvo. Ninguém vai te pedir isso.

Ele grunhiu e lhe deu um olhar raivoso.

— Você tampouco terá que se pôr de joelhos. Embora todos já sabemos o quanto você gosta — sua sobancelha loira, a do tapa-olho, elevou-se com insolência.

Freyja começou a rir em sua cara.

— Abram a boca — interrompeu-os Skuld — Qual pergunta quer que lhes responda a água do manancial do Mimir?

Freyja permitiu que fosse ele quem a falasse.

— Queremos ver o que alterou o futuro para romper o tear.

— De acordo. Relaxem e abram a mente.

Skuld amarrou o pano com as duas mãos e o amassou, retorcendo-o pouco a pouco e permitindo que o jorro de água caísse metade na boca de Odin e metade na de Freyja.

O líquido era delicioso, estava muito frio, embora tivesse um ligeiro sabor final de queimado. Mas não importava.

O que queriam era ver o que não podiam mais ver. E entender o que passou por cima deles depois de colocar tantas fichas em jogo e prever tantas variantes.

E então, a visão se abriu diante de seus olhos, e, de repente estavam ali, no Midgard, sobrevoando um continente junto a um vanirio e uma berserker.

Freyja respirou fundo ao reconhecer o guerreiro e a garota. Mas o perdeu de repente quando comprovou que estavam seguindo uma *handbök*, as guias aladas que eram como bússolas e que levavam até um objeto de valor oculto pelos deuses. Usadas sobretudo no Valhalla, no Torneio, na noite que celebravam o exílio do Vigarista. Ela tinha usado uma para que Daimhin encontrasse o diário Bryn. Chamava-se Electra e, de fato, era a mesma que Odin utilizou para ocultar o totem do Balder. E nenhum dos dois soube da artimanha do outro, até que tiveram que começar a trabalhar no Midgard e os protagonistas desenvolvessem corretamente seu papel.

Mas, então, estava convencida de que só havia essa *handbök* no Midgard. Entretanto, seus olhos lhe mostravam a existência de outra mais, de cabelo loiro e curto, uma das mais velozes, destinada a encontrar somente um totem. Um. Do que se tratava?

Como fosse, sobrevoavam o que era ou tinha sido a Dinamarca, esquivando-se como podiam de uma horda de vampiros recém-convertidos que não tinham controle sobre si mesmos. E evitando o toque dos espectros da morte de Hela.

Se viam isso era porque estavam diretamente relacionados com a ruptura do fio do futuro. Será que a enigmática função de Thor e Jade mudou tudo? E, caso fosse verdade, seria para o bem ou para mau? Porque, acontecia às vezes que uma carta mal colocada podia derrubar toda uma torre de naipes.

Quando puderam sair de sua visão, encontraram as nornas olhando-os atentamente, em cima deles, analisando-os como se estivessem dissecando a um animal. Tinham tanta curiosidade como eles, agora que já não podiam ver mais nada do Asgard.

— E então? — perguntou Verdandi, sem piscar — O que está acontecendo?

Freyja se ergueu, ainda tonta pela força da visão, saboreando o gosto final da água. Arrumou bem as proteções metálicas dos pulsos e enfrentou Odin, que se levantou como ela.

— Você a deixou?

— Eu?

— Sim. A *handbök*, Caolho. Foi você?

— Ia te perguntar o mesmo — respondeu, perplexo — Isto não é sua obra?

— Minha? — apontou o centro do peito — Você já viu o que fiz. Escondi o livro para que Electra os guiasse em sua busca.

— Também não fui eu. Também sabe o que já fiz. Dei a Ás a guarda de meu filho Balder, e pedi que guardasse o cofre em um lugar seguro.

— Pois se não foi você e não fui eu, quem demônios foi? E o que acha que está procurando a fada guia? Está guiando-os até um Totem. De quem?

Odin acariciou a barba loira e depois fez uma careta de desconhecimento absoluto.

As nornas se viraram para falar entre elas.

— O que estão falando?! — perguntou Freyja, histérica. Odiava que as coisas lhe escapassem dos dedos, assim como Odin.

Então, Skuld se virou e elevou a mão para que fizessem silêncio.

— Parece que o futuro já não está mais escrito. Tudo dependerá do que aconteça lá embaixo, e que nenhum de nós regerá o movimento das peças. Nem sequer vocês.

— Nós nunca lhes ordenamos nada. Em todo caso, orientamos seus passos, mas não suas decisões — esclareceu Odin — É surpreendente ver Jade e Thor juntos outra vez. Não entendemos como pôde ocorrer.

— Não contávamos com isso... — assumiu a Vanir — Mas também não compreendemos como há mais uma *handbök* no Midgard, e como nem sequer Odin foi alertado enquanto observava os nove mundos sentado, satisfeito, em seu trono.

— Também não viram o que fazia a barda no interior do *hule* — falou Verdandi — Essas grutas são escapes terrestres, pequenos refúgios mágicos que os *huldre* e os *huldre elver* criaram. A magia dos elfos do Midgard sempre foi complicada de desvendar, já que o que eles ocultam nunca se revela. Escapa aos olhos do tempo e do espaço. A única que os entende e sabe usar em seu proveito é Nerthus.

Freyja cravou os olhos prateados em Verdandi, e a estudou com atenção. Tinha razão. Sua mãe era a deusa Mãe da Terra. A única que conhecia todos seus segredos. Mas, sua mãe seria capaz de interceder no destino daquele modo?

Ela era a única deusa que percorria o destroçado Midgard, a única que representava o panteão Vanir e Aesir. Mais o Vanir, é óbvio. Como deusa, era a única que tinha acesso ao museu de totens do Alfheim, que os elfos da luz protegiam com tanto zelo.

— Parece — continuou Skuld — que terá que pedir aos elfos da luz que verifiquem a sala dos totens e nos digam se falta algum. Se sentirmos a ausência de um, será esse o que está no Midgard. Não nos enganaremos.

— Você privou a minha mãe de seus objetos de poder quando a expulsou para o Midgard — acusou Freyja a Odin, ferozmente — Que totem ela pode ter em suas mãos? Só permitiu que descesse com seu carro!

— Continua zangada por isso? Aconteceu faz séculos. Além disso, sua mãe é feliz com a maneira que os humanos a veneram. Adora ser idolatrada.

Um músculo palpitou na bochecha de Freyja, e suas presas explodiram em sua boca.

— Tem razão — disse-lhe, sibilante — Minha mãe é muito Rainha para compartilhar panteões com insípidas como sua mulher, ou como Idúnn, ou como muitas mais... Uma Rainha autêntica só pode sentar-se em um trono. E aqui havia muitos traseiros para sentar.

Odin sorriu com a constatação.

— Freyja... E você herdou seu mau gênio.

— Olhe, Sauron, “o olho que tudo vê”, se minha mãe tiver algo a ver com a ruptura dos fios do tear do futuro, e se sua hipotética participação nos ajudar, terá que lhe pedir perdão diante de todos por exilá-la. Porque ela terá salvado nosso traseiro.

Odin colocou as mãos nos quadris. Não ia pedir perdão jamais, porque suas decisões sempre eram justas e acertadas.

— Lidam!

Plas!

Um elfo muito alto de cabelo loiro e olhos escuros se materializou diante dos deuses e das nornas.

— *Alfather* — saudou-o com educação.

Lidam era o principal protetor do museu de armas e totens divinos. Também era um excelente arqueiro, como todos os elfos, e, além disso, um ótimo negociador. Seus fios loiros eram lisos, seu cabelo reto e com franja reta. Entre seu longo cabelo apareciam suas orelhas bicudas, adornadas com aros dourados. Vestia-se com uma calça justa de couro, botas de cano alto e um protetor de peito do tipo escudo, de metal e de cor dourada.

— Lidam — pediu Odin — Quero que revisem, por favor, a armaria de totens e me diga se sentem falta de algum.

— Sim, imediatamente — assentiu o elfo — Gostaria de me acompanhar, Rainha?

Odin arqueou as sobrancelhas e olhou para Freyja, que sorria ao adorável elfo. Os Alfheim sentiam uma especial adoração pela deusa Vanir. Odin suportava isso.

— É óbvio que sim — respondeu Freyja, tomando seu braço.

— Iremos os dois — Odin deixou claro ante aquele desprate.

— Óbvio, *Alfather*. O convite era estendido também para você.

— Ah, certamente — murmurou Odin, desconfiado — Vamos.

Sem mais, desapareceram diante do instigador olhar das três nornas do destino, que ficaram fazendo conjecturas sobre o futuro, já que não podiam vê-lo mais.

Midgard

Vista do céu, a Dinamarca era como a casca de um ovo quebrado, repartida em mil pedaços. Em suas partes decompostas já não existia vida, só mortes e solidão. Era como se já não existissem fronteiras, já que os territórios se dividiram com as gretas, e se misturavam com outros pedaços do que tinham sido a Suécia e a Alemanha. Ali já não havia delimitações. Do céu, era como uma maldita sopa quente, repleta de obstáculos de todo tipo. Um caldo de culturas aptas só para os que não tivessem estômago.

Doía em Thor ver como uma terra tão mágica e linda, branca por sua neve, azul por seus mares e verde por seus bosques, como de um jardim tão grande e surpreendente como tinha sido, já não restava nada. Ali, não havia um só pensamento humano em pé. Tinham matado a todos, e os que sobreviviam, estavam gravemente feridos, loucos por completo nas lacunas da dor e da incoerência, sabendo da morte que ia chegar.

O fogo se dissipava e consumia o que restava. Eram as chamas do Inferno.

E de todo o inferno partiam os demônios mais inverossímeis. As chamas iluminavam as nuvens apocalípticas e tingiam tudo de uma cor fúnebre e sangrenta. Naquele inferno, os demônios os cheiravam, queriam pegá-los. Os vampiros tentavam ser tão velozes como Thor, mas não conseguiam nem sequer olhá-lo nos olhos. Intuíam que ele passava a seu redor, disparado como uma bala. Mas, a grande maioria, não tinha as habilidades próprias de um nosferatu de Loki completamente desenvolvidas. E Thor usava isso em seu favor, carregando Jade, voando tão rápido como suas forças lhe permitissem, seguindo Ária de perto, que nenhuma só vez tinha olhado para trás para assegurar-se se seguiam seu ritmo ou não.

E não sabia o quanto demorariam para chegar até o esconderijo onde estava o tesouro, mas desejava que fosse o mais rápido possível. Que não estivesse muito longe.

A fada, então, mudou sua trajetória e desceu velozmente, com o corpo parecido a uma flecha, como se tivesse detectado o lugar.

— Thor — Jade puxou sua camiseta e apontou a um lugar no horizonte, no mar.

Ele desviou o olhar só para observar que, sobre o mar bravo que era acariciado por descargas elétricas do tormentoso céu, criava-se uma onda gigantesca. Tão grande que cobriria centenas de milhares de quilômetros do Norte da Europa e engoliria toda a terra que ainda estava firme.

Avançava a uma grande velocidade e dava medo só de olhá-la. Como iam chegar a esse lugar e encontrar o tesouro se a água ia engoli-los?

— Porra! Tem que se apressar! — gritou Thor, alcançando Ária.

A diminuta fada tinha os olhos dourados fixos em uma ilhota que continha um castelo em sua superfície, um que lutava por manter-se em pé, com a dignidade dos monumentos que tinham visto passar o tempo e tinham aprendido com cada batalha. Dessa não se livraria. Ninguém se livraria.

Ária voava como um raio para a porção de terra onde estava o castelo.

— Deve ser ali! — gritou Jade, apontando a fortaleza de pedra.

Mas Thor se preocupava mais em sair bem da onda que caía em cima deles. Não imaginava como iam fugir disso.

A fada entrou pela torre do castelo, por uma das janelas, e antes que Thor fizesse o mesmo, ele sentiu uma espetada terrível na panturrilha.

Olhou a perna, surpreso, pois não imaginava o que poderia tê-lo alcançado, e então deu de cara com uma espécie de bracelete em forma de serpente dourada, incrustada na panturrilha e lhe rodeando a parte inferior do joelho. A serpente dourada de olhos vermelhos e metálica inseriu as presas em sua carne. Thor fez um varrido em busca da origem daquele instrumento, e foi então quando divisou um elfo escuro.

Conhecia-os. Tinha-os lido na mente de Daimhin e Carrick, e sabia quais eram suas armas e o que provocavam. Estava ferrado.

—Thor! —gritou Jade— Se apresse!

A onda ia engoli-los. Destruir tudo.

Mas Thor fez um último esforço e adentrou no castelo, apesar da intensa dor e da queimação. Sob a terra, sob as plantas daquele forte, tudo estava escuro. Por isso seguia com muita dificuldade a luminescência que irradiava de Ária.

Percorreram corredores subterrâneos, esconderijos, labirintos secretos localizados nas vísceras da terra, e depois se fez o vazio.

Um silêncio desolador. Que foi seguido pelo duro impacto de seus corpos contra o chão duro de onde quer que estivessem.

Tinham conseguido deixar para trás o tsunami? Podia ser?

A luz de Ária e seu bater de asas rondava por cima de suas cabeças, apontando, emocionada, um lugar da caverna que seus olhos desacostumados a tanta penumbra não viam.

—Thor?

Sentiu as mãos de Jade sobre suas bochechas.

—Está bem? Algo acontece com você —disse apressando-se a apalpá-lo— Algo te alcançou. Posso sentir.

—É um maldito bracelete dos elfos escuros —explicou ele— Seu veneno é...

—Shhiii, calma, ficará bem... O darei de beber...

—Uma serpente dos Svartálfar? —disse outra voz rouca e feminina que não conheciam.

Jade ficou em guarda. Estava farta de tantas surpresas. Depois de fechar parcialmente os olhos, vislumbrou à frente uma mulher de orelhas bicudas, cabelo preto e liso, e olhos rosados, sentada sobre o que parecia ser uma tumba

de pedra que se elevava sobre uma balsa de água. Olhava as unhas, desinteressada, e sorria como se nada lhe importasse.

Era muito bonita, ao mesmo tempo que inquietante. Vestia-se de preto, mas tinha o peito coberto por uma armadura metálica de formas tribais e de ouro rosa.

— Pois então sim, não morto — assegurou ela, dando um saltinho e tocando a água com os pés, que começou a fazer ondas ao redor dela. A balsa era maior do que imaginavam. Aproximou-se deles andando com altivez, e se agachou para ver a ferida na panturrilha de Thor. — Está ferrado.

XVII

Dinamarca

— Quem é você? — perguntou Jade — O que está fazendo? Não toque nele! — esbofeteou sua mão.

A garota ficou muito séria ao receber essa advertência. Aproximou-se de Jade, estudou-a como se fosse algo muito estranho e disse:

— Eu não gosto de como você cheira.

— Não é nada educado o que você está dizendo.

A jovem nem sequer se esforçou em parecer ofendida.

— Nerthus nos enviou — informou a berserker, sem deixar de manter contato com o corpo de Thor, que começava a esfriar.

— Sim. Imaginei isso quando a *handbök* entrou aqui a toda velocidade. É a primeira que vejo na minha vida — revelou ela.

Ária voava em círculos sobre a tumba de pedra do centro da balsa. Presumia que o objeto estivesse ali. Ou seria esse o objeto?

— Como se chama? — perguntou Jade.

A garota de orelhas bicudas levantou o queixo com altivez, e antes de responder disse:

— Sério. Cheira a cão. Por que cheira assim?

— É muito mal-educada — censurou-a Jade — Uma... — tentou adivinhar o que era — Uma... elfa muito insolente.

— Não sou uma elfa — negou ela — Nenhum dos que estão aqui é.

O que lhe faltava! Outra que falava sozinha. Não tinha ninguém ali.

— Desenhou rostos em quantas pedras?

— O que diz? — disse a de olhos rosas, sem compreender — Não preciso pintar caras nas pedras. Mostrem-se — ordenou, repentinamente. Não precisou elevar a voz.

Uma centena de seres como ela apareceram rodeando a tumba de pedra. Tinham estrutura óssea humana, exceto pelas orelhas e esses olhos tão grandes e dessas cores tão estranhas... Eram altos, e esbeltos. E vestiam-se completamente de preto.

As garotas vestiam esse macacão de corpo inteiro, folgado, tão longo e largo que não apareciam os pés. E os homens vestiam calças, botas de cano longo e camiseta preta. Ambos cobriam seus torsos com uma armadura de metal que simulava o ouro rosa. Eram belos, muito atrativos, apesar daquelas orelhinhas em forma de navalha.

— Meu nome é Serennia, filha de Tasis, a primeira *döðskamp*, e de Naimé, o primeiro *huldre elver*. Todos — estendeu o braço para abranger os outros —, somos seus filhos.

— É uma híbrida de um elfo e uma Agonia. Nerthus deixou-os aqui presos porque são extremamente poderosos e — murmurou Thor, olhando-a profundamente, lendo seus pensamentos — Porque, ao nascer, quebraram as leis do equilíbrio.

Serennia bateu os cílios com surpresa. Fixando seus intensos olhos nos de Thor, gesto que incomodou muito a Jade.

— É um leitor de almas? — quis saber Serennia.

— Sim —murmurou Jade — Um leitor MP3, JPG, MOV, PNG... Lê tudo. Inclusive mentes tão arrogantes como a sua.

Thor tomou ar e, sem se acovardar, prosseguiu:

— Ouço-os perfeitamente. Estão fartos de ficar presos, e não viam a hora de que alguém entrasse em sua *hule*, tomasse o totem de Nerthus e os liberassem. Nerthus prendeu-os aqui porque eram produto de um desacato direto à sua Lei. Os *huldre elver* e as *döðskamp* não podem nem se ver, odeiam-se. Os elfos puros os temem, e nem sequer podem se olhar nos olhos. Mas vocês são produto do amor de um casal assim. Nerthus fez seus pais desaparecerem e decidiu escondê-los para que ninguém soubesse de sua existência. Mas, em vez de matá-los, perdoou-lhes e utilizou-os para seus interesses em troca de que prometessem fidelidade àqueles que um dia chegassem a seu esconderijo e elevassem o totem entre suas mãos.

Serennia arqueou sua sobrancelha negra e sorriu com desdém.

— É muito inteligente, guerreiro — disse, com um tom cheio de desejo, acariciando sua coxa com seus dedos.

Sua voz se tornou melosa até o ponto que seduziu o próprio Thor, e ao mesmo tempo esquentou Jade, que não entendia como reagia desse modo à voz de uma mulher.

— É filha de uma *döðskamp*, uma Agonia. São dísis da sedução — tranquilizou-a o vanirio, resistindo a seus encantos, ao mesmo tempo que lutava contra a dor e o veneno da serpente do Svartálfar — Deixam os homens loucos. As Agonias puras fazem isso de maneira inata, é sua maneira de obter energia. Estes podem fazê-lo à vontade. Ao ter sangue de elfo, podem controlar seu poder, ou, no caso de usá-lo, podem aumentá-lo ainda mais.

— Sim. Não há segredos para você, hein? Me chateia — reconheceu Serennia — Uma pena que esteja morrendo — resolveu, sem lhe dar muita importância — E você, olhinhos verdes? — dirigiu-se a Jade. Suas pupilas se dilataram e o brilho rosa de seu olhar se pronunciou até enfeitiçá-la. Sem deixar de tocar Thor, elevou a outra mão, agachada na frente deles, e a pousou sobre a bochecha da bela guerreira morena —. O que me diz você? Apesar de seu aroma... Você gostaria que te mostrasse o gosto de ser tocada por uma mulher Alfkamp?

Nesse instante, um estrondo ensurdecedor reverberou nas paredes daquela gruta tão pouco iluminada. A surpresa fez com que Jade deixasse de prestar atenção em Serennia.

— Ups! — exclamou a Alfkamp — Agora mesmo esta parte do mundo está sob a água. Uma onda enorme a engoliu. Afundamos... — começou a rir.

Jade não escutou-a. Esforçou-se para acostumar-se à pouca claridade e percebeu que a gruta não era nada estreita. Seu teto era uma cúpula ovalada de pedra maciça com uma abertura natural no centro, através do qual aparecia a lua. Uma lua clara, nítida e enorme, a ponto de ser plena. E não compreendeu. Porque, no exterior, não se via a lua.

— São os dons dos elfos. Podem ver o que eles queiram. Este é um espaço que responde somente às suas leis. É como o *hule* de Fulla — sussurrou Thor.

Mas a berserker não ouvia nada. Estava presa na surpreendente lua sobre eles. A cabeça de Jade se inclinou, como um animal enfeitiçado por completo pela luz prateada que irradiava a Rainha da noite. Ficou olhando-a durante horas. Uma estranha sensação a banhava de cima a baixo, esquentando seu corpo em grandes ondas.

Fechou os olhos para recordar...

— Ah, não... — disse a elfa, afastando-se dela — Não, não, não... — negou repetidamente, sem deixar de olhar para Jade — É um lobo? Tenho pavor dos lobos.

Jade então reagiu a toda pressa, agarrou a garota pelo pulso e a puxou de novo para lhe mostrar as presas. Ignorava quantas vezes tinha feito esse gesto desde que Thor a encontrou.

— Me escute bem, garota — um rugido saiu do interior da garganta — Acabaram de ferir meu companheiro com uma serpente dos elfos escuros. Não posso curá-lo completamente com meu sangue. Tem que eliminar o veneno. Não me importa que merda seja, mas não sai daqui sem antes ajudá-lo. Tem sangue de Agonia, mas também tem de elfo. Vocês conhecem milhares de remédios. São curadores.

— Não... não me toque — sussurrou, inquieta.

— Não só a tocarei — advertiu-lhe, deixando que seus olhos se tornassem amarelos — Se não salvá-lo agora mesmo, a perseguirei por toda sua vida. Os lobos são obsessivos e têm ideias fixas.

— Só podemos obedecer àquele que tomar o totem entre suas mãos. É uma ordem direta de Nerthus, um feitiço que nos lançou para assegurar-se de que não intercederíamos em nenhum assunto do Midgard nem usássemos nossos poderes no exterior. Nem sequer posso usá-los contra você ainda, e eu adoraria jogá-la contra a parede.

Jade apertou com mais força o pulso.

— Se pegarmos o totem, farão tudo o que dissermos?

— E os seguiremos aonde for. Demos nossa palavra. E nossa palavra é Lei.

— Jade — Thor lhe falou do chão. — Ajude-me a me levantar e me leve até a tumba de pedra. Se apresse — ordenou —, sinto como o veneno queima meus músculos e anula minha mobilidade.

A berserker soltou Serennia a contra-gosto e virou para Thor, a quem obedeceu imediatamente. Passou seu musculoso braço por cima de seu ombro e o levantou para guiá-lo, arrastando os pés em frente à sepultura retangular e rochosa que estava rodeada de água. Não podia dar nem um passo a mais.

— De quem é esta tumba? Por que guardaram o totem aqui?

Thor se apoiou na parte superior e passou as mãos para limpar a poeira acomodada de tanto tempo que ninguém se incomodou em contar, dias, anos ou séculos, ainda mais tendo em conta o quão diferente era o passar dos segundos em um *hule*.

Ária revooou entre os dedos de Thor, lhe dando luz para que pudesse passar as pontas dos dedos pelas inscrições rúnicas escritas em futhark antigo sobre a sepultura. Era a língua dos deuses. E, tanto Thor como Jade tinham aprendido junto aos seus, em outra época.

Thor se afastou da dor de seu corpo e de sua perna, isolando-se como pôde, e escutou todos os pensamentos dos Alfkamp, que silenciosamente, diziam-lhe o que precisava saber.

— Sob os alicerces deste castelo, esconde-se a tumba real de um chefe viking enterrado em seu *drakkar* — leu as inscrições, suportando uma nova agulhada de dor — Foi um guerreiro pelo qual Nerthus sentiu um grande apreço. Um humano. Era bravo e valente. Não temia a nada. Era um gauta, confundido com um jotun — murmurou Thor — Ele... ele... ofereceu seu Reino e a si mesmo ao Rei da Dinamarca em troca de que os dinamarqueses os protegessem do ataque do Rei Alrik... O nome do chefe viking é... Gestumblindi.

Thor estava a ponto de desfalecer, mas Jade o sustentou entre seus braços, pedindo que continuasse.

— Thor — se angustiou, assustada — Por favor, por favor...

— Leia — pediu o vanirio fechando os olhos e apoiando-se em seu ombro — Leia você. Já não enxergo.

Ela tentou manter a calma. Thor não via? Não podia ser...

— Sob o Ladbyskibet se guarda o corpo do viking que amei — leu Jade, em futhark, franzindo o cenho — O que foi que ele entregou ao Rei Alrik?

— Já foi dito... — disse ela, observando Thor.

— Não foi seu reino — cortou-lhe Thor — Não foi seu reino.

— Por que não?

— Porque, quando um homem entrega a si mesmo e a seu reino em benefício de outros, entrega algo mais que propriedades. Libera-se de algo que o impede de fazer o melhor — sem ar para respirar, Thor pronunciou sua conclusão enquanto caía ao solo —: se liberou do orgulho. É... o orgulho.

O vanirio desabou sobre o chão, e a água que o cobria salpicou por toda parte.

Os elfos ficaram sobressaltados ao contemplar como a tumba de pedra se abria por arte de magia, e uma incrível luz branca emergiu entre a fresta que cada vez se fazia maior, iluminando toda a gruta.

Quando a pesada pedra se abriu por completo, emergiu um capacete de ouro, levitando, cujas laterais estavam decoradas com pedras avermelhadas incrustadas, dois chifres curvos à frente, e uma crista de cabelo de cor granada, reta e alta, como a de um punk.

Brilhava de um modo divino e especial, como fazia tudo que era tocado por magia.

Quando Jade o capturou entre suas mãos, leu no interior outra inscrição que dizia que todo aquele que usasse o capacete seria imune aos ataques de seus inimigos.

“*Sou inacatável*”. Assim dizia o capacete.

Imune, pensou Jade para si mesma.

— De acordo — disse Serennia. Achava-se às suas costas, olhando-a com aprovação. Moveu-se tão rápido que nem a tinham percebido. — Se forem os escolhidos, nos rendemos a vocês. Estamos à sua disposição.

A jovem elfa de olhos rosas cravou um joelho no chão e baixou a cabeça em sinal de entrega e submissão. O resto do Alfkamps às suas costas fizeram o mesmo, jurando os proteger e os acompanhar aonde quer que fossem.

Jade deixou o capacete dentro da tumba, onde descansavam os ossos de Gestumblindi, e depois lhe ordenou com voz letal.

— Então, curem meu *mann* agora mesmo.

Instantes depois

Quando ele despertou, sentiu-se renovado. Às mil maravilhas. Como se nunca tivesse sido atingido por um bracelete dos Svartálfar. Não imaginava o quão dolorosa era sua mordida, nem como queimava pouco a pouco cada músculo e cada órgão vital, minguando a sua vítima.

Era uma arma horripilante. Sombria e demolidora, como seus proprietários.

Não obstante, a dor passou. Uma nova energia o havia possuído. Estava poderoso e capaz.

Abriu os olhos e viu que estava sobre um leito de musgo e hera. Na panturrilha havia a folha de uma planta verde que não soube reconhecer e que se enrolava ao redor de sua tibia. E cheirava muito forte, como um unguento poderoso de essências extremamente potentes.

Centrou-se nas mentes que compartilhavam espaço com ele, e então detectou a uma, muito próxima. De fato, estava de pé, apoiada à sua direita, com os braços cruzados e os olhos rosas cheios de paciência. Era Serennia.

Thor se ergueu para ficar sentado sobre o leito, com as pernas penduradas, olhando a Alfkamp com a mesma atenção que ela o fazia.

— Como está?

— Muito bem. Obrigado — respondeu Thor, levantando-se por completo — O que me deu? — estalou o pescoço, inclinando-o para um lado.

— Demos agárico para você. É nossa planta curadora. — Curadora, alucinógena e... algo mais? — Thor ouvia o que não lhe dizia.

Serennia mordeu o interior do lábio, estudando-o como se fosse uma criatura estranha.

— Deve ser desesperador estar com alguém como você.

Thor deu de ombros e elevou seus lábios em um sorriso depreciativo.

— Há coisas piores, acredite em mim. Jade se encontra está na tumba? — perguntou, de repente.

— Já sabe. Consegue ouvi-la, não?

— Por isso não me responde?

Serennia girou os olhos.

— Sim. Não saiu dali.

— Sabiam que a tumba que guardavam escondia um capacete?

Serennia negou, enquanto continuava analisando seus movimentos, sem separar-se da parede, como se fosse uma estátua.

— Nerthus é nossa deusa, não nossa confidente.

— Estou vendo — olhou a sala em que se encontravam. Tinha letras élficas nas paredes circulares — Viveu sempre aqui?

— Desde que nos prendeu, sim.

— Deve ter sido difícil... — murmurou, testando andar com sua perna machucada. Quando descobriu que estava totalmente recuperado, deu quatro voltas ao redor, a toda velocidade, levantando uma boa ventania, que despenteou ligeiramente a híbrida.

— Nossa... Isso foi bom. É rápido.

— Sim. Sou — o agárico fazia sentir-se forte e seguro, embora essas fossem qualidades que nunca deixou de ter.

— O que quis dizer com deve ter sido difícil?

— Serem considerados criaturas estranhas.

— Para de ler minha mente.

— Não falo pelo que diz a sua mente. Mas sim pelo que falam seus olhos tristes.

Isso a deixou sem fala, mas se recuperou rapidamente.

— O que seja. É a única vida que conhecemos — afastou o cabelo do rosto, na defensiva — Não sabemos se há algo melhor. Portanto, como podemos sentir falta de algo que não conhecemos?

Essas palavras mexeram com algo em seu interior, porque o fez pensar em sua filha Aileen, de quem não podia sentir falta porque não lembrava dela. Entretanto, sentia sim que faltava algo. Havia um vazio em seu interior. E provavelmente se preencheria quando por fim Aileen voltasse para sua memória.

Não obstante, ao sentir a tristeza da Alfkamp, embora ela se esforçasse em ocultá-la, pensou em sua filha, como se conectasse com ela de algum modo. Porque soube que assim que devia se sentir, como uma criatura estranha, já que ela era nascida de um vanirio e uma berserker. Uma híbrida, como a alfkamp.

— Tem uma estranha fixação com a lua, sabia?

— O quê?

— Jade. A loba de olhos mutantes... Desde que a recolhemos para te curar, não parou de olhá-la. Permanece ali, sob o raio e o clarão da lua. É um ímã para ela. Acho que cedo ou tarde começará a uivar.

Thor assumiu as palavras da Serennia como uma advertência. Ele já sabia. Sabia que esse momento ia chegar. Era uma berserker. A lua a afetava e fazia o sangue ferver, além de lhe revolucionar os hormônios. Não podiam lutar contra essas sensações. Do mesmo modo que os vanirios morriam pelo sangue de seus companheiros, os berserkers deixavam aflorar seus instintos mais passionais e poderosos na lua cheia.

— A lua que veem não é a do Midgard — concluiu Thor — Como fazem? É um feitiço?

Serennia negou com a cabeça.

— É a lua do Alfheim, do lar dos elfos da luz. No Asgard há muitas luas e estrelas, e esta é a que ilumina nossas noites. Abrimos uma janela para poder vê-la sempre que quiséssemos. No Asgard não detectam que a estamos vendo porque os *hule* da terra média estão ocultos para todos. Exceto para os Svartalfheim. Eles detectam nossas grutas, mas não podem entrar nelas se não localizarem as entradas.

— Entendo. Assumo então que saberão que os elfos escuros estão aí fora, não? — levou as mãos à cintura da calça para comprovar que a adaga estava em seu lugar. E depois fez o mesmo com sua espada jotun — Assim que sairmos daqui, irão atrás de nós. Há mais jotuns que nos atacam. Mas os Svartálfar...

— Os Svartálfar detectam as fadas e também sentem os totens. Sabemos toda a teoria que temos que saber. Nerthus nos deixou um livro. Chama-se *O compêndio dos Nove Reinos*. É um compêndio de seres mágicos. É o primeiro que temos para aprender as nossas leis.

— humm... Interessante. Se sairmos vivos quando acabar tudo isto, eu adoraria vê-lo.

— E se morrermos, será vítima das chamas. É uma pena. É um livro fascinante e precioso.

— Imagino. Você sabe lutar Serennia? — fechou parcialmente os olhos — Vocês são muito jovens.

— Somos elfos adolescentes, mas possuímos os dons e os poderes de atração de nossos pais. Faremos o melhor possível se tiver chegado o momento de ir à luta.

Thor reconheceu sua coragem e admirou a facilidade que tinham de assumir que aquela tinha sido sua vida; que isso, acompanhá-los e velar por eles, era sua missão, e que, possivelmente, morreriam por ajudá-los.

— São muito valentes. Agradeço por terem nos ajudado. De fato, não contávamos com reforços — Thor sabia perfeitamente que Nerthus tinha prometido a eles gozar da vida que não tiveram se acompanhassem os portadores do capacete à luta e sobrevivessem. E era tão difícil sobreviver...

Serennia fez um gesto afirmativo.

— No final dos dias, temos que lutar pela vida que queremos preservar. Nerthus nos prometeu que, quando saíssemos daqui, se ajudássemos a vencer no Ragnarök, ganharíamos a liberdade. E, acredite em mim, quando te digo que não pensamos em perder a oportunidade de comprovar se a vida fora destes muros vale a pena. Acompanharemos vocês até onde nos leve e lutaremos contigo. A pergunta é — elevou suas sobrancelhas negras, desafiando-o — Já sabe o que tem que fazer com esse capacete?

Thor prendeu seu cabelo negro com um rabo de cavalo e seus olhos lilás lhe disseram tudo o que precisava saber.

— Tenho uma leve ideia.

— Quando partiremos?

— Preciso estar um momento a sós com minha *cáraid*. Peça, por favor, que ninguém nos incomode. Deixem a sala da tumba. Preciso tirá-la do... feitiço da lua.

— Agora se chama assim? — espetou, rindo dele. Então, quando se separou da parede e caminhou, sedutora, até parar a um palmo de seu torso — Sou adolescente, meio elfa, e não vi mais do mundo além do que tive aqui. Mas — deslizou seu dedo indicador pelo extremo de sua garganta —, acontece que sou também meio Agonia, e ninguém resiste às mulheres Agonias. Conheço a energia do sexo muito melhor que você, embora não a tenha posto em prática. E sei que está desejando que essa loba crave as presas aqui — esfregou seu jugular — E... — sua mão se dirigiu ao sul e Thor a segurou pelo pulso.

Desta vez foi ela quem deixou Thor sem palavras, e só pôde desculpar-se por considerá-la uma criança. Era um perigo. E, se não fosse porque Nerthus a obrigava-os a obedecê-la, não teria receios em seduzi-lo e em abusar dele.

— Está bem, entendido. Minhas desculpas, Serennia.

— Desculpas aceitas — respondeu, satisfeita.

— Posso te pedir um favor, agora que deixou as coisas claras?

Serennia gostou que a tratasse com respeito, por isso respondeu com veemência:

— Me diga o que precisa.

Jade reconhecia a sensação de ardência e de pele arrepiada. Reconhecia o calor vulcânico em sua virilha e o frio que vinha a seguir quando não era

satisfeito. E recordava a experiência de observar a lua e ir à sua chamada; de ficar embevecida envolta em sua luz. E de entregar-se a seus instintos.

Em sua memória seletiva, via-se com Thor, corpo contra corpo, suando, entregues, mordendo-se... via-se cheia e satisfeita.

As lembranças a rasgavam, porque cada vez eram mais nítidas. E, com elas, a necessidade de voltar a sentir-se louca de amor por ele a desesperava e a desequilibrava. Quando saíssem dali, com o capacete entre as mãos, não teriam tempo para continuar conhecendo-se. Seria uma perseguição inclemente. Vida ou morte. Como iam ter espaço para tocar-se e arrancar mais lembranças do esquecimento?

A lua, quase cheia, dizia-lhe que tinha que aproveitar sua oportunidade. Que não podiam deixá-la escapar porque... E se não voltassem a ter uma noite assim?

Onde estava Thor e por que ela não podia deixar de olhar aquela bola prateada que estava no céu? Por que não a resgatava e a tirava dali e daquela hipnose profunda a que a tinham induzido?

De costas, recortada pelo raio de luz da lua que penetrava através do teto, Jade era como um animal sexy e selvagem. A roupa justa marcava suas formas, sua silhueta, suas nádegas... E seu cabelo solto pelo voo lhe chegava por debaixo das homôplatas, na metade das costas.

Thor fechou os olhos e inalou para encher-se dela. A berserker coçava por dentro, pedindo para sair. E Jade estava paralisada, porque temia mover-se e deixar-se levar, porque o animal nela não teria controle. Mas ele a ajudaria.

— Me diga o que lembra — disse a voz de Thor, às suas costas.

Jade sobressaltou-se ao escutá-lo, mas não se virou.

— Muitas coisas... Todas confusas. Deixam-me nervosa.

— Me vê ? — Thor olhou de esguelha o capacete de Nerthus, cujo brilho iluminava a sala natural com uma cálida luz dourada que contrastava com o raio azul e prateado proveniente da janela para o Alfheim. Se o Midgard não estivesse indo à merda, aquele lugar pareceria um sonho e o apreciariam como verdadeiramente merecia — Nos vê juntos?

— Vejo você, com suas mãos em cima de mim. Vejo-me... te fazendo coisas.

— Você adorava me fazer isso. — recordou, melancólico — Entende o que há com você, Jade?

Encostou-se às suas costas, com cuidado para não assustá-la, ou a berserker poderia arranhá-lo.

Jade estremeceu e sentiu que seu corpo se incomodava com a roupa tão apertada que vestia.

— Há uma besta em meu interior — murmurou, um pouco perdida — Não recordo como deixá-la sair. Não sei...

— Por isso estou aqui — murmurou, em voz baixa, colando sua bochecha na dela, roçando seus lábios seu pescoço — Porque as mulheres berserkers necessitam que as convidem para sair... a deixar ir.

— É uma sensação que não posso controlar. Rasga-me por dentro — voltou a tremer.

— *Mo ghraidh* — Thor girou seu rosto com doçura para que o olhasse nos olhos, e ficou louco de amor e de desejo ao ver seus olhos vermelhos, necessitados dele — Tem que parar de olhar para a lua. Olhe para mim.

— Tenho medo...

— Sei — assentiu, acariciando o queixo com o polegar, puxando seu lábio inferior para ver como as presas inferiores se alongavam para ele — Mas será como nossa primeira vez na lua cheia.

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

— Eu adoraria poder me lembrar. De verdade que sim, mas não posso. Não controlo minhas lembranças ainda. Não sei o que faço e não sei como me sentir — pediu-lhe ajuda, clamando pela compreensão que contemplava em seus olhos lilás.

O coração dele encolheu, e quis gritar, morto de dor por eles, pela injustiça que cometeram contra seu amor. Quase tinham-nos destruído.

— Tem a lua em seu interior, meu bem... Deixa que ative sua maré — deu-lhe um beijo doce no canto da boca.

Jade o observava sem piscar.

— Confia muito em mim — disse ela — Agora mesmo, o que sinto não é muito benevolente. Arde, queima e...

— Conheço seu fogo. Deixe que arda — animou-a — Nos queimemos, lobinha.

Foram essas palavras exatas que a fizeram reviver essa mesma sequência em momentos e lugares diferentes.

“Nos queimemos, lobinha”.

Seus olhos lilás sobre os dela, suas mãos seguras marcando-a e contendo-a. Ele sempre a agarrava, nunca a deixava cair. Sempre seu rosto, sua voz... Porque Thor era o único que podia controlar seu animal. Porque era com ele unicamente que tinha estado. E porque, embora as peças encaixassem a conta gotas, não precisava montar todo o quebra-cabeça para deixar-se levar por suas emoções e pelo que sentia nesse momento.

E, nesse instante, só sentia a ele e a lua.

— Criaremos uma nova lembrança juntos. Uma que possamos nos lembrar quando tivermos que dizer adeus.

Thor cobriu a boca dela com a dele, ao ler seus pensamentos e encontrar uma luz ao final do túnel. Jade se lembrava dele, não de tudo. Mas, confiava nele, como antes, o suficiente para deixar-se levar sob o feitiço da lua.

Ela respondeu ao beijo, ainda trêmula. Segurou-se ao seu pescoço e saboreou seus lábios. Na realidade, gostava de mordê-los. Não sabia de onde tirava essa necessidade de machucá-lo, de ser agressiva, e isso a deixava nervosa.

— Solte o animal, preciosa — urgiu Thor, para a animá-la — Deixe que acaricie à mulher e à loba.

— Você quer me derreter — Jade lhe dirigiu um olhar velado.

Ele riu, e a segurou nos braços.

— Solte-a. Ela se dá bem comigo.

Depois de dizer isto, os pés de ambos deixaram de tocar o chão. Ela olhou para baixo, e se deu conta de que estavam voando, ascendendo muito lentamente até o clarão do teto, banhando-se no raio de prata, como se fossem abduzidos por uma lua necessitada deles.

E então, escutaram-se umas vozes angelicais entoando a letra de uma canção. Uma linda canção.

*We must have been stone crazy
when we thought we were just friends,
'Cause I miss you, baby,
And I've got those feelings again.
I guess I'm all confused about you...*

*I've been thinking about you
I've been thinking about you*

(Devíamos estar loucos
Quando pensamos que éramos só amigos
Acho que estou super confuso sobre você
Estou com essa sensação de novo
Acho que estou super confuso sobre você...

Estive pensando em você...
Estive pensando em você...)

Quando Jade escutou essa canção, perdida nos olhos de seu vanirio voador, foi como um autêntico flashback. Lembrou-se da primeira vez que ele cantou, nus, em sua casa no Kensington Palace Gardens. Recordou aquele lar perfeitamente. Estavam na sacada, depois de uma sessão de amor louco. Thor a cantou ao mesmo tempo que a balançava e se impulsionava sobre os calcanhares, para sulcar os céus só com os lençóis lhes cobrindo a pele, envoltos pela luz das estrelas, e ocultos de vez em quando pelas nuvens.

Desde então, adoravam essa canção. Era de um grupo chamado Londonbeat, que uma vez escutaram ao vivo.

Thor a cantava ao seu ouvido enquanto dançavam no ar, apaixonados, com o mundo sob seus pés.

Fizeram isso muitas vezes, e adquiriram esse costume.

Ela não pôde evitar emocionar-se e precisou lhe tocar as bochechas ásperas com urgência.

— Os Alfkamp têm vozes mágicas, como os elfos. Pedi a eles que cantassem para nós — disse Thor, emocionado.

Jade sorriu, maravilhada e agradecida.

— Menos mal. Porque sempre cantou muito mal...

Thor tomou ar pausadamente. Ia começar a chorar como uma criança.

— Lembra? — perguntou, esperançoso.

Jade assentiu repetidas vezes e se agarrou a seu pescoço, para beijá-lo profundamente enquanto as lágrimas salgadas se misturavam com a doçura de suas línguas reencontradas.

XVIII

Dinamarca

Quando seus lábios se uniram em um beijo úmido e ofegante, esfregando-se como se necessitassem um do outro para sobreviver, algo em Jade, em seu espírito, fez *click*.

Sentia a lua tão presente que brilhava através dela de dentro para fora. Mexia com ela, agitava-a e a convertia em um ser inquieto que não teria o suficiente só com a boca desse homem que lhe dava de presente essa canção através dos Alfkamp.

Abraçou-se com desespero a seu corpo, não por medo de cair, mas sim por medo de desaparecer pela intensa emoção que vivenciava.

Era ele.

Ele.

Um “Ele” enorme e conhecido, divino em sua totalidade. Thor, seu vanirio, estava ali com ela depois de anos e anos de separação e abstinência.

Talvez o tempo que restasse não fosse suficiente para recordar tudo o que eram, mas aproveitaria cada momento presente com fôlego, para deixar rastro e ser quem era nesse instante.

Thor cortou o beijo, ansioso por olhá-la de cima a baixo.

Jade era uma obra de arte que merecia os maiores elogios da beleza. Era suave, cheirava muito bem, suas curvas o atraíam como o mel aos ursos... E seus olhos, que o olhavam com fome, tornavam-se vermelhos e amarelos, bipolares, porque não sabia se deixava livre à fera ou se a mantia afastada.

Bom, nisso Thor a ajudaria, porque sabia perfeitamente o que a deixava louca.

Puxou-a pelas nádegas, segurando-a bem e roçou sua ereção contra seu sexo. Baixou a cabeça até seus seios, e os beijou por cima do macacão negro e ajustado.

Jade soltou o ar e o agarrou pelo rabo de cavalo para colá-lo a seu corpo.

— Lembro... — Foi uma afirmação — Recordo como era contigo na noite anterior à lua cheia. Lembro como era contigo na lua cheia.

Thor assentiu.

— Então, sei quem é, Jade. Aqui estou para te segurar — baixou o zíper da frente do macacão e expôs seus lindos seios.

Entretanto, antes de levar um de seus mamilos à sua boca, Jade o surpreendeu, o agarrando pelos testículos e apertando-o.

— Disse que nunca me tratasse novamente como fez na primeira vez — seus olhos, vermelhos e fixos o deixaram imóvel.

Thor, longe de acovardar-se, embora muito dolorido, sorriu como um trapaceiro. Essa era ela. Por fim estava ali com ele.

—Olá, *mo ghraidh* — saudou-a, aguentando, estóico, o mau trato que submetia às suas partes nobres.

— No que estava pensando, cretino?

Era a primeira vez que se sentia ela. Ela novamente. A loba de seu interior conectava com os aspectos de sua personalidade ocultos durante tanto tempo, e o ativava, despertando-a como o beijo à Bela Adormecida.

Com Daniel, nunca viveu uma lua cheia assim. De fato, além de sentir-se inquieta e de não dormir bem, passava essas noites presa em seu castelo, com tudo às escuras. E agora entendia o porquê.

Daniel não queria que ela experimentasse o que sentia nesse instante. Porque, embora lhe tivessem apagado a memória, havia instintos que alguém nunca esquecia. E esse, o de querer uivar à lua e devorar o homem que tinha diante de si, era um deles.

Mas não podia deixar passar a oportunidade de repreender Thor por suas ações.

— Pensava em você e em quão difícil ia ser fazer com que se lembrasse de mim — defendeu-se ele.

A loba exigia vingança, Thor sabia muito bem. Agora que começava a ser ela, não ia passar por cima de uma afronta como aquela. Estava em suas mãos fazer com que passasse o mau humor.

— E decidiu se aproveitar, presas? — perguntou, sem deixar de agarrar os ovos. Aproximou sua boca da dele e mordeu o lábio inferior, puxando-o com força.

— É óbvio — Thor segurou seu pulso e a afastou, virando-a no ar para depois colar-se às suas costas e sujeitá-la — Sempre farei o possível para te recuperar —afundou sua boca em seu pescoço e mordiscou sua carne — Está zangada. Mas pensa que, se não fizesse o que fiz, nem você nem eu estaríamos aqui agora — obrigou-a a olhar a enorme lua sobre suas cabeças.

Jade grunhiu, envolta em uma séria discussão interna que a colocava na obrigação de decidir se queria brigar ou se queria fazer amor.

Ao final, ganharam os dois.

Mexeu-se entre seus braços, e como não pôde soltar-se, decidiu fazer algo que debilitaria o vanirio. Entrelaçou os dedos com ele, enquanto Thor acariciava seus seios com sua mão livre, e então elevou sua mão direita até seus lábios e o mordeu no interior do pulso, bem ali onde tinha seu *comharradh*.

Ele fechou os olhos, morto de prazer, e encostou sua bochecha a dela. Jade recordou a primeira vez que apreciou de verdade ao provar seu sangue voluntariamente, sem necessidade de que ele atenuasse seu gosto. Foi em sua terceira vez juntos, a noite que em saiu o nó perene nos seus pulsos. Pensou que o sangue teria sabor de ferro, nada mais. De fato, ela, antes de conhecê-lo, considerava repugnante esse aspecto dos vanirios. Mas Thor lhe ensinou os benefícios de fazê-lo entre eles, e o quão necessário era para uma vinculação completa.

O que nunca imaginou foi que ela, sendo berserker, tornaria-se viciada no sangue dele. No seu sabor tão fresco. A sensação ao tragá-lo era muito parecida com a que se experimentava quando uma pessoa estava sedenta e tomava uma bebida gelada e deliciosa. E aquilo tinha fascinado-a sempre. E, mais que beber dele, o que de verdade a deixava louca era que ele se alimentasse dela.

Feliz por beber dele e por recuperar sua mente com nitidez, passou a língua entre suas incisões e o olhou por cima do ombro.

— Esse olhar — disse Thor, com os olhos lilás brilhantes e claros. Estava excitado — Conheço esse olhar...

Jade sorriu maliciosamente, empurrou-o com um golpe seco, e caiu ao chão de uma altura muito considerável. Caiu em pé, como se o salto fosse insignificante. Ela não era vaniria, não podia voar. Mas sabia cair como um felino.

Thor a observou do ar e também sorriu.

— Quer que te cace, lobinha? — perguntou ele, em voz baixa.

Jade passou a língua pelo canto dos lábios, úmidos de seu sangue, e depois afastou o cabelo com ar soberbo.

Thor quis gritar de alegria, porque os encontros entre eles sempre eram explosivos. Não havia nada melhor do que fazê-lo com uma loba. Porque era briguenta, guerrilheira, insaciável e podia jogar com ela o que quisesse.

O vanirio foi para sua mulher como uma bala.

Jade começou a correr com um sorriso nos lábios, mas Thor a alcançou em um instante, e juntos se chocaram contra a parede de pedra, repleta de letras élficas.

Os elfos continuavam cantando, alheios, ou talvez não, ao que estava acontecendo naquela sala. O que mais importava?

Thor a esmagou com seu corpo, e aproveitou para descer o zíper dela por completo.

— Isto que Nerthus a vestiu... Não é muito cômodo.

Jade negou com a cabeça, respirando com dificuldade ao notar a mão enorme de Thor penetrar por seu ventre e descer até seu sexo, cobrindo-o totalmente.

Ela observou-o através de suas curvas e espessas pestanas. Puxou-o pelo rosto e o aproximou dela para beijá-lo. Suas línguas se esfregaram com intensidade, mas com uma doçura subjacente em cada carícia.

— Arranque-me isso — ordenou ela, contra sua boca, tirando as botas altas como podia.

Thor começou a rir e negou com a cabeça.

— Quero estar nua.

— Não. Precisa dele para viajar logo — disse-lhe, deslizando sua roupa com delicadeza, fazendo-a escorregar por sua pele — Não rasgue.

— Desmancha-prazeres.

Quando a deixou completamente nua, Thor não pôde evitar emocionar-se. Era a primeira vez que tinha Jade, consciente, frente a ele. Desejando-o. Desejando-se como sempre faziam.

Ela o aproximou de súbito, puxando-o pela cintura da calça, e abriu as pernas para que ele se cobrisse entre elas, acomodando-se contra sua virilha.

Começou a baixar a calça, enquanto ele tirava as botas com uma ansiedade que não pretendia ocultar. Não usava cueca, assim seu membro nu se ergueu com orgulho diante dela, descansando sobre seu ventre.

Mas Jade precisava senti-lo por completo, assim tirou sua camiseta preta pela cabeça e, quando teve seu torso nu e musculoso a seu alcance, passou-lhe as unhas por cima, as arrastando pelos mamilos.

— Como pude ter esquecido isso? — disse desgostosa, consigo mesma, e ao mesmo tempo entusiasmada por voltar a estar com ele.

— Não esqueceu, preciosa — corrigiu-a, guiando sua mão de seu peito até seu pênis duro e grosso — Simplesmente, deixou descansar.

Ela piscou, contrariada. Nunca quis deixá-lo descansar.

— Faça-me esquecer toda a raiva, Thor — pediu-lhe rodeando seu sexo com os dedos, movendo-os de cima a baixo. Masturbando-o com lentidão e intensidade — Faça com que este reencontro valha a pena para os dois, que apague em um instante todo o esquecimento e os maus tratos.

Ele se apoiou na parede, com as mãos uma a cada lado de sua cabeça, e juntou sua testa à dela.

— Tudo vale a pena para nós, loba. Tudo. O mal — Por todos os deuses, seus joelhos tremiam. Sentiu tanta saudades dela... — E o bem.

— Então faça com que o bem supere todo o resto — rogou, pausando suas respirações — Faça.

Thor a transpassou com seu olhar ardente e então se deixou cair de joelhos diante dela, acariciando seu torso com seus lábios, seu abdômen, aquele ventre plano, e penetrando a língua sem descanso em seu pequeno sexo.

Jade tomou uma baforada de ar pela boca, e apoiou a cabeça na parede enquanto controlava Thor, que a estava saboreando com a língua, abrindo-a, mergulhando-se entre seus lábios externos e internos.

— Deuses... — murmurou ela.

Thor levou as mãos a seus seios, apertando-os. Com a boca, comia a Jade, que cada vez estava mais inchada. Ela precisava estar muito estimulada, era exigente, e ele também.

Afundou sua língua em seu interior, profundamente, e desfrutou ao sentir suas palpitações e como se abria e se distendia para ele. Quando viu que tinha todo o sangue concentrado no clitóris, decidiu que esse era o momento de fazê-la voar, e de que ele também o fizesse.

Mordeu-a ali, enquanto esfregava com sua língua o botão de prazer e recolhia o sangue que saía de suas incisões.

A loba gritou, abriu os olhos vermelhos e verdes desta vez, mutáveis, e viu aquela lua, que era diferente da lua da Terra. A do Midgard parecia sorrir, divertida acima de tudo com o que acontecia no mundo dos humanos. A do Alfheim os observava com seriedade, como se soubesse tudo o que ia acontecer, muito antes deles.

Seus olhos se encheram de lágrimas e ela balançou os quadris para frente e para trás, segurando com força as mãos de Thor que trabalhavam seus seios. Seus dedos se entrelaçaram enquanto ele bebia dela, como se unissem assim suas almas que uma vez, forças escuras e alheias a eles, quiseram separar. Mas não puderam.

Como separavam um nó como o seu?

Quando Thor deu o último sorvo, ergueu-se somente para olhar as lágrimas de sua companheira de vida, que caíam por suas bochechas. Secou-as com ternura, compreendendo perfeitamente. Sabia como se sentia, porque ele se sentia do mesmo jeito.

— Quantas coisas nos tiraram? — perguntou-se ela, com a voz entrecortada, segurando-o pela cintura para colá-lo a ela — Quantas coisas nos fizeram? — disse — E aqui estamos, nos amando, como se nunca tivéssemos deixado de fazê-lo.

— Isso é porque nunca deixamos de nos querer — sussurrou Thor, acalmando-a com suas carícias, passando suas mãos dóceis e benévolas por todo seu corpo — Podem apagar nossa memória. Mas, quem apaga o que se gravou no coração? — levou sua mão a seu peito, para que sentisse o batimento do coração poderoso e calmo — Isto é real.

Jade assentiu, comovida, não só por quão belo sempre foi seu guerreiro celta, mas também por quão formoso também era por dentro, inclusive mais que sua incontestável virilidade. Tomou sua mão livre e também a levou sobre seu peito.

— Porque é aqui que estamos, verdade? — perguntou, emocionada.

— E aqui é onde sempre estaremos — acariciou o dorso de sua mão com seu polegar.

Jade tomou ar de novo, renovando o oxigênio de seus pulmões, fazendo-se forte ante a adversidade, e querendo esse homem como sempre foi.

Tinha recuperado seu coração e seus sentimentos por ele. Mas ambos sabiam que lhes faltava uma parte importante para completar. Uma que tinha deixado um vazio que nada podia preencher, até que sua lembrança voltasse para eles.

— Thor.

— Fale, princesa.

— Continue me afastando do frio e me afastando do medo. Não deixe que a escuridão nos vença. Faça amor comigo. Sem reservas. Quanto mais de você tenho, mais eu mesma sou.

O coração dele expandiu no peito e explodiu em mil pedaços. Beijou-a com toda a necessidade dos anos reprimidos, com vontade de esquecer somente o mau e a infelicidade, e com o objetivo de plantar as sementes das boas lembranças, de recuperá-las dentro daquele disco rígido atrofiado do amor.

Thor a virou, porque a conhecia melhor que ela mesma. Sabia quanto gostava do que o fazia. Abriu-lhe as pernas penetrando seu joelho entre elas e uniu seu torso às suas costas. Então, guiou seu membro até sua entrada e a penetrou pouco a pouco, até introduzir-se nela por completo. Jade inclinou a cabeça para frente e encostou sua testa ao muro de pedra, apoiando suas mãos nele.

Era tão gostoso senti-lo de novo em seu interior. Parecia que nunca se separaram, que não tinham partido-os em dois. Eles sempre tinham sido um, indivisíveis, feitos um para o outro.

Os humanos não compreendiam que a força intrínseca desse tipo de amor tinha sobreposto os avanços na ciência e, por isso, quiseram analisá-los, por seus poderes e seus dons sobrenaturais, em vez daquela incrível capacidade que tinham de amar com a alma, apesar da distância, e inclusive da morte.

Thor guiou sua mão para frente, e procurou com seus dedos o clitóris de Jade, inchado e seperestimulado. Entrava e saía dela enquanto acariciava em círculos sua zona mais erógena e esfregava por dentro aquele ponto de prazer que a fazia explodir interiormente.

Ela mordeu o lábio inferior, e ele aproveitou para lhe afastar o cabelo do pescoço e deixar sua veia exposta. Então, mordeu-a e começou a beber dela, sugando com parcimônia, deixando que sua língua e seu paladar saboreassem sua mulher, e permitindo que seu membro se inchasse e sentisse o êxtase que lhe dava ao mordê-la.

Jade grunhiu e moveu os quadris de forma espontânea. Thor tomou como um sinal de que devia ir mais rápido, e isso fez.

E, de repente, aconteceu. Jade lhe ofereceu o *chi*. Essa essência que os berserker davam somente a seus companheiros e que era energia vital, emergiu

de seu corpo e os rodeou em um halo dourado de espiritualidade e carnalidade. Ele sorriu, feliz, ao ver que ela também sorria.

Assim devia ser sempre. Nunca ninguém devia romper aquilo. E o certo era que, apesar de tudo, não conseguiram, porque ali estavam dando o que era de cada um. E de ninguém mais. Para trás ficavam a dor e as torturas.

Esmagou-a contra a parede, encaixou-se nela e fez amor como um implacável êmbolo.

E então, ambos gozaram de uma vez, explodindo juntos. Tinham aprendido a fazê-lo, a ler-se, a captar e experimentar como se sentia o outro. E a desfrutar de do orgasmo ao mesmo tempo.

Quando o orgasmo os varreu, suas mentes se uniram, e Jade viu cada instante junto a ele. Do primeiro dia até sua chegada aos Bálcãs.

Viu sua vida em fotogramas. Como podia recordar tanto em meio de um orgasmo que durava segundos? Recordou os amigos que perdeu ali devido às caçadas da Newscientists. Mas nem tudo foi ruim. Nos Cárpatos foi muito feliz junto a Thor, e entendeu que os berserkers e os vanirios podiam trabalhar lado a lado perfeitamente. De fato, parecia que tinham nascido para isso, porque onde uns não chegavam, os outros alcançavam. Eram máquinas que se complementavam sem dúvida nenhuma.

Ali, nos Cárpatos, viviam em uma casa bastante discreta, mas não precisavam de mais. Tinham um jardim e uma parcela do bosque só para eles. Passavam os dias em harmonia, desfrutavam, inclusive, da companhia das pessoas do povoado, e tentavam protegê-los ao mesmo tempo que ocultavam sua verdadeira natureza. Mas as pessoas dos Bálcãs tinham muita intuição e sabiam, além disso, de bruxaria, conheciam as forças misteriosas que regiam a vida. Eles estavam convencidos de que berserkers e vanirios eram filhos dessas forças, embora nunca dissessem na cara deles.

E ali... ali foi também onde concebeu a sua filha Aileen. E onde deu à luz. Onde viveram com ela e a amaram como merecia, até que um dia, Samael e Mikhail a levaram.

Jade se deprimiu nesse instante, e começou a chorar sem controle.

Thor, que entendia perfeitamente como se sentia porque lhe acontecia o mesmo, abraçou-a. Saiu de seu interior e a tomou nos braços. Caminhou com ela até sentar-se na tumba de pedra, já coberta por sua tampa, e permitiu que o clarão de lua os iluminasse. Abraçou fortemente sua mulher e beijou a cabeça com carinho.

Os elfos, que pareceram sentir o mal-estar de Jade, calaram-se de repente e deixaram de cantar. E o silêncio se converteu em um grito dilacerador e em um protesto silencioso.

— Como posso sentir falta de algo que não lembro? — murmurou Jade, entre soluços. Levou a mão ao ventre, como se procurasse algo em seu interior — Do meu corpo saiu uma vida, uma menina que amei com loucura — porque não podia ser de outra maneira — Alguém seu e meu — levantou seus olhos chorosos

para fixá-los em Thor — A vi nas lembranças que leu de Daanna, da Ruth... de todos. É tão... tão linda. E parece tão valente.

— Como você, meu amor.

— Mas nos roubaram isso! — gritou — Não quero recordá-la por outros! Quero ser eu quem o faça. Era minha filha, droga! Minha! — bateu no peito com o punho.

Thor voltou a abraçá-la, tentando acalmá-la. Ele estava tão destroçado quanto ela. Seus olhos lilás também continham lágrimas sem derramar. Apoiou a bochecha sobre sua cabeça e deixou que a berserker chorasse.

As lobas eram mães muito protetoras. Jade odiava a sensação de não poder ter a sua filha junto a ela, e era um sentimento muito destruidor.

— Pare de pensar nisso. Não fracassou. Eu também não — Thor deixou claro — Encontraremos um modo de lembrar dela, Jade. Prometo.

Ela negou com a cabeça, fungando.

— Quando sairmos daqui nos perseguirão, *mo mann*. Não haverá tempo para o amor. Não haverá tempo para recordar... Só para salvar nossas vidas e, se pudermos, a de outros.

Thor permitiu que ela se apoiasse sobre seu peito.

— Sempre há tempo para o amor, minha loba. Sempre. Inclusive no momento mais bélico de todos, quando está lutando ao lado das pessoas que ama, é o amor que te move. Não o ódio. Foi o amor por você que me moveu sempre. Pensar em te proteger, em que nunca te acontecesse nada... Eu — pigarreou, afetado — ... eu também sinto um vazio em mim. E sei que é por causa ela. Aileen. A que não está aqui. Mas vamos recuperá-la — jurou, olhando a lua do Alfheim — Vou recuperar a minha filha, como recuperei você.

E assim, com esse juramento, ambos permaneceram abraçados, nus, sobre a tumba do guerreiro viking que se apaixonou por Nerthus em segredo, a quem deu um capacete que convertia em imortal aquele que o usasse.

Os dois sabiam o que tinham que fazer com ele. E assim que se recuperassem daquela montanha russa de emoções em que estavam mergulhados, partiriam junto aos Alfkamp que lhes tinham jurado fidelidade.

Para lutar.

Para viver ou para morrer.

Mas, completos.

Em algum lugar perdido dos Nove Mundos

O mar era infinito. O espaço misterioso. E seu navio, Hringhorni, avançava naquele universo, sem um rumo marcado, deixando-se levar pela tranquila maré morta daquele abismo sideral.

Tinham perdido a noção do tempo.

Noah Thöryn, o Balder de Asgard, capitaneava seu navio, o mesmo que lhe tinha servido em um momento de sua história como pira funerária. Uma história que ele não viveu, já que seu pai Odin se encarregou de modificar ao mudar o passado para melhorar seu futuro.

Seus olhos amarelos permaneciam fixos naquela tela que mostrava sem suavizar, nem meias verdades, a crua realidade do Midgard. Suas runas, marcadas por quase todo seu corpo, falavam de quem era, de sua história, e se iluminavam sempre que Nanna as olhava fixamente.

Esse mundo de humanos, o mesmo que considerava sua casa, estava sendo consumido, do Norte ao Sul, do Leste ao Oeste, pelas forças malignas de Loki.

O Vigarista estava destroçando-o, e logo já não restaria nada.

Se unissem os quatro pontos cardeais e os fizessem confluir em um ponto concêntrico, esse ponto estava localizado em Gales, onde acontecia uma batalha final mortal, que eles não podiam participar porque não estavam nesse plano.

Dali, dessa janela ao Midgard, Noah, Nanna, Cahal, Miz, Caleb e Aileen olhavam, impotentes, o que acontecia lá embaixo.

Litr, o anão, trabalhava na nau, assegurando-se de que tudo estivesse bem e procurando na proa algum tipo de portal, ilha em que pudesse atracar ou forma de vida com quem pudesse contatar. Mas, suas tentativas de encontrar algo ou alguém, não davam em nada. Estavam sozinhos.

Nanna apoiou a mão sobre o ombro de seu homem e olhou com seus olhos castanhos o que ele estudava com tanto afinho, tomando silêncio a seu lado, até que ele disse:

— É frustrante ver o que está acontecendo e não poder fazer nada.

— Sei — respondeu a quem tinha sido a valkyria que recolhia os mortos em batalha. Passou sua mão pelo rabo de cavalo loiro, quase branco, de Noah e o puxou com suavidade — Mas, não percamos a esperança. O Midgard continua vivo — assinalou.

— Não por muito tempo — respondeu Cahal, lhes dando as costas, de braços cruzados, estudando com aparente serenidade o exterior do mar coberto de névoa que os rodeava — Estamos em uma dimensão que desconhecemos, esperando que algo nos apareça para poder retornar. Não podemos ajudar, e isto é uma merda. Meu irmão e minha cunhada estão lá embaixo, arriscando a vida. Odeio a passividade. Deveríamos estar lá ajudando-os.

Miz, sentada em uma espécie de escrivaninha que havia naquela sala de operações, fazia conjecturas e fórmulas sobre as opções que tinham de retornar. Seu druida via os ormes e agia com eles. Se houvesse algum portal aberto na terra, Cahal poderia levá-los de volta para casa, com risco de desaparecer para sempre, opção que ela já tinha desprezado por completo, pois não pensava em perdê-lo nunca mais.

O problema era que as portas entre os mundos, os buracos e a matéria escura tinham desaparecido e não se podia viajar através delas. Por isso estavam

em uma realidade que desconheciam. Não havia vida ali. Absolutamente nada. Era como um mar dos mortos, apesar de que não havia nem uma alma.

O Midgard se converteu em um búnker do qual ninguém podia sair nem entrar, a não ser que se destruísse, e com seu desaparecimento a natureza dos nove mundos mudaria, passando de nove a oito. Ao ser oito, todos os portais se abririam com a modificação das leis. Mas, se isto acontecesse, nada valeria a pena, porque então, o mundo de Miz teria morrido para sempre.

Mesmo assim, apesar das possibilidades nulas de vitória, Miz continuava divagando, procurando chaves e fórmulas para poder abrir um portal de qualquer jeito.

Tinha falado com o anão Litr para perguntar se o Hringhorni possuía Ósmio. Porque, se tivesse, aproveitaria as peças para poder construir um pequeno acelerador de partículas. Ela era muito capaz, uma gênio. Mas Litr tinha negado. O navio de Balder era mágico, o maior jamais construído, destinado a ocultar e honrar o corpo do Deus Dourado como se se tratasse de um faraó. Mas era feito de materiais existentes só em Asgard, e era um navio de guerra.

Miz esteve analisando esses materiais com atenção, comprovando sua consistência, e sabia que eram elementos não existentes na tabela periódica, mais densos e pesados que os que ela necessitava para absorver a energia do acelerador. Não lhe serviam.

— As realidades do universo se fecharam a sete chaves — explicou a loira cientista, convertida em vaniria por seu *cáraid* Cahal McCloud — Nada é como pensamos que deve ser — apoiou o queixo em sua mão e mordiscou a unha do polegar enquanto observava o horizonte branco e sereno — Matematicamente, tudo deveria ter uma solução exata. Encontrar uma fórmula para cada problema, uma variante, algo... Mas aqui — observou o interior do navio e o mar que sulcavam ao mesmo tempo —... é tudo confuso. Como se não houvesse leis. Poderíamos estar em um buraco de verme, em uma realidade paralela, em um mundo desconhecido ou em uma área de matéria morta. É difícil encontrar uma explicação para isso.

Cahal desviou os olhos azuis para o rosto de sua mulher e sorriu divertido, ao ver os esforços que fazia para compreender aquilo.

— Vai sair fumaça da sua cabecinha, loira — ele disse, olhando-a com adoração.

Miz arqueou uma sobrancelha e lhe mostrou a língua, zombadora.

— Tenho que fazer algo. Temos que sair daqui — reclamou — O que foi que seu pai disse, Noah?

Noah continuava muito sério, olhando a janela ao Midgard.

— Que meu navio foi feito para lutar e que nada nem ninguém pode demoli-lo. Que, quando perdermos a esperança e pensarmos que o fim se aproxima, devemos elevar os olhos ao céu escuro e então acharemos a única estrela em pé. Ali estariam eles.

Miz, Cahal e Nanna estudaram o céu através das grandes janelas do navio. Sem dúvida era um céu escuro, sem nenhuma estrela. Escuro. E fazia um tremendo contraste com aquele mar esbranquiçado coberto de névoa.

— Com todo meu respeito — murmurou Cahal — Mas, que demônios Odin espera que façamos? Olhar para o céu e rezar?

— Eu mesmo me pergunto isso — replicou Noah — Isto me deixa tão nervoso como você.

— Ainda tem fé? — perguntou-lhe Nanna, entrelaçando seus dedos com os dele — Seu pai é Odin. Acha que ele mentiria para você em algo assim?

Noah deu de ombros e respondeu:

— Mentiu para mim em tantas coisas, Nanni, que não ficaria surpreso que o fizesse de novo nisto. A única coisa que sei — explicou, acariciando o anel Drupnir que Odin lhe deu, com o qual ativou o navio— É que eu conheci somente um pai. E esse homem era Ás Landin. Ele me criou como um filho, e ele sim arriscou sua vida por mim. Agora Ás morreu... — murmurou, assolado pela dor — E Maria... E eu, que se presume que tenho que liderar uma rebelião, estou a salvo, em um buraco do qual não posso sair, enquanto todos meus amigos morrem lá embaixo — disse, com raiva — Que tipo de líder eu sou? Meu irmão Adam está lá. —Contemplou, sem palavras, como o círculo que completava a Terra se rachava em instantes — E meus sobrinhos Liam e Nora. E minha amiga Ruth... Como acha que me sinto ao ser imprestável na guerra? Como acha que me sentirei se um só deles morre sem que eu possa defender?

Nanna compreendia perfeitamente. De fato, todos faziam.

Ela tinha a suas irmãs valkyrias abrindo as asas nesse campo de batalha junto a seus einherjars. Cahal tinha seu irmão Menw e a seu sobrinho ainda no ventre, pois a Escolhida estava grávida. Todos tinham alguém a quem chorar e a quem perder.

Então, nesse silêncio meditativo e culpado, Aileen entrou na sala de operações com o Caleb pisando seus calcanhares. Estava com o cabelo pret solto e úmido por ter estado no exterior, contemplando um interminável nada. Seus olhos lilás continuavam inchados de chorar. Tristes, porque para ela a perda tinha sido atroz.

— Tem que parar de fazer isso — Aileen repreendeu Noah, colocando-se a seu lado — Se quero sentir, preciso sentir, compreende? Não pode agir assim com minhas emoções e fazer com que me sinta melhor. Está fazendo isso com todos.

Nanna olhou de esguelha para Noah, recriminando-o que fizesse isso. A empatia de seu berserker/Deus do Sol era descomunal e, às vezes, agia nos outros quase sem dar-se conta.

— Desde que é deus está descontrolado — disse Nanna, desculpando-o.

— Não me importa que o faça comigo, cara — disse Cahal — Me ajuda a ficar tranquilo.

Caleb elevou o canto de seus lábios e desenhou um sorriso cômico. Agradecia o gesto de Noah com sua mulher e com seu amigo, porque odiava

sentir Aileen tão triste e Cahal tão preocupado com Menw. Ele podia aguentar a tensão e os remorsos, porque tinha crescido na dureza e na adversidade de sentir-se culpado. Era muito forte.

— Pois que o faça com você, bonitão — recomendou Aileen — Talvez outros não notem tanto, mas eu sim — recordou a jovem — Sou híbrida. Vaniria e berserker. E minhas emoções viscerais são as únicas que tenho.

— Sinto muito, Aileen — desculpou-se Noah, sinceramente, fazendo com que todos prestassem atenção nele. — Às é seu avô. Era — se corrigiu — Mas foi meu pai durante muito tempo... E, sentir o que sente, faz com que eu fique muito agitado.

Ela ficou em seu lugar. O loiríssimo Balder, que seria Noah para eles por toda a eternidade, mudava o estado de ânimo das pessoas e as ajudava a sentirem-se melhor. Embora, certamente, não se atreveria a tocar no humor de Nanna, porque a valkyria certamente o torraria com um de seus raios.

— Sinto muito por estar assim. — Reconheceu Aileen, mais tranquila, acariciando-lhe o braço diante do olhar atento de Caleb — Mas assim é como deve ser, não de outro modo. Deixa que eu passe pelo luto. Nunca o fiz por meus pais. Permita-me chorar por Às e por Maria como merecem.

No queixo de Noah palpitou um músculo de frustração, mas no final aceitou, assentindo solene com a cabeça.

— Como quiser, Aileen — ele disse —. Mas fique lá fora, onde estava — pediu — Aqui dentro suas emoções me afetam muito.

Nanna sorriu para a híbrida, concedendo seu apoio silencioso por conseguir o que queria, embora fosse para sofrer e chorar aos que amava.

— Precisa de algo, Aileen? — perguntou Miz, com sinceridade, afligida pela tristeza de sua amiga — Este navio tem uma adega em que o hidromiel e a comida não se acaba nunca — explicou — Podemos levantar o cotovelo — assobiou, fazendo o gesto de beber.

Aileen sorriu ao ver a naturalidade de Miz, e também seu pouco tato, o que a fazia ainda mais divertida. Ossinhos era uma mulher da ciência.

— Obrigada, Miz — falou — Ficarei bem — disse, saindo da cabine.

Caleb ficou olhando as costas de Noah, e este lhe disse:

— Sinto muito, cara. Fiz o que pude — disse, sem olhá-lo.

Caleb sabia. Pediu a Noah que ajudasse a diminuir a dor de Aileen, mas a híbrida, que estava hipersensível, notou em seguida.

— Obrigado de todas as maneiras, Noah — respondeu, em dívida com ele.

Cahal franziu o cenho e um olhou para o outro, como se a qualquer momento fossem se beijar.

— Ficar tanto tempo aqui presos não é bom — murmurou o *magiker* passando a mão pelo rosto. — Eu gostava mais quando não deixávamos de lançar farpas um no outro. Era mais divertido.

Caleb observou seu amigo e lhe soltou um impropério. Depois, virou-se e foi para o lado de Aileen, que precisava chorar e ficar sozinha.

O problema era que ele não era capaz de abandoná-la nem um instante.

Sua *cáraid* estava sentada na ponta do navio. Não gostava que estivesse tão na beirada. Poderia cair.

— Estou bem — advertiu ela — Mantenha seu pitbull superprotetor bem preso.

Caleb a olhou de cima a baixo.

Essa garota sempre teve tanta coragem... Era tão valente e atrevida... Isso foi o que mais gostou dela. Que, apesar de enfrentar a um cara milenar como ele, capaz de quebrar seu pescoço com um estalar de dedos, ela fazia e dizia o que acreditava justo, sem importar as consequências.

Já não temia a nada. Era leal, lutadora, fiel, amiga de seus amigos e amava com o coração todo, com risco de que alguém a machucasse.

— Tudo bem — Caleb elevou as mãos em sinal de rendição. Então, sentou-se a seu lado para observar junto a ela o abismo que os acompanhava e que era como uma oitava pessoa a bordo — O que posso fazer por você?

Aileen acariciou sua bochecha com um amor profundo e incondicional.

— Faça o que sempre fez. Permaneça a meu lado, embora seja uma companhia desastrosa agora mesmo.

— *Mae*, princesa.

Caleb colocou a mão sobre sua coxa, com a palma para cima, pedindo que entrelaçasse seus dedos com os dele.

Ela o fez, e assim ficaram durante muitíssimo tempo, em silêncio, com a única companhia de suas almas, suas lembranças e o mar sem fluxo, aberto, assim como era o caminho para que Loki acabasse com todos os que eles amavam.

Parecia que tudo ia continuar assim, até que um estranho fulgor os alertou e fez com que ambos virassem de repente para descobrir de onde vinha.

E resultou que não vinha do céu escuro. Vinha da linha que delimitava o horizonte daquele eterno oceano.

XIX

Alfheim Sala dos Totens

Freyja adorava o lar dos elfos da luz.

Em Vidbláin, o terceiro céu sobre o Andlang, habitavam os elfos da luz em seus impressionantes castelos e fortalezas rodeadas de natureza, estreitos rios e impressionantes mananciais. Sua terra era rica em mistérios e magia, inclusive suas origens eram antigas e se mantinham ocultas ao conhecimento popular.

Os elfos da luz estavam do lado de Odin e seu plano com os humanos, entretanto, não tinham por que obedecer suas leis, já que seu território era um lugar politicamente independente das normas Aesir.

Porém, com os Vanir era outra história.

A magia Vanir e a dos elfos se parecia, e mais ainda quando a deusa Resplandecente decidiu lhes ensinar a arte seidr. Por isso os elfos consideravam Freyja como uma de suas Rainhas e os Vanir como a origem de tudo. Porque estavam em dívida com ela. E com Frey, o possuidor da espada poderosa e invencível, que consideravam como seu Rei, a quem chamavam Yngvi, por ser um Deus sensível e belo, de acordo com a elegância e a compaixão daqueles de sua raça.

Odin, embora fosse o Pai de Todos, consideravam um líder autoritário e rude, que deviam respeitar. Um Rei, sim. Mas não o deles.

Lidam guiava Odin e Freyja pelos corredores labirínticos do museu dos Totens dos deuses, cujo teto era uma cúpula de cristal pela qual se via o céu de Alfheim que se refletia no chão de mármore. Cada vitrine estava separada por colunas circulares de pedra, hera e brilhantes de todas as cores. Os elfos da luz protegiam com zelo cada tesouro divino que ocultavam aqueles suntuosos aparadores, e em cujo interior repousava solene uma estátua do Deus ou Deusa a quem representava o objeto.

Antes de entrar, Lidam lhes pediu com educação que tirassem seus capacetes de guerra em deferência ao lugar sagrado que pisavam.

Freyja, desejosa de ver qual dos Totems faltava, caminhava silenciosa, pensando em sua mãe, querendo entender o quê tinha feito e como. Nerthus seria capaz de ter um último golpe preparado? Por que não lhe dissera nada?

— Estão todos os objetos que os anões forjaram para vocês — explicou Lidam, passando o inventário — Na sala norte, seus animais permanecem bem alimentados, para que estejam fortes quando Heimdal soar sua trombeta.

Os elfos estavam muito seguros de que esse dia ia chegar. Eles somente esperavam esse som para descer ao Midgard, mas Freyja duvidava de que soubessem de verdade qual era a situação do Midgard e a sua própria. Se soubessem, certamente não falaria com tanto otimismo.

— O único problema que tivemos — explicou Lidam — foi o triste acontecimento recentemente, quando um seguidor e descendente do Vigarista se fez passar por Freyja para entrar em Asgard, acessar à sala do Alfheim e levar a espada de Frey — pigarreou ao notar como fazia Odin se sentir incômodo. Já que era sabido em todo o Asgard que esse suposto descendente do Vigarista se deitou com o Odin para poder acessar a sala dos totens e levar Gungnir também.

Freyja sorriu olhando diretamente para Odin.

— É muito fácil, Caolho. Vê alguém que se parece comigo e desce as calças.

— Cale-se de uma maldita vez, frívola.

— Felizmente, a espada de Yngvi foi devolvida a seu lugar e agora está entre nós, de novo, de onde nunca deveria ter saído. O mesmo destino teve Gungnir — admirou a lança que Odin carregava e da qual nunca se separava — Depois disso, — continuou Lidam —, ninguém acessou novamente este lugar. Pois permanece completamente fechado e fizemos com que suas vitrines só se abram quando soar a trombeta de Heimdal, respondendo exclusivamente a seu som. Nunca antes. Então, todos os deuses tomarão seus totens e irão à guerra com eles.

Atrás das majestosas vitrines de cristal se ocultavam armas, carruagens, lanças, joias, cofres e objetos de todo tipo, alguns brilhantes, outros mais rústicos e agudos, e uns tão grandes que precisavam de salas só para eles. Todos eles pertencentes aos deuses existentes do panteão Aesir e Vanir. Ali repousavam todos, na armaria dos elfos da luz. Exceto os mais apreciados e portáteis, que os

deuses levavam consigo porque eram incapazes de separar-se deles, ciumentos de que alguém os manipulasse, como por exemplo Gungnir, a lança de Odin, necessária para marcar todos os guerreiros berserkers e einherjars.

Freyja analisava cada vidraça de cristal para verificar se não falatava algum.

Lidam ia explicando um a um, descrevendo o que iam vendo e a quem pertenciam. Obviamente, Odin e Freyja já sabiam, mas para Lidam, informar e servir de guia era sua obrigação.

E então, deteve-se o chegar ao capacete sagrado da mãe da Vanir.

— O *Uoervinnelig* — disse Lidam, estendendo a mão para assinalá-lo — Feito com as crinas dos javalis sacros da Deusa da Terra e mãe dos elfos do Midgard. Rodeado do metal com o qual se criou a ponta da lança do Gungnir. Este capacete tem a virtude de converter em imortal aquele que o usar. O portador não poderá ser ferido por nada nem ninguém.

O capacete repousava sobre as pernas de uma estátua de pedra que era idêntica à sua mãe. Freyja a admirou porque era como estar diante dela. Podia imaginá-la com seu esplêndido cabelo vermelho, exuberante, e aqueles olhos que capturavam e enfeitiçavam aos mais fracos. E animava aos valente, a fazerem loucuras. Ela tinha os olhos parecidos com os de sua mãe, só que de outra cor.

Diziam que Nerthus era uma deusa cruel. Mas ela não a via assim, porque era sua mãe e porque a conhecia e tinha aprendido muito de seus valores; ensinamentos que ela logo quis transmitir às suas valkyrias.

As deusas deviam ser autoritárias e ter um ponto de soberba e agressividade para que ninguém risse delas ou acreditasse que, por serem mulheres, podiam passar por cima delas. Mas isso não as eximia de ter bondade. Tinham-na, cada uma de sua maneira, mas tinham. A eternidade podia aniquilar os melhores valores de alguém, mas os deuses sempre lutavam por fazer o correto, acreditasse os outros ou não.

Sua mãe era o exemplo viv disso. Inclusive ela mesma era. Estigmatizadas por serem mulheres poderosas. Porque ser mulher e ter poder não era bem visto entre os deuses. Mas era o que havia, e mais ainda quando algumas deusas tinham muito mais a dizer que alguns deuses em muitos aspectos. Não iam pedir desculpas a ninguém por ser como eram.

Ao ver o capacete, recordou o preciso momento em que sua mãe o mostrou. Tudo o que lhe disse, por que disse. E então, caiu em si.

Aproximou o rosto do cristal, até quase colar o nariz nele e disse:

— Esse não é *Uoervinnelig*. Não é o Invencível.

Lidam parou sua descrição no ato e silenciou-se com as palavras de Freyja.

A Deusa apoiou as mãos no cristal, incrédula pelo que via.

— O que diz, Freyja? — perguntou Odin.

— Que esse não é o capacete de minha mãe. Invencível tem brilhantes vermelhos nas laterais, sabe por quê? — disse, sem olhá-lo no rosto — Porque representam minhas lágrimas. As lágrimas de sangue que derramei quando

quebraram meu coração — sentenciou, deixando Odin calado — A razão pela qual outorguei essa fraqueza de sangue a meus vanirios.

— Por acaso tinha coração antes, Resplandecente?

Freyja, ainda sem olhá-lo, respondeu:

— Pois não sei... Por caso você tinha dois olhos, Travesti? — assim lhe respondeu. Depois, girou para dar atenção a Lidam — Digo-lhes que esse não é o capacete de minha mãe.

— Mas, não pode ser... — protestou o elfo, visivelmente incômodo — É o mesmo que está aí desde o começo do Vidbláin e que se erigiu o terceiro céu. — Seu rosto empalideceu.

— Não é ele, digo — protestou Freyja — Sei muito bem como é Invencível. Ela o forjou com sua magia diante de mim. As crinas de seus javalis, o aço de Gungnir — enumerou — e minhas lágrimas, transformadas em rubis. Jurou-me que, quando fosse à batalha final, pensaria sempre em mim, seria um modo de me levar com ela, porque também conduzia minha dor. Porque uma mãe carrega suas tristezas, e também as de seus filhos. Assim, não sei quando nem como trocou o capacete, mas o fez. E esse capacete... — concluiu, com voz rouca — Deuses, está louca — Não podia acreditar. Sua mente se iluminou de repente — Esse capacete é, sem dúvida, o totem que Jade e Thor estão procurando. Seu totem. Que a protegeria na guerra e a salvaria de Loki.

Odin entreceitou o olho e meditou aquelas palavras. Se isso era verdade, por que não era Nerthus quem lhes tinha dado o capacete em pessoa? Por que utilizar a uma fada guia? Por que ela não o estava usando?

— Não o quer para ela — disse Freyja, aflita, lendo a mente do Aesir.

Era a primeira vez que Odin via a deusa tão afetada. Como uma menina pequena, decepcionada e perdida. E, ver essa mulher tão forte daquele modo, o deixou sem palavras.

— Sei o que pensa — prosseguiu Freyja, apoiando a mão aberta no cristal, como se assim pudesse acariciar a estátua de sua mãe — Mas minha mãe não vai utilizar esse capacete... do contrário, já estaria usando. E não pode, não porque não queira, mas sim porque Loki detecta os totens, como você o faz, por ser um deus. Por isso não deixou levá-lo quando a exilou. Certamente, deve ter custado muito resistir a não levá-lo, porque é seu objeto favorito — explicou, tocando com ternura as asas dele — E algo muito poderoso. Suponho que, em algum momento, veio para buscá-lo. Para tomar o que era dela.

Odin inspirou e acariciou a barba curta e loira. Nerthus acabava de deixá-lo sem argumentos. Seria possível que Invencível fosse o totem que Jade e Thor foram procurar? E o que fariam com ele?

— Se isto sair bem, Caolho, minha mãe salvará seu traseiro. E espero que ela viva para contar, porque agora mesmo está desprotegida... está se sacrificando pelo Midgard. Inclusive por você. E, sobretudo, por mim — murmurou, angustiada — E, se a conhecer como acredito a conhece, irá ao campo de batalha para ajudar Thor e a Jade para que consigam seu objetivo e

entreguem o capacete a Daimhin quando a fillidh sair do *hule*. Esse é seu objetivo. O que quer dizer que, a Deusa da Terra, que você mandou ao Midgard como se fosse um castigo, é cem vezes melhor que você, e sabe mais que você e eu juntos. E tudo isto, sem perder nenhum de seus olhos — passou por seu lado, ao longo dele, e o empurrou ombro com ombro.

Odin permaneceu na sala, admirando a figura de pedra de Nerthus e acreditando no que dizia Lidam, sobre o quão alta era a proteção da armaria do Alfheim. O elfo estava tão nervoso e contrariado que não sabia como desculpar-se. Mas não precisava, já que eles não tinham a culpa de que o capacete foi trocado. Porque, se Freyja era a deusa Vanir da magia por excelência, foi porque aprendeu da primeira e originária. E essa era Nerthus. Sua mãe.

Por sua parte, uma vez na periferia da sala de totens, Freyja respirava como podia. O peito doía de raiva e de dor. Sua mãe Nerthus podia completar a jogada mestra. Ou talvez não. Mas o que estava claro era que ia tentar.

Há tempos, o capacete sagrado se ocultou no Midgard para ser achado justo no Ragnarök. E Freyja tinha vontade de quebrar e de destruir algo, porque não podia imaginar a sua mãe sacrificando-se pela Terra e lutando para que o que Odin e ela tinham tramado para evitar a Decadência dos Deuses tivesse sucesso.

E, mesmo assim, o que mais a chateava era que não a consultasse em nada, que não pedisse opinião. Porque, se para conseguir triunfar nessa maldita batalha contra Loki, sua mãe tinha que lutar no Midgard e arriscar sua vida por isso, Freyja diria que não. Às cegas.

Infelizmente, nesse momento, já não tinha nem voz nem voto. Porque ninguém podia entrar nem sair do Asgard.

Nerthus estava presa naquela realidade. Como os outros deuses continuavam presos na sua.

Mas, se havia uma heroína divina, se realmente alguém acabava de dar uma porrada sobre o tear, uma bofetada nas nornas e tinha deixado Orlag sem voz, essa era sua mãe.

Nerthus, que tudo podia e tudo sabia.

Nerthus, que podia ficar no lugar de todos, mas ninguém podia ficar no dela.

E o fazia não por ser Nerthus, mas sim por ser mãe.

A sua.

Com lágrimas nos olhos, e com mais desejo que nunca de lutar no Midgard, ao lado da Deusa da Terra, decidiu que era momento de ir ao Vingolf e preparar todas as valkyrias e einherjars para que descessem.

Porque, nesse momento, mais que nunca, acreditava em milagres.

Midgard

Sob a terra de Fionia

Thor acabava de vestir Jade. Adorava despi-la, mas também gostava de cobri-la, porque com isso dizia que ninguém mais devia ver o que só estava reservado para ele.

Jade lhe pertencia, e ele pertencia a ela.

O capacete de Nerthus, apoiado no chão, lançava brilhos luminosos para advertir que continuava ali, e que era um objeto poderoso que eles deviam levar. Imprescindível.

Thor subiu o zíper do macacão de Jade, retirou-lhe o cabelo dos ombros e ele mesmo fez o coque alto como tinha feito Nerthus, e uma pequena trança que caísse de sua nuca com suas próprias mãos. Sempre teve perícia nisso. Quando acabou, deu-lhe um beijo fugaz no nariz, gesto que provocou um sorriso na berserker.

Depois colocou no lugar o oks que levava às costas, e se assegurou que seus protetores nos pulsos e nos antebraços estivessem bem fechados.

E Jade fez com ele exatamente o mesmo. Como se ambos se arrumassem para uma festa e tivessem que ir bonitos a esse encontro. Entretanto, na frieza e na decisão de seus olhos, havia uma determinação e uma compreensão fora de toda dúvida.

Iam à guerra. A uma guerra mortal.

Olharam-se, cúmplices de seus medos, suas tristezas e seu profundo amor, e concordaram silenciosamente em lutar até o último suspiro, um pelo outro, e brigar para conseguir uma lembrança real da filha que ambos fizeram juntos, nem que fosse a última coisa que fizessem. Uma filha que superou as adversidades e que nasceu de um sentimento puro e autêntico.

— Está preparada? — perguntou Thor, juntando sua testa à dela. Jade afirmou com a cabeça, sem articular palavras — Então, avisemos aos Alfkamp. É hora de partir.

Não precisava acrescentar nada mais.

Ele era um líder celta, ela era a filha do líder berserker mais respeitável. Vinham de onde vinham e tinham sangue de clãs guerreiros. Sabiam o que tinham que fazer e não iam evitar suas responsabilidades.

Jade recordava muito bem como lutar, pois Thor a ensinou todos os segredos da arte do corpo a corpo. E também, porque seu pai, Ás Landin, foi um líder combativo sem igual. Os dois homens mais importantes de sua vida eram selvagens no campo de batalha, e ela tinha absorvido seus gestos e seus golpes com muita disciplina, apesar de que as mulheres berserkers não foram feitas para brigar.

— No amor e na guerra — sussurrou Jade, unindo os dedos de sua mão direita com os de sua esquerda — Juntos.

— Na vida e na morte — repetiu Thor — Juntos.

— *Mae.*

— *Mae.*

Aqueles foram os votos que juraram quando escaparam de Black Country para viver seu amor em liberdade, longe das proibições e dos receios. E, agora, os repetiam, antes de empreender uma viagem que tinha todos os indícios de ser a última.

Os dois se abraçaram e trocaram um beijo que selava juramentos, promessas e também feridas. Como o que trocaram em Gretna Green quando se casaram, antes de realizar sua viagem aos Balcãs. Lembrariam sempre daquele dia, e também recordariam, durante o tempo que pudessem, o que viveram sob a Ilha de Fionia. Porque tinha sido o fechamento de um ciclo.

Serennia se materializou na sala, adivinhando o momento exato no qual, por fim, o casal se vestiu por completo.

A jovem Alfskamp os olhou com notório interesse. Não ia dissimular o fato de que a energia sexual que flutuava no ambiente despertava a curiosidade. Mais ainda sendo ela uma filha de uma Agonia e um elfo. A canção que tinham aprendido da mente de Thor era linda, e ainda a cantarolava em sua cabeça.

“Que linda música criavam na Terra!”, pensava maravilhada.

— Obrigado por suas vozes — disse Thor. Não precisou virar-se para saber que estava ali. Tinha-a lido e detectado antes.

Serennia não lhe deu importância, e se sentou sobre a tumba do Rei Viking, olhando a lua do Alfheim.

— Todos nós estamos preparados para partir — comentou, sem deixar de olhar a esfera prateada.

Thor a olhou de esguelha, igual a Jade.

— Serennia, não espere encontrar um exterior como o que vê através deste teto — a advertiu, Thor seríssimo.

— Oh, não espero — respondeu Serennia — Mas não posso evitar me sentir emocionada — admitiu — Porque algo que seja distinto destas paredes de pedra será diferente e estimulante para nós. Não importa o que vejamos. Se chamas e fogo, gelo e geada, mares atormentados, montanhas desfeitas, vulcões rodeados de lava e erupções...

— Morte e destruição — sentenciou Jade, tomando o capacete de Nerthus entre suas mãos — Não é nada agradável, alfkamp.

— Posso tolerá-lo — conveio muito séria — Afinal de contas, sempre tive pânico dos lobos. E aqui estou, na companhia de um deles.

— Não é o mesmo — murmurou Jade, lançando olhares como adagas a essa rebelde adolescente.

— Por que teme aos lobos? — quis saber Thor.

Serennia meneou a cabeça, como se desconhecesse a razão.

— Não sei. Eu não gosto. Seria algo que herdei de minha mãe ou de meu pai... Como seja — deu um saltinho, e quando tocou de pés no chão, com a elegância e a agilidade que a caracterizava, estalou seu dedo do meio e o polegar. Nesse momento, todos os alfkamp, rapazes e garotas, se personificaram de novo

na sala, ao redor, como se sempre tivessem estado ali e aparecessem e se desvanecessem a seu desejo — O que devemos fazer?

Thor subiu na tumba do Rei Viking, que deu seu orgulho para salvar seu povo, e uma vez em cima, estendeu a mão a Jade para que subisse e se colocasse a seu lado.

Assim os veriam direito.

— Temos que ir até Gales. Ao teixo Llangernyw. Ali, uma barda pura lerá um livro que provocará uma mudança no desenrolar da batalha e do destino. Dela depende tudo. Nossa missão é ir a esse lugar e proteger a garota. Temos que chegar até ela, porque é a ela — esclareceu, estudando o capacete de Nerthus que Jade segurava Jade com cuidado — a quem pertence este objeto. E vocês — seus olhos lilás se concentraram na centena de Alfkamps que havia na sala — têm que lutar ao nosso lado e nos ajudar a conseguir isso.

— Voaremos contigo e tentaremos nos ocultar aos olhos dos Svartálfar.

Então, Ária, a fada que tinha levado-os até esse lugar, e que até então tinha descansado dentro da tumba de pedra, voou sobre suas cabeças para ser notada. Sua luz diminuía gradualmente. Dirigiu-se à orelha bicuda da Serennia e lhe disse algo ao ouvido que só os elfos podiam entender.

A alfkamp assentiu e a olhou com agradecimento.

— Ária diz que está a ponto de desaparecer. As *handbök* vivem pouco depois de encontrar os objetos dos deuses. Ainda tem pó dourado e pode voar. Sugere que poderia nos dar tempo de presente.

— Tempo? Como? — disse Jade, triste pela notícia.

— A fada quer sair do *hule* e voar na direção oposta a nós — explicou Serennia — Os elfos da Escuridão a seguirão, pois acreditarão que irá atrás do totem. Os despistará. Enquanto isso, nós voaremos para Gales.

— Haverá vampiros no exterior — lhes acautelou Thor — São novatos, mas mordem do mesmo jeito.

— Preferimos enfrentar vampiros que elfos escuros, que são os guerreiros mais temíveis de Asgard — respondeu a jovem.

— Então, acha que poderá fazer isso, Ária? — perguntou Thor à fada.

A diminuta loira alada assentiu com um sorriso de altruísmo e valentia que a fez enorme aos olhos dos outros. Apesar de seu tamanho, a fada guia demonstrava ser grande de espírito.

— Obrigada, pequena amiga — disse Jade, com sinceridade.

Ária deu uma volta sobre si mesma e fez sua cara de concentração, disposta a sair dali o quanto antes, assim que escutasse a ordem de Thor.

— Bem. Não levam armas? — o vanirio se surpreendeu ao ver que iam órfãos de ferramentas agudas.

— Tudo na natureza é uma arma para nós — respondeu Serennia — Inclusive nosso corpo é a maior arma de todas. Somos elfos e agonias — apoiou suas mãos em seus quadris — É uma combinação temível.

Thor sentiu vontade de rir ao presenciar tanta vaidade e soberba em alguém tão jovem. Mas era algo bom em uma guerreira. Precisava desses seres seguros de suas capacidades, de si mesmos. E esses alfkamp tinham isso de sobra.

Jade arqueou uma de suas sobrancelhas negras e pensou que gostava dessa garota. Aileen teria sido assim? Era assim? O desejo por saber de sua filha e por recordá-la a encheu de ansiedade e necessidade. Não via a hora de sair dali e chegar ao campo de batalha de Gales. Através de seus amigos, se ainda estivessem vivos, seria como conhecer sua pequena grande mulher.

Thor a escutou perfeitamente, e decidiu que, além de fazer chegar o capacete a Daimhin, faria o possível para e conectar com as lembranças de todos e oferecê-las à sua *cáraid*, para que tivesse uma imagem de Aileen o mais real possível.

— Está bem — anunciou o vanirio — Estão preparados para partir?

Os Alfkamp elevaram seus punhos e gritaram com todas suas forças, aclamando seu líder e a portadora do capacete Invencível.

Thor escutou o pensamento de todos os alfkamp, e se comoveu. Jogaram uma última olhada à lua de Alfheim e rezaram por retornar a esse lugar quando morressem. Estavam convencidos de que iam cair. Mas o fariam até o último suspiro.

Sentiu-se honrado de estar à frente de um pequeno exército tão bravo e especial. E desejou, com todas suas forças, que chegassem com vida o maior numero possível deles até os pés do teixo de Agelystor e que chegassem a tempo de ver Daimhin ler, em vez de perecer sob a lei de Loki.

Estava em suas mãos.

Thor tomou Jade entre seus braços e lhe disse:

— Coloque isso, loba.

— Não, ponha você — Jade pôs o capacete em seu companheiro e o atou sob o queixo para que ficasse reto — É você o que me vai carregar. E preciso que este avião não perca combustível.

Inclusive com aquele ornamento com chifres, crina e brilhantes vermelhos, Thor a deixava sem palavras com o quão atraente era. Era tão lindo que a fazia lacrimejar.

— Amo você, minha vida — disse Thor, adorando-a com o olhar lilás.

— E eu a você, *mo mann*.

Depois disso, Thor se elevou sobre o chão da gruta e ficou suspenso sobre a tumba viking.

Os elfos levitaram como ele e o rodearam até cobri-lo em uma espessa neblina que se misturaria com os gases e o vapor dos mares do exterior.

Quando Ária saiu depressa para encontrar a saída do *hule*, todos simplesmente a seguiram.

A fada lhes dava uma saída e lhes oferecia uma esperança para segurar-se.

E se agarrariam a ela, porque o exterior não os receberia com os braços abertos.

XX

Midgard

A pandemia que acabaria com a humanidade seria essa: o vampirismo. Os que não tinham morrido, estavam se convertendo, um após o outro, em seres sedentos que, depois de matar a tudo o que se movia, decantavam-se por comer a si mesmos por falta de alimento, em um claro exemplo de canibalismo.

No que restava do México, Canadá e Noruega, tinham explodido três supervulcões, cujo pó de cinza que se depositava na atmosfera estava criando um inverno vulcânico sem precedentes, como se vivesse imerso em uma guerra nuclear. Nem um raio de sol podia atravessar a densa camada de nuvens. E parecia que a lua tinha deixado de existir. Nem o dia nem a noite, nenhum deles tinha razão de ser.

A mudança climática era um açoitamento extremo: os gigantes de gelo e fogo desfaziam o gelo dos pólos, destruíam-nos, e a Terra se tornava louca sem seus pontos cardeais. O círculo já não obedecia às suas leis físicas e tinha deixado de dar voltas sobre seu próprio eixo.

Loki sorria. Seu filho, a serpente Jormungander, encarregava-se de apagar o que uma vez foi o mapa de uma terra firme formada por seus continentes. Já não era tal coisa.

Só pedaços de chão sólido que flutuavam no agitado oceano como rolhas de cortiça sem rumo.

Os humanos sempre acreditaram que seu mundo se acabaria pelo impacto de um meteorito. Mas ali não havia nenhum agente externo que esmagava o Midgard.

Só um deus poderoso e vingativo, a quem importava nada nem ninguém que não fosse ele mesmo e sua fixação em demonstrar a Odin que seu projeto com um reino meio inferior de futuros professores era absurdo e ridículo. Os humanos não tinham nada a ensinar, porque em toda sua história não tinham aprendido nada que valesse a pena.

As cidades estavam sendo engolidas pelo mar e, se Gales não teve a mesma sorte, era porque o Vigarista não queria. Porque desejava que essa parte estivesse livre de tremores, de tsunamis e de erupções de lava ou chuva ácida.

Ali, no campo de batalha, queria ver um esmagamento limpo, para que nada nem ninguém turvasse essa vitória humilhante contra os filhotinhos de Odin. Queria ver claramente como iam morrendo um a um.

Loki percorria o Norte, como havia dito. Atrás dele deixou somente morte, dor e devastação. Fenrir tinha se unido a ele, tal e como combinaram. Só um dia e meio. Um dia no lombo de seu filho, Fenrir, a besta mais sangrenta e selvagem, bastaria para destruir o que restava.

E seus filhos estavam fazendo o mesmo com as outras duas partes restantes.

Chegaria ao anoitecer no teixo, disposto a ver com regozijo o final dos lacaios de Odin. Não durariam nem uma lua mais.

Em menos de uma hora dessa realidade, ele estaria ali, em Gales. Seu lobo, veloz como ninguém, correria sobre as águas, mansas só para ele, e acabaria na terra inglesa, bem a tempo para espremê-la com um só golpe de seu Leviatann.

Ali, naquele escarpado de batalha e mortalidade, com uma mísera e solitária árvore em pé em todo o alto, Angrboda, sua mulher, havia depositado a cabeça do gigante Mimir para consultá-lo, como oráculo, e confirmasse simplesmente, o final de todos os tempos.

Enquanto isso, em Fionia, uma fada loira cuja luz se apagava por momentos, saiu correndo como uma bala de entre a água que tinha coberto por completo as Ilhas da Dinamarca, as inundando no esquecimento e provocando que milhares de corpos flutuassem sem vida na superfície, convertendo aquele mar bravo em um ponto funerário, um cemitério nascente.

Os elfos escuros, que estavam esperando como animais de caça que alguém vivo aflorasse do oceano, afinaram sua visão ao ver um fulgor de luz faiscar no interior da água. Porque sabiam que uma *handbök* tinha entrado ali quando a terra ainda não tinha sido tragada por uma onda enorme. E os Svartálfar sabiam que as fadas não morriam se antes não entregassem o totem.

Ária voou ao mesmo nível do mar com uma velocidade difícil de seguir. Os elfos, com sua roupa escura, suas pele azeviches e seu cabelo branco, olharam o seu líder, esperando uma ordem.

O delegado elevou a mão, sorriu com malícia e com um sinal de seus dedos mandou todo seu pelotão atrás da pequena loira.

Ária se virou ao perceber que a perseguiam e, quando os divisou, pôs sua melhor cara de pânico.

Os Svartálfar a seguiriam até que ela deixasse de voar. E Ária não o faria, não deixaria de voar para deixar o caminho livre àquela bruma que saía do mar sem ser vista, no meio da qual se encontravam os Alfkamp, Thor, Jade e o capacete de Nerthus.

Quando os elfos da escuridão a pegassem, seria porque já teria morrido, e até então, esperava estar muito longe de onde realmente se achava o Invencível.

No navio Hringhorni

Aileen cobriu com sua mão seus olhos, pondo-a sobre estes a modo de viseira. A luz era cada vez mais forte e privava a visibilidade.

— É esta a luz que Odin falava? — perguntou-se Caleb, cobrindo a sua híbrida com seu próprio corpo. Estivessem em outra dimensão ou não, acompanhados ou a sós, não podia deixar de lado seu papel superprotetor com ela.

Litr, o anão resmungão que segurava em suas mãos uma bússola, cuja agulha não parava de dar voltas, esmerou-se em correr com suas pernas curtas até onde eles estavam.

A luz tomava altura quanto mais se aproximava o imponente navio.

Cahal e Miz saíram à proa para comprovar a origem daquele incrível brilho, que agora fulgurava sobre suas cabeças. E então deram-se conta de que não era uma luz flutuante. A iluminação provinha de um farol solitário, que se elevava sobre o mar morto como a única construção que tinham encontrado em milhares de quilômetros ao redor.

A base do farol era uma superfície de pedra, plana e cinzenta que, longe de permanecer deserta, estava povoada por um número incalculável de almas de guerreiros de todas as épocas, os quais pareciam completamente loucos e perdidos.

Caleb e Cahal puderam identificar a guerreiros celtas e pictos, vikings, samuráis, romanos, todo tipo de guerreiros de todas as culturas e tempos que esperavam em silêncio que algo ou alguém os recolhesse.

Litr acariciou as barbas e entrecerrou um de seus olhos enquanto observava seus trajes e a densidade de seus corpos. Todos tinham o olhar perdido em um mesmo ponto fixo.

Caleb passou a mão na frente dos olhos, para ver se havia uma resposta nervosa neles. Mas nada.

— Estes homens são imateriais — disse Litr, com sua voz aguda e anciã. Sua expressão para uma de possível compreensão e disse —: Será isto o Helheim? Será um Naströnd alternativo?

— Quem são? — perguntou Caleb.

Ninguém ousou responder. Nem sequer o olhavam.

— O que fazem aqui? — quis saber Aileen.

O resultado foi exatamente o mesmo. Indiferença e silêncio.

Noah e Nanna tomaram lugar entre o grupo, até que o filho de Odin analisou-os com aqueles olhos de sol. Os guerreiros, quando notaram Noah, cobriram o rosto como se um forte resplendor os cegasse.

— O que é, Naströnd? — disse Miz, perdida.

— É uma praia de cadáveres — explicou Noah, reparando em cada um deles — Se encontra no Helheim, e está destinado aos criminosos.

Isso queria dizer que todos eram maus espíritos?

Então, um dos que estavam na frente, na primeira fila dos guerreiros amontoados, de olhos azuis, cabelo e barba trançada, vermelha e longa, que segurava um escudo redondo com ornamentos bicudos em toda sua circunferência de madeira e metal, e segurava uma lança na outra mão, moveu a cabeça para onde estava Noah e o olhou fixamente, ofendido ao ouvir aquela acusação tão desumana.

— Por que brilha tanto? Quem é você? — quis saber, frente à curiosidade dos habitantes do farol.

— Sou Balder. Filho de Odin.

Um som de assombro alagou o mar e o céu. Todos ali pareciam conhecer o Deus da Luz.

— Sou Viking. Escandinavo. Aqui todos temos nossos deuses... Mas eu falei a todos de você, de seu papel no Ragnarök, de sua lenda... — disse o ruivo — E te digo, que neste lugar abandonado não há um só criminoso — afirmou, sem consideração — Somos guerreiros honoráveis. Todos encontramos a morte traiçoeiramente, pelas mãos de líderes mais vis que nós, que decidiram oferecer suas almas ao mal. Um deus como você não deveria prejudicar.

— Eu também vi muitas coisas. Posso prejudicar sem rodeios — sentenciou, soberano — Porque se for assim como diz e são inocentes — disse Noah —, o que fazem aqui? Se são almas, como diz, boas e honoráveis, por que não retornaram ao caldeirão? Ou, por que Odin e Freyja não os reclamaram para o Valhalla?

— Porque não morremos em nenhuma batalha. Fomos vítimas dos enganos. Nunca nos deram a oportunidade de lutar. Fomos feridos mortalmente pelas costas, quando menos esperávamos.

Ali havia milhares de homens, todos ainda com suas feridas abertas e sangrentas, que nunca puderam cicatrizar.

— E isto o que é, então? Um limbo? — quis saber Aileen.

— É um lugar de esquecimento e nada. Onde nos obrigaram a permanecer durante a eternidade. Para sempre. Por nossa inocência, era outro lugar o que nos pertencia... — assumiu, muito sério — Um suposto céu, que sempre tínhamos acreditado. Pelo menos, eu sempre esperei me reunir nele com minha mulher e meus filhos... — reconheceu, com pesar — Mas Hela, essa mulher bela da cintura para acima e esquelética da cintura para baixo, enganou a todos e adquiriu cada um de nossos espíritos que ninguém reclamava. Depois, criou um buraco no espaço, entre mundos, onde nenhuma vez alguém apareceria, e nos deixou nele, porque, quem ia poder recolher aos caídos na inadvertência? Somos guerreiros sem honra. Quem ia precisar de nós?

Cahal e Caleb olharam um para o outro, comunicando-se como só eles sabiam.

— Faz séculos — disse Cahal, com supremo interesse —, os romanos atacaram um povoado inteiro de celtas. Mataram a todos. Aquela noite, a vida de meu irmão Menw e a minha ficaria marcada para sempre em muitos aspectos. Há aqui alguma vítima desse ataque?

Os homens se moveram de um lado ao outro para dar lugar a uma quarentena de guerreiros, vestidos com a roupa de então. Botas de pele para suportar o frio, e túnicas de linho cinzentas e marrons, que seguravam com tiras de couro, que serviam de cinturões, e que lhes chegavam por cima dos joelhos.

— Não carregavam armas, pois os pegaram despreparados no ataque, e não puderam se defender. Morreram homens, mulheres e crianças naquele povoado.

Cahal nunca esqueceria. Nenhum vanirio casivelano esqueceria ou perdoaria as afrontas romanas contra seu povo e sua cultura. Nos rostos mudados e abatidos daqueles homens, o tempo não tinha passado, e era isso que estava ali de pé, uma eternidade de espera e tortura. Cahal simpatizou com eles e se encheu de compaixão. Todos tinham suas próprias marcas indeléveis.

— Não podem ficar aqui — disse o druida a Noah. Balder tinha que fazer algo com eles.

Litr negou com a cabeça, observando a bússola com impaciência.

— Foi o navio que passou para pegá-los — explicou, surpreso — Hringhorni é uma enorme nau funerária, dedicada a seu culto, Senhor. Se há um navio ou um veículo que possa transportar almas por direito próprio, é este, Senhor. Não percebem? — perguntou, dirigindo-se a todos — Seu navio é o verdadeiro farol, e não só tem a função de esmagar. Também é dual, e recolhe tripulação de acordo com a sua natureza. Talvez Hela criou um espaço só para que as almas destes

pobres desgraçados lambessem as feridas e enlouquecessem. Mas, seu navio, enquanto navegava em um nada, encontrou-os.

Noah se dava conta disso. Agora, pecava por analisar tudo, porque o sacrifício de Ás tinha deixado-o muito tocado e, desde esse momento, queria tomar as decisões corretas para que sua morte não fosse em vão. Mas, também era empático e intuitivo, e algo lhe dizia que Litr estava certo. Nanna se agarrou a seu braço com uma doçura difícil de encontrar em uma valkyria, e o animou a que lhes oferecesse um convite.

— Qual é seu nome, guerreiro? — perguntou, finalmente ao viking ruivo.

— Meu nome é Holger. Fui um Suion do Sul da Escandinavia, Senhor.

Noah sorriu ao ver quanto de verdade havia em seu nome. Holger significava “Chefe da Ilha”. Esse homem tinha tomado a palavra em nome de todos.

— Diz que caíram pelas artimanhas dos homens do Vigarista, tão vigaristas e malfetores como ele, equivoco-me?

— Sim. Assim foi — assentiram, com veemência.

— E diz que não lhes deram a oportunidade de lutar, e isso fez que não tivessem um céu onde pudessem descansar como guerreiros — disse Noah, convencido de suas palavras.

— Sim, Senhor.

— Então, convido a todos a subir ao meu navio. Dou-lhes a oportunidade de que lutem a meu lado no Ragnarök.

— Mas, há modo de sair daqui? — perguntou Holger, incrédulo.

Noah se virou, decidido a procurar na tela pela qual viam o Midgard, a resposta às suas perguntas e um raio de luz a todas suas dúvidas. Presumivelmente, agarravam-se a um milagre. Mas, os deuses, embora fossem caprichosos, moveram muitas fichas para que o fim do mundo não chegasse com sucesso. De verdade, não tinha dado certo? De verdade, não haveria saída? Não existia a salvação?

— Essa não é a pergunta que fiz, Holger — deixou claro Noah.

O viking ruivo olhou para seus companheiros, lutadores e mortos como ele, e não precisou dialogar para entrarem de acordo.

— Conte conosco, Deus da Luz. Se precisava de um exército para se a última batalha — elevou seu queixo e jurou —, tenha certeza que já o tem. Deste momento em diante, você será o deus de todos nós. Lutaremos em seu nome.

Noah assentiu sem olhá-los. Não queria que lutassem em seu nome. Queria que lutassem por eles mesmos, pelo o que tiraram deles.

Depois, olhou de um lado ao outro do horizonte, como se procurasse essa porta pela qual retornar e que não aparecia.

Malditas portas dimensionais. Estiveram se abrindo e fechando no Midgard nos três últimos meses com uma facilidade espantosa. E, quando mais precisava delas, menos apareciam. Estalou com a língua. Tinha que trabalhar a paciência.

— Todos a bordo — finalizou, antes de entrar em sua cabine de comando. Nanna o seguiu para lhe dar a esperança que ele estava perdendo e que tanto agradecia à sua garota.

Enquanto isso, os guerreiros aclamaram e gritaram como selvagens quando, diante do surpreendido e feliz olhar dos vanirios, do anão e da híbrida, subiram em grupos à proa do impressionante navio, para enchê-lo e fazê-lo transbordar de almas que clamavam vingança contra Hela e seus assassinos.

XXI

Midgard

Com o capacete Invencível sobre sua cabeça, Thor só tinha que concentrar-se em chegar a Gales, onde estava o teixo Llangernyw, e onde se encontravam todos seus amigos vanirios e o resto dos guerreiros que lutavam costas contra costas para se defender do ataque implacável dos jotuns. Abraçava Jade contra

ele, lhe oferecendo todos seus pensamentos e a proteção física e mental que o capacete lhe dava.

Daquele modo, daria calma e consolo aos dois, pois sua conexão telepática e emocional era extremamente forte, ainda mais depois de trocar sangue e o *chi*.

Menw e Daanna continuavam vivos. Aodhan continuava vivo. Gwyn e Beatha... O noaiti e sua Guerreira. As valkyrias e os einherjars. Sabia. Sentia-os. E, se concentrasse neles, escutaria-os. Mas restava muito pouco tempo e, se havia algo que Thor necessitava, era arrancar minutos do relógio de areia do destino, e pedir que todos seguissem com vida o suficiente para que os ajudassem a conseguir seu objetivo comum.

Porém, não podia prestar atenção a esses pensamentos, por causa da ansiedade e da agonia para chegar logo e combater ao lado deles, fazia o suficiente voando com hipervelocidade para assegurar-se de que a nuvem espessa que os alfkamp tinham criado a seu redor não se dissipasse para que não fossem descobertos, pois seria duro conseguir sair do céu com vida no caso de os detectarem, embora carregassem o capacete. Porque este protegeria a ele, mas possivelmente não faria o mesmo com Jade nem com os Alfkamp, que poderiam ser alcançados pelas flechas negras dos Svartálfar, seus braceletes de serpente, ou pelos muitos vampiros recém-nascidos que infestavam as nuvens como se fossem aves.

Não obstante, Thor tinha seguido o voo de Ária, e tinha passeado pelas mentes dos Svartálfar que perseguiam a fada guia. Seguiam as instruções de um líder chamado Lek-ir, que obtinha assiduamente informação sobre o que faziam e a quem caçavam.

Lek-ir era o informante de Loki.

Na mente dos elfos, pôde ver imagens do mundo dividido em quatro partes, cada uma delas esmagada por um destruidor, como se tratasse dos quatro cavaleiros do apocalipse. Uma Rainha dos Mortos aniquilando a Terra com seus espíritos, uma gigante liderando os jotuns, uma serpente triturando o interior dos mares e um lobo do tamanho de um elefante que se convertia em um assassino açougueiro, e a quem os lobachos obedeciam como se fosse seu deus.

Entretanto, o deus desse lobo gigante subiu no seu lombo e percorria com ele a paisagem cadavérica e de desolação que deixava em seu caminho. Loki montava Fenrir, assim se chamava o lobo. E todos esses monstros eram seus filhos; uns de sangue, outros de alma.

Era aterrorizante. Um demônio. Isso era o Vigarista. Inclusive seus servos o temiam tanto como o veneravam. Isso era o que transmitia Lek-ir em sua cabeça.

Thor também detectou o momento exato no qual os elfos escuros viram o corpo da fada cair ao mar e afundar-se, já sem brilho em suas asas nem pó mágico a seu redor.

Foi muito triste. Na mente de Ária, sentiu o orgulho da diminuta ninfa por tê-los ajudado a escapar. Despistando aos Svartálfar, fazendo que a perseguissem por lugares inóspitos que os afastavam da área verdadeiramente quente.

Tinha sido tão corajosa que o peito do vanirio se encolheu por ela e depois transbordou de admiração. O tempo que lhes tinha dedicado era extremamente valioso. Mas, agora, os elfos da escuridão os perseguiram, e os buscavam. Não demorariam para descobrir que se ocultavam no interior de uma nuvem, que não era outra coisa que os corpos imateriais de Serennia e seu exército de Alfkamps.

Embora, até então, Thor e Jade esperavam já estar na planície onde se desenvolvia a guerra mais desigual e atroz de todos os tempos. Mesmo que estivessem perto, Thor precisava que lhes preparassem o terreno e pôr em sobreaviso a todos os guerreiros que estivessem do seu lado para deixar claro que a única coisa que importava era que o totem de Nerthus fosse colocado sobre a cabeça de Daimhin, para que a barda lesse sem problemas o que estivesse escrito nesse livro. Para isso, todos deviam trabalhar em equipe e em comum união.

Sentiu os dedos de Jade sobre sua bochecha, e quando baixou o olhar para sua mulher, viu-a linda e decidida a brigar junto com ele, para lutar, para entregar a vida e a investir todos seus esforços em recordar a sua filha Aileen através das mentes das pessoas que tanto a amavam. Sob eles, através das nuvens, os mares bravos se misturavam com as partes de terra que ardiam e estalavam diante de seus olhos, como se debaixo de cada cidade houvesse um vulcão oculto e ativo.

O contraste entre a beleza selvagem de Jade e a inaudita paisagem que se desenhava sob seus pés era somente próprio dos momentos extremos, dos finais agoureiros e catastróficos.

— Entre em contato com eles, Thor — sussurrou Jade — É hora de avisá-los. Diga-lhes que estejam preparados para nossa chegada. Diga que nos ajudem.

— Uma invasão mental desse tipo pode desequilibrá-los em uma batalha. Não quero provocar indiretamente a morte de ninguém.

Era verdade. Thor temia falar com alguém que estivesse lutando com um jotun e que isso provocasse uma ferida mortal. Devia encontrar um canal que pudesse servir de comunicador. Alguém receptivo que não estivesse lutando nesse momento e cuja antena fosse receptiva.

Então, suas pupilas se dilataram com um movimento inteligente. Acabava de perceber de quem podia ser. Seu dom era poderoso, quase tanto como o dele, e apesar de não ter nascido ainda, era extremamente intuitivo para alertar a seus pais sem que deixassem de proteger-se, já que a comunicação não seria nem de longe tão invasiva.

— É uma boa ideia — disse Jade, convencida de que Thor tinha tomado a melhor opção — Adiante. Faça — olhou por cima do ombro de seu companheiro, vigiando que os vampiros não os cheirassem, nem que os elfos os perseguissem— Faça antes de que nos descubram.

Thor assentiu, atendendo a sua *cáraid*.

Em meia hora chegariam ao que uma vez foi o país de Gales, e agora era somente um espaço de depressões e planícies arrasadas pelo fogo, cobertas de mar, de lava e de jotuns. Tinha meia hora para que seus amigos se organizassem

e criassem um plano que, longe de ser um contra-ataque, só era um movimento de estratégia para achar uma salvação e cumprir o que lhe tinham atribuído. Para dar uma estocada em Loki e cair com dignidade.

Sem mais demora, decidiu entrar em contato com o mais jovem de todos os guerreiros. Ele seria seu canal e seu comunicador.

“Aodhan?”

Llangernyw

Angrboda, a bela e visceral gigante jotun, mãe dos filhos destruidores do Midgard e esposa de Loki, tinha desfrutado como nunca de caminhar livremente por um reino tão fraco e covarde como aquele.

Seu exército não tinha demorado nem dois dias em conseguir minuar a vida desse suposto pomar azul e verde que era a Terra.

Todo ser vivo foi esmagado e mutilado. Ela era a mensageira da dor, a anunciadora de tristezas, e tinha se esforçado em demonstrar com entendimento

Seu marido era o Vigarista, o Transformista e o Mentiroso. O líder da rebelião contra os deuses Vanir e Aesir, e o responsável para que, por fim, os jotuns tomassem sua posição nos Nove Mundos. Eles eram os mais fortes e poderosos, e como tal, as raças inferiores seriam disciplinadas sob sua lei. No Járnvid, ficou de saco cheio, esperando o momento em que Loki liberasse a todos e, quando o fez, seguiu as instruções de seu deus.

Por isso, nesse momento, no alto do monte onde só restava essa estúpida árvore em pé, deixou a cabeça de Mimir, tio de Odin, outro que foi um gigante como ela, para que o sábio oráculo observasse com seus olhos de adivinhação como se cumpria cada uma das profecias do Ragnarök.

De nada tinha servido que permitisse que o seu sobrinho Odin bebesse da fonte da sabedoria que ele guardava para que visse o futuro. Porque, tudo tinha acontecido como estava previsto.

Nada tinha mudado.

Colocou a cabeça reta e bem alinhada para que observasse o horizonte e a degradação sob suas barbas.

O rosto de Mimir estava marcado por rugas, tinha os olhos brancos, como os de um cego, o cabelo era longo e liso, muito branco, igual ao pelo de seu rosto.

Quando Mimir divisou a guerra que acontecia, ele, que era reconhecido por ser o possuidor da mais pura sabedoria e do real conhecimento, não ousou a dizer palavra alguma.

— Acaso não diz nada, velho cabeçudo? — perguntou-lhe Angrboda, de maneira depreciativa — Vê aqui o seu sobrinho Odin defendendo o Midgard? Porque eu não o vejo.

Mímir observava o combate descarnado que acontecia naquela parte desse planeta. Fez isso estreitando os olhos vazios e opacos, e fechando a boca para não pronunciar nada indevido.

Tinham-no tirado de seu poço da sabedoria, e ninguém o tinha advertido. E, agora, a gigante o levava ao Midgard para que servisse de Oráculo ou para desfrutar de sua vitória e do fracasso de Odin.

— Olhe como chegam todos os nossos de cada ponto cardeal deste círculo — anunciou Angrboda, elevando seus braços em sinal de vitória — Já sinto Loki chegando pelo Norte no lombos de meu filho; e sinto meu filho espremer as vísceras do planeta. Já vejo os espectros de Hela sobrevoando este lugar, e aos vampiros e os Svartálfar cercando os céus. Todas as superfícies foram conquistadas. Por mar, por terra, por ar. Inclusive o fogo é nosso. E agora — apontou luta, procurando com seus olhos os poucos guerreiros que se defendiam como podiam — acabaremos com os únicos representantes de Odin e Freyja no Midgard. Depois desta lua, um nada terá tomado conta do reino médio, e Jormungander só terá que cercá-la com seu corpo para espremê-la e fazê-la voar pelos ares.

— E para que precisa de mim, Angrboda? — perguntou Mímir, com a boca seca. Sem sua fonte não era ninguém. Ele também precisava beber dela — Se, pelo visto, já sabe o suceder dos acontecimentos. O que eu posso te dizer?

A gigante sorriu com soberba e, em seguida, desenhou em seus lindos lábios uma careta de suposta inocência.

— Porque, quando tudo isto acabar, terá que falar do futuro outra vez, mas, desta vez, do Asgard. Vamos tomar conta de Yggdrasil por inteiro. Os Nove Mundos serão nossos. E os deuses tão altivos, os Aesir e os Vanir, morrerão sob nossa ordem.

— Não tenho por que fazê-lo se vocês não dão nada em troca.

— Como quiser, velho — deu de ombros —. Há muitas maneiras de tirar de você o que queremos. A água de sua fonte vive em você. Talvez não precisemos que nos diga nada. Talvez beber de você seja suficiente. Seu sangue — puxou suas barbas, com vontade —, contém a água que precisamos. E suas lágrimas também. Se não nos ajudar — ameaçou-o — nos asseguraremos de obter de você o que queiramos, embora seja sem sua permissão.

Dito isto, a loira Angrboda, bela como uma princesa nórdica nascida do gelo, decidiu que já tivera o suficiente daquela cabeça cortada e lhe deu as costas, só para contemplar com um sorriso de satisfação, de orelha a orelha, as forças minguadas daquele reduzido grupo da resistência Vanir e Aesir. Havia uma arqueira com duas crianças atrás de sua capa, e um berserker com alguns companheiros mais dando machadadas em qualquer parte.

Um casal de vanirios, muito loiros, carregando duas meninas muito bonitas, defendiam-se como podiam dos purs, etones e trolls.

Na terra havia três einherjars, e espalhados ao redor, alguns guerreiros mais com cabeças raspadas.

Depois, lutando no céu, encontrava-se Bryn, A Selvagem, a cadela valkyria mais bruta de todas, sentada sobre seu pégaso, Angélico. Acompanhada de duas valkyrias mais, uma de cabelo vermelho que ondeava de um lado a outro e a outra de cabelo negro, liso e de franja reta, com aspecto de menina. Essa carregava um martelo que se parecia com o Mjöltnir. Era filha de Thor, O Deus do Trovão? Sim... isso parecia.

Angrboda esfregou as mãos.

Desfrutariam de suas últimas e angustiantes baforadas de ar.

“Aodhan?”.

Fez-se um silêncio e depois a via se abriu por completo em sua mente. Era como uma auto-estrada livre de veículos, através da qual podia circular sem problemas. Assim era a mente desse pequeno tão especial.

“É Thor”.

Thor sorriu e assentiu com a cabeça.

“Sim. Sou eu”.

“Tentei contatar com você várias vezes, mas não pude”, disse sua voz doce e angelical.

“Estávamos em um hule. Não podíamos nos comunicar com esta realidade quando estávamos lá”.

“Entendo”.

“Tem que me escutar, pequeno nascido do fogo.” Era o que significava seu nome. *“Mas primeiro quero saber quantos continuam em pé”.*

“Morreram muitas crianças perdidas. Todos”, respondeu com tristeza. *“Não sabemos nada de Daimhin e Carrick, eles continuam no interior do teixo. Mamaidh e allaidh estão aqui ainda lutando, do contrário eu não continuaria vivo. As valkyrias e os einherjars se encarregam de protegê-la. O noaiti e a Guerreira também continuam em pé. Mas estão todos muito feridos gravemente”,* explicou o pequeno. *“Não sei se vamos aguentar, Thor”,* assumiu, com tristeza.

Bem. Isso era o que precisava escutar. Que todos continuavam em pé. Que ainda havia esperança.

“Perfeito, pequeno. Têm que aguentar, ouve-me? Quero que fale com sua mãe e que conte ao líder dos einherjars tudo o que vou te dizer”.

“A Gabriel?”.

“Sim. Ao próprio”.

Thor só precisava fazer um varrido mental para saber os aspectos básicos de cada um. Sabia como lutavam e no que pensavam na luta.

Gabriel, apelidado “O Engel de Odin”, era um estrategista sem igual. O líder dos einherjars. Ele saberia organizá-los para que sua missão fosse alcançada com sucesso.

Thor não duvidava dele em nenhum momento.

“Estou escutando, guerreiro MacCallister”.

Em seguida, procedeu a contar tudo a Aodhan, para que informasse de maneira direta à sua mãe, Daanna McKenna, o que lhes tinha acontecido e o que tinham que fazer.

Ruth não podia suportar tanta dor, mas pelas crianças que protegia e pelo homem que amava com todo seu coração, aguentaria que aqueles espectros a atravessassem sem compaixão. Tentaria alcançar com suas flechas iridescentes a todos os que pudesse. Esticava a corda de seu arco Sylfingir, apoiando o queixo sobre o polegar fechado, tomando seu braço estirado como ponto de mira. Segurando de maneira elegante e tenaz a flecha azul brilhante.

Uma. Duas. Três. Até quatro flechas lançava de uma vez, alcançando aquelas almas escuras que não tinham encontrado nem o céu nem o inferno, e que se viam atraídas pela luz que ela desprendia. De vez em quando se assegurava de que Nora e Liam, bem ocultos detrás de sua capa, estivessem sãos e salvos. Embora, pelo modo como se agarravam às suas coxas, tão fortemente, sabia que estavam bem. Se saísse viva dali, teria manchas roxas eternas. Os pequenos berserkers eram muito fortes.

Jamais pensou que ela seria protagonista do final dos tempos, que lutaria naquela batalha sem chance nem oportunidades, mas que o faria com a fé e a convicção de fazer o bem, e de dar tudo pelos que amava.

Adam, seu *noaiti*, seu lobinho moreno e valente, tinha o corpo ensanguentado, de sangue alheio e próprio, pois já contava com numerosas feridas, como o resto dos berserkers, que lutavam junto a ele, e que caíam a seu redor.

Eram suportes humanos. Isso eram. Barreiras e muros intransponíveis que não permitiriam que nem ela nem as crianças fossem feridas. Mas, todos sabiam que aquilo teria um final. Só estavam prolongando o inevitável. E, mesmo assim, continuavam fazendo-o e celebrando cada morte jotun que conseguiam, cada ferida que infligiam, cada morto do lado inimigo, gritando como animais, deixando que a raiva pela injustiça e pela impotência se manifestasse através de sua voz.

O anel *eohl* que Adam tinha presenteado, fazia tempo, a todos os guerreiros, servia para que as almas não os ferissem, era a runa da proteção contra as forças malignas.

Ruth o levava consigo, mas ela era a Guerreira, sentia as almas de maneiras diferentes e, por aquela razão, a ela, apesar do amuleto, faziam mal.

Passou a língua pelo lábio superior, pois notava as gotas de suor molhando o espaço entre o nariz e o buço. O sabor de ferro a alertou. Não era suor.

Estava sangrando pelo nariz.

Adam, que sentia a sua mulher como se fosse sua própria pele, girou, alarmado. Quando viu que sofria uma hemorragia nasal, seus olhos negros aterrados se tingiram de dor por ela. Aquilo, a simples visão podia não ser nada, e mais vendo como ali se amputavam extremidades, arrancavam-se corações e

sofriam cortes tão profundos que chegavam ao osso. Mas, aquela hemorragia falava de uma dor interna, de uma sobrecarga cerebral e emocional, e era muito mais preocupante, porque se tratava da Guerreira de Almas. E esses espíritos cheios de escuridão estavam reduzindo-a a pó.

— Ruth! — exclamou.

— Não! — deteve-o. Seus olhos ambarinos exibiam profundas olheiras sob as pálpebras, sua pele empalidecia e seu cabelo da cor do vinho tinto perdia brilho e maciez. As almas estavam arrancando-lhe a energia vital. Ambos sabiam — Fique onde está! — gritou, detendo-o e elevando a mão. Cobriu a cabeça com seu capuz vermelho e prosseguiu lançando flechas em qualquer parte — Estou bem!

— Não está bem! — protestou Adam, saltando por cima do cerco de berserkers. Ele não podia fazer nada para impedir que aqueles espectros atravessassem a sua *kone* pelo peito. Mas podia estar com ela.

Não estavam bem. Estavam há quase dois dias brigando sem parar. Embora a fumaça, os gases e as nuvens não deixassem ver a autêntica cor do teto estelar, a lua se encontrava em algum lugar, mostrando que a noite estava no seu apogeu. E ele sabia pelo modo como seu sangue fervia. Era meio lobo, e todos sabiam que os lobos uivavam à lua. Essa noite, uivavam de tristeza pelas perdas que aconteciam uma atrás da outra.

Havia vanirios japoneses e de Black Country, berserkers da Escócia, valkyrias e einherjars, todos lutando juntos para não deixar aquela terra sem defesa. Não acreditava que nenhum deles tivesse esperanças de sair dali com vida, e isso os convertia em heróis, porque abraçariam a morte certa que estava por vir, mas o fariam de pé, sem ajoelhar-se. Como tinham feito os cabeças raspadas que os acompanharam na batalha, e que já não tinham nada mais pelo que sofrer. Lutaram com dignidade, e todos tinham morrido.

Adam só esperava que, na sua morte, ele tivessem encontrado a vingança que seus corações clamavam.

— Volte para seu lugar! — exigiu-lhe Ruth.

Adam, esgotado pela luta e por vê-la tão cansada, ficou a seu lado e se erigiu em frente a ela, tentando dar machadadas nas almas que tanto a feriam. Mas eram imunes a ele.

— Nem pensar. Tenho que te proteger disto.

Sentia-se impotente porque já faziam dias que seu dom de profecia não abria suas visões. Seu canto *seirdr* não funcionava e não tinha nenhum modo de ver o futuro. Talvez aquilo tivesse suas razões no fato de que todas as portas do Asgard estavam fechadas, e não havia modo de contatar com as nornas. Mesmo assim, sua frustração o deixava com um sabor amargo na boca, porque queria poder dizer a todos como deviam lutar, e o que podia acontecer. Há muito tempo, recebeu uma profecia que serviu para entender quais iam ser as revelações e os movimentos das fichas do destino para que o Ragnarök não chegasse com

sucesso. Entretanto, apesar de que tudo tenha se cumprido passo a passo, ali estavam, morrendo no final dos Tempos.

Do que tinha servido?

— Adam... — a mão pequena e branca da Ruth pousou sobre seu antebraço musculoso e moreno — Adam, por favor... me olhe — queria fazê-lo raciocinar — Não pode contra isto. Isto sou eu, compreende? — pediu-lhe, com a voz quebrada — Sou o farol que guia as almas. E aqui, no meio de tanta escuridão, a única luz que as atrai é a minha. Brigue contra os seres de carne e osso. Me defenda deles — rogou — Suportarei todo o resto.

Os olhos amarelos e raivosos de Adam a olharam com compaixão e também com uma admiração que não podia ocultar jamais.

— *Jeg elsker deg*, megerinha. Amo você.

Ruth se emocionou e umedeceu os lábios, lutando por sobrepor-se ao caudal de sentimentos e de medo que a assolava dos pés à cabeça.

— Tio Adam? — a cabeça loira de Nora apareceu no meio da capa vermelha de Ruth. Tinha os olhos negros muito abertos e chorosos. Estava tão assustada que seus lábios não paravam de tremer.

— Nora, céu, entre... — pediu-lhe Adam, ocultando-a.

Ele e Ruth se olharam emocionados, conscientes de sua própria realidade. Estavam ali, com duas crianças, sem poder mover-se. Iam morrer. Não tinham nenhuma possibilidade. A única coisa que podiam decidir era como queriam fazê-lo. Matando ou amando-se? Lutando ou abraçados?

— Tio Adam. Eu desenhei isso — disse Nora, com seu cabelo loiro despenteado, apontando o teixo, cujas raízes ainda se segurava à terra. Mas ali, no alto, não só havia um teixo. A um lado, a vários metros, sobre um montículo isolado, também havia uma cabeça enorme de um gigante.

— Adam... — murmurou Ruth. — é uma cabeça decapitada movendo os olhos?

— É Mímir — respondeu o berserker, estupefato — Porra... É Mímir. A cabeça falante. É um Oráculo.

Ao lado da cabeça, havia o corpo enorme de uma mulher. Uma gigante, com olhar frio e vazio, olhando-os com regozijo, desfrutando de seu mal-estar.

— Gigantes? — Ruth não acreditava — Realmente? Gigantes? Vão nos esmagar...

— No Asgard está o Jotunheim — explicou Adam, alarmado — Gigantes de gelo e fogo... Loki chamou todos os seus para a Terra — seus olhos se tornaram fulgurantes por completo e suas presas explodiram em sua boca.

Mudado como estava, com seu cabelo negro comprido e liso, tão grande e musculoso, Adam continuava lhe parecendo o ser mais belo que já viu.

— E todos estes espíritos, de onde saem então? — quis saber a Guerreira.

— Três são os filhos de Loki — Elevou o oks, o fez rodar sobre sua cabeça e partiu pela metade o corpo de um trol que ia para eles — Três são suas bestas. Hela e seus espíritos, o lobo Fenrir, e a serpente Jormungander. Os três

assassinos do Midgard. Os espectros que nos atacam vêm de Helheim, cuja deusa é Hela.

— Mas em meu desenho estava Lokito, ferido na garganta. E essa cabeça — jurou Nora, convencida — E a vaniria grávida, e outra mulher mais que lhe tocava a barriga.

Nora tinha visões de Loki. Graças a ela, resgataram as crianças perdidas de Capel Le Ferne, entre outras coisas. Desenhava o que via em um papel e o mostrava a outros, assim sabiam onde iam suceder os acontecimentos relacionados com o Vigarista.

Adam se ajoelhou diante de Nora, e Liam mostrou sua cabeça moreninha.

— Tio Adam, a guerra já acabou? — perguntou Liam.

— Querido — disse Ruth, empurrando-lhe a cabeça detrás dela, debaixo da túnica — Não saiam daí. Entrem.

O grupo de guerreiros berserkers resistiam aos ataques dos etones, desviavam as flechas negras que choviam de todas as partes, procedentes dos elfos da Escuridão, e enfrentavam os lobachos... E o faziam como podiam e até onde as forças lhes chegassem. O problema era que já não tinham muito mais resistência.

— Não, guri. Ainda não, campeão. Atendam a Ruth. Coloquem a cabeça dentro e não saiam. Nora — tomou a mão de sua sobrinha — Quando viu isso?

— Deixei o desenho no RAGNARÖK — lamentou a menina — O fiz quando estávamos ali todos juntos, com as sacerdotisas. Deixei-o em cima da mesa e não lembrei de pegá-lo — estava a ponto de começar a chorar.

Adam sussurrou que se acalmasse e tirou a importância do assunto.

— Não importa, meu bem. Escuta. Lembra-se de sua visão?

A pequena berserker fez movimentos afirmativos com a cabeça.

— Conte-me.

— Uma mulher tocava a barriga da Daanna. Daanna estava estirada no chão. As duas olhavam o céu. Ao lado dela havia uma cabeça muito grande cortada, e depois estava Lokito, com uma lança na mão, apontando para as duas. Estava essa árvore, e sobre um dos ramos Daimhin lia um livro. E, debaixo da árvore, o senhor dos olhos lilás corria para ela com um capacete nas mãos.

— O senhor dos olhos lilás?

— Sim. Um senhor de olhos lilás...

Adam sacudiu a cabeça sem compreender. Ele conhecia somente uma pessoa com os olhos dessa cor, e era sua amiga Aileen.

— Olhos lilás? — disse Ruth — Thor. O pai da Aileen? — a jovem Guerreira observou Adam, que parecia tão perdido como ela — Não entendo nada.

— Sabe como era a mulher que acompanhava Thor? — quis saber Adam.

— Muito bonita. Tinha olhos muito verdes e grandes, e o cabelo preso em um coque alto e desfeito. Tinha um *oks* nas costas.

Então, cortando a conversa da menina com ele, apareceu Gabriel desdobrando suas asas vermelhas e feitas de eletricidade e sobrevoou por cima de suas cabeças, sacudindo sua espada de um lado ao outro para proteger Ruth.

De repente, uma cúpula de energia elétrica os protegeu, isolando-os dos ataques. Gabriel olhou para cima e agradeceu a Gunny pela ajuda. A valkyria estendia suas mãos para eles, e de suas palmas saíam aqueles raios que nunca se acabavam. Tinha criado uma bolha de proteção para eles.

— Ruth. Adam — alertou-os o Engel, tão esgotado de lutar como todos.

— O que acontece, Gabriel?

— Temos que parar de nos defender. Vamos preparar uma ofensiva — respondeu o loiro, vestido com suas roupas de guerreiro de Odin, sua espada ensanguentada em mão, e toda a pele que ficava descoberta cheia de manchas vermelhas e sanguinolentas.

— Por quê? — indagou Adam. Não tinha sentido que contra-atacassem se Daimhin ainda não tinha saído do teixo — Onde está a barda?

— Até então só podíamos nos defender. Mas agora temos um plano para fazer mal. Quando Daimhin sair do teixo, poremos em prática.

— Que plano? — Adam não dava crédito a ele. Como iam conseguir algo, sendo tão poucos?

Gabriel levava o cabelo preso em um rabo de cavalo loiro e curto. Seus olhos azuis refulgiam com uma segurança e uma astúcia própria de um General, desse líder que sempre estava a um passo adiante do resto.

— Thor e Jade se aproximam. E não vêm sozinhos.

— Jade? — o berserker não sabia no que acreditar — Que Jade?

Gabriel lhe respondeu com um silêncio que falava de muitas verdades ensurdecedoras.

— Não — Adam negou firmemente, mais apressado pela surpresa que pelo medo — Não pode ser... Jade morreu.

— Não. Jade não morreu. Thor a encontrou.

— Era minha amiga. Era como uma irmã para o Noah e para mim — assegurou-lhe Adam, sobressaltado — Às e nós sofremos muito quando ela desapareceu. E, com a chegada de Aileen e a leitura do diário de Jade, tivemos que aceitar a relação de Jade e Thor do melhor modo, e assumir que ela tinha morrido. Às chorou por ela. Todos fizemos... Não foi agradável.

— Sim, Adam — admitiu Gabriel — Estas coisas não são agradáveis para ninguém. Mas o único modo de que se certifique de que é ela, é vendo-a com seus próprios olhos e ajudando-a a alcançar seu objetivo. Acredite que todos estamos tão em choque como você.

— Jade... Deus... Os pais de Aileen, os dois, estão vivos — murmurou Ruth bezendo-se — E ela nem sequer está nesta realidade... Como queria que soubesse — murmurou, emocionada.

— Escutem — Gabriel lhes pediu que pusessem todos os sentidos em suas instruções — Agora, quando a virem, poderão fazer todas as conjecturas que

desejarem. Mas, temos um objetivo e devemos ajudá-los a conseguir o seu. Thor traz um capacete que se chama Invencível. Recebeu ordens de Nerthus e agora têm que entregar o capacete a Daimhin para que possa ler o livro sem problemas.

Ruth cravou seus olhos caramelos no teixo. E então viu uma cabeça loira sair de dentre seus ramos, descobertas agora na parede do precipício. Era ela! E não saía sozinha! Steven, Carrick e Aiko a acompanhavam.

— Pois temos que nos apressar, Gaby! — clamou Ruth — Daimhin já está saindo!

Os três ficaram olhando a barda. O líder dos einherjars não podia perder mais tempo. Tinha que pensar em uma jogada vencedora, uma que somasse e pontuasse nesse campo de batalha e que enchesse de dúvidas e de medos o lado contrário.

Não havia mais tempo a perder.

Ruth e Adam pensaram imediatamente no desenho de Nora. Estavam dando as condições para que o desenho fosse real?

— Nos organize então, Gaby — pediu Adam — Você entende de movimentos e estratégias. O que devemos fazer?

No interior daquele refúgio momentâneo de luz azulada e eletromagnética, Gabriel procedeu a lhes explicar o que tinham que fazer para ajudar Thor e Jade a cumprir seu objetivo. Faria-o com todos, até com Gwyn e Beatha, para que dançassem junto a eles como em uma coreografia.

Invencível tinha que cobrir a cabeça de Daimhin, de qualquer maneira.

Para isso, não só tinha que lhes explicar seu papel, tinha também que formar um tabuleiro de xadrez com as fichas certas e que cada um soubesse perfeitamente seus movimentos, pois só tinham uma oportunidade.

Uma, e não mais.

XXII

Quando a nuvem que voava entre gotas espessas e negras apareceu entre as colinas que precediam ao campo de batalha, Thor e Jade viram, com uma esmagante claridade, o grupos de guerreiros que iam ajudá-los a correr esses metros que restavam antes de chegar até a barda.

Eles os advertiram e, como se tratasse de uma equipe perfeitamente coordenada, ativaram-se de uma vez para que cada um tomasse suas posições. Aquilo parecia uma corrida de substituições.

Thor contatou a mente do Gabriel e, quando o einherjar o notou em sua mente, disse-lhe:

“Vamos tentar te deixar o campo livre, Thor. Mas é importante que nessa nuvem entrem com você Daanna e Menw”.

“Daanna e Menw? Mas Daanna está... ela está grávida. Pode ser arriscado”.

“Porra, e o que não é? Vamos morrer todos aqui, vanirio. De que diabas fala? Por acaso pensa que não somos conscientes de que devemos nos sacrificar?”

Thor entendeu que o que dizia não tinha sentido. Mas, Daanna McKenna era uma mulher apreciada e especial para ele. Tinha sido uma de suas melhores amigas. Ainda era, apesar do distanciamento. Era a irmã de seu melhor amigo. E, além disso, estava grávida. Não obstante, não a considerava menos por isso. Simplesmente, Thor convinha que aquele não era lugar nem morte para alguém com um ser tão especial em seu interior. E menos, se morresse em um confronto direto com Loki.

“O que nos importa é ver se podemos jogar essa uma última mão. É arriscado, claro. Mas é agora ou nunca. Além disso, Thor, a pequena Nora teve uma visão —insistiu Gabriel — E nessa visão, Jade e Daanna estavam juntas. As visões de Nora sempre se cumprem, e terá que dar atenção a elas. Em sua visão, além de ver você tentando alcançar Daimhin, também viu Loki ferido”.

“Loki ferido?”.

O Vigarista ferido? Isso era possível? Thor cortou a comunicação com Gabriel e tocou levemente a mente da pequena Nora. Viu com seus próprios olhos o que a menina tinha visto, e ficou fascinado com o quão real era a janela que ela podia ver em seu sonho, uma paisagem perfeita e catastrófica, com as mesmas cores que tingiam a terra sob seus pés.

“Diga ao Menw e a Daanna que atravessem a nuvem e entrem. Rápido”, concedeu Thor, finalmente.

Jade, que podia escutar perfeitamente a conversa que Thor tinha em sua cabeça, chamou-lhe a atenção para o modo em que iam se conhecer.

Daanna era a irmã de Caleb McKeenna, o companheiro de Aileen. E sabia que estava grávida. O coração se encolheu ao pensar naquela mulher. Se perdesse a vida, faria-o com seu filho em seu ventre.

A berserker levou as mãos a seu ventre, tentando recordar, agora que chegava um último confronto com o Loki, o que sentiu ao ter seu próprio bebê coberto em sua barriga. E se odiou por não poder recordar nada absolutamente.

Thor percebeu e beijou a sua mulher na bochecha, para tranquilizá-la e lhe dar a paz que necessitava.

— Embora seja a última coisa que faça em minha vida, Thor — jurou Jade, com seus olhos verdes chorosos — Te prometo que vou lembrar da nossa filha. Não posso morrer sem senti-la, mesmo que seja uma única vez.

Ele a escutou com atenção, e seus olhos lilás brilharam com intensidade. Se Jade lembrasse dela, ele também o faria. E tanta convicção o deixou sem fala.

— Então, permaneça com vida por ela e por mim — pediu o vanirio keltoi.

Nunca duvidou da força de sua *cáraid*. Ela era única. E a melhor.

— Amo você com toda minha alma e todo meu coração — confessou, beijando-a na boca — Isso é o que eu recordo, e isso é o que levo. Levo-a em meu coração — ressaltou, apaixonado — A você. E a minha filha, apesar de tudo. Levarei as duas.

— Diremos adeus juntos, *mo duine*. Nosso amor é imortal. Lutarei em seu nome e no dela.

Abraçaram-se fortemente, esperando a chegada de Daanna e Menw, os quais já percorriam os céus para ir a seu encontro.

No fundo, Jade, como mulher e guerreira, esperava poder dar parte de seu castigo a Loki e ferrar assim todos seus propósitos.

Mas, como mãe, desejava que, se Thor e ela cruzassem o rio da vida e da morte de mãos dadas, que fosse a lembrança de Aileen que os recebesse do outro lado. Uma lembrança real, uma imagem factível e evidente. Algo ao que poder segurar-se, que não fosse essa ignorância que deixava um vazio em seu interior.

Porque o amor de companheiros era imortal e incrível entre seres de suas raças. Mas o amor que despertava um filho em uma mãe, apesar de ser diferente, era igualmente forte e inquebrável.

E, por ambos os amores, as pessoas poderiam matar, ou dar a vida em troca.

Continua...